

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MÔNICA SCHNEIDER

**A HOSPITALIDADE, SOB A ÓTICA DO ROMEIRO, NA ROMARIA AO
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS E
SEU COROLÁRIO NO UNIVERSO CONCEITUAL DE TURISMO RELIGIOSO**

**CAXIAS DO SUL
2013**

MÔNICA SCHNEIDER

**A HOSPITALIDADE, SOB A ÓTICA DO ROMEIRO, NA ROMARIA AO
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS E
SEU COROLÁRIO NO UNIVERSO CONCEITUAL DE TURISMO RELIGIOSO**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia Maria Cappellano dos Santos

**CAXIAS DO SUL
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S358h Schneider, Mônica, 1986-
A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de
Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS e seu corolário no universo
conceitual de turismo religioso / Mônica Schneider. - 2013.
200 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Turismo, 2013.

Orientador: Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos

1. Turismo religioso. 2. Hospitalidade. 3. Caravaggio, Nossa Senhora
de. I. Título.

CDU 2.ed.: 338.48:2

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo religioso	338.48:2
2. Hospitalidade	338.483.13
3. Caravaggio, Nossa Senhora de	27-312.47

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.

“A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso”

Mônica Schneider

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 30 de agosto de 2013.

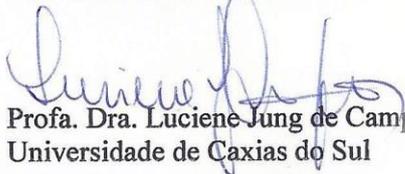
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. José Carlos Köche
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Luciene Jung de Campos
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aos meus pais, Geni e Ricardo, que, com amor e carinho, sempre me incentivaram e apoiaram, em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser meu porto seguro, com a qual sei sempre poder contar.

Aos meus pais, Geni e Ricardo, por estarem incondicionalmente ao meu lado, em todos os momentos de minha vida, me amparando e me estimulando a buscar meus sonhos e a realizá-los.

Ao meu namorado, Marcelo, por ser meu companheiro para todas as horas, por ter sempre me incentivado, apoiado e compreendido durante a caminhada do Mestrado.

Aos meus avós, Brygida e Mario, por sempre me acompanharem e torcerem por mim, até mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Marcia Maria Cappellano dos Santos, professora, amiga, companheira, “mãe”..., com quem tive a grata oportunidade de conviver, apreendendo sobre a vida pessoal, profissional e acadêmica. Com você, compreendi o verdadeiro sentido da hospitalidade. Obrigada por ter me acolhido na Iniciação Científica, inserindo-me no mundo da pesquisa, e por ter me feito crescer como pessoa e como aluna.

Ao meu “coorientador” Paulo Quadros, pelo carinho e, sobretudo, pela paciência com que sempre me recebeu, ensinando-me muito sobre a vida.

Às professoras Olga Araújo Perazzolo e Siloe Pereira, pelo acolhimento e pelas preciosas e imprescindíveis reflexões e contribuições.

Às professoras e colegas do Núcleo/Grupo de Pesquisa “Turismo: desenvolvimento humano e social, linguagem e processos educacionais” pelas muitas trocas e possibilidades de discussão e aprendizagem.

Ao professor Luiz Antônio Rizzon, pelo acolhimento na Iniciação Científica, por tudo que me ensinou durante nossa convivência – marcada pela amizade, respeito, humildade... e tantos outros valores que levarei para a vida – e, pela “qualificação” de minha dissertação.

Aos professores do Mestrado, pela dedicação e pelos muitos e proveitosos momentos de aprendizagem.

Aos colegas do Mestrado, em especial das turmas 10, 11 e 12, pela companhia durante esse período e pelas agradáveis conversas, de teor acadêmico ou não.

Aos amigos do Mestrado, presentes nos momentos bons e naqueles nem tão bons, os quais desejo ter para sempre ao meu lado.

Aos meus amigos, próximos ou distantes, mas presentes.

À Regina, secretária do Mestrado, pela amizade, pelas boas conversas e por estar sempre disposta a ajudar ou a compartilhar um café.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que, por meio da concessão da bolsa de estudo Prosup/Capes, financiou meu curso de Mestrado.

Ao Frei Jaime João Bettega, pela sua valiosa contribuição ao trabalho, sempre disposto a esclarecer muitas dúvidas sobre o universo religioso, como aquelas relativas à religiosidade, à espiritualidade e à transcendência.

Ao Dom Alessandro Ruffinoni, Bispo Diocesano de Caxias do Sul, pela orientação de quais pessoas contatar, no início das pesquisas, sobre Pastoral do Turismo e turismo religioso, sob o ponto de vista da Igreja Católica.

Ao Dom Murilo S. R. Krieger, Arcebispo de Salvador, que gentilmente contribuiu com esta pesquisa por meio da disponibilização de materiais sobre Pastoral do Turismo e turismo religioso, e do envio do livro “Pastoral do Turismo: desafios e perspectivas”.

Aos romeiros que, ao concederem sua “voz”, possibilitaram a realização deste estudo.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para a consecução deste trabalho.

“A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática.”

Leonardo Boff

RESUMO

As peregrinações e romarias têm sido objeto de estudos sob diferentes perspectivas, dentre as quais a do turismo religioso e da hospitalidade. É nesse contexto que se situa o presente trabalho, trazendo à reflexão relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS, sob a ótica do romeiro. Essa é uma prática religiosa, culturalmente instituída, que perdura por mais de um século e que se realiza anualmente, mobilizando milhares de pessoas a cada edição e envolvendo não só moradores do município, mas também de outras cidades do Rio Grande do Sul e, até mesmo, de outros estados. A Romaria a Caravaggio abarca também uma ampla estrutura receptiva, promovendo interações de cunho pessoal, social, institucional. Nesse sentido, num contexto teórico para o qual confluem conceitos de espiritualidade e religiosidade, turismo religioso e hospitalidade, tem-se como objetivo identificar e analisar, via discurso, sinalizadores de relações de hospitalidade sob a perspectiva do romeiro e sintetizar interpretativamente as relações emergentes dessa análise. O desenvolvimento da pesquisa, de caráter prioritariamente qualitativo e com procedimentos metodológicos desenhados a partir de uma abordagem hermenêutica, compreendeu entrevistas semiestruturadas com participantes da Romaria do ano de 2012. Mediante técnicas de análise de conteúdo e de análise de marcas enunciativas, foram categorizados fragmentos das respostas dos entrevistados. Os sinalizadores discursivos apontam, no que tange à hospitalidade, para a predominância de aspectos vinculados ao planejamento e à organização socioadministrativa da Romaria, seguidos das relações sócio-humanas que nela se efetivam. Esses sinalizadores foram ainda analisados estabelecendo-se elos com as manifestações dos sujeitos sobre as motivações para a ida a Caravaggio, a experiência de participação no evento, assim como os destaques que seriam dados sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro – o que possibilitou, com o apoio de subsídios empíricos, aportar um outro olhar teórico sobre os conceitos de peregrinação/romaria e turismo religioso.

Palavras-chave: Turismo. Turismo Religioso. Hospitalidade/Acolhimento. Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS.

ABSTRACT

The peregrinations and pilgrimages are being object of studies under different perspectives among which are the religious tourism and the hospitality. It is in this context that the present study is situated bringing up for reflection the hospitality relationships in the Pilgrimage to the Sanctuary of Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS under the pilgrim's point of view. This is a religious practice, culturally established, which has been done for more than a century and which takes place yearly and mobilizes thousands of people in each edition. It receives not only the town's residents, but also people from all over the state of Rio Grande do Sul and even people from other states in Brazil. The Pilgrimage to Caravaggio also spans a wide welcoming structure promoting personal, social and institutional interactions. On this sense, in a theoretic context for which converges concepts of spirituality and religiousness, religious tourism and hospitality have as their objective to identify and analyze, via speech, signs of hospitality relationships under the pilgrim's point of view and to synthesize in a way to interpret the emergent relationships of this analysis. The development of the research, in a qualitative overriding feature and with methodological procedures drawn from a hermeneutical approach embraced semi-structured interviews with participants of the 2012 Pilgrimage to the Sanctuary of Caravaggio. Trough analysis techniques of content and from analysis of enunciative marks the interviewees' responses were categorized and fragmented. The discursive results point, in which refers to hospitality, for a predominance of bounded aspects to the socio-administrative planning and the organization of the Pilgrimage followed by the socio-human relationships that effect on it. These results were still analyzed establishing bounds with the subjects' manifestations related to the purposes which led them for wanting to go to Caravaggio, the experience related to the participation in the event, as well as the highlights about the Pilgrimage, which would be given to further and occasional pilgrim – which enabled, with the support of empiric subsidies, to contribute to a different theoretic perspective on the concepts of peregrination/pilgrimage and religious tourism.

Key-words: Tourism. Religious Tourism. Hospitality/Welcoming. Pilgrimage to the Sanctuary of Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, situado em Caravaggio – Itália	70
Figura 2 – Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha/RS	73
Figura 3 – Quadro de Nossa Senhora de Caravaggio, trazido da Itália pela família de Natal Faoro.....	75
Figura 4 – Imagens de Nossa Senhora de Caravaggio e de Joaneta, esculpidas por Pietro Stangherlini	75
Figura 5 – Antiga Igreja de Nossa Senhora de Caravaggio (inaugurada em 1890)	76
Figura 6 – Atual Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio (inaugurado em 1963).....	77
Figura 7 – Atual Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e a Antiga Igreja.....	77
Figura 8 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	82
Figura 9 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	83
Figura 10 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	83
Figura 11 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	84
Figura 12 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	84
Figura 13 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	85
Figura 14 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	85
Figura 15 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	86
Figura 16 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	86
Figura 17 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	87
Figura 18 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.....	87
Figura 19 – Elementos caracterizadores do perfil dos sujeitos entrevistados	94
Figura 20 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos referentes a relações de acolhimento na Romaria	100
Figura 21 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos relativas ao acolhimento na Romaria agrupados em categorias.....	106
Figura 22 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS e respectivas subcategorias	110

Figura 23 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS e respectiva subcategoria	113
Figura 24 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos agrupados na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e respectivas subcategorias	114
Figura 25 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS e respectivas subcategorias	120
Figura 26 – Ordenação das subcategorias em relação ao total de fragmentos de verbalizações	123
Figura 27 – Fragmentos das verbalizações dos sujeitos relativos a motivações para participação na Romaria abrangendo contexto diferente do contexto da fé	137
Figura 28 – Diagrama ilustrativo dos aspectos relacionados à motivação para a participação na Romaria, vinculados ou não ao contexto da fé	138
Figura 29 – Fragmentos discursivos referentes à experiência dos sujeitos na Romaria, agrupados em tópicos	139
Figura 30 – Verbalizações dos sujeitos acerca do que diriam sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro e respectiva reescritura como complemento ao enunciado <i>A Romaria é um momento/evento (em que) (se)</i>	150
Figura 31 – Palavras-chave em torno das quais se agrupam os fragmentos indicativos do que os sujeitos diriam sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro	155
Figura 32 – Quadro geral dos fragmentos discursivos relativos aos eixos temáticos MOTIVAÇÃO, EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO e DESTAQUES A EVENTUAIS FUTUROS ROMEIROS, agrupados em torno dos tópicos analíticos ASPECTOS RELIGIOSOS, ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL, ESTADO FÍSICO, ORGANIZAÇÃO e OUTROS	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Incidência de expressões-síntese primeiramente enunciadas presentes nas respostas dos sujeitos em relação ao acolhimento na Romaria e respectivos percentuais em relação ao total de incidências	104
Tabela 2 – Níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas e respectivos percentuais em relação ao total de incidências	105
Tabela 3 – Representatividade em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos agrupados em categorias	109
Tabela 4 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria.....	112
Tabela 5 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria	119
Tabela 6 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria.....	121
Tabela 7 – Representatividade expressa em números e percentuais do total dos fragmentos das verbalizações agrupados em categorias e subcategorias, em relação ao número total dos fragmentos	122
Tabela 8 – Representatividade em números e percentuais de cada categoria em relação aos níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas	125
Tabela 9 – Representatividade em números e percentuais de cada subcategoria em relação aos níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas	126
Tabela 10 – Representatividade em números e percentuais de cada nível de positividade conforme a respectiva abrangência de categorias e subcategorias correspondentes	128
Tabela 11 – Representatividade em números e percentuais dos fragmentos diretamente relacionados e não diretamente relacionados às expressões-síntese avaliativas do acolhimento na Romaria em relação às subcategorias	132
Tabela 12 – Tópicos de fragmentos indicativos de motivações dos sujeitos para participação na Romaria e sua representatividade numérica e percentual no conjunto de fragmentos relativos ao contexto da fé	133

Tabela 13 – Representatividade percentual dos fragmentos discursivos referentes à experiência de participação dos sujeitos na Romaria, agrupados em tópicos, em relação ao total de fragmentos	146
Tabela 14 – Representatividade percentual dos fragmentos discursivos relativos aos eixos temáticos agrupados em torno dos tópicos analíticos, em relação ao total de fragmentos correspondentes a cada eixo temático e ao total de fragmentos	171

SUMÁRIO

SITUANDO O LEITOR	16
1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	20
2 SUPOSTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA	24
2.1 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE: RELIGIÃO COMO ITINERÁRIO	25
2.2 TURISMO	33
2.2.1 Turismo Religioso	36
2.2.1.1 Peregrinações e Romarias.....	42
2.2.1.2 Turismo religioso e hospitalidade sob a ótica da Igreja Católica	48
2.3 HOSPITALIDADE	59
2.3.1 Breves incursões conceituais.....	59
2.3.2 Hospitalidade e Dimensão Religiosa	64
2.3.3 Corpo Coletivo Acolhedor	66
3 A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO E A ROMARIA AO SANTUÁRIO	69
3.1 A ORIGEM DA DEVOÇÃO – ITÁLIA.....	69
3.2 A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS, BRASIL.....	71
3.3 ROMARIAS AO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS	79
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	88
4.1 ABORDAGENS ANALÍTICAS.....	90
4.2 COLETA DE DADOS	92
5 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DISCURSIVOS	94
5.1 PERFIL DO ROMEIRO.....	94
5.2 MANIFESTAÇÕES/DESTAQUES SOBRE ACOLHIMENTO/HOSPITALIDADE NA ROMARIA	99
5.3 MOTIVAÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA.....	133
5.4 EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA.....	139
5.5 DESTAQUES SOBRE A ROMARIA A UM EVENTUAL FUTURO ROMEIRO	149
6 A VOZ DOS ROMEIROS: UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA	173
7 NA DIREÇÃO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS	187

REFERÊNCIAS	191
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	199
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	200

SITUANDO O LEITOR

O estudo do turismo e da hospitalidade tem despertado o interesse de muitas pessoas, sejam esses entendidos como fenômenos, áreas/campos do conhecimento ou ciências.

Incluindo-me nesse grupo de interessados, minha história envolvendo o turismo e a hospitalidade iniciou-se no ano de 2004, quando prestei vestibular para o curso de Tecnologia em Hotelaria, ofertado pela Universidade de Caxias do Sul, no Núcleo Universitário da cidade de Canela/RS. Cursei hotelaria por dois anos e, em um certo momento, percebi que, na verdade, o que eu gostaria de estudar era o turismo, sendo que o que mais me chamava (e ainda chama) a atenção no turismo é a sua característica de ser multifacetado, multi-interdisciplinar, o que lhe permite múltiplas abordagens.

Dessa forma, por meio da reopção de curso proporcionada pela Universidade, ingressei, no ano de 2006, no curso de Bacharelado em Turismo, ofertado no Campus Universitário de Bento Gonçalves/RS. Logo ao cursar as primeiras disciplinas, me encantei pelo curso e tive certeza, como eu já imaginava, de que, realmente, o que eu queria estudar era o turismo e suas interfaces. E assim, essa mesma percepção sucedeu-se ao longo de todo o curso, contemplando as diversas disciplinas, os muitos professores e os diferentes colegas. Dentre os professores, um deles, em especial, sempre me incentivou para os estudos do turismo. Em 2008 fui informada por esse professor sobre a possibilidade de participar do Programa de Iniciação Científica da UCS, no projeto “Referentes para percursos hipertextuais em textos didáticos-rede (aplicados ao Turismo) – HIPERCURSO”, coordenado pela Profa. Marcia Maria Cappellano dos Santos, docente do curso de Mestrado em Turismo da UCS. A partir de então, desenvolvi minhas atividades de bolsista no bloco 46 da Cidade Universitária, onde se encontra instalado o Mestrado em Turismo, convivendo com os demais professores e com os mestrandos. Em pouco tempo já estava familiarizada com a pesquisa em Turismo, passando a gostar e a dedicar-me cada vez mais a essa atividade, de tal forma que, desde então, não foi possível me desvincular dela.

Permaneci por três anos como bolsista de iniciação científica, sendo que, nos dois primeiros anos, estive envolvida no projeto “Referentes para percursos hipertextuais em textos didáticos-rede (aplicados ao Turismo) – HIPERCURSO” e, no último ano, em 2010, participei do projeto “Dimensões relacionais e psicopedagógicas da hospitalidade – HOSPEREL”, desenvolvendo, junto deste, também o projeto “Sinalizadores de hospitalidade no discurso de material impresso de divulgação do Encanto de Natal – Ana Rech, Caxias do Sul/RS”, e participando do Grupo de Pesquisa CNPq e do Núcleo de Pesquisa da UCS

“Turismo: desenvolvimento humano e social, linguagem e processos educacionais”, dos quais ainda sou membro.

Ainda, durante o período de bolsista de iniciação científica, no primeiro semestre de 2009, tive a oportunidade de realizar uma viagem de estudos para um cruzeiro marítimo, com uma professora e um grupo de colegas. A partir dos estudos desenvolvidos nessa viagem, cursei a disciplina de Estágio II em Turismo (estágio na área privada), cujo trabalho, daí originado, intitulou-se “Expressão de hospitalidade em serviços de restauração: uma comparação entre navio de cruzeiro marítimo e hotel de luxo”. Nesse trabalho, traçando um comparativo entre os serviços de restauração em cruzeiros marítimos e em hotéis, optei por focalizar a hospitalidade presente na estrutura física da restauração e, nesse âmbito, o restaurante Caravelle, do navio Zenith, e, para os estudos comparativos, escolhi o restaurante Leopoldina, do Hotel & Spa do Vinho (localizado em Bento Gonçalves/RS), cujas estruturas físicas apresentam-se semelhantes. Esse estudo centrou-se, então, na busca pelo entendimento de como a hospitalidade se expressa nos espaços de restauração por meio, principalmente, da estrutura física, sem desconsiderar a importância do elemento humano na configuração da hospitalidade. Nesse sentido, realizaram-se análises e interpretações, traçando um comparativo entre ambos os empreendimentos, tendo por base a descrição de cada um deles e identificando, assim, como a hospitalidade pode ser percebida/estar presente nesses ambientes. Objetivava-se poder contribuir para a complementação de estudos realizados no curso de Turismo relativos à hospitalidade e, especialmente, para melhor entender a relação desta com a estrutura física dos espaços nos quais ela se concretiza. Nesse estágio, tive meu primeiro contato com a pesquisa em hospitalidade. Em assim sendo, com a elaboração desse trabalho e com a participação no grupo de pesquisa anteriormente mencionado, o interesse pelo tema “hospitalidade” aumentava cada vez mais.

E, dessa forma, ao cursar a disciplina de Estágio I em Turismo (estágio na área pública), no segundo semestre de 2010, meu desejo era o de continuar a estudar a hospitalidade, porém com um viés que permitisse aproximá-la de algo que fosse representativo em minha cidade (Farroupilha/RS). Foi então que surgiu a ideia de estudar a hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, localizado em Farroupilha/RS, para o qual convergiram conceitos de turismo religioso e suas possíveis relações com as práticas religiosas e, entre elas, em particular, a romaria. Dessa ideia originaram-se, assim, os estudos relacionando hospitalidade, turismo religioso e romaria.

A Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – como será detalhado posteriormente – caracteriza-se como um dos principais eventos, não só de Farroupilha/RS,

mas também da região e do estado. Iniciada por algumas famílias no ano de 1879, a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, hoje, atrai mais de 200 mil romeiros ao pequeno distrito de Farroupilha, no final do mês de maio (especificamente no dia 26 de maio e no sábado e no domingo mais próximos a essa data). A primeira Romaria oficial ocorreu no ano de 1925 e, ao longo dos anos, a devoção a Nossa Senhora de Caravaggio foi aumentando, e essa prática religiosa consolidou-se, atraindo um número cada vez mais expressivo e crescente de pessoas.

Um destaque particular, neste retrospecto, cabe ser dado à 132ª Romaria, ocorrida nos dias 26, 28 e 29 de maio de 2011, oportunidade em que foi realizada uma pesquisa-piloto para o desenvolvimento do presente estudo. Essa edição da Romaria contou com a participação de 335 mil romeiros, tendo registrado no dia 26 a presença de 130 mil pessoas. Já a 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, ocasião em que foram coletados os dados para esta investigação, realizou-se nos dias 26 e 27 de maio de 2012 (sábado e domingo). Nessa Romaria estiveram presentes cerca de 230 mil pessoas, sendo que apenas no dia 26 passaram pelo Santuário aproximadamente 160 mil pessoas.

A pesquisa realizada em 2010 e identificada como “Hospitalidade e religiosidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS”, por ser um estágio na área pública, focalizou a hospitalidade na ótica do sujeito primariamente acolhedor, isto é, na ótica do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio (representado pelo seu Reitor), do poder público de Farroupilha (representado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do município) e, como elemento complementar ao estudo, de empreendimentos privados localizados no entorno do Santuário (representados por um hotel e dois restaurantes). Nesse sentido, buscou-se investigar como esses setores se envolvem com essas relações, tendo em vista oferecer elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras. De certa forma, esse relatório de estágio constituiu-se no trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Turismo.

Concluí o curso de Bacharelado em Turismo no segundo semestre de 2010. Assim, encerraram-se as etapas da graduação e da iniciação científica em minha trajetória acadêmica. Todavia, o desejo de continuar estudando e pesquisando o turismo e a hospitalidade, levou a candidatar-me à seleção para o Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, ocorrida no mês de março do ano de 2011. Dessa maneira, ingressei no curso com a proposta de dar continuidade aos estudos sobre hospitalidade, turismo religioso e romaria, iniciados na graduação, porém, tendo presente, desta vez, a hospitalidade sob a ótica do romeiro.

Versando sobre essa temática, apresenta-se, na sequência, a pesquisa “A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul.

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No intuito de melhor situar o leitor em relação ao objeto e aos objetivos da presente investigação, estas considerações introdutórias retomam a pesquisa realizada, em 2010, junto ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, por meio da qual se analisaram o entendimento e práticas de hospitalidade na ótica do sujeito primariamente acolhedor: o Santuário (representado pelo seu Reitor); o Poder Público de Farroupilha (representado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo); o setor privado (representado por restaurantes e hotel situados no entorno do próprio Santuário).

Essas análises pautaram-se, dentre os múltiplos vieses teóricos com que se vem estudando o fenômeno da hospitalidade, principalmente, pelo conceito de acolhimento¹, segundo Perazzolo, Santos e Pereira (2013a) as quais propõem que se o entenda como um fenômeno instalado “[...] no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido”, portanto como um fenômeno relacional não circunscrito às ações nem ao produto do acolhimento afeto aos sujeitos envolvidos, polos da interação. Assim, para as autoras o acolhimento seria, nessa perspectiva, uma área constituída “[...] na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos circunstanciais”² (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 146, tradução nossa).

No que diz respeito especificamente ao conceito de hospitalidade e às práticas relacionais dele decorrentes, sob a ótica do sujeito primariamente acolhedor, os dados advindos da pesquisa apontaram para o entendimento de que a hospitalidade se encerra no **atender bem**, propiciando o **bem-estar** e o **sentir-se bem**. Ao **bem-estar** foi vinculada, prioritariamente, a disponibilização de elementos estruturais fundamentais (segurança, saúde, alimentação, sanitários, busca de minimização de aglomeração...), bem como processos de planejamento e avaliação dessa estrutura (reuniões de organização, articulação entre órgãos públicos e destes com o setor privado, controle e registros numéricos e fotográficos, observação de variáveis intervenientes, como o clima e o dia da semana em que ocorre a Romaria). Ao **sentir-se bem**, associaram-se relações interpessoais (cordialidade, cuidado,

¹ No quadro teórico deste trabalho, os termos “hospitalidade” e “acolhimento” são tomados como equivalentes, entendidos, ambos, como fenômenos relacionais.

² Ver explicitação da teoria no item “Supostos Teóricos de Referência”, páginas 60-61-62.

diálogo, atenção, dedicação de tempo, informações, definição prévia das necessidades do outro e busca de atendimento a essas necessidades).

Todos os entrevistados, cada qual em seu âmbito, verbalizaram o intento de “atender bem”, ou da melhor forma possível, o que é marcado em suas manifestações pela consciência, sobretudo, das limitações de estrutura e, conseqüentemente, pela busca permanente de melhorias, sempre visando ao bem acolher. Eles expressam a hospitalidade caracterizando-a no sentido de oferecer aquilo de que o acolhido supostamente necessitaria, para “ser bem atendido” e “sentir-se bem”. Essa relação, de acordo com os dados (particularmente sob o ângulo analítico do Santuário), seria permeada pela dimensão religiosa que envolveria acolhedor e acolhido, a qual se instituiria na própria Romaria e nos elementos de fé (no universo da religião católica) que se mesclam na mobilização do romeiro.

Os sujeitos, no entanto, não fazem qualquer referência explícita ao conhecimento daquela que seria a voz do acolhido nessa relação, do que seria possível inferir estar centrada, na ação do acolhedor movido pelo desejo de bem receber, sua concepção de acolhimento. Ora, se a hospitalidade, no marco teórico aqui tomado como referência, configura-se como um fenômeno relacional, faz-se importante contemplar, quando se a toma como objeto de estudo, os dois polos envolvidos nessas interações, ou seja, o acolhedor e o acolhido. A proposição desta investigação, portanto, situa-se na perspectiva de dar continuidade à pesquisa realizada em 2010, conforme mencionado, desta feita trazendo à reflexão a ótica do sujeito primariamente acolhido – o romeiro que se dirige ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – no que se refere a relações de hospitalidade na Romaria.

Por outro lado, a considerar, com base na literatura examinada (da qual se destacam, na sequência, alguns dos estudiosos pesquisados):

- a) a hospitalidade como elemento fundante do turismo (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a);
- b) o conceito de turismo, neste trabalho, conforme proposição de Perazzolo, Santos e Pereira (2013a);
- c) relações entre peregrinações e romarias e o turismo denominado religioso (RIBEIRO, 2003; ABUMANSUR, 2003; NADAIS, 2010; CARNEIRO, 2004; OLIVEIRA, 2004; CALVELLI, 2006; STEIL, 2003);
- d) relações entre práticas religiosas – no caso, a romaria – e espiritualidade e religiosidade (BETTEGA, 2009; ROBERTO, 2011; BOFF e BETTO, 1994; BALBINOT, 2011; ZENEVICZ, 2009; BOFF, 2006);

- e) a inserção da Romaria de Caravaggio no universo doutrinário da religião católica e, particularmente, nos estudos de Mariologia (BRUSTOLIN, 2004; CIPOLINI, 2010; DA CÁS, 2009);
- f) a posição da Igreja Católica, expressa nos princípios orientadores da Pastoral do Turismo, em relação a turismo, turismo religioso e hospitalidade (CNBB, 2009; KRIEGER, 2007);
- g) conceitos de hospitalidade vista nas perspectivas individual e coletiva (PERAZZOLO, SANTOS e PEREIRA, 2013a; CAMARGO, 2002; GRINOVER, 2002; DIAS, 2002; BUENO, 2003; CRUZ, 2002; WADA, 2003; BAPTISTA, 2002; GIDRA e DIAS, 2004; DENCKER, 2003; SAN SOLO, 2004; SANTOS, PERAZZOLO e PEREIRA, 2012);

uma leitura analítico-interpretativa das relações de hospitalidade objeto desta investigação, que se pretende com consistência científica, requer que, nesse processo, sejam chamados a dialogar, entre si, esses supostos teóricos operacionalmente delimitados, e convertidos em lentes analíticas.

De outra parte, os achados que advierem da investigação, com a abrangência conceitual que se pretende conferir à leitura dos dados, *a priori* sinalizam para duas dimensões no que diz respeito à relevância social e científica da presente pesquisa.

Especificamente no caso da Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, por tratar-se de um evento religioso culturalmente instituído, para o qual ocorre um contingente expressivo de pessoas, além daquelas que estão envolvidas direta ou indiretamente na sua organização, bem como, por abarcar, por natureza, uma ampla estrutura e, principalmente, interações de cunho pessoal, social, institucional, por si só já requereria o olhar atento de pesquisadores voltado às múltiplas dimensões que encerra.

Os estudos de que se teve conhecimento especificamente sobre a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, foram os de Zorzi (1986) e Tonollier (2002), que se atêm basicamente à sua trajetória histórica remontando à origem da devoção e à sua chegada e consolidação inicialmente em Farroupilha, depois se propagando para outras localidades do estado e do país, e aquele desenvolvido por Lopes e Silva (2012), que enfoca a estrutura e a espacialidade do Santuário, na cidade, o trajeto de peregrinação de devotos em dias centrais dessa festividade e os discursos e lógicas de apropriação de bens simbólicos na devoção. Disso se depreende a possibilidade de este trabalho vir a aportar não apenas uma contribuição acadêmica e científica, mas também elementos teórico-práticos para subsidiar

futuros planejamentos e implementação de ações por parte de responsáveis pela organização do evento; mais ainda, a possibilidade de trazer novos subsídios para realizar uma releitura do projeto desenvolvido em 2010, complementando-o, aprofundando-o, redimensionando-o e, ciclicamente, podendo vir a repercutir na leitura das relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, objeto desta investigação.

Postas essas considerações introdutórias, este trabalho propõe, como objetivo geral, identificar e analisar relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, sob a ótica do romeiro (sujeito primariamente acolhido)³, num contexto teórico para o qual confluem conceitos de espiritualidade e religiosidade, turismo, turismo religioso e hospitalidade.

Especificamente, a pesquisa objetiva identificar e analisar, via discurso, à luz do marco teórico de referência, sinalizadores das relações de hospitalidade vistas sob a perspectiva do romeiro e sintetizar interpretativamente as relações de hospitalidade emergentes dessa análise. Complementarmente, propõe uma reflexão sobre a denominação da romaria como modalidade de turismo religioso.

Perspectivando esse percurso, a dissertação organiza-se, na sequência destas considerações introdutórias (Item 1), em seis outros itens, a saber: 2. Supostos teóricos de referência; 3. A devoção a Nossa Senhora de Caravaggio e a Romaria ao Santuário; 4. Caminhos metodológicos; 5. Categorização e análise dos fragmentos discursivos; 6. A voz dos romeiros: uma síntese interpretativa; 7. Na direção de considerações finais. Nos Apêndices, além do instrumento de coleta de dados, encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, observada exigência do Comitê de Ética da Instituição.

Cabe por fim assinalar que esta investigação está vinculada ao programa de pesquisa “Dimensões Relacionais e Psicopedagógicas da Hospitalidade” (HOSPEREL) desenvolvido no Núcleo de Pesquisa “Turismo: Desenvolvimento Humano e Social, Linguagem e Processos Educacionais”, da Universidade de Caxias do Sul, o qual tem, entre seus objetivos, consolidar investigações e intervenções interdisciplinares no campo do turismo e da hospitalidade, ampliando o respectivo campo conceitual.

³ Conceito apresentado no item “Supostos teóricos de referência”, na página 62.

2 SUPOSTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA

Conforme já sinalizado nas considerações introdutórias, quando se busca desenhar um percurso reflexivo no sentido de construir um quadro teórico para pautar análises que têm por objeto relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio (sob a ótica do romeiro), parece que se configuram três núcleos conceituais que se entrelaçam.

Primeiramente, partindo-se do entendimento de romaria como uma prática religiosa e, no presente caso, de uma romaria a um santuário católico que envolve devoção a Maria, mostra-se relevante trazer à reflexão conceitos como os de espiritualidade e religiosidade, em suas relações ou interfaces, os quais, por sua vez remetem ao universo conceitual de religião e, particularmente, neste estudo, buscando aportes na doutrina religiosa católica. Mostra-se também pertinente recorrer à Mariologia, ou seja, ao conjunto de estudos acerca da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo.

Por outro lado, a romaria compreende deslocamento em cuja motivação, grosso modo, estaria uma devoção, ou a busca de experienciar uma relação com o sagrado. Nisso estariam se delineando aproximações com conceitos de turismo centrados no deslocamento e, assim, reportando a aproximações com o que se tem denominado de turismo religioso. A aproximação com o turismo também poderia estar relacionada ao fato de a romaria abarcar: espaços físicos; uma estrutura receptiva (serviços de hospedagem, de restauração, de transporte, de agenciamento, de saúde, de segurança, entre outros) e organizacional – estrutura essa atinente à atividade turística –; e a própria comunidade local.

A esse segundo núcleo de vínculos com o turismo vem somar-se um terceiro, cujo foco recai de modo especial sobre relações interpessoais envolvendo os romeiros e pessoas direta ou indiretamente afetas à estrutura receptiva e de organização. Essas interações estão envoltas por desejos, expectativas, demandas, elementos presentes em relações de acolhimento ou de hospitalidade.

Esse entrelaçamento de núcleos conceituais, permeado por uma cultura religiosa, traz marcas de valores, saberes, conhecimentos formais e informais produzidos e apropriados pela comunidade, de forma que, ao se pretender analisar relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, há que se pensar hospitalidade numa perspectiva coletiva, o que conduz a inserir, no conjunto das reflexões, o conceito de Corpo Coletivo Acolhedor.

Na sequência, será abordado esse universo conceitual.

2.1 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE: RELIGIÃO COMO ITINERÁRIO

A religião está presente desde o surgimento dos primeiros grupos sociais humanos, estando diretamente envolvida com o desenvolvimento da sociedade humana. Assim, a religião possui, ainda hoje, grande importância em muitas sociedades, sendo um tema bastante discutido e relevante na vida de várias pessoas.

Dessa forma, ao longo dos tempos, o campo religioso vem passando por transformações que são responsáveis por criar/instituir um universo complexo de crenças. No Brasil, a realidade não é diferente, visto que a diversidade religiosa é um dos aspectos significativos da cultura brasileira. Ao encontro desse pensamento, Isaia (2009) menciona que, na atualidade, o campo religioso brasileiro possui uma grande complexidade empírica, caracterizada pelo surgimento e desaparecimento rápido de componentes novos e voláteis.

Encontram-se diversas formas de interpretar e entender a religião, uma vez que o campo de estudos a esse respeito é vasto, e as conceituações existentes apresentam-se de forma múltipla e multifacetada. Contudo, para melhor compreendê-la e seu caráter múltiplo, é importante buscar as origens da palavra, bem como alguns dos conceitos desenvolvidos por estudiosos da religião.

A palavra “religião” origina-se da palavra latina *religio*⁴, que significa religar, estando relacionada a tradições espirituais que sustentam ritos e celebrações presentes na cultura e na história. Salgueiro e Goldim (2007) acrescentam ainda que religar compreende o ato de ligar, de estabelecer uma ligação dos seres entre si, religando-os a Deus ou a uma força poderosa.

Também, no entendimento de Roberto (2011, p. 18), analisando o tema com base na perspectiva de Carl Gustav Jung (especialista em psicologia analítica), a religião seria “[...] mais do que um religare (uma busca de ligação com Deus). Seria uma atitude cuidadosa com a vida”. Complementando essa ideia, Roberto (2011) afirma que a religião está relacionada à institucionalização de uma crença, sendo dotada de dogmas e doutrina.

Aproximando-se dessa conceituação e referindo-se ao campo religioso monoteísta do mundo ocidental, em especial ao cristianismo, Manoel (2008, p. 19) entende por religião “[...] o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto e objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus”.

⁴ Origem da Palavra – Site de etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/religiao/>>. Acesso em 16 abr. 2012.

Compartilhando, em certa medida, desse entendimento, Zenevicz (2009), utilizando-se das ideias de Silva (2004), refere-se à religião como um sistema de crenças e práticas envolvendo seres humanos inseridos em culturas específicas, considerando-se também a variedade de fenômenos religiosos.

Da mesma forma, Rosendahl (1995), em seus estudos relacionando geografia e religião, define a religião como uma prática social e um fenômeno cultural, destacando que a religião sempre esteve presente na vida das pessoas, sendo uma espécie de necessidade para a compreensão da vida. Assim, a religião pode ser entendida como “[...] [uma] construção humana sob o ‘guarda chuva’ da cultura” (CORDEIRO, 2011, p. 1, grifo do autor). Esse caráter social da religião também é ressaltado por Camurça e Giovannini Jr. (2003, p. 228), segundo os quais, a religião “[...] se expressa numa rede de relações” que compreende a família, a paróquia, seus antepassados, os Santos e Deus.

É possível perceber, então, que na tentativa de buscar compreender/explicar a religião, ela vem sendo estudada ao longo de muitos anos por diversos pesquisadores. Um dos estudiosos que merece destaque, tendo concentrado pesquisas a respeito da religião, é Émile Durkheim. Em seu livro “As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália”, Durkheim (1996) propõe-se a estudar, por meio da sociologia religiosa e da teoria do conhecimento, a religião primitiva, analisando-a e explicando-a.

De acordo com Durkheim (1996), a noção de sobrenatural (relacionada ao mistério, ao incognoscível, ao incompreensível) geralmente é tida como característica de tudo o que é religioso. Sob esse ponto de vista, Durkheim (1996, p. 5) indica que “A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro”. Todavia, entendendo que a característica “sobrenatural” não abrange o fenômeno religioso em sua totalidade, o estudioso ressalta que o mistério desempenha um papel importante, mas variável na história da religião. No desenvolvimento de sua reflexão, Durkheim (1996) menciona outras ideias relacionadas com frequência à definição de religião, como divindade, crenças, ritos, sagrado, profano, cultos, coletividade, igreja, entre outros aspectos (alguns, inclusive, que podem se distinguir da religião, como é o caso da magia).

Contudo, Durkheim (1996, p. 18) observa que a religião tem sua natureza marcada pela noção de conjunto, ou seja, não é possível conceber a religião como “[...] uma espécie de entidade indivisível, quando ela é um todo formado de partes; é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias”.

Durkheim (1996, p. 32) propõe, então, a seguinte definição de religião: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. O autor lembra ainda que não se pode separar a ideia de religião da de igreja, pois a religião é algo de caráter coletivo.

Da mesma forma como é indicado por Durkheim (1996), Boff e Betto (1994) relacionam religião e mistério, apontando o sentido religioso deste. Para os autores, o mistério refere-se a algo de caráter escondido, não comunicado sobre uma realidade ou intenção, estando relacionado à experiência religiosa. Por conseguinte, explicam que a experiência do mistério encontra-se na raiz das religiões, sendo que o surgimento destas ocorre quando há a personalização dessa experiência pelas pessoas.

Rubem Alves (2008, p. 24), também dedicando parte de seus estudos à religião, descreve-a como “[...] teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”.

Alves (2008) lembra ainda que a religião “Não é composta de itens extraordinários”, compreendendo, entre outros elementos, santuários, capelas, templos, livros, silêncios, renúncias, mas também práticas religiosas como romarias, procissões, peregrinações, celebrações, adorações.

Ainda no entendimento de Alves (2008, p. 9), “[...] o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido” está presente em todas as religiões e, do mesmo modo, o autor acrescenta que a esperança talvez seja a grande marca da religião. Assim, ele sugere que a universalidade e a persistência da religião devem-se ao fato de a religião mostrar-se “um aspecto essencial e permanente da humanidade” (ALVES, 2008, p. 61).

Outros estudos há sobre religião que se centram na oposição “sagrado/profano”, como o faz Mircea Eliade, cuja obra “O sagrado e o profano: a essência das religiões” é tomada como referência. Eliade (1992) busca apresentar o fenômeno do sagrado em sua totalidade e complexidade, bem como as dimensões específicas da experiência religiosa, salientando suas diferenças com a experiência profana e descrevendo as modalidades do sagrado.

Nesse sentido, conforme observa Eliade (1989, p. 9, grifo do autor) a religião “[...] não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas [...] se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as idéias de *ser*, *sentido* e *verdade*”. Ressaltando que o sagrado define-se, primeiramente, por oposição ao

profano, Eliade (1992, 1998) afirma que grande parte das definições do fenômeno religioso estabelecem uma oposição entre o sagrado/a vida religiosa e o profano/a vida secular.

Nesses termos, de acordo com Eliade (1992), o homem passa a conhecer o sagrado a partir de suas manifestações, sendo que a palavra “hierofania” é proposta a fim de designar o ato da manifestação do sagrado. Esse pensamento baseia-se na perspectiva de que, ao longo de sua história, as religiões apresentam uma notável quantidade de hierofanias. Como exemplos de hierofanias, o estudioso cita desde a manifestação do sagrado em um objeto (pedra, árvore), consideradas hierofanias elementares, até uma hierofania suprema, como a encarnação de Deus em Jesus Cristo.

Complementando essa ideia, Eliade (1992, p. 20, grifo do autor) refere que “[...] o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”.

Dentre muitas outras considerações importantes ao estudo da religião, as proposições de Eliade (1992) dizem respeito também ao espaço e ao tempo sagrado/profano. No que tange ao espaço sagrado, segundo o autor (1992, p. 25, grifo do autor), “Para o homem religioso, o *espaço não é homogêneo*: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. Sendo assim, há espaços sagrados (fortes, significativos) e há espaços não sagrados (sem estrutura e consistência). Por sua vez, o espaço profano é homogêneo e neutro, sem diferenças qualitativas entre suas partes.

No que se refere ao tempo sagrado, este também não é homogêneo e nem contínuo, mas sim reversível, pois há os intervalos de tempo sagrado, como na ocasião do tempo das festas, sendo que “Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico [...]” (ELIADE, 1992, p. 63). Por isso, o tempo sagrado é circular e pode ser recuperado e repetido por meio da reatualização periódica. Já o tempo profano caracteriza-se por uma duração temporal ordinária, marcada por atos religiosos privados e pelo tempo do trabalho e tempo do lazer, sendo, a exemplo do tempo sagrado, em certa medida, um tempo descontínuo e heterogêneo. Existe, então, uma diferença entre o tempo sagrado e o tempo profano, pois o primeiro possui intervalos sagrados, que não estão presentes no tempo anterior, nem no tempo posterior a esses intervalos. Enquanto que, no tempo profano, são as experiências não sagradas, como o trabalho e o lazer, que marcam a sua descontinuidade. Portanto, como afirma Eliade (1992, p. 64) “O homem religioso vive assim em duas espécies de tempo [(sagrado e profano)], das quais a mais importante, [é] o Tempo sagrado [...]”.

Em sua reflexão sobre a essência das religiões, Eliade (1992, p. 171, grifo do autor) defende que

[...] mesmo a religião mais elementar é, antes de tudo, uma ontologia. [...]. Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um *outro* mundo, trans-humano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais [...].

Porém, no que concerne ao sagrado e ao profano, há ainda estudiosos que apresentam uma outra visão. De acordo com Brustolin (2004, p. 80), “Para os teólogos orientais, tudo é virtualmente sagrado, pois tudo pode tornar-se sacro mediante a experiência do divino. Por outro lado, nada é profano e nem neutro, porque tudo se relaciona com Deus”.

Nessa direção, discutindo, do mesmo modo, o sagrado e o profano, Alves (2008) considera que os objetos, fatos ou gestos não possuem, originalmente, as marcas do sagrado, pois estas são atribuídas pelas pessoas, ou seja, objetos, fatos ou gestos adquirem caráter religioso quando as pessoas assim os veem/sentem/entendem/nomeiam, não sendo uma característica implícita a eles.

Todas essas dimensões da religião até aqui pontuadas vêm reiterar o “religar” a que se refere a palavra latina “*religio*”, etimologicamente presente na origem da palavra “religião”, como referido.

Os estudiosos, sob formas diversas, associam à experiência religiosa a experiência com o transcendente, com o mistério, com o sagrado, com o divino, consubstanciando formas de “ser no mundo”, nos dizeres de Eliade (1992). Nesse universo relacional são inseridos ritos, cultos, festas e outras múltiplas práticas, dentre as quais as peregrinações e romarias.

Refletir, pois, sobre a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio remeteria a pensar sobre sua condição de espaço/tempo dessas experiências. No entanto, por tratar-se de uma prática religiosa que encerra a devoção a Maria, nela estaria presente a fé na mãe de Jesus Cristo, “[...] mãe cheia de misericórdia”, “[...] esperança e advogada [...]” (BRUSTOLIN, 2004, p. 92) que intercede em favor da humanidade. A romaria volta-se à “[...] mãe poderosa [...], intercessora infalível [...], celestial, cuidadosa e amorosa a quem se pode recorrer de imediato e com confiança. Ela é socorro de todos em todos os momentos” (CIPOLINI, 2010, p. 38). Nesse sentido, Da Cás (2009) ressalta que Maria possui um papel de mediadora, de intercessora entre Deus e as pessoas.

Além desses aspectos já citados a respeito de Maria, que possivelmente seriam os motivadores dessa grande e forte devoção, Brustolin (2004) menciona que, para os católicos, Maria é uma mãe que sabe cuidar, que consola os aflitos, que é solidária para com os sofredores, que intercede junto de Deus, que é modelo/exemplo da discípula fiel, que está atenta às necessidades dos outros, entre tantas outras características que poderiam concorrer para essa devoção.

A esse propósito, em seus estudos de Mariologia, Brustolin (2004, p. 190) lembra que “A devoção mariana sempre foi declarada pela Igreja [...]”, e que a tradição cristã sempre venerou de forma especial a Mãe de Jesus, evocando-a a partir de muitos e diversos títulos, imagens e símbolos, e construindo templos a ela dedicados. O autor acrescenta, ainda, que Maria é exaltada de forma particular pela fé cristã, sem, contudo, ocupar o lugar de Cristo na religião católica.

De fato, a devoção e a veneração à Maria possuem uma presença forte na fé católica. Segundo Da Cás (2009), é a figura feminina mais reverenciada da história da humanidade.

De modo especial, o catolicismo brasileiro tem, como uma de suas principais marcas, a devoção mariana, demonstrada por meio das muitas tradições de devoção à Maria, sendo esta, portanto, uma constante na história do povo brasileiro (CIPOLINI, 2010). De acordo com Cipolini (2010), no Brasil, a devoção mariana foi herdada, em sua maioria, do catolicismo português, constituindo-se em uma experiência vital e histórica na religião brasileira. Devido à presença constante de Maria na cultura brasileira, esse autor destaca que o Papa João Paulo II, em uma de suas visitas ao Brasil, reconheceu a devoção à Maria como “[...] um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro” (CIPOLINI, 2010, p. 42).

Ainda focalizando a temática “Religião/Religião Católica”, após breves considerações a respeito da devoção mariana, mostra-se importante discorrer acerca de duas categorias que podem ser aproximadas à religião: religiosidade e espiritualidade, tendo em conta, de um lado, que as igrejas constituem-se, por vezes, em “[...] canal de manifestações da religiosidade” (MANOEL, 2008, p. 19); de outro, que “O início de qualquer religião nasce de uma espiritualidade” (BALBINOT, 2011, p. 18). São esses os tópicos para os quais se encaminham as considerações que seguem.

Bettega (2009), ao abordar o conceito de religiosidade, refere estar esta diretamente ligada a um jeito específico de manifestar a ligação com o transcendente, expressando

características próprias de cada religião⁵. Já Zenevicz (2009, p. 36), tendo por base estudos de Lukoff, Lu e Turner (1992), Faria e Seidl (2005), como também de Baptista (2003) e de Belzen (2004), explica que a religiosidade está diretamente relacionada a uma igreja ou instituição religiosa organizada e à realização de práticas e de ritos a ela ligados, tanto em âmbito individual quanto institucional. Nessa perspectiva, acrescenta que “A religiosidade é um fenômeno cultural e social [...]”.

Andrade (2010) menciona as expressões de religiosidade como integrantes de um sistema de vida grupal, que contempla crenças e práticas comportamentais. A autora apresenta ainda uma conceituação específica para a religiosidade católica, sendo esta interpretada como o conjunto das manifestações de crenças e práticas católicas.

Do mesmo modo, ressaltando o caráter social da religiosidade, Pelegrini e Funari (2008, p. 85) a reconhecem como “[...] fator essencial da vida em sociedade”. Assim, conforme esses estudiosos, “Religiosidade é um termo amplo que procura ultrapassar as definições mais estreitas de religião, crença, magia, culto, ritual ou outros, que estarão abrangidos pelo sentimento difuso associado às práticas religiosas” (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 84).

No que diz respeito aos elementos que fazem parte da religiosidade, Saraiva (2010) cita, dentre muitas outras manifestações que materializam a fé, as promessas, as procissões, as festas religiosas e as romarias. A Romaria de Caravaggio estaria, então, aí incluída⁶.

Na base, portanto, da religiosidade estão atitudes e sentimentos afetos a uma crença religiosa, de uma experiência de conexão compartilhada (ROBERTO, 2011). Nesse sentido, é uma das formas de vivenciar a espiritualidade⁷.

⁵ Em se tratando, especificamente, da religiosidade, Manoel (2008), apresentando um entendimento um pouco diverso daqueles citados anteriormente, destaca que, assim como a religião, a religiosidade é uma produção humana, relacionada à esfera cultural e, nem sempre, manifesta-se por meio de religiões institucionalizadas. Nessa direção, o pesquisador, reforçando a característica exclusivamente humana da religiosidade e a sua não necessária ligação com uma religião específica, aponta que a religiosidade representa uma busca pelo sagrado, sem que este seja especificado, quer seja como fuga, como busca para o vivido ou como negociação e entendimento para os problemas.

⁶ Outro aspecto importante de ser lembrado em relação à religiosidade, e que se registra com frequência, é o acréscimo do adjetivo “popular” a essa palavra. Esclarecendo a denominação “religiosidade popular”, Brustolin (2004) explica que esse termo não é utilizado apenas como indicativo da religião do povo ou de classes subalternas. Assim, “A religiosidade popular revela as expressões religiosas das pessoas, independente do que a religião ou igreja estabelece. Elas se referem à relação direta que cada pessoa tem com o Mistério. São formas variadas de traduzir essa relação” (BRUSTOLIN, 2004, p. 194-195). Além disso, o estudioso complementa que “[...] é possível identificar na religiosidade popular elementos significativos da experiência humana e profunda vivência religiosa. A religiosidade popular é constituída por uma gestualidade [e envolvimento emotivo] maior do que as formas oficializadas pela religião” (BRUSTOLIN, 2004, p. 195).

⁷ No que concerne, particularmente, à espiritualidade, pode-se dizer que esta palavra é proveniente do latim *spiritus*, descendendo semanticamente do termo hebraico *rúah*, que possui o sentido de sopro, alento, vento, sendo traduzido como algo natural. Na língua grega, a palavra “espiritualidade” corresponde a *pneuma*, denotando algo que é fundamental para as pessoas, como a respiração, o sopro (ZENEVICZ, 2009).

A espiritualidade, nas palavras de Boff e Betto (1994, p. 28), “[...] é uma experiência mística, mistérica, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é a experiência fundante no ser humano desde que ele existe na face da Terra, mas há diferentes espiritualidades e diferentes modos de vivenciá-las”.

Para Balbinot (2011, p. 18, grifo do autor), “A religião para ter sentido em si, deve estar a serviço da espiritualidade e espiritualidade tem a ver com ‘experiência’ e não com doutrinas, dogmas, leis morais, ritos, que fazem parte do dinamismo da religião em si”. O autor destaca que a espiritualidade pode estar presente em qualquer experiência relacionada a algo sagrado. É por isso que a espiritualidade nem sempre se encontra associada a uma religião, pois esta pode representar apenas um dos caminhos para a espiritualidade. Balbinot (2011) acrescenta que a busca pelo sentido da vida é uma das principais marcas da espiritualidade nas pessoas.

Zenevicz (2009, p. 8) igualmente destacando a dimensão humana como implícita à espiritualidade, considera-a “[...] inata ao ser humano [...] [possuindo] qualidades fundamentais como a bondade, benevolência, respeito, compaixão e interesse pelo outro e [...] [podendo] ser vivenciada através da religiosidade”. Entre outros valores inerentes à espiritualidade, a pesquisadora cita ainda a solidariedade, o cuidado e o amor, os quais contribuem para aperfeiçoar as relações pessoais e espirituais, levando ao aprendizado e ao crescimento ao longo da vida. À espiritualidade como dimensão humana, Bettega (2009) ainda relaciona o respeito à vida, a igualdade, o livre-arbítrio, a honestidade, a verdade, a integração, a esperança, a bondade, a beleza.

Sob esse prisma, vinculando-se à experiência – e não a dogmas, doutrinas, ritos –, é a espiritualidade que produz no ser humano uma mudança interior, revelando-se na capacidade de diálogo consigo mesmo, na escuta do outro, e no cuidado com o outro, traduzindo-se em amor, em sensibilidade (BOFF, 2006).

Entendimento semelhante é manifestado por Bartoli (2008, p. 42), para quem a espiritualidade envolve “[...] um conjunto de práticas e rituais, não necessariamente prece, cultos, meditação ou rituais prescritos de purificação, mas um sem-número de maneiras, individuais ou coletivas, de pensar, olhar, falar, sentir, mover-se e agir”.

Bettega (2009) observa assim que, embora existam relações entre espiritualidade e religiosidade, esses fenômenos não podem ser confundidos, nem tratados de forma semelhante. Para o autor a espiritualidade é mais ampla e até independente desta ou daquela religião. Ela consiste na dimensão humana da busca da transcendência.

A considerar, pois, as posições teóricas aqui trazidas à reflexão, à análise da Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, parece deva agregar-se o universo conceitual de religiosidade e espiritualidade, ao qual eventualmente será necessário recorrer para melhor compreender as relações de hospitalidade, sob a ótica do romeiro, nessa prática religiosa.

Retomando as considerações que iniciam a construção do referencial teórico para o presente estudo e os núcleos conceituais ali mencionados, a prática da romaria, além de possíveis elos estabelecidos com o universo da espiritualidade, da religiosidade, ou mesmo da religião, conduz à configuração de outros vínculos, dentre os quais aqueles que a inseririam também no quadro das práticas turísticas, ou, mais especificamente, das práticas de turismo religioso. Com o intuito, pois, de buscar delinear mais claramente essas relações, são retomados, na sequência, numa perspectiva ora diacrônica, ora sincrônica, os conceitos de turismo, turismo religioso, aportando, inclusive, o pensamento da Igreja Católica expresso em documentos da Pastoral do Turismo.

2.2 TURISMO

O turismo, fenômeno de caráter complexo e multi-inter-transdisciplinar, vem sendo objeto de estudo de diversos pesquisadores e, conseqüentemente, muitas definições de turismo têm sido propostas. Das várias definições que foram surgindo ao longo do tempo, pode-se dizer que essas percorrem as mais diversas linhas de abordagem, englobando elementos como objetivo, motivação e duração da viagem, distância percorrida, entre outros aspectos. Assim, na sequência, serão mencionadas algumas reflexões apresentadas, dentre outras, por autores como Smith (1989), Cohen (1974), Krippendorf (2001), Beni (2007), Gastal (2005), Gastal e Moesch (2007), Panosso Netto (2005), Perazzolo, Santos e Pereira (2013a).

O turismo, nas palavras de Smith (1989, p. 15, tradução nossa), “[...] é difícil de definir [...]; no geral, pode-se dizer que o turista é uma pessoa que tem tempo livre em um determinado momento e o utiliza para visitar voluntariamente algum lugar distante de seu lugar de residência com o objetivo de trocar de ambiente”. Ainda, segundo a autora, no que se refere às motivações que induzem as pessoas a viajarem, estas são numerosas e diversas. Todavia, ela assinala que a base do turismo está sustentada por três elementos-chave, todos operantes: tempo livre, renda extra e sanções locais positivas.

Para Cohen (1974), a principal característica do turismo é que este conota uma mudança de rotina, algo diferente, estranho, incomum, uma experiência não comumente

presente na vida do viajante. Então, para ele, um aspecto importante do turismo não é tanto a característica do objetivo de uma viagem (duração, lugares visitados, etc.), mas sim a expectativa de novidade e de mudança oferecida pela viagem. Sendo assim, um turista é um viajante temporário e voluntário, viajando com a expectativa do prazer, da novidade e da mudança, experienciadas em uma relativamente longa e não recorrente viagem de ida e volta.

O estudioso afirma também que o turismo tem como aspecto a variedade no papel das viagens, embora haja a busca da novidade e da distração, sendo a novidade referente a algo novo, que se vê ou se tem, uma experiência vivida pela primeira vez, enquanto que a distração não implica a novidade. Assim, o autor entende que o conceito de turismo é fluido, pois o limite entre o universo do turista e do não-turista é vago, e existem muitas categorias intermediárias.

Da mesma forma que para Cohen o turismo conota uma mudança de rotina, para Krippendorf (2001, p. 27), “O destino das viagens constitui o outro polo, o anticotidiano”. O autor julga interessantes o comportamento e as experiências dos viajantes, a população local e o meio ambiente. Afirmando que o turismo tem implicações sobre os locais e as pessoas visitadas, bem como sobre o ambiente em casa, seus estudos estão, em grande parte, voltados ao movimento pendular entre o cotidiano e o anticotidiano, acompanhado de suas múltiplas interações.

Beni (2007) tem conceituado o turismo até então como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço, no qual intervêm fatores diversos, de cunho pessoal, social, motivacional, econômico, cultural, ecológico e científico. Esses fatores estariam na base da também escolha dos destinos, da permanência, do transporte, do alojamento, como do objetivo da viagem em si, o qual carregaria a busca de fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, ou até mesmo de expansão de negócios.

Já para Gastal (2005), o turismo, em sua complexidade, apresenta-se como um fenômeno social, cultural e econômico, podendo ser considerado um campo de práticas histórico-sociais, pressupondo o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. “É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

Dessa forma, como explicam Gastal e Moesch (2007, p. 11), o turismo estaria relacionado a processos de estranhamento, em que o turista, em seus deslocamentos, depara-

se com o novo que o mobiliza e o induz a “[...] parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas, vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas”.

A partir das reflexões realizadas até então, pode-se dizer que, considerando categorias como deslocamento, motivação, permanência e serviços, o turismo envolveria um deslocamento de ida e volta (com retorno ao ponto de partida), motivado pela busca de algo, sendo essa experiência não comum ao cotidiano/rotina, implicando a permanência em viagem por tempo não determinado, o percurso de uma distância igualmente não determinada (uma vez que as categorias “espaço” e “tempo” são muito relativas, dependendo da percepção de cada pessoa), e a utilização de serviços e de estrutura a ele relacionados direta ou indiretamente.

Corroborando o entendimento do turismo como fenômeno humano, que compreende um todo conexo de experiências vividas antes, durante e depois de sua realização, Panosso Netto (2005, p. 30, grifo do autor) ressalta que o turismo pode ser visto como “[...] a busca da experiência humana, a busca da construção do ‘ser’ interno do homem, fora do seu local de experiência cotidiana”. Para essa construção, não importa estar em viagem ou tendo dela retornado. O sujeito continua a experienciar, a recordar e a reviver o passado, independentemente do tempo cronológico. Na conjunção das experiências passada, presente e futura constrói-se o “ser turista” e configura-se o fenômeno turístico, “[...] numa complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

Acompanhando, em certa medida essa linha reflexiva e acentuando o caráter humano do fenômeno turístico, Perazzolo, Santos e Pereira (2013a) compreendem o humano como valor essencial fundante do turismo, sem, contudo, desconsiderar outros valores que o envolvem. Sob essa ótica, as pesquisadoras buscam trazer à discussão teórica o elemento que poderia ser considerado propulsor do turismo: o desejo, que emerge de diferentes formas na condição de uma metáfora do objeto original inacessível. Nessa perspectiva, com base no conceito de pulsão epistemofílica proposto por Freud, entendem que o fazer turismo é motivado pelo impulso/vontade de conhecer na sua forma mais intrínseca. Em assim sendo, segundo Perazzolo, Santos e Pereira (2013a, p. 142, tradução nossa) a prática turística não é resultante, primariamente, do efeito e da persuasão das ações de marketing e vendas e nem da influência de estratégias econômicas e comerciais, mas sim da “[...] motivação primeira à busca do ‘novo’ [que] estaria sustentada na demanda da busca do prazer em ‘outro lugar’,

onde o objeto original não pode ser identificado”. Dessa forma, esse impulso “[...] aponta para caminhos que levam à construção da identidade, à procura interminável do saber que ‘não pode ser conhecido’ (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 142, tradução nossa). Nesse sentido, “[...] todo movimento da vida psíquica na direção do externo ao si próprio seria uma forma de turismo” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 142, tradução nossa). E, é pela via do acolhimento, potencializada pela interação, que a experiência turística pode tornar-se fonte de saber. Em outras palavras, o processo de conhecer é particularmente potencializado pelas relações que se estabelecem no acolhimento (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013b).

Ao ter em conta, portanto, essa breve incursão teórica sobre o conceito de turismo e nela destacando o viés que põe em foco sua dimensão humana, parece, em princípio, emergir possibilidades de aproximação da participação em romarias, de um lado, com aspectos como visitação voluntária, deslocamento concreto e simbólico, mudança de rotina, impulso/vontade de conhecer, busca da experiência humana; de outro, com o universo da religiosidade e da espiritualidade (busca do transcendente). Ambas as aproximações, com tonalizações interpretativas diferentes são, de algum modo, abordadas por aqueles cujos estudos se voltam para o que denominam “turismo religioso”.

2.2.1 Turismo Religioso

A denominação do turismo como religioso encerra várias discussões, que surgem na tentativa de compreender sua identidade, suas motivações, entre outros aspectos que o envolvem.

Sob esse enfoque, o turismo religioso, assim como o próprio turismo, apresenta-se como um fenômeno múltiplo, de caráter complexo, abrangendo diferentes significados e motivações e podendo ser analisado e compreendido por meio de abordagens diversas. Sendo assim, para o estudo desse fenômeno, mostra-se pertinente retomá-lo inicialmente numa perspectiva histórica e, por conseguinte, retornando às suas origens. Nesse sentido, recorrendo a Ribeiro (2003, p. 2-3), tem-se que a “[...] institucionalização do turismo está intimamente ligada às peregrinações [...]”, as quais, no decurso do tempo, foram acompanhadas pelo surgimento de pousadas, hospedarias na beira de caminhos, povoados, portos e cidades. Nesses locais, os peregrinos pernoitavam, descansavam, alimentavam-se e, até mesmo, encontravam mantimentos para prosseguir viagem.

Dividindo esse mesmo entendimento, Abumanssur (2003, p. 53) destaca o âmbito histórico das relações entre religião e turismo, referindo que o ser humano sempre se deslocou em busca do sagrado para adorá-lo, consultá-lo, festejá-lo ou conhecê-lo. E esse deslocamento levou ao desenvolvimento de uma estrutura de hospedagem e acolhimento. Relembra o autor que nos próprios relatos bíblicos, “[...] observa-se que a religião, com suas exigências e interditos, favoreceu o comércio em torno dos santuários”.

Ainda seguindo uma perspectiva histórica, Nadais (2010) menciona o autor Secall (2009) para explicar que o turismo religioso originou-se a partir dos deslocamentos para celebrar episódios litúrgicos ligados aos ciclos agrícolas. De toda forma, evidencia que este não pode ser igualado a qualquer outra atividade turística, em vista do seu caráter espiritual.

É possível perceber, nessas citações, as interfaces existentes entre fé/religião e deslocamento/turismo. Desse modo, pode-se dizer que a história da humanidade foi, em parte, acompanhada pelo fenômeno religioso, representado pela fé, pela devoção e pelas peregrinações. Também, em torno desse fenômeno, observa-se a necessidade de uma estrutura de hospitalidade, para atender aos que dele participavam.

Acompanhando esse processo histórico das peregrinações, muitos estudiosos perguntam-se: “[...] por que denominamos hoje esse fenômeno milenar de ‘turismo religioso’? Como é possível olhar para essa deambulação religiosa e penitencial, e entendê-la como um fenômeno turístico?” (ABUMANSSUR, 2003, p. 54, grifo do autor). Essas perguntas poderiam ser respondidas de diversas formas, e, segundo esse autor, uma das possíveis respostas estaria centrada no princípio de que o turismo religioso é um fenômeno moderno.

Carneiro (2004, p. 72), fazendo alusão aos estudos de Dean MacCannell, cita que, “[...] o turismo moderno pode ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, carregando sentidos e valores que em outros momentos estiveram condensados nesta experiência religiosa”, o que se aproxima aos dizeres de Oliveira (2004, p. 13): “O turismo religioso tem sua origem no exercício contemporâneo da peregrinação”. Sob esse prisma, ainda de acordo com o autor, a peregrinação, como uma forma de expressão de fé, começou a ser tratada recentemente como turismo religioso, representando uma nova forma de percepção para um fenômeno milenar.

Complementando essa ideia, Silveira (2004) chama a atenção para o surgimento igualmente recente do termo “turismo religioso”, considerando que a sua utilização vem aumentando e envolvendo setores ligados à reflexão acadêmica sobre o turismo, empresários do setor e a própria Igreja Católica. Nesse sentido, no que se refere à conceituação, em caráter oficial, o turismo religioso é definido, segundo a Conferência Mundial de Roma – 1960,

[...] como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (RIBEIRO, 2003, p. 3).

Contudo, mesmo havendo uma definição “oficial” para o turismo religioso, as indagações e dúvidas, no que se refere à sua conceituação, estão sempre presentes nos estudos e nas discussões sobre o tema, não se estabelecendo, assim, um consenso a respeito das práticas que envolvem turismo e religião (o fato de ser uma definição oficial não significa que não possa ser questionada/argumentada). Também, a densidade dos aspectos inerentes às relações entre religião e turismo (capazes de reunir, em um só evento, peregrinações calcadas em raízes históricas, costumes e rituais, bem como a gestão dos equipamentos e serviços) têm mobilizado muitos estudiosos e pesquisadores, promovendo a reflexão acadêmica sobre a temática.

Portanto, o conceito de turismo religioso é, permanentemente, alvo de discussões entre os estudiosos das ciências sociais. Alguns pesquisadores defendem que há uma falta de embasamento epistemológico para qualificar o termo “turismo religioso”, necessitando de um aprofundamento dos estudos referentes a essa temática.

De fato, não há como fugir das questões polêmicas que envolvem o turismo religioso, sendo que os estudos atuais apontam para uma discussão complexa. Por conseguinte, considerando que as visões existentes sobre o turismo religioso são múltiplas e diversificadas, ao longo deste tópico serão abordados alguns dos entendimentos a respeito dessa modalidade de turismo, apresentados sob a perspectiva de diversos estudiosos da área.

Nas palavras do Cardeal D. Eugênio Salles (2000 apud OLIVEIRA, 2003, p. 123-124), “O turismo religioso não é propriamente uma excursão nem um passeio, mas uma viagem inspirada pela fé, que toma o nome de peregrinação”. Além desse aspecto, o Cardeal lembra alguns traços importantes do autêntico peregrino, como a disposição para rezar e refletir, a busca pelo abandono de maus hábitos, como o comodismo e o egoísmo, o exercício da caridade fraterna, entre outras características. Segundo o Cardeal, a peregrinação, sob o ponto de vista da Igreja Católica, é válida na atualidade se assim for concebida.

Para o Padre Carlos Alberto Chiquim (s.d.), Secretário Executivo da CNBB Regional Sul II, a adjetivação “religioso” atribuída ao turismo envolve uma amplitude espiritual e metafísica, de sorte que se trata de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade e, por essa razão, as peregrinações e romarias aos lugares sagrados em

momentos sagrados podem ser chamadas de turismo religioso. Entretanto, também alerta para a possibilidade de o turismo religioso assumir um caráter multifuncional referentemente a duas dimensões possíveis do aspecto motivacional: aquela que dá lugar ao visitante (turista) peregrino puro, cuja motivação é unicamente religiosa e sua jornada, unifuncional (motivado por sua fé, ele vai ao encontro do local sagrado para cumprir um voto, pagar uma promessa, ou, apenas, manifestar sua adesão a uma determinada fé, movido por uma mística – o que independe da crença religiosa); e aquela que daria lugar ao visitante denominado simplesmente de “turista”, ao ser ampliado o leque de motivações na jornada (jornada multifuncional). Poder-se-ia aqui falar em um peregrino-turista ou em um peregrino com momentos de turista, momentos esses obtidos com ou sem auxílio/promoção de organizadores, dedicados, por exemplo, a visitas culturais e ao repouso.

Apresentados pontos de vista de representantes da Igreja Católica, cabe agora citar a definição de turismo religioso sob a ótica de um estudioso da área do turismo. Para Beni (2007), o turismo religioso estaria no deslocamento de peregrinos que buscam centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças e que assumem um comportamento de consumo turístico. Portanto, nesse entendimento, um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que este atualiza a prática da peregrinação adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico (OLIVEIRA, 2004).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Andrade (2000, p. 77) define o turismo religioso como “O conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões”.

Destacando o caráter religioso dessa modalidade de turismo, Dias e Silveira (2003) propõem o entendimento de turismo religioso como aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem de eventos de caráter religioso, compreendendo romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas. Igualmente, Nadais (2010) interpreta o turismo religioso como aquele que envolve deslocamentos por motivos primordiais de fé, podendo abarcar outras motivações. A autora entende, então, que são as necessidades humanas, tanto antigas quanto atuais, que promovem o surgimento do turismo religioso.

Complementando essas ideias, Oliveira (2008) lembra que o termo “turismo religioso”, inicialmente, remete a duas noções que são contrárias, o turismo, com seus aspectos “profanos” (lazer, prazer, entretenimento e descontração) e o fenômeno religioso, com suas obrigações espirituais. Assim, o autor refere que, no pensamento de muitas pessoas,

aqueles que vivenciam o fenômeno religioso não podem, ao mesmo tempo, estar praticando turismo.

Todavia, para Oliveira (2008, p. 1), tem-se um turismo religioso a partir do momento em que “[...] a própria realidade religiosa – a manifestação pública e coletiva da fé – absorva bases e estruturas do fazer turístico”. Logo, na opinião do autor, o turismo religioso pode ser definido como “o tipo de viagem que nasce de diferentes motivações religiosas” (OLIVEIRA, 2008, p. 1). Tanto a experiência turística quanto a religiosa podem se imbricar em um mesmo contexto (STEIL; CARNEIRO, 2008). Desse modo, Oliveira (2008, p. 1) afirma que a correta definição para esse tipo de turismo estaria na aproximação entre o turismo e a religião, ou seja, “Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade”. Assim, o autor entende que, por meio da religiosidade, o turismo religioso pode ser comparado às peregrinações e às romarias.

Enfatizando, então, o caráter religioso dessa modalidade de turismo, a exemplo de outros estudiosos, na compreensão de Oliveira (2004, p. 16, grifo do autor) “*O turismo religioso é aquele turismo que não perdeu sua raiz peregrina e continua motivado pelo exercício místico da celebração*”. Conforme o autor, “Isso significa que a festa religiosa contém e explica a multiplicidade de lugares sagrados, nas mais diversas religiões do planeta. Em outras palavras, *o turismo religioso é um turismo motivado por celebração*” (OLIVEIRA, 2004, p. 16, grifo do autor).

Logo, o turismo religioso poderia ser entendido como “[...] *uma peregrinação contemporânea motivada por celebrações relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã*” (OLIVEIRA, 2004, p. 18, grifo do autor). Assim, o pesquisador considera que essa é a característica que mais se sobressai na identificação do turismo religioso com a peregrinação e que, da mesma forma, permite diferenciá-lo de outros tipos de turismo. Nessa perspectiva, adverte ser essencial a compreensão de que o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião. Trata-se de um turismo motivado pela religiosidade, pela cultura religiosa, não importando onde esta se manifeste (meio rural, natural ou urbano), tampouco se no cotidiano ou em momentos festivos (com ou sem profissionalismo).

Já é possível, pois, diante dos elementos/aspectos aqui tratados, perceber-se que, em grande parte, os conceitos de turismo religioso associam fé, religiosidade, celebração e espiritualidade às suas principais motivações.

Calvelli (2006), nessa linha de pensamento, sugere que o turismo religioso poderia corresponder, na atualidade, a uma nova forma religiosa de vivenciar o sagrado. Segundo a autora, é possível observar uma relação entre religião e consumo, concorrendo para o

estabelecimento de experiências religiosas. Ela denomina, então, de turismo religioso a emergência de uma expressão atual de “peregrinação”.

Tendo em conta essas considerações, é possível constatar que, no universo conceitual de turismo religioso, como aqui tratado, estariam presentes estruturas e consumo turísticos, mas, primordialmente, os elementos “fé” e “religiosidade”, ainda que se levem em conta mudanças na forma como hoje se vive a religiosidade. As práticas religiosas não poderiam, hoje, ser concebidas da mesma forma que no passado. O turismo religioso, como fenômeno complexo, abrangeria e integraria muitas formas de vivências, podendo reunir, ao mesmo tempo, em seus espaços, experiências diversas. Ao se falar em turismo religioso, a religiosidade passaria a ser permeada pelo fazer turístico, e o fazer turístico, pela religiosidade.

Essa permeabilidade estaria refletida também na caracterização dos sujeitos do turismo religioso: o peregrino, o turista, o peregrino-turista ou o turista-peregrino. Salienta Nadais (2010), assumindo pensamento de Santos, na obra *Espiritualidade, Turismo e Território*, considera que o peregrino apresentaria uma motivação mais religiosa (aproximando-se mais do sagrado), organizando sua própria viagem; o turista teria, geralmente, sua viagem organizada (por agências de turismo ou organismos religiosos) e vivenciaria uma experiência com características mais históricas, culturais, de caráter estético e espiritual (visando também o contato com o profano). No entanto, a autora remete para o fato de esses sujeitos, em certa medida, possuírem também aspectos comuns (como o deslocamento voluntário, a utilização das mesmas vias, a atração por lugares religiosos). Além disso, reconhecendo a dificuldade de se estabelecerem definições, Nadais (2010) acrescenta que esses sujeitos podem, ao longo da viagem, assumir comportamentos intermediários ou até mesmo trocar de posições. Desse modo, o turista religioso apresenta comportamentos e assume práticas que correspondem tanto ao turismo quanto à religião.

Assim, as práticas devocionais, bem como o comportamento das pessoas seriam, de fato, o que permite denominá-las de turista, peregrino,romeiro, ou qualquer outra designação que esteja em conformidade com os seus propósitos (OLIVEIRA, 2003).

Para uma abordagem-síntese das considerações até aqui trazidas a respeito do turismo religioso, poder-se-ia assim dizer, buscando respaldo em Steil e Carneiro (2008), que o contexto turístico-religioso configura-se de forma plural, e que, nem sempre, é possível delinear de maneira clara seus contornos. Revelam-se múltiplas possibilidades de arranjos entre religião e turismo, campos sociais cujas fronteiras se tornaram porosas, fluidas conforme a perspectiva a partir da qual são focalizados. Desse modo, o turismo religioso conjugaria

elementos religiosos e turísticos, colocando-os em permanente diálogo, sem que haja o predomínio de um sobre o outro (CARNEIRO, 2004).

Após a abordagem de alguns elementos e características que envolvem o turismo religioso, pode-se identificar que, nesse quadro, ganham destaque as peregrinações e romarias. E, especialmente, por este trabalho focalizar as relações de hospitalidade em uma romaria, esta, assim como as peregrinações, serão tratadas no próximo tópico, a fim de buscar melhor compreender os seus significados e as suas relações com o turismo e o turismo religioso, de modo a também melhor elucidar o contexto em que se insere o campo de estudo selecionado.

2.2.1.1 Peregrinações e Romarias

Assim como o turismo religioso, as peregrinações e romarias suscitam uma gama de discussões, que se estendem desde a compreensão do significado dessas práticas, até as relações que estas estabelecem com o turismo religioso. Desse modo, as formas de entendimento a respeito das peregrinações e das romarias também são múltiplas e diversificadas, envolvendo várias perspectivas de interpretação. Nesse sentido, é possível iniciar a abordagem sobre o tema dizendo que as peregrinações, como objeto de estudo para diversas áreas do conhecimento, têm na fé a sua principal origem.

O termo “peregrinação”, de acordo com Carneiro (2004, p. 76), “[...] recobre um vasto conjunto de experiências de deslocamentos e é utilizado para designar um universo bastante extenso de ações e práticas sociais”. Com base nesse ponto de vista, então, pelo fato de a peregrinação compreender variadas experiências de deslocamentos e práticas sociais, pode-se dizer que os estudos referentes a esse fenômeno trouxeram, de certa forma, contributos para o entendimento do fenômeno turístico. Sendo assim, alguns autores defendem a existência de uma aproximação entre peregrinação e turismo no que se refere, principalmente, a significados e a motivações.

Contudo, na opinião de Steil (2003), peregrinação, romaria e turismo religioso, embora muitas vezes tenham sido consideradas práticas equivalentes, apresentam diferenças, quando observadas nos contextos religioso e social em que se inserem. Desse modo, para diferenciar o turismo da peregrinação ou da romaria, Steil (2003, p. 35) – aqui reproduzindo fielmente suas considerações – entende que

[...] o ponto fulcral reside no grau de imersão e de externalidade que cada uma dessas experiências pode proporcionar. Enquanto as peregrinações e romarias

tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento possa ser considerado como turístico (Amirou 1995). Ou seja, se a experiência da peregrinação e romaria está centrada na participação [...], o turismo está mais associado ao espetáculo.

Diferenças também podem ser estabelecidas no que tange aos termos “peregrinação” e “romaria”, embora estes sejam, hoje, igualmente com frequência classificados como equivalentes. Explicando os significados atribuídos à peregrinação e à romaria, Andrade (2000) refere que essas práticas originalmente tinham propósitos diferentes. Segundo o autor, as romarias não apresentariam motivações evidentes, enquanto que as peregrinações seriam realizadas com vistas ao cumprimento de promessas.

Valle (2006) analisa que as palavras “romaria” e “romeiro” não são encontradas nas línguas francesa e inglesa, sendo utilizados apenas os termos “peregrinação” e “peregrino”. Ao passo que nas línguas espanhola e portuguesa, os dois termos estão presentes e seus sentidos parecem sobrepor-se.

Etimologicamente,

[...] peregrinação remonta ao vocábulo latino *peregrinus*, que designa “o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que, pela força do prefixo, percorreu um espaço e, neste espaço encontra o outro” (Dupront 1987). A peregrinação, portanto, em sua raiz etimológica está relacionada com o aparecimento do “outro”, do estrangeiro, que percorre caminhos por terras desconhecidas e inóspitas, imprimindo-lhe, dessa forma, um traço de heroísmo. Aparece, desse modo, associado à idéia de um caminho ao encontro do “outro”, físico ou espiritual. E, nesse encontro, se processa necessariamente uma transformação extraordinária que atinge os peregrinos. Essa transformação, no entanto, não se completa no ato exterior do peregrino, mas remete sempre à dimensão ascética das jornadas interiores de um encontro místico com “o outro” (Turner 1987, p. 7). Como se pode observar, se, por um lado, a peregrinação se exprime na história como um exercício de encontro com o “outro”, o estrangeiro, por outro, aponta para uma busca mística de si, como uma jornada de santificação que encontra seu ponto de chegada no reconhecimento de uma divindade que se manifesta no interior de cada devoto (STEIL, 2003, p. 30, grifo do autor).

Essa superposição poderia estar também afeta às peregrinações cristãs a Roma, lugar de martírio dos apóstolos Pedro e Paulo. De “Roma” teria originado a palavra “romaria” (peregrinação a Roma) (CRISPIM, 2002).

Apresentando, igualmente, uma análise semântica da palavra “peregrinação”, De Fiores e Meo (1995) explicam que o adjetivo “*peregrinus*” origina-se de “*peragrar*”, que denota “percorrer” e possui o sentido de “ir longe”. Sendo assim, o termo “*peregrinus*” relaciona-se também a “estrangeiro”, pois designa a pessoa que realiza uma viagem para um

país distante e estrangeiro, e que nesse país permanece por certo período (o verbo “peregrinar” e o substantivo “*peregrinatio*” apresentam o mesmo significado). Assim, os autores afirmam que “A peregrinação será essencialmente uma partida” e que o peregrino é “[...] alguém que passa”. Além disso, acrescentam que “[...] o caminho é a condição real do homem que a nossa civilização e a nossa cultura estão redesenhando. [...]”. Por esse motivo, a peregrinação se apresenta como símbolo ou mimodrama da condição itinerante do ‘*homo viator*’ (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1032). De toda forma, as aspirações do homem, bem como a abertura ao sobrenatural não representam dimensões acessíveis, pelo menos em boa parte, pois, “[...] a peregrinação continua sendo, no seu aspecto mais profundo e mais rico, um mistério insondável” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1033).

O termo “peregrinação”, como construção social, abarca uma infinidade de experiências, tanto históricas quanto atuais, de deslocamentos motivados pela devoção e pelo culto (STEIL, 2003). Da mesma maneira, pode-se dizer que o ato de peregrinar é, de certa forma, uma herança das origens nômades dos grupos humanos, sendo que a peregrinação realiza-se com o propósito de buscar algo mais significativo (OLIVEIRA, 2004). E, mesmo que se apresentem sob uma diversidade de motivações, as peregrinações, em sua essência, podem ser consideradas um fenômeno ligado à natureza do ser humano (RIBEIRO, 2003). Seguindo essa mesma perspectiva, Brustolin (2007) destaca, como condição real do ser humano, o estar a caminho (*homo viator*), sendo esse caminhar uma categoria espiritual, uma forma de a pessoa encontrar-se consigo mesma. Assim, para o autor (BRUSTOLIN, 2007, p. 234), “Partir significa romper com a inércia habitual, é dispor-se a avançar, crescer e conhecer o novo. Deixar a própria casa é abandonar atitudes rotineiras e, por vezes medíocres, dispondo-se ao futuro de Deus”. Entretanto, o estudioso lembra que “Quem se coloca a caminho nem sempre tem claro o sentido último de sua peregrinação. Deus, contudo, encaminha a experiência humana, confusa e insegura, para um encontro com o divino [...]” (BRUSTOLIN, 2007, p. 233)⁸.

Em outra definição de peregrinação, Vázquez de Parga, Lacarra e Uria Riu (1993 apud CARNEIRO, 2004, p. 77) assinalam que “[...] do ponto de vista geral, histórico-religioso, não é outra coisa que a viagem, empreendida individual ou coletivamente, para visitar um lugar santo, onde se manifesta de um modo particular a presença de um poder

⁸ Em uma perspectiva mais religiosa da peregrinação, De Fiores e Meo (1995, p. 1046), apontam que esta se encontra arraigada na história da salvação, e não corresponde apenas à “[...] forma cristã da virtude da religião, mas se torna expressão da fé, isto é, da atitude com que se aceita Deus que nos salvou em Cristo. Não será tanto o ato com que os homens buscam a Deus quanto o acontecimento pelo qual Deus, em busca do homem, vem ao seu encontro com Cristo (os peregrinos não se poriam em caminho se antes Deus não tivesse posto neles o desejo de buscá-lo)”.

sobrenatural”. A mesma autora também destaca que as peregrinações podem ser encontradas em, praticamente, todas as religiões, desde a Pré-história até os tempos atuais, transcendendo o âmbito do catolicismo, estando presente, portanto, nas demais religiões⁹.

Seguindo a mesma linha reflexiva, De Fiores e Meo (1995, p. 1032) referem que a peregrinação faz parte da essência da igreja e da sua missão, sendo que a peregrinação não está presente apenas no cristianismo ocidental, mas sim representa um fenômeno universal. Afinal, “[...] o ato peregrino constitui, através de culturas, espaços e milênios, um dos tempos fortes da experiência religiosa individual e coletiva (A. Dupront, 1973)”. De igual modo, os autores destacam que a peregrinação pode ser tanto individual quanto comunitária (organizada em grupos), porém, esclarecem que essa distinção é apenas aparente, uma vez que “O peregrino solitário, além de ser portador de pulsão que o ultrapassa e de estar inserido em comunhão de vida com os outros peregrinos, no santuário ele desempenha atos tradicionais, formando, assim, comunidade com a ‘sociedade da peregrinação’” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1033).

Ainda, de acordo com Vilhena (2003), algumas peregrinações são realizadas em uma data fixa, coincidentes com alguma festa religiosa, como o dia do Santo da devoção. Outras podem realizar-se de forma espontânea, ao surgir a necessidade, por parte de alguém ou de um grupo da comunidade, de visitar o lugar sagrado.

Salientando algumas características recorrentes na literatura até aqui abordada a respeito das peregrinações, estas possuiriam como principal motivação a fé, abarcando variadas experiências de deslocamentos e práticas. Ao envolver, entre outros elementos, o estar a caminho, o romper com o cotidiano, o encontrar-se consigo mesmo, as peregrinações encerrariam, assim, um fenômeno relacionado à natureza do ser humano, pois simbolizam a condição itinerante do *homo viator*. Ao mesmo tempo, a peregrinação, como ato religioso de imersão no sagrado, não restritiva à religião católica, constituir-se-ia em uma experiência religiosa tanto individual quanto coletiva, cuja base é a comunhão.

Nesses termos, Steil e Carneiro (2008, p. 108), em seus estudos focalizando as rotas de peregrinação brasileiras criadas com base nos caminhos de Santiago de Compostela, propõem que se interprete a peregrinação por meio dos múltiplos significados atribuídos a

⁹ Vicente Elías Pastor (2009), no capítulo consagrado ao turismo religioso, explica que, na religião maometana, também se celebra uma peregrinação à Meca, a qual recorda a viagem que Maomé empreendeu desde aquela cidade até Medina, no ano 622. Os muçulmanos com meios econômicos suficientes são obrigados a realizar essa peregrinação uma vez em sua vida. Já os judeus devem peregrinar três vezes ao ano à cidade santa de Jerusalém, segundo preceito que emana da Bíblia, no livro do Êxodo. Destaca ainda que, na atualidade, talvez seja a Índia o país com maior número de peregrinos, unindo devotos das duas religiões predominantes: hinduísmo e islamismo.

essa prática, “[...] procurando compreender as formas de combinações possíveis entre os significados de um fenômeno milenar (a peregrinação) presente em diversas tradições religiosas e os novos significados que lhe são conferidos, [como as interfaces com o turismo]”. A peregrinação na atualidade, portanto, nas palavras dos autores, por meio da agregação de novos sentidos “[...] parece re-vitalizar [ressignificar] o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro” (STEIL; CARNEIRO, 2008, p. 108).

Diferentemente da peregrinação, que compreende longos deslocamentos para santuários importantes, o termo “romaria”, segundo Nolan e Nolan (1989), específico das línguas portuguesa e espanhola, está relacionado a deslocamentos curtos envolvendo comunidades e combinando aspectos festivos e devocionais. Então, a romaria tem como característica deslocamentos menores e, a peregrinação, deslocamentos que envolvem maiores distâncias.

De acordo com Steil (2003, p. 34) as romarias são consideradas “[...] não como um fenômeno distinto em si mesmo, mas antes como uma atividade bastante variada que pode ser apresentada em termos de seu contexto social, cultural e político”. As romarias, para Duarte (2010, p. 3) continuam sendo uma das maiores manifestações públicas da fé católica, reunindo múltiplas formas de experiências, alimentando os sentidos do rezar, do caminhar, do fazer/pagar promessas, e cujos rituais simbólicos, inseridos em contextos históricos e geográficos marcados pela diversidade, “[...] envolvem uma teia de produções de ritos que apresentam vários pontos comuns: o costume de caminhar, o deslocar-se [...], a divulgação dos milagres, a exposição das graças alcançadas, a solicitação de novos pedidos, os exageros dos sacrifícios físicos”.

Do mesmo modo, para Valle (2006, p. 34-35), “[...] uma romaria representa uma ocasião privilegiada para um aprofundamento do sentido cristão da fé, da importância da comunidade e do caráter decisivo da ação discipular como expressão da mudança interior”. O autor chama a atenção para o fato de que as romarias hoje apresentam uma forte conotação institucional, pois ainda que não estejam sob a responsabilidade ou controle direto da igreja, as grandes romarias geralmente são incentivadas e criadas pelo clero ou por organizações/entidades afins.

Outros aspectos são também levados em conta no estudo sobre romarias: a diversidade dos participantes e de suas motivações e interpretações, a influência da mídia, a fluidez das fronteiras entre sagrado e profano. Ao mesmo tempo, porém, são focalizadas, na realidade cristã atual, as motivações, buscas e aflições mais imediatas dos romeiros; o

abandono de seu cotidiano para colocar-se a caminho, na companhia de outras pessoas, em busca de um lugar sagrado visando a um encontro maior (para agradecer, pagar promessas, refazer-se espiritualmente, divertir-se); o retorno ao lugar de partida, trazendo marcas do encontro com Deus, bem como uma visão renovada de si e da sua vida (VALLE, 2006).

Sumarizando, então, as reflexões dos autores mencionados sobre as romarias, é possível aportar alguns aspectos principais que as caracterizariam. Em assim sendo, seria possível dizer que as romarias compreendem deslocamentos menores (do que aqueles empreendidos em uma peregrinação), correspondendo a uma manifestação pública da fé católica. Ainda, as romarias apresentam caráter institucional (em sua maior parte) e comunitário. Aproximando-se, de certa forma, das peregrinações e do turismo religioso, as romarias também proporcionam experiências como o abandono do cotidiano para colocar-se a caminho (junto de outras pessoas e na busca de um encontro maior), o rezar, o caminhar, o fazer/pagar promessas, o retorno ao ponto de partida (trazendo marcas do encontro e uma visão renovada de si e da vida).

Em assim sendo, o pensar as romarias poderia ser realizado, como refere Cordeiro (2011), a partir da matriz interpretativa das peregrinações, pois, independentemente de características específicas que podem ser atribuídas a uma ou outra prática, no universo de ambas está a vivência de um ato religioso de imersão no sagrado, recobrando movimentos físicos, espirituais e temporais.

Caberia ainda aqui mencionar o entendimento de Cordeiro (2011), segundo a qual a romaria contemporânea carrega aspectos tanto ligados à tradição quanto à atualidade, na medida em que se verifica, nas romarias, a presença de elementos religiosos e culturais, práticas de consumo, lazer e experiências diversas, que se associam às cenas religiosas, incrementando-as. Nas palavras de Fernandes (1982), a romaria seria um rito antigo, porém repleto de atualidades. Ter-se-ia aqui, talvez, uma alusão à relação peregrinação/romaria e turismo religioso.

A peregrinação mariana

Conforme já referido anteriormente, pelo fato de a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio dirigir-se a um santuário católico que envolve devoção a Maria, serão apresentadas, na sequência, algumas características atinentes à peregrinação mariana. Sendo assim, com base nas ideias de De Fiores e Meo (1995), pode-se dizer que a peregrinação mariana apresenta algumas particularidades, dentre as quais o fato de que nela se recorre a

Maria como o caminho melhor e mais fácil para alcançar Deus. Os autores observam que, na verdade, Maria conduz os cristãos a Cristo e, por seu meio, ao Pai. Ela representa uma imagem materna inerente à vida do cristão, não sendo apenas exemplo, mas também guia e auxílio no caminho. Por isso, de acordo com De Fiores e Meo (1995, p. 1046), “O itinerário que passa por Maria está na base da peregrinação moderna, a ponto de se tornar a sua característica”. Os autores acrescentam ainda que Maria desempenha um papel eminente, acompanhando os louvores, as intercessões e as súplicas das pessoas. Assim, “A peregrinação moderna tem caráter mariano, devido ao desenvolvimento do culto a Maria na igreja” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1049).

2.2.1.2 Turismo religioso e hospitalidade sob a ótica da Igreja Católica

A Igreja¹⁰, atentando para os fluxos turísticos cada vez mais evidentes e considerando esse fenômeno, nos dias atuais, como “[...] um fato social e econômico com muitas dimensões” (CNBB, 2009, p. 7), percebeu a necessidade de acompanhar esses deslocamentos, atribuindo, em favor dos que se movem, olhar específico, atenção, gestos de acolhida e solidariedade. Para isso, foram criadas as “Pastorais da Mobilidade Humana” que, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fazem parte da Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. As Pastorais da Mobilidade Humana compreendem um universo amplo e diversificado, englobando o Apostolado do Mar, a Pastoral Rodoviária, a Pastoral dos Nômades, a Pastoral dos Pescadores, as Pastorais das Migrações e a Pastoral do Turismo. Essas Pastorais, com exceção da Pastoral do Turismo, possuem uma longa história (CNBB, 2009).

A Pastoral do Turismo deve estar inserida na pastoral ordinária da Igreja e estar coordenada com outros setores (família, escola, jovens, promoção social, gestão dos bens culturais, ecumenismo), sendo desenvolvida na comunidade local, onde o turista precisa receber acolhida cristã. Assim, a Pastoral do Turismo promove o acolhimento e o apoio ao turista na sua busca pelo repouso, ressaltando que

Na comunidade local se oferece ao turista a acolhida cristã que o mantém na sua vida de fé, e se dá hospitalidade a todo visitante sem distinção; nela se dispõe o cristão à sua viagem futura ou à sua atividade profissional no turismo; a partir dela

¹⁰ A Igreja, particularmente, voltou sua atenção pastoral ao fenômeno turístico por volta de 1969, a partir do Diretório *Peregrinans in terra*, mostrando-se vigilante frente às consequências que poderiam surgir da prática de um turismo que não levasse suficientemente em conta os valores morais (CNBB, 2009).

se oferece testemunho e colaboração para promover os valores humanos e espirituais que o turismo pode favorecer (CNBB, 2009, p. 62).

Completa essa acolhida o convite para a participação da celebração eucarística, momento em que pessoas provenientes de diversos lugares se unem em oração, tornando o acolhimento do visitante revestido de sua expressão mais profunda. É, pois, na celebração eucarística que, mais frequentemente, dá-se o encontro da comunidade com os turistas, porém, esta ocasião não deve ser a única em que isso acontece, tendo em conta que as demais ocasiões em que a comunidade se reúne para a celebração de sua fé representam oportunidades para convidar os turistas e oferecer-lhes uma ajuda fraternal. Da mesma forma, é estimulada a programação de encontros, por parte da comunidade local, que envolvam os turistas, levando-os a aproveitar esse tempo particular (CNBB, 2009). Também os turistas são convidados a interessarem-se pela comunidade que os acolhe, fomentando o desejo de conhecer seus valores e expressando solidariedade, ou seja, “[...] é necessário que ele [o turista] se interesse realmente pelas circunstâncias em que a comunidade vive, porém é igualmente necessário que esta o faça conhecer sua situação e lhe ofereça canais adequados pelos quais demonstrar sua solidariedade” (CNBB, 2009, p. 64). Ainda, especial atenção será despendida quando do acolhimento aos visitantes que possuem outras confissões cristãs, atendendo com esmero particular suas necessidades no que concerne à celebração da fé (CNBB, 2009).

A Pastoral do Turismo, então, estrutura-se em uma rede de comunicações e articula-se com as diversas Igrejas, visando “[...] melhor acolher os turistas; dar apoio aos que trabalham nessa atividade, [...]; incentivar o respeito pela natureza e pelo patrimônio cultural e lutar contra os abusos do turismo” (CNBB, 2009, p. 236). Sendo assim, o olhar dos agentes da Pastoral do Turismo não se volta somente para os turistas, mas também para os agentes de viagens, guias de turismo, e todos aqueles envolvidos nessa atividade. Sob a perspectiva do acolhimento, a Igreja tem presente que “A hospitalidade era considerada pelos primeiros cristãos como um dever fundamental e uma das expressões mais autênticas da caridade. A pessoa acolhida se sente bem; as portas que lhe são abertas a estimulam a abrir as portas de seu coração” (CNBB, 2009, p. 237). A hospitalidade constitui-se, assim, em um dos principais núcleos da Pastoral do Turismo e representa também uma das atitudes fundamentais da comunidade cristã (CNBB, 2009).

A Pastoral do Turismo desenvolve-se por meio da presença e ação do pastor junto daqueles que se deslocam, dentro do próprio país ou em direção a outros países, para conhecer

e admirar outras paisagens, para realizar uma viagem histórica, para descansar ou para vivenciar uma experiência religiosa. Da mesma forma, aqueles que vivem do turismo (agentes de viagens, colaboradores de hotéis e de restaurantes, auxiliares em outras atividades ligadas ao turismo, entre outros) e aqueles que residem nos lugares que recebem turistas, precisam também de uma assistência pastoral (CNBB, 2009). Nesse sentido, considerando que “O mundo do turismo constitui uma realidade extensa e multiforme, que exige uma atenção pastoral específica” (CNBB, 2009, p. 7), a Pastoral do Turismo, como lembra o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes¹¹, possui como principal propósito

[...] suscitar aquelas condições excelentes que ajudam o cristão a viver a realidade do turismo como momento de graça e de salvação. O turismo pode ser considerado, sem dúvida, como um daqueles areópagos de evangelização, um daqueles grandes campos de civilização contemporânea e da cultura, da política e da economia, nos quais o cristão é chamado a viver sua própria fé e sua vocação missionária (CNBB, 2009, p. 7).

A Pastoral do Turismo trabalha para que, nos caminhos percorridos por aqueles que buscam admirar e conhecer as belezas da natureza, as obras artísticas do passado, bem como a vida e a cultura de outras sociedades, “[...] ressoe a Boa Nova e o convite para que todos procurem se encontrar com a Beleza que não passa e com a Vida que nunca termina” (CNBB, 2009, p. 236). Entretanto, essa Pastoral não possui, “[...] como primeira finalidade, a análise científica do fenômeno turístico e, menos ainda, a abertura de novos campos turísticos. Procura, sim, auxiliar aqueles que desenvolvem uma ação evangelizadora nesse setor” (CNBB, 2009, p. 236). Assim, aos agentes dessa Pastoral é recomendado que sejam eles a irem ao encontro dos turistas e não o contrário, acolhendo-os como “[...] expressão de um autêntico ministério e não como uma estratégia metodológica” (CNBB, 2009, p. 211).

A Pastoral do Turismo possui muitas iniciativas, dentre as quais é possível citar a celebração de missas especiais para os turistas; a divulgação de cartas escritas por bispos e destinadas aos fiéis e visitantes, que ressaltam a importância do momento em que vivem; a divulgação dos horários das celebrações ecumênicas, entre outras ações (CNBB, 2009). Ainda, são atribuições da Pastoral do Turismo a promoção da acolhida aos turistas; a atenção às suas necessidades espirituais; a aprovação de medidas nos períodos de maior movimentação turística, adaptando os serviços às necessidades dos turistas e facilitando a celebração da fé; a preparação de material de divulgação das celebrações; a divulgação dos

¹¹ Esse Conselho funciona na Santa Sé desde 1970 e é responsável, desde então, por congressos, mensagens, documentos e reflexões no campo do turismo (CNBB, 2009).

horários em hotéis, postos de informação e pelos meios de comunicação; a celebração de missas na língua dos turistas; a criação de condições para que os turistas envolvam-se com as comunidades locais; a organização de grupos para o acolhimento e o acompanhamento dos turistas nos lugares religiosos; a criação de um grupo que coordene e anime esse setor, envolvendo também representantes de diferentes categorias do turismo; o estudo da realidade do turismo local; a apresentação da visão cristã do turismo; a preparação de pessoas e de grupos da comunidade que realizarão viagens turísticas; entre outras ações e iniciativas. De igual forma, cada Diocese pode criar o seu “roteiro da fé”, que pode compreender santuários, grutas, igrejas históricas, e outros atrativos (KRIEGER, 2007).

Em síntese, no âmbito da Pastoral do Turismo, estão incluídos os turistas, os trabalhadores do turismo, e as comunidades receptoras e emissoras. Essa Pastoral tem como principal objetivo “Evangélizar o mundo do Turismo, para colaborar na construção do diálogo cultural e religioso, no respeito às comunidades locais e ao ambiente ecológico, denunciando o Turismo sexual, defendendo e promovendo os direitos dos trabalhadores do Turismo” (CNBB, 2009, p. 216), tornando possível o cumprimento desse objetivo a partir da atuação em linhas pastorais que focalizam a acolhida e o acompanhamento; a sensibilização social e política; e a promoção humana, cultural e religiosa (CNBB, 2009). Ainda, com base na ética e nos valores fundamentais do ser humano, a Igreja incentiva a preparação adequada para vivenciar de maneira cristã uma viagem; a boa acolhida aos turistas por parte da comunidade visitada; a atenção aos profissionais e aos trabalhadores do turismo; o adequado acompanhamento daqueles que visitam o patrimônio cultural da Igreja (CNBB, 2009).

Na concepção da Igreja, o ser humano possui, como necessidades essenciais, o viajar, o encontrar-se com outros, o conhecer lugares, o estar em contato com outras culturas e, em grande parte, é em virtude dessas necessidades que o turismo se desenvolve. A Igreja entende que é próprio da natureza do ser humano deslocar-se para conhecer outros lugares, não estando preso a um determinado lugar. O ser humano é inquieto por natureza, sendo essa inquietude “própria da condição de *Homo viator*” (CNBB, 2009, p. 86), este caracterizado como “[...] um viandante que tem sede de novos horizontes e fome de paz e de justiça, investigador da verdade, desejoso de amor, aberto ao absoluto e ao infinito” (CNBB, 2009, p. 108). Assim, “Somos eternos viajantes, à procura do novo, do desconhecido, do belo” (CNBB, 2009, p. 9). As pessoas movem-se, na busca de satisfazer seus desejos e de viver novas experiências (CNBB, 2009). Por isso,

É próprio de nossa condição humana estar em constante partida, em ter uma identidade viajante. Eternos migrantes, andamos em direção de alguma coisa fora de

nós: a felicidade, a paz, a segurança e a serenidade de um lar [...]. Partir em viagem pode representar a expressão de uma esperança. Nas férias, nos divertimentos e nas viagens o ser humano busca a felicidade (CNBB, 2009, p. 235).

A Igreja lembra ainda que a viagem, atividade tão antiga quanto a humanidade, atualmente, deixou de ser privilégio de poucos e passou a ser uma possibilidade para muitos, adquirindo impulso, basicamente, pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e pelo aumento da mobilidade e englobando um amplo leque de motivações com uma multiplicidade de modalidades que fazem parte da vida como expressão do tempo livre (CNBB, 2009). Como uma expressão particular da vida social, que envolve tanto indivíduos e povos como aspectos econômicos, financeiros e culturais, o turismo é pensado pela Igreja como uma “[...] nova forma do emprego do tempo livre, que implica deslocamento da residência habitual, quer dentro ou fora do próprio País, sem o fim exclusivo de lucro ou trabalho” (CNBB, 2009, p. 15). Contudo, o turismo “[...] não deve ser somente ‘para todos’, porque social, mas também ‘de todos’, porque sustentável, e ‘com todos’, porque solidário” (CNBB, 2009, p. 233). Sendo assim, o turismo, com base em valores éticos, precisa promover o encontro de povos e culturas, a valorização do ambiente, o crescimento econômico e social, o combate à violência, ao domínio e à discriminação. Nesses termos, “Ele é válido somente se leva à descoberta do mundo e de nós mesmos; se possibilita o maravilhar-se; se promove o autêntico caminho da paz” (CNBB, 2009, p. 233), sendo considerado um valor que se associa a outros, como a troca, a hospitalidade, a abertura aos outros, a tolerância.

Igualmente, para a Igreja, as pessoas têm a possibilidade, por meio do turismo, de encontrar-se consigo mesmas (refletindo) e com os outros (convivendo). Conforme o entendimento da Igreja, o turismo, se bem aproveitado, é um meio de unidade dos homens; transformação e elevação pessoal; desenvolvimento do espírito de hospitalidade; restauração da pessoa humana; promoção de relações interpessoais, do senso de autonomia, de autoeducação, do respeito, de novas experiências; entre outros aspectos, podendo fornecer um “precioso valor humano” (CNBB, 2009, p. 21). Nessa visão, o turismo, como promotor da convivência com outras pessoas, ainda que passageira,

[...] põe em contato com outras formas de viver, com outras religiões, com outras formas de ver o mundo e sua história. Isto leva a pessoa a descobrir-se a si mesma e aos outros, como indivíduos e como coletividade, imersos na história da humanidade, herdeiros e solidários de um universo familiar e ao mesmo tempo desconhecido. Surge uma nova visão dos outros, que liberta do risco de permanecer fechados em si próprios (CNBB, 2009, p. 173).

Em síntese, a experiência da viagem é considerada, pela Igreja, como uma “[...] oportunidade peculiar de conhecimento e de sabedoria, pois põe a pessoa em contato com povos, culturas, costumes e terras diversas” (CNBB, 2009, p. 177), sendo que, nas palavras do Papa João Paulo II, “O contato com o outro leva, sobretudo, a descobrir o seu ‘segredo’, a abrir-se para ele, a fim de acolher os seus aspectos válidos e contribuir, assim, para um maior conhecimento de cada um” (CNBB, 2009, p. 191-192). Desse modo, “[...] o turismo pode chegar a ser um prazer autêntico, de compartilhamento do tempo livre com a natureza, de experiência e de prática de uma hospitalidade idônea para criar uma cultura de acolhimento, de busca do belo e da sabedoria, de que é rica a tradição bíblica e cristã” (CNBB, 2009, p. 197).

No que se refere às atividades turísticas, sob o ponto de vista da Igreja, estas nem sempre se desenvolvem em conformidade com as tradições do lugar que acolhe, não sendo respeitadas, por vezes, as suas normas e práticas morais e culturais. O contato do turista com a população visitada envolve modos de vida distintos que podem se confrontar, originando tanto relações positivas quanto interações marcadas pela desigualdade e pelo domínio. Assim, o turismo representa, para a comunidade que acolhe, de um lado, oportunidades e esperança e, de outro, riscos e preocupação (CNBB, 2009). Quanto às relações entre a Igreja e o turismo, esta o considera como um “[...] grande campo de trabalho” (CNBB, 2009, p. 235), em que, perante um espírito crítico e um trabalho atuante, é preciso conscientizar a sociedade e o mundo das consequências advindas da irresponsabilidade e do egoísmo com que, por vezes, é conduzida a atividade.

A Igreja envolve-se com o turismo, acolhendo os turistas e acompanhando-os em sua busca da beleza e do repouso, devido ao fato de sua missão consistir em “[...] dar um rosto humano ao turismo” (CNBB, 2009, p. 235), afinal, esse fenômeno refere-se à mobilidade humana, cujo aspecto central é a pessoa. Sendo assim, como é ressaltado por João Paulo II, “[...] o homem é a primeira via que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão”, (CNBB, 2009, p. 236).

A Santa Sé e a Igreja dedicam, assim, especial atenção ao turismo, preocupando-se com os problemas a ele relacionados e refletindo sobre suas responsabilidades perante esse fenômeno, pois entendem que “[...] o correto desenvolvimento do turismo não pode prescindir do respeito aos valores morais e espirituais” (CNBB, 2009, p. 163). Além disso, a Igreja reconhece a sua não competência no que se refere aos aspectos técnico-profissionais do turismo, mas é capaz de acompanhá-los na dialética dos debates que são promovidos, podendo contribuir, nesse campo, com uma palavra orientadora adequada (CNBB, 2009).

A Igreja, do mesmo modo, destaca que o desejo de buscar um sentido para a vida é intrínseco aos seres humanos, sendo que cada um quer ser artífice do seu destino. Por isso, a vida pode ser definida como uma peregrinação. As pessoas viajam em peregrinação na busca de encontrar um sentido para a própria existência, bem como conforto e paz interior (KRIEGER, 2007).

Inserida no âmbito desse turismo que seria caracterizado como religioso, encontra-se a Pastoral das Peregrinações, uma vez que os santuários, além de meta de peregrinação de cristãos, tornaram-se também, na atualidade, o destino de um grande número de turistas, assim como as catedrais, os mosteiros e os antigos caminhos de peregrinação, os quais exercem grande atração sobre o ser humano. Dessa forma, nas peregrinações, não só se realizam visitas a lugares religiosos, mas também são previstos, por organizadores ou por peregrinos, momentos dedicados a visitas culturais e ao repouso.

Cabe lembrar que, para Krieger (2007), peregrinos e turistas apresentam posições e atitudes distintas, sendo que, sob esse entendimento, um peregrino não é um simples turista. Por conseguinte, o incentivo à e o cuidado com a visitação de lugares sagrados é tão importante quanto a preparação daqueles que realizarão a peregrinação. “Caso contrário, esvazia-se a experiência e transforma-se o peregrino em um simples turista” (KRIEGER, 2007, p. 6). A Igreja, do mesmo modo, preocupa-se com a acolhida daqueles que visitam os santuários. Nesse sentido, “Se for oferecido um acolhimento adequado [...] [aos] visitantes, eles poderão fazer uma profunda experiência de fé” (KRIEGER, 2007, p. 5-6). Portanto, a Igreja vê o turismo como uma oportunidade de evangelização e, se o turista receber uma acolhida adequada e uma preparação para a peregrinação, ele poderá converter-se em peregrino e vivenciar uma verdadeira experiência religiosa. Senão, essa experiência será somente turística, não apresentando o envolvimento religioso almejado.

Na perspectiva da Igreja, “Nos santuários e lugares sagrados, a prática da acolhida se faz ainda mais necessária” (CNBB, 2009, p. 8), pois a motivação de muitos turistas que os procuram pode focalizar não somente o sentimento religioso, mas também os aspectos culturais, históricos ou de descanso. Sendo assim, para a Igreja, essas visitas podem representar, para muitos turistas, a única oportunidade de conhecer a fé cristã. Por isso, é importante que eles recebam ajuda e apoio pastoral (CNBB, 2009). A acolhida em lugares de sentido especificamente religioso requer, então, muita atenção devendo esta ser adaptada a esses visitantes, sendo diferenciada daquela oferecida aos que vêm ao santuário em peregrinação. Contudo, desde que haja respeito à identidade religiosa do lugar e ao sentido da peregrinação, nenhum visitante pode ser excluído ou marginalizado. No caso dos lugares

religiosos que possuem valor artístico ou histórico (catedrais, mosteiros, igrejas), a acolhida, além de proporcionar informação histórica ou artística, precisa manifestar a identidade e a finalidade religiosa do lugar, ou seja, nos lugares sagrados que possuem patrimônios religiosos e culturais, é importante que estes sejam colocados à disposição dos turistas e visitantes, sempre, contudo, buscando propiciar um ambiente de respeito e religiosidade. No que se refere a outras manifestações da fé, que atraem turistas, especialmente, pela sua tradição popular, a acolhida, outra vez, precisa estar presente, procurando manter o sentido religioso dessas manifestações (CNBB, 2009). Desse modo, o turismo realizado em lugares de interesse religioso representa “[...] uma oportunidade para que a Igreja exerça sua atividade evangelizadora, além de favorecer momentos de espiritualidade e de contato com o sobrenatural” (CNBB, 2009, p. 220).

Tanto o turista que viaja em busca de conhecer novas terras, culturas e pessoas, quanto o peregrino que viaja a procura de uma experiência religiosa em santuários, lugares de tradições religiosas ou celebrações, usufruem de meios de transporte, serviços de hospedagem e restauração, adquirem objetos e lembranças. Assim, as peregrinações, aproximando-se do turismo, também envolvem uma série de necessidades que, na verdade, estão presentes em qualquer viagem. Contudo, é preciso lembrar que aqueles que participam das romarias desejam, sobretudo, rezar, mesmo que para muitos deles a peregrinação represente uma das maneiras de realizar uma viagem e conhecer lugares sagrados sem despender grandes valores (KRIEGER, 2007). Dessa forma, o peregrino “[...] sente-se atraído por determinados lugares; volta renovado da experiência feita; e quer voltar para lá o quanto antes” (KRIEGER, 2007, p. 7).

Em se tratando das peregrinações, estas sempre ocuparam um lugar importante na vida do cristão, que, ao longo dos tempos, se colocou a caminho para celebrar a sua fé nos lugares dotados da memória do Senhor, naqueles que marcaram a história da Igreja ou nos santuários dedicados a Maria ou aos Santos. As peregrinações envolvem, assim, entre outros elementos, processo de conversão, busca pela intimidade com Deus e súplica em favor das necessidades (CNBB, 2009). Esse fenômeno que se estende pelos séculos representa “[...] o sinal de um mais vasto e universal mover-se da humanidade” (CNBB, 2009, p. 108).

A peregrinação é vivida pelo cristão como “[...] celebração da própria fé, [...] é uma manifestação cultural a ser realizada com fidelidade à tradição, com sentimento religioso intenso” (CNBB, 2009, p. 113). Sob esse entendimento, a Igreja destaca, na dinâmica da peregrinação, algumas etapas a ela inerentes, que se fazem presentes na experiência do peregrino, como a partida, o caminho, a visita ao santuário, o retorno. Essas etapas da

peregrinação podem ser vividas tanto em grupo quanto individualmente e precisam apresentar atos culturais que expressem a sua autenticidade. Sendo assim, é importante que os aspectos que envolvem as peregrinações respeitem as tradições de cada povo bem como as condições dos peregrinos (CNBB, 2009). No que se refere ao papel das pastorais frente às peregrinações, é destacado que “A ação pastoral deve fazer com que, através das características próprias de cada peregrinação, o crente realize um itinerário essencial da fé” (CNBB, 2009, p. 114).

Para a Igreja, a peregrinação, nos múltiplos aspectos que encerra, sempre foi “[...] um maravilhoso dom de graça” que, no mundo atual, marcado pela intensa mobilidade, está adquirindo um novo impulso (CNBB, 2009, p. 90). Nesses termos, a Igreja tem presente que, acima de tudo, “[...] a evangelização é a razão última para a Igreja propor e encorajar a peregrinação, a fim de a tornar uma profunda e amadurecida experiência de fé” (CNBB, 2009, p. 90)

A variedade de percursos e as múltiplas motivações presentes nas peregrinações são, de igual forma, aspectos que chamam a atenção. Nesse universo, a Igreja entende que se configura uma rede de percursos, em que

Alguns são religiosos, no sentido mais direto do termo, e têm como meta cidades e santuários, mosteiros e sedes históricas; noutros casos, a busca dos valores espirituais manifesta-se no movimento rumo aos lugares naturais de rara beleza, ilhas ou desertos, cumes ou profundidades dos abismos marinhos. Esta complexa geografia do mover-se da humanidade contém em si o germe de um anseio radical por um horizonte transcendente de verdade, de justiça e de paz, e testemunha uma inquietude que tem no infinito de Deus o porto onde a pessoa se pode refazer das suas angústias (CNBB, 2009, p. 111).

Quanto a um dos principais lugares para o qual se dirige o peregrino, ou seja, o santuário, este “[...] deve tornar-se por excelência ‘a tenda do encontro’, [...]. Lá, de fato, acontece um encontro fundamental que revela várias dimensões e se apresenta sob múltiplas feições” (CNBB, 2009, p. 113). Assim, a peregrinação, suscita, além da convivência com outras pessoas, promovendo o caminhar juntas, o encontro pessoal com Deus e consigo mesmo, possibilitando redescobrir-se por meio da reflexão, da meditação, da oração e do silêncio, tornando, dessa forma, a viagem não só “[...] um movimento do corpo, mas também um itinerário da alma” (CNBB, 2009, p. 124). Ainda, é importante lembrar que, com frequência, a peregrinação representa o encontro com Maria, Mãe de Jesus, a quem o peregrino venera, devota e manifesta seus sentimentos, recorrendo a ela como sua companheira de peregrinação (CNBB, 2009). Por sua vez, os santuários marianos adquirem relevante importância perante a Igreja e seus devotos, pois, como afirma João Paulo II, “Os

santuários marianos são como que a casa da Mãe, etapas de paragem e de repouso no longo caminho que leva a Cristo [...]” (CNBB, 2009, p. 148).

Nos santuários, portanto, recebe-se a todos, e, em particular, o hóspede, o estrangeiro, aquele que professa outra religião ou aquele que não tem religião. Assim, a experiência da peregrinação precisa ser sustentada “[...] por um adequado acolhimento dos peregrinos ao santuário, que tenha em conta o que é específico de cada grupo e de cada pessoa, as expectativas dos corações e suas autênticas necessidades espirituais” (CNBB, 2009, p. 149). Esse acolhimento pode manifestar-se de diversas maneiras compreendendo “[...] desde os simples detalhes até à disponibilidade pessoal para a escuta, passando pelo acompanhamento durante o tempo que durar aquela presença” (MENSAGEM..., 2011, s.p.).

No que tange às estruturas de acolhimento e os serviços oferecidos, bem como as comunicações e os transportes, estes necessitam ser organizados e dispostos com dignidade, atenção e amor, sendo que, em especial, aos peregrinos doentes, o acolhimento dispensado precisa ser revestido da mais calorosa hospitalidade (CNBB, 2009). Também, reforçando a importância do acolhimento, inclusive perante aos crentes de outras religiões que peregrinam tendo como meta os santuários cristãos, a Igreja entende que “O acolhimento reservado aos peregrinos ajudá-los-á, sem dúvida, a descobrir o sentido profundo da peregrinação” (CNBB, 2009, p. 122).

Aproximando a peregrinação do turismo, a Igreja observa que, em vista de alguns aspectos,

[...] cada peregrinação revela um aspecto de turismo religioso, que deve ser cuidado não só para o enriquecimento cultural da pessoa, mas também para a plenitude do espírito. A contemplação da beleza é fonte de espiritualidade. Por isso, ‘os documentos votivos da arte popular e da piedade sejam conservados em lugar visível nos santuários ou em locais adjacentes, e sejam guardados com segurança’. Ao peregrino devem ser mostrados, por meio de guias ou subsídios, esses tesouros, para que, através da beleza artística e da espontaneidade dos testemunhos seculares de fé, ele possa cantar a Deus a sua glória e a sua esperança [...] (CNBB, 2009, p. 125).

A presença da Igreja no turismo é marcada pelo olhar do Bom Pastor, sendo que quanto maiores os investimentos na Pastoral do Turismo e, em particular, nas peregrinações, maior será a evangelização promovida pela Igreja. Por isso, ela percebe a necessidade de intervir/fazer-se presente em diversas áreas e grupos, como nos lugares turísticos, nos agentes de turismo (para que atuem de acordo com princípios éticos) e nos que vivem em lugares turísticos (para que sejam respeitados e tenham condições de trabalho e amparo) (KRIEGER, 2007).

No contexto das relações entre Igreja e Turismo, cabe ressaltar ainda que, a cada ano, desde 1980, no dia 27 de setembro, a Organização Mundial do Turismo (OMT) vem promovendo a Jornada Mundial do Turismo, e a Pastoral do Turismo, tendo como um de seus princípios divulgar a visão cristã do turismo e o humanismo a ele inerente, em parceria com as instâncias públicas e privadas que atuam no turismo, não poderia deixar de estar envolvida nessa Jornada. Assim, a Santa Sé participa da Jornada desde a sua primeira edição e mantém uma Missão de Observação Permanente diante da Organização Mundial do Turismo, unindo a Igreja à celebração dessa Jornada, atribuindo-lhe um sentido espiritual, especialmente, por ocasião das Mensagens do Papa. Da mesma forma, a Igreja compartilha dos princípios do Código Ético Mundial do Turismo, adotado em 1999 pela OMT, que considera as diversas motivações para o turismo, fazendo referência, também, às viagens por motivos religiosos, como as peregrinações e as visitas aos santuários.

Quanto à Jornada Mundial do Turismo¹², a edição do ano de 2011 teve como tema “Turismo e aproximação das culturas”, sublinhando a importância das viagens na promoção do encontro entre as diversas culturas. Na mensagem do Vaticano para a Jornada Mundial do Turismo, o turismo é considerado como uma ocasião privilegiada e um favorecedor do encontro e do diálogo, pois permite o contato com outros lugares, tradições, modos de viver, de ver o mundo e de conceber a história. Essa concepção pode ser melhor compreendida a partir de um dos trechos extraídos dessa mensagem (MENSAGEM..., 2011, s.p.), em que se ressaltam tanto os papéis da comunidade que acolhe, quanto dos turistas e visitantes, sobretudo no que tange aos valores da escuta e do respeito. Assim, conforme esse documento,

[...] para dialogar, a primeira condição que se exige é a de saber escutar, querer ser interpelado pelo outro, querer descobrir a mensagem que encerra cada monumento, cada manifestação cultural, desde o respeito, sem prejuízos nem exclusões, evitando leituras superficiais ou tendenciosas. Assim, é tão importante o "saber acolher" como o "saber viajar". Isso implica que as atividades turísticas devam organizar-se a partir do respeito pelas peculiaridades, leis e costumes dos países acolhedores, pelo que os turistas deverão recolher informação, antes da partida, acerca das características do lugar que vão visitar. Mas também as comunidades que acolhem e os agentes profissionais deverão conhecer as formas de vida e as expectativas dos turistas que os visitam.

Em síntese, a partir das reflexões aqui trazidas sobre as relações entre a Igreja (no presente caso, representada pela CNBB/Pastoral do Turismo) e o turismo, é possível levantar

¹² No ano de 2012, as celebrações oficiais do Dia Mundial do Turismo, promovidas pela OMT, foram realizadas na cidade de Maspalomas, localizada no arquipélago das Canárias, na Espanha, e tiveram como tema “Turismo e sustentabilidade energética: propulsores do desenvolvimento sustentável” (OMT, 2012).

alguns elementos principais que as caracterizam. Pode-se dizer que o turismo representa, para a Igreja, uma possibilidade de evangelização tornada possível, sobretudo, pela hospitalidade com que o turista é recebido nos santuários ou nos locais de visitação religiosa. O acolhimento dispensado aos turistas poderá, assim, ajudá-los a despertar para o sentido profundo da peregrinação, permitindo-lhes transformar a experiência turística em uma experiência de fé. De fato, percebe-se o destaque que a Igreja confere à hospitalidade, ressaltando a importância, em diversos aspectos, da acolhida aos turistas, pois entende o turismo como um tempo de encontro, de convivência, de solidariedade, de respeito (com o outro e consigo mesmo). Tendo em conta esse entendimento do turismo, centrado nas pessoas, a Igreja busca atribuir uma configuração humana a esse fenômeno, sobretudo porque compreende a condição de *homo viator*, inquieto por natureza, que necessita deslocar-se, viajar, encontrar-se com outros, conhecer lugares, na busca de satisfazer desejos e viver novas experiências.

2.3 HOSPITALIDADE¹³

2.3.1 Breves incursões conceituais

A hospitalidade, considerada um dos núcleos conceituais a serem chamados na análise das relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS, surge como campo científico emergente e complexo. Ela remonta há vários séculos e civilizações, associando-se a aspectos sociais e religiosos (BUENO, 2003). Portanto, está presente no pensamento mítico, religioso e científico de diversos povos, como um dever, uma virtude e um direito (CAMARGO, 2002).

A palavra “hospitalidade”, da forma como é utilizada hoje, apareceu pela primeira vez na Europa, em meados do início do século XIII (GRINOVER, 2002). Advinda da expressão latina *hospitalitas-atris*, a noção de hospitalidade engloba diversos sentidos, mesclando comportamentos, atos, qualidades e virtudes como: hospedar; acolher; recepcionar; ser gentil, cortês, generoso; entre outros (DIAS, 2002).

Apesar de grande parte das definições associarem a hospitalidade com a abertura para o acolhimento (BUENO, 2003), ela pode ser abordada de diversos ângulos, de acordo com as suas várias articulações, caracterizando-se como um enorme desafio, devido à “[...]”

¹³ Ver nota, página 20, do item “Considerações Introdutórias”.

multiplicidade de contextos sociais, situações e lugares a que ela tem sido associada, assim como à variabilidade do grau de complexidade e dos tipos de enfoques pelos quais ela pode ser estudada” (GIDRA; DIAS, 2004, p. 121).

Partilhando desse entendimento, Paula (2002, p. 70) aponta que “A hospitalidade é apresentada sob diversas formas por diferentes autores, e por meio de inúmeros conceitos, tais como: confortabilidade, receptividade, liberalidade, sociabilidade, cordialidade, dentre outros”, lembrando que “[...] há também quem prefira não adotar nenhum conceito por acreditar que o termo encerra um significado maior do que qualquer palavra possa expressar” (PAULA, 2002, p. 70).

Assim, a hospitalidade, com a característica de ser multifacetada, requer abordagens interdisciplinares e a contribuição de diversas áreas do conhecimento (CRUZ, 2002). Face a tantos conceitos que norteiam as noções a respeito da hospitalidade, procurar-se-á dar destaque a alguns deles, apresentando diferentes abordagens e enfoques, buscando interpretá-los em suas diversas relações. Entre as múltiplas definições de hospitalidade, os pontos em comum que se podem encontrar com mais frequência dizem respeito ao acolhimento, ao bem-receber e ao atender as expectativas e satisfazer os desejos das pessoas.

Gotman (2001) conceitua a hospitalidade como um processo de agregação do outro à comunidade, sendo a inospitalidade o processo inverso. De igual forma, Baptista (2002, p. 157) define hospitalidade como: “[...] um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude do acolhimento em relação ao outro”, representando a disponibilidade da consciência para acolher a realidade fora de si. Gidra e Dias (2004), também enfatizam a noção de hospitalidade enquanto fenômeno caracterizado pela relação entre dois protagonistas. Seguindo a mesma linha de pensamento, Dencker (2003, p. 146) defende a ideia de que a hospitalidade é uma “[...] forma de receber o outro, de exercitar a alteridade, de conviver com as diferenças dentro de parâmetros de respeito, tolerância e reciprocidade”. Sansolo (2004, p. 179) também reforça a ideia de que a hospitalidade envolve aspectos essencialmente humanos, quando destaca que “Ao trilharmos o caminho na busca pela conceituação sobre a hospitalidade procuramos evidenciar que se trata, antes de tudo, de um valor humano construído socialmente e codificado culturalmente”.

Os conceitos citados exemplificam os diferentes enfoques que podem ser encontrados em estudos sobre hospitalidade e revelam que, atualmente, esse fenômeno associa-se a aspectos mais amplos, englobando muito mais do que o hospedar e o alimentar. Nessa perspectiva, Perazzolo, Santos e Pereira (2013a) sugerem que se façam reflexões à luz de novos aportes teóricos de áreas que estabeleçam interfaces com o turismo, como é o caso

da psicologia. As autoras, conforme referido na página 35 (item 2.2), propõem que a hospitalidade seja entendida como um eixo fundante do turismo, na medida em que se parte do princípio de que é a dimensão humana que caracteriza o valor essencial do turismo. Nesse sentido, na base da hospitalidade/acolhimento “[...] estaria a disposição de acolher o outro na sua singularidade, de respeitá-lo, de conhecê-lo, sem imposições *a priori*, de forma ‘incondicional’ [...]”. Isso porque “[...] em impondo seu espaço, suas normas, sua cultura, o acolhedor estaria acolhendo apenas, a si mesmo, na direção de seu próprio prazer” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 145, tradução nossa).

Dessa forma, pode ser concebido como fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido. O acolhimento, então, é compreendido como fenômeno relacional e não como um comportamento ou um simples ato humano. Portanto, de acordo com as pesquisadoras, hospitalidade

[...] não seria apenas o ato de acolher, supondo um único vértice do processo. Tampouco seria a expressão do desejo de um ou de outro sujeito situado em qualquer um dos polos da interação, e, também, não seria apenas o produto da relação direta que estabelecem. Hospitalidade ou acolhimento seria, nessa perspectiva, uma área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos circunstanciais (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 146, tradução nossa).

Sob esse ponto de vista, para que haja acolhimento, é preciso que se estabeleça uma troca entre os sujeitos envolvidos nessa interação, ou seja, “[...] ambos os sujeitos têm que se ajustar dinamicamente na interação de suas necessidades” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013a, p. 146, tradução nossa). A hospitalidade encontra-se na relação com o outro, sendo marcada pela percepção mútua dos desejos que são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em uma nova mensagem dotada de novos significados, estabelecendo-se, assim, um ciclo interativo que permite a geração de novos saberes (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012). “Nesse processo, acolhedor e acolhido se distanciam progressivamente de demandas autocentradas e de verdades *a priori*, ou seja, de seus desejos e convicções prévias, voltando-se um para o outro, abertos a novos saberes” (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 6). A hospitalidade, em sua expressão autêntica, da relação recíproca e afetiva entre os seus protagonistas, requer, então, a presença das dimensões: relação, desejo, prazer e afetividade.

Acrescentando outras perspectivas ao estudo da hospitalidade, Santos, Perazzolo e Pereira (2012) enfatizam que no âmbito das relações de acolhimento encontram-se experiências vividas por sujeitos primariamente acolhidos e primariamente acolhedores. Na proposição dessa ideia, as pesquisadoras procuram destacar posições iniciais para o sujeito acolhedor e para o acolhido, os quais, a partir de um processo de alternância relacional, ou seja, da instauração do fenômeno da hospitalidade, transformam-se, ao mesmo tempo, em sujeitos que acolhem e são acolhidos. Sob esse entendimento,

O turista, assim, está, primariamente, na posição de quem se desloca em busca de conhecer (o conhecer pode adquirir diferentes formas, como as de “adquirir” o novo, “ver” o novo, “viver” o novo). O acolhedor, por outro lado, está, primariamente, na posição de quem recebe o visitante. No entanto, destaque-se que se trata de uma condição primária, pois, se o acolhimento ocorre, acolhedor e acolhido se alternam o tempo todo. Em síntese, embora nem sempre alinhado no tempo e no espaço, é o processo de interação, constituído na forma de trocas que envolvem moeda, produtos, afetos e saberes, que efetiva e potencializa o fenômeno turístico (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 4-5).

No que se refere aos espaços (estrutura física e cultural) nos quais as relações interpessoais se instauram, estes, assim como os serviços e os equipamentos, quando preparados, fazem parte da atenção para com o outro, estando afetos à dimensão humana do turismo. Assim, o espaço instaura uma “linguagem” que pode ratificar ou abalar essas relações. Essa ideia vai ao encontro do pensamento desenvolvido por Cruz (2002, p. 39), que considera a hospitalidade como “[...] um fenômeno muito mais amplo, que não se restringe à oferta, ao visitante, de abrigo e alimento, mas sim ao ato de acolher, considerado em toda sua amplitude”. Desse modo, a hospitalidade “Envolve um amplo conjunto de estruturas, serviços e atitudes que, intrinsecamente relacionados, proporcionam bem-estar ao hóspede” (CRUZ, 2002, p. 39).

Portanto, numa definição mais abrangente de hospitalidade, estariam aspectos interpessoais e espaciais. Afinal, se a hospitalidade equivale a acolhimento, os espaços e seus elementos estruturais também fazem parte deste, juntamente com o elemento humano. Sendo assim, é possível perceber que a hospitalidade está, de igual modo, intrinsecamente relacionada com o espaço, englobando muito mais do que uma atitude cordial. Trata-se, portanto, da hospitalidade instaurada a partir das relações entre as pessoas e com o espaço.

Também as relações da hospitalidade com o espaço têm sido interpretadas sob diferentes ângulos. Cruz (2002, p. 40), “[...] considerando que parte da hospitalidade é fruto da organização socioespacial dos lugares”, julga que: “Alguns lugares são mais hospitaleiros

do que outros e isso possivelmente se dá em função da dimensão socioespacial subjacente ao ato de acolher um visitante”. Seguindo essa linha de estudo, Sansolo (2004) revela o desafio que é tratar da relação entre espaço e hospitalidade, propondo o debate a respeito do planejamento e da organização dos espaços que recebem pessoas, de modo especial, o lugar turístico.

Um espaço pode ser preparado para ser hospitaleiro, significando assim, uma disposição inicial para o acolhimento. Mas, se não houver as relações essenciais para a configuração do fenômeno da hospitalidade, como as trocas e as interações entre os envolvidos, incluindo o espaço nessas relações, esse lugar pode não ser verdadeiramente hospitaleiro, ou seja, pode não acolher se não houver reciprocidade nas relações estabelecidas. Então, a preparação de um lugar para a hospitalidade não implica, necessariamente, que este seja realmente hospitaleiro.

No intuito de deixar reiterada a dimensão humana da hospitalidade, sintetizando as reflexões até aqui feitas, caberia destacar, literalmente, o que assinala Isabel Baptista (2002, p. 162):

[...] as práticas da hospitalidade deverão marcar todas as situações da vida, ou seja, a hospitalidade não deverá ficar circunscrita à disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está provisoriamente na cidade. Pelas razões de ordem ética [...], é necessário alargar a atitude de acolhimento e de cortesia a todo o próximo, seja ele o vizinho, o colega de trabalho ou qualquer outro que no dia-a-dia cruza nosso caminho.

Baptista (2002) confere o mesmo destaque à necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade, bem como de transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade. Em síntese, a partir das reflexões realizadas é possível compreender que “A hospitalidade pode dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e os espaços que nos coube viver” (BAPTISTA, 2002, p. 161).

Pelo fato de a romaria realizar-se em um espaço religioso (no presente caso, o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio), e de as relações de hospitalidade serem, igualmente, marcadas por um contexto religioso, na sequência será abordada a relação entre hospitalidade e dimensão religiosa.

2.3.2 Hospitalidade e Dimensão Religiosa

A hospitalidade sempre apresentou um vínculo muito forte com a religião. Talvez esse vínculo se mostre mais fortalecido em alguns momentos (como no passado) e, menos, em outros. Contudo, sabe-se que a hospitalidade “[...] remonta a antigas civilizações, como a grega, e aparece com frequência associada a questões religiosas sobretudo no cristianismo [...]” (WADA, 2003, p. 63). De acordo com Dias (2002, p. 98) “Desde o início da civilização, os gestos de recepção e hospitalidade, muitas vezes sem a contrapartida do pagamento, parecem cercados por uma aura divina – como na Grécia antiga [...]”.

Conforme a tradição, conceder uma atenção sem medidas aos estrangeiros, era prática comum. Porém, essa prática consolidou-se com a proposição cristã de pregar o amor ao próximo, sendo que, a partir do século XVII, essas origens da hospitalidade na tradição judaico-cristã eram muito difundidas nos sermões (DIAS, 2002). Dessa forma, pode-se dizer que “[...] a hospitalidade é uma necessidade que os tempos e a crença em Deus elevaram a um *status* de virtude Sagrada” (DIAS, 2002, p. 101). Ainda, segundo a autora, na Bíblia há várias passagens referindo-se a virtudes da hospitalidade, pregando que, independentemente das circunstâncias que se apresentarem, é preciso sempre ser hospitaleiro.

É possível perceber a força da ligação entre hospitalidade e religião, também, na seguinte passagem, aqui transcrita literalmente:

A hospitalidade foi e ainda é o princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas, desde os primeiros beneditinos e cistercienses, cujos mosteiros até hoje cultuam as regras originais da hospitalidade [...], até as mais recentes ordens e congregações religiosas. De resto, a noção de hospitalidade coaduna-se com os princípios básicos de todas as religiões e todas elas, sem exceção, têm um lugar de destaque para a idéia de hospitalidade (CAMARGO, 2002, p. 5-6).

De fato, como já mencionado anteriormente, a hospitalidade era considerada, entre os primeiros cristãos, como um dever, uma expressão de caridade, uma virtude humana e cristã, um direito do estrangeiro, uma forma de chegar a Deus, um dom e uma oportunidade para praticar o bem e reparar os pecados (CNBB, 2009).

Em se tratando de lugares de conotação religiosa, como os santuários, por exemplo, uma das dimensões que envolvem a hospitalidade em espaços religiosos seria o acolhimento proporcionado por Deus ou pelos Santos de devoção. Nessa perspectiva, os romeiros, ao visitarem o santuário, buscam um meio de tornar reais os seus desejos. “São os mistérios e os enigmas que fazem parte da vida dos romeiros, que acreditam nos milagres, cultuam os

Santos de sua devoção como uma forma de oração, de chegar mais perto de Deus” (LUCENA FILHO, 2003, p. 3). Nessa relação que os romeiros estabelecem com Deus, com Maria ou com os Santos, são elementos presentes as promessas, os milagres, as graças alcançadas e as oferendas materializadas nos ex-votos que testemunham “[...] a comunicação tentada entre o romeiro e o Santo de sua devoção, no plano religioso, portanto, no decurso da ação física de propiciar uma oferta material, com a qual o romeiro comunica o seu agradecimento ao ser divino pela graça alcançada” (LUCENA FILHO, 2003, p. 5).

O espaço religioso afirma-se como um local marcado por elementos sacralizados, pertencente a alguma divindade superior, quando não ao próprio Deus. Sendo assim, “[...] na visita religiosa, o lugar é um espaço sagrado; todos são visitantes para a divindade que os acolhe [sejam eles turistas, romeiros ou moradores]” (OLIVEIRA, 2003, p. 123).

Essa é uma forma de hospitalidade que talvez não possa ser experienciada por todos, pois depende da fé de cada indivíduo, mas também, é um acolhimento cuja existência não parece possa ser negada. Afinal, trata-se de um ser superior/divino no qual, muitas vezes, as pessoas vão buscar apoio, auxílio, conforto etc. e, para isso, é necessário que se instaure uma conexão entre a pessoa e “Deus”, “Maria” ou “Santo”, numa estreita relação com religiosidade e espiritualidade. Oliveira (2004) ressalta que a visita à maioria dos santuários pode representar um gesto de retribuição permeado por algum significado espiritual.

Retomando o entendimento de que, além das relações interpessoais, o espaço e sua estrutura também podem contribuir para a configuração da hospitalidade e, de que a organização socioespacial dos lugares subjacente ao ato de acolher um visitante pode representar um dos elementos que concorrem para a hospitalidade, cabe refletir sobre algumas das relações existentes entre o espaço religioso e as estruturas que o compõem.

Embora, originalmente, as antigas peregrinações cristãs tinham como principal motivação os aspectos espirituais, não dependendo de condições técnicas e ambientais ligadas aos serviços turísticos, atualmente, “[...] os santuários cristãos são reconhecidos como centros privilegiados de evangelização e dotados paulatinamente de infra-estrutura cada vez mais compatível com a demanda e as necessidades gerais do peregrino” (OLIVEIRA, 2004, p. 24). Segundo o autor, “[...] o Papa Paulo VI denominava os santuários da Cristandade como *clínicas do espírito*, ou seja, lugares tecnicamente complexos e cada vez mais exigentes de um conjunto de serviços e equipamentos que atendam diferentes variáveis da demanda realizada” (OLIVEIRA, 2004, p. 24, grifo do autor). Sendo assim, é possível observar que a Igreja está consciente das necessidades daqueles que visitam os espaços religiosos, preocupando-se com a infraestrutura a eles oferecida, uma vez que “[...] o modelo de desenvolvimento turístico dos

santuários vem sendo atualizado por uma convergência de fatores técnicos que incluem a própria perspectiva pastoral das lideranças das Igrejas Cristãs [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 25).

Essas considerações levam à compreensão de que, cada vez mais, a infraestrutura dos espaços de visitação religiosa (instalações, diversidade de elementos e equipamentos, condições de atendimento social e pessoal etc.) surge como elemento de hospitalidade.

De acordo com Ribeiro (2003), Aparecida do Norte é constantemente citada como um dos exemplos brasileiros, no que diz respeito ao que se vem denominando de turismo religioso e às formas de organizar-se para bem acolher. Da mesma maneira, Oliveira (2004, p. 47) destaca que Aparecida vem se apresentando como um exemplo da “[...] religiosidade permeada do fazer turístico”. Segundo o autor (OLIVEIRA, 2004, p. 47), “[...] ali o turismo religioso vai ganhando uma importância estrutural em várias frentes: no fortalecimento dos esquemas de segurança, no aprimoramento dos sistemas de sinalização e informação, na valorização detalhada dos traços estéticos, etc.”, sendo que o atendimento em busca da qualidade advém da cooperação de várias equipes e comissões de trabalho.

Desse modo, a exemplo de Aparecida, boa parte dos santuários brasileiros dispõe de uma estrutura que contempla: sala de ex-votos (que guarda objetos de promessas e agradecimentos), lojas (de artigos religiosos e diversos), confessionários, áreas de passeio e de estacionamento, centro de apoio ao romeiro, equipamentos de alimentação e hospedagem, comércio informal, entre outras estruturas e serviços – caso do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio.

Isso posto, o pensar a hospitalidade na Romaria de Caravaggio, além da cultura religiosa ali instituída, que carrega marcas de valores, saberes e conhecimentos produzidos e apropriados, ele inclui também, serviços disponibilizados e processos de gestão. Sendo assim, há que se pensar hospitalidade numa perspectiva coletiva de acolhimento, sendo, por isso, o conceito de Corpo Coletivo Acolhedor, proposto por Santos, Perazzolo e Pereira (2012) incluído no conjunto das reflexões e apresentado a seguir.

2.3.3 Corpo Coletivo Acolhedor

O conceito de Corpo Coletivo Acolhedor é proposto pelas autoras com base no entendimento de que a relação de hospitalidade compreende sujeitos tanto na perspectiva singular quanto na coletiva. Nesses termos, o acolhimento, em sua forma singular abrange o encontro empreendido por corpos humanos da mesma natureza. Já o acolhimento na perspectiva coletiva, por sua vez,

[...] envolve a participação de um sistema complexo no jogo das relações, constituído por grupos humanos, por suas organizações estruturais e funcionais; seus elementos do entorno; seus recursos internos disponíveis ou passíveis de serem explorados; suas trajetórias históricas, constitutivas dos valores, da cultura e dos processos adotados para a transmissão, e seus projetos de futuro (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 7).

Assim, o acolhimento na perspectiva coletiva, em síntese, envolveria relações/interações entre visitantes e comunidades. O Corpo Coletivo Acolhedor corresponde, então, ao “[...] corpo que se personifica na representação evocada por seu nome, e que dá forma e identidade às comunidades” (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 8).

O conceito proposto tem por base o entendimento de que a estruturação de um corpo social de um grupo, uma comunidade, abarcando elementos tangíveis e intangíveis, se dá pela interligação de, pelo menos, três vértices: trocas/serviços; conhecimento/cultura; organismo gestor. No espaço delimitado por essa triangulação é que se organizam e se desenvolvem o fenômeno do acolhimento e as práticas de hospitalidade. Conforme as propositoras, as dimensões fundamentais do tecido social (concebido como um sistema) são aglutinadas por esses vértices, os quais correspondem ao conjunto dos serviços disponibilizados no âmbito das relações internas/externas; ao organismo gestor, de natureza operacional, pública e privada; e ao capital cultural, conhecimento gerado, compartilhado e transmitido pelo grupo/comunidade.

Dessa maneira, o modelo do Corpo Coletivo Acolhedor permite “[...] o estudo do fenômeno do acolhimento/hospitalidade no contexto das relações em que um dos corpos se constitui coletivamente” (SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 3).

Detalhando um pouco mais cada um desses vértices, o primeiro, o conjunto dos serviços, corresponderia à rede de trocas comerciais e econômicas, envolvendo segmentos como a alimentação, o vestuário, os presentes, a restauração, a hospedagem, a saúde, a educação, a segurança, entre outros âmbitos. O segundo vértice, o organismo gestor (de ordem operacional, pública e privada) seria o responsável pela administração dos recursos e pela disponibilização de elementos correspondentes à infraestrutura, à manutenção e ao desenvolvimento do corpo social, como: acessos, pavimentação, deslocamentos, transportes, saneamento, comunicações, informações, lazer, saúde, educação, entre outros elementos. O terceiro vértice, o capital cultural, se relaciona diretamente com o conhecimento produzido, compartilhado e transmitido pela comunidade e “[...] envolveria o conjunto de valores, saberes e os respectivos mecanismos de transmissão, bem como o processo de produção e socialização dos conhecimentos formais e informais apropriados pelas comunidades”

(SANTOS; PERAZZOLO; PEREIRA, 2012, p. 10), incluindo crenças, hábitos, legados e valores.

Contudo, ressalte-se que é na interdependência desses três vértices que se constitui o Corpo Coletivo Acolhedor que se relacionará com o turista, no presente caso, com o romeiro de Caravaggio. Analisar a hospitalidade na Romaria sob a ótica desse romeiro parece, pois, apontar para essa relação como um elemento importante a ser considerado, juntamente com os outros aportes teóricos aqui trazidos como referentes analíticos.

3 A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO E A ROMARIA AO SANTUÁRIO

3.1 A ORIGEM DA DEVOÇÃO – ITÁLIA

Conta a história que, no ano de 1432, em uma pequena cidade do norte da Itália, denominada Caravaggio, Nossa Senhora teria aparecido milagrosamente para ofertar suas graças a uma camponesa de nome Joaneta. Na data da aparição, Joaneta tinha trinta e dois anos de idade. Era uma camponesa devota e piedosa, muito maltratada pelo marido Francesco Varoli. O casal era muito humilde e não possuía filhos (ZORZI, 1986).

No dia 26 de maio de 1432, ordenada pelo marido, Joaneta, em meio a lágrimas e a orações, devido aos contínuos maus tratos do marido, vai buscar pasto para os animais em um prado próximo, chamado Mazzolengo (distante 1800 metros de Caravaggio). A camponesa retornava do trabalho, por volta das 5 horas da tarde, carregando um feixe de pasto quando, de repente, surge em sua frente uma senhora de estatura imponente, rosto encantador e aparência de rainha. Vestida com uma roupa rubro-violeta e a cabeça coberta com um véu branco, a Senhora parou junto de Joaneta, a qual se assustou com a presença de tão nobre Senhora, e disse-lhe que não tivesse medo. Então, Nossa Senhora pede a Joaneta que se ajoelhe para receber uma grande mensagem, revela-lhe o seu nome e lhe diz que vem anunciar a paz, tendo conseguido afastar dos cristãos os castigos da Divina Justiça. Ainda, Nossa Senhora pede ao povo que volte a fazer penitência, jejue nas sextas-feiras, vá orar na igreja no sábado de tarde, em agradecimento pelos castigos afastados, e que ali lhe seja erguida uma capela (ZORZI, 1986).

Nesse local, como sinal da Aparição e das graças que ali seriam concedidas, brotou uma fonte de água límpida e abundante. Conta-se que muitas pessoas doentes, ao terem contato com essa água, curaram-se das mais diversas doenças. Diz-se também, que um incrédulo, ao jogar um ramo seco na fonte, este tornou a ser verde e revestiu-se de flores no mesmo instante. É lembrando esse fato que, nas representações das imagens de Nossa Senhora de Caravaggio e de Joaneta, é colocado um ramo florido entre a Virgem e a vidente (ZORZI, 1986).

Quando Nossa Senhora desapareceu aos olhos de Joaneta, esta, transtornada, voltou a Caravaggio e contou, imediatamente, a todos o que se passara, dizendo tudo que vira e ouvira. Como era de se esperar, alguns não acreditaram em suas palavras, debochando dela e acusando-a, mas, outros, acreditando nela, foram até o local da referida Aparição e encontraram uma fonte de água pura e cristalina, que nunca antes tinha sido vista por

ninguém, pois nascera após a Aparição de Nossa Senhora, curando de males e enfermidades aqueles que nela se banhavam. A partir disso, começaram a surgir fiéis que agradeciam a Virgem as graças alcançadas e as contavam para outras pessoas, espalhando a devoção àquela Nossa Senhora (ZORZI, 1986).

Conta-se que, após a Aparição, aquele local brilha e resplandece por muitos milagres e, assim, a devoção vai aumentando, fazendo com que cada vez mais fiéis cristãos de toda parte visitem o local. Dessa forma, construiu-se, com as ofertas e doações dos fiéis, no lugar onde se afirma ter aparecido a Virgem Maria, uma igreja em honra a Nossa Senhora de Caravaggio. Também, foi edificado, junto da mesma igreja, um hospital, cujo nome é Santa Maria (ZORZI, 1986).

Na Itália, continuou crescendo a devoção a Nossa Senhora de Caravaggio. Na cidade de Caravaggio, no local da Aparição, hoje, a antiga igreja dá lugar a um grande Santuário, que é visitado por multidões de peregrinos. Ao longo do tempo foram surgindo vários Santuários de Nossa Senhora de Caravaggio, em diversos lugares da Itália, alguns deles originados por novas aparições (ZORZI, 1986).

Figura 1 – Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, situado em Caravaggio - Itália



Fonte: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/05/como-sera-a-romaria-de-caravaggio-no-santuario-da-italia-4147002.html>

A devoção a Nossa Senhora de Caravaggio foi levada pelos emigrantes, difundindo-se por diversos lugares, inclusive no Brasil. Devido às imigrações do século XIX, essa devoção encontra-se em muitos dos estados do país. De igual forma, os filhos desses imigrantes, nas migrações internas, propagam essa devoção por vários locais do Brasil (ZORZI, 1986).

Assim, um significativo número de cidades brasileiras abriga santuários, paróquias, igrejas e capelas em louvor a Nossa Senhora de Caravaggio. Estes, geralmente, estão localizados em regiões onde a presença de descendentes de imigrantes italianos é mais acentuada. No Rio Grande do Sul destacam-se: o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha; o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio de Saiqui, em Canela. Em Santa Catarina podem ser citados dois locais: o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio de Azambuja, em Brusque; o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio de Nova Veneza, em Nova Veneza. No Paraná, os Santuários mais conhecidos são: o de Toledo, o de Campo Mourão e o de Matelândia. Há também santuários que festejam a Aparição de Nossa Senhora de Caravaggio nos estados do Mato Grosso e do Espírito Santo. Nesses locais têm-se registros de graças alcançadas por devotos e realizam-se romarias que, com o passar do tempo, tornam-se cada vez maiores, tanto em número de participantes quanto em organização e estrutura (ZORZI, 1986).

Portanto, iniciou-se na Itália essa devoção que ultrapassou países e oceanos, vindo a florescer no Rio Grande do Sul por meio dos imigrantes italianos e, perpetuando-se ao longo de séculos.

3.2 A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS, BRASIL

Conforme dados socioeconômicos do município de Farroupilha, constantes do jornal O Farroupilha (Farroupilha, 20 set. 2009), o município de Farroupilha está localizado na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul – Brasil, distante 110 quilômetros de Porto Alegre e a aproximadamente 783 metros de altitude. Emancipado em 11 de dezembro de 1934, possui quase 360 quilômetros quadrados de área e uma população de pouco mais de 63 mil habitantes (IBGE, 2010).

Farroupilha é o Berço da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e a Capital Nacional da Malha. Sedia o maior Santuário da Fé Católica do Estado consagrado a Nossa Senhora de Caravaggio. Possui muitas belezas naturais e destaca-se pela qualidade de vida, pelo desenvolvimento, pelas indústrias e pelo potencial turístico. Em sua economia são representativos os setores: indústria (55,26 %), comércio (23,91 %), agricultura (11,84 %) e serviços (8,99 %); sendo que as principais atividades econômicas são: empresas metalúrgicas, coureiro calçadista, malhas e confecções, móveis e estofados, papel e embalagens, vinhos e sucos, indústria e comércio de ferragens (DADOS..., 2009).

A cidade também é conhecida como a maior produtora de kiwi e de uvas moscatéis do país, e o terceiro maior produtor vitivinícola do Rio Grande do Sul. Recentemente firmou o acordo de *Gemellaggio* (cidades irmãs) com a cidade de Latina, localizada na Itália (DADOS..., 2009).

Também é importante ressaltar que Farroupilha possui como principais eventos: a Fenakiwi – Festa Nacional do Kiwi, a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e o Entrai – Encontro das Tradições Italianas (DADOS..., 2009).

Atualmente, Caravaggio, 1º Distrito de Farroupilha, liga-se ao centro da cidade por meio de uma estrada asfaltada, a chamada Rodovia dos Romeiros. Ao longo dessa rodovia estão instaladas diversas empresas, uma escola, um hospital, um núcleo da Universidade de Caxias do Sul, entre outros empreendimentos.

A localidade de Caravaggio, hoje, possui pouco mais de 600 habitantes e está localizada a, aproximadamente, 10 km do centro da cidade de Farroupilha. Ao final da Rodovia dos Romeiros encontram-se modernas e sólidas casas de alvenaria, bem como construções mais antigas, feitas de pedra ou madeira, as quais remetem à imigração italiana. A pequena vila de Caravaggio possui cerca de 150 domicílios. Seus habitantes caracterizam-se, em sua maioria, por serem pessoas simples e trabalhadoras, de hábitos rurais e portadores de uma forte fé católica. É um distrito que tem sua economia baseada na pequena propriedade familiar, as quais produzem, principalmente, mel, queijos, salames, produtos coloniais e vinhos (TONOLLIER, 2002).

Fazendo parte desse contexto, o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio recebe, diariamente, fiéis de todas as idades, que ali chegam por meio de automóveis, ônibus, caminhões, motocicletas, bicicletas e também a pé. São homens, mulheres e crianças oriundos de diversos lugares do estado, do Brasil e dos países vizinhos, que movimentam a localidade de Caravaggio (TONOLLIER, 2002).

Rotineiramente, o entorno do Santuário abriga uma estrutura que contempla: a antiga Igreja de Nossa Senhora de Caravaggio (ou também conhecida como “Santuário velho”, que por muito tempo foi a “Capela de ex-votos”, sendo essa igreja hoje preservada), a torre dos sinos, a sala de ex-votos (local onde, atualmente, encontram-se os ex-votos, estando repleto de objetos, imagens, mensagens etc., ofertados em agradecimento a Nossa Senhora de Caravaggio por uma graça alcançada), a Capela das velas, a Capela das confissões, a Casa paroquial, uma loja de objetos religiosos, uma emissora de rádio, dois restaurantes particulares, lanchonetes, telefones públicos, banheiros, bancos e mesas de madeira e cimento, uma fonte de água (benta em 26 de setembro de 1985 e distribuída em vários pontos da

esplanada), ampla área para passeio e para estacionamento, linhas de ônibus (fazendo a ligação com a cidade, diariamente, em diversos horários) (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Figura 2 – Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha/RS



Fonte: <http://www.caravaggio.org.br/galeria/9/Santuario>

Contudo, há 133 anos, no lugar das confortáveis residências de hoje, havia as primitivas e rústicas casas de pedra e madeira; os atuais e modernos automóveis eram representados pelas mulas e carroções; o hoje imponente Santuário era um pequeno e simples oratório de madeira.

Lembrando um pouco da história, os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no final do século XIX (1875), trouxeram, juntamente com sua bagagem, a fé e os costumes. Nessa nova pátria, os imigrantes derrubaram matas, construíram casas, dedicaram-se à agricultura, ergueram igrejas (marcos da fé e devoção daquele povo), escolas, hospitais, criaram empreendimentos, indústrias e, com o passar do tempo, formaram vilas e cidades (ZORZI, 1986).

Assim também aconteceu com a localidade de Nova Vicenza (atual cidade de Farroupilha) e com a Linha Palmeiro (atual Distrito de Caravaggio). Conforme os registros históricos, o grupo de imigrantes italianos, que viria a se estabelecer na Linha Palmeiro, era oriundo do Vêneto, em sua maior parte. Esses imigrantes partiram da Itália em novembro de 1876, e chegaram ao estado do Rio Grande do Sul no mês de dezembro do mesmo ano. Em janeiro de 1877 os imigrantes chegaram em Linha Palmeiro. Ao escolher e delimitar as suas

terras, alguns acamparam próximos ao local onde hoje se encontra o Santuário de Caravaggio, construindo cabanas provisórias. Naquela época, essa região sofria uma forte estiagem. Mas, com a ocorrência de chuvas, o que era uma clareira seca transformou-se em um imenso banhado. As famílias que ali se encontravam tiveram que deixar o local, dividindo-se para formar novos acampamentos, em lugares mais favoráveis (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Com o passar do tempo, os imigrantes conseguiram construir rústicas casas e, se estabelecer, de fato, na nova terra. Em 1879, 22 famílias formavam a comunidade da Linha Palmeiro. Tão logo os imigrantes se estabeleceram em suas novas propriedades, surgiu a necessidade de um local de devoção. Já haviam sido realizadas celebrações ao ar livre e nas habitações rústicas, mas os imigrantes sentiam falta de uma casa de oração. Então, as famílias de Antônio Franceschet e de Pasqual Pasa construíram um pequeno oratório. A notícia do oratório logo se espalhou e, imediatamente, os moradores vizinhos quiseram participar com dinheiro e com mão de obra para construir uma capela que abrigasse pelo menos cem pessoas (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Ao término da construção da capela levantou-se a questão de quem seria o seu padroeiro ou a sua padroeira. As opiniões eram diversas: Santo Antônio, Nossa Senhora... Porém, decidiu-se, em concordância, que Nossa Senhora seria a padroeira, mas a dúvida persistia em qual Nossa Senhora seria escolhida. Foi sugerida Nossa Senhora de Loreto. Contudo, não havia imagem alguma dessa Nossa Senhora e, sendo assim, um grupo de pessoas foi procurar essa imagem nas redondezas (até nas colônias alemãs do Vale do Caí), mas não a encontraram, nem esculpida, nem pintada (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

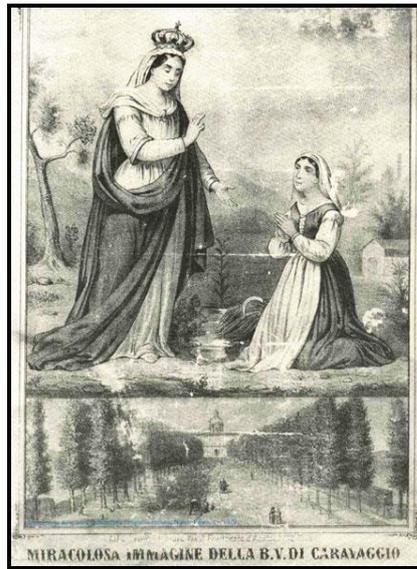
Diante desse fato, Natal Faoro ofereceu, em empréstimo, um pequeno quadro com a imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, que sua mãe havia trazido da Itália, sendo esse quadro uma herança de seus antepassados. A imagem foi aceita e Nossa Senhora de Caravaggio seria, então, a padroeira da localidade (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

A festa inaugural da capela ocorreu ainda no ano de 1879, marcando o início da devoção a Nossa Senhora de Caravaggio na localidade de Linha Palmeiro, a qual, posteriormente, viria a ganhar o nome de sua padroeira, tornando-se o Distrito de Caravaggio (ZORZI, 1986).

Em 1885, o escultor Pietro Stangherlini, de Caxias do Sul, tendo como modelo o quadro de Nossa Senhora de Caravaggio (trazido da Itália pela família de Natal Faoro), esculpiu em cedro as imagens de Nossa Senhora de Caravaggio e de Joaneta, as quais se encontram até hoje no Santuário. Assim, o pequeno quadro foi devolvido para a família Faoro

e, posteriormente, este foi definitivamente doado ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, tornando-se relíquia e sendo preservado até os dias de hoje (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Figura 3 – Quadro de Nossa Senhora de Caravaggio, trazido da Itália pela família de Natal Faoro



Fonte: http://www.caravaggio.org.br/site/primeiro_quadro.php

Figura 4 – Imagens de Nossa Senhora de Caravaggio e de Joaneta, esculpidas por Pietro Stangherlini



Fonte: <http://www.caravaggio.org.br/galeria/9/Santuario>

Em 1889, dez anos depois da inauguração da primeira capela, iniciou-se a construção da igreja que a substituiria, ocorrendo a sua inauguração em 1890. No ano de 1892, o Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Ponce de Leon, visitou a igreja e um ano depois decretou a sua elevação a Curato. Em 1900, Caravaggio foi elevada à condição de paróquia. Nesse mesmo período foi construída a torre basáltica e foram adquiridos três sinos em Bassano Del Grapa, Itália. Em 1921 a igreja foi totalmente reformada, sendo remodeladas(os) a fachada, as paredes internas e externas, e o telhado. O pintor Cremonese foi o responsável pela nova decoração. Nesse ano também o local foi elevado à condição de Santuário (ZORZI, 1986).

Figura 5 – Antiga Igreja de Nossa Senhora de Caravaggio (inaugurada em 1890)



Fonte: http://www.caravaggio.org.br/galeria/10/Capela_Antiga

No ano de 1945 iniciou-se a construção do novo Santuário, que substituiria a antiga e pequena igreja. O Santuário que hoje existe em Caravaggio levou 18 anos para ser construído, e foi oficialmente inaugurado em 3 de fevereiro de 1963. A inauguração desse Santuário foi motivo de muito orgulho para os moradores de Caravaggio, pois todas as famílias da comunidade colaboraram, de uma forma ou de outra, com a sua construção, acompanhando todo o processo. As dimensões do atual Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio impressionam: são 47 metros de comprimento, 40 metros de largura, 40 metros de altura externa, capacidade para 1.500 pessoas em seu interior e mais 800 pessoas nas galerias (TONOLLIER, 2002).

Figura 6 – Atual Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio (inaugurado em 1963)



Fonte: <http://www.caravaggio.org.br/galeria/9/Santuario>

Figura 7 – Atual Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e a Antiga Igreja



Fonte: <http://www.caravaggio.org.br/galeria/9/Santuario>

Ainda, durante o período de edificação do novo Santuário, foram construídos a Casa de Retiros *Getsemani* e o Carmelo (ZORZI, 1986). Também, nessa época, em novembro de 1956, passa a funcionar a primeira emissora de rádio de Farroupilha, a Rádio Miriam. Esta opera sob o controle da Igreja Católica e contempla em sua programação: músicas, notícias, debates, esportes e informes de utilidade pública, bem como, a transmissão, diária e ao vivo, de missas e eventos religiosos (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Em 1959, a Santa Sé declarou Nossa Senhora de Caravaggio como a Padroeira da Diocese de Caxias do Sul. Em meados de 1968, o Santuário é transformado em Santuário Diocesano, diretamente subordinado ao Bispado Diocesano de Caxias do Sul (atual Bispo Dom Alessandro Ruffinoni). Nesse mesmo período são construídos o restaurante panorâmico e o bar (ambos de propriedade do Santuário) e a Capela das confissões (ZORZI, 1986).

No ano de 1979 iniciou-se, por meio de iniciativas do Governo Estadual e da Prefeitura de Farroupilha, o asfaltamento da estrada que liga a cidade de Farroupilha ao Santuário (atual Rodovia dos Romeiros). Também, nessa época, estavam em projeto melhorias nos estacionamentos e na praça, que se pretendia transformar em uma esplanada, para melhor receber os romeiros nos dias das grandes festas (ZORZI, 1986).

Diversos padres assumiram a direção do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio ao longo dos anos de sua existência, mas, atualmente, o padre Gilnei Fronza (Reitor do Santuário) exerce essa função (ZORZI, 1986).

Como vem acontecendo desde o ano de 1879, atualmente, o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio continua sendo diariamente visitado por muitos fiéis, especialmente nos finais de semana, nos feriados, no dia 26 de cada mês, na festa votiva de 2 de fevereiro¹⁴ e na grande Romaria do mês de maio (realizada no dia 26, no sábado e no domingo mais próximos) (ZORZI, 1986).

Assim, com o passar do tempo, a fé em Nossa Senhora de Caravaggio foi crescendo, sendo transmitida de geração a geração, e divulgada por aqueles que tiveram suas graças alcançadas, transformando Caravaggio no “Maior Santuário Religioso do Sul do Brasil”. A quantidade de visitantes que Caravaggio recebe vem aumentando a cada ano, fazendo jus ao título conferido ao Santuário em 1921, citado anteriormente. As pessoas que visitam Caravaggio são oriundas, em grande parte, de cidades do Rio Grande do Sul (sobretudo da serra gaúcha, de Porto Alegre e da região metropolitana), dos estados do sul do país (Santa Catarina – Florianópolis), de outros estados brasileiros (com destaque para São Paulo – interior do estado –, Rio de Janeiro, Ceará e Mato Grosso), e também de países vizinhos (Uruguai e Argentina) (TONOLLIER, 2002; ZORZI, 1986).

Para exemplificar a grandiosidade que a fé em Nossa Senhora de Caravaggio representa, no ano de 2001, o Santuário de Caravaggio contabilizou mais de 900 mil presenças. Também, pode-se dizer que a Romaria do dia 26 de maio é uma das maiores manifestações de fé católica no Brasil (TONOLLIER, 2002).

¹⁴ Essa festa originou-se no ano de 1899, quando havia uma grande estiagem na região. O povo rezava pedindo chuva e, no mesmo dia (2 de fevereiro), choveu, amenizando a seca (ZORZI, 1986).

3.3 ROMARIAS AO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO – FARROUPILHA/RS

Iniciada por algumas famílias no ano de 1879, a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, hoje, atrai cerca de 200 mil romeiros ao pequeno distrito de Farroupilha, no final do mês de maio. A primeira Romaria oficial ocorreu no ano de 1925. Porém, a partir da segunda metade da década de 40, Caravaggio passou a adquirir mais destaque (TONOLLIER, 2002).

De acordo com os registros (estimativas feitas na época), em 1925 (ano do cinquentenário da imigração italiana no Brasil), participaram da Romaria cerca de 3 mil pessoas. Em 1935, o número de participantes chegou a 5 mil e, em 1948, a 25 mil. Em 1950, calcularam-se 50 mil fiéis na Romaria. Com isso, pode-se dizer que o verdadeiro início das grandes Romarias ao Santuário de Caravaggio deu-se na década de 50, com números beirando a marca de 100 mil pessoas (TONOLLIER, 2002).

No ano de 1965 ocorreu a 86ª edição da Romaria. Em 1971, na edição de número 92, a quantidade de romeiros cresceu, sendo que, aproximadamente, 100 mil fiéis compareceram ao Santuário. Na 96ª Romaria, ocorrida no ano de 1975 (ano do centenário da imigração italiana no Brasil), o público que visitou o Santuário foi ainda mais numeroso: cerca de 150 a 200 mil pessoas. Nessa edição da Romaria também foram realizadas melhorias na infraestrutura do local. Nessa época, buscava-se dotar o Santuário e seu entorno das condições básicas necessárias aos romeiros (TONOLLIER, 2002).

Outra grande Romaria registrou-se no ano de 1978 (a de número 99), com a presença de 170 mil pessoas, no decorrer dos quatro dias que abrangeram a Romaria, mobilizando uma grande organização. Mais de 150 ônibus faziam a ligação de Caravaggio às diferentes cidades da região. A programação religiosa também foi intensa, sendo realizadas missas de hora em hora e, no dia 26, estas iniciavam à zero hora e se estendiam até às 18 horas do dia seguinte. Essa edição da Romaria contou com uma novidade, que ainda hoje faz parte da programação do evento: a Romaria dos motociclistas (TONOLLIER, 2002).

O ano de 1979 foi marcado pelas comemorações alusivas aos 100 anos da Romaria. Estas tiveram início ainda no mês de fevereiro e se estenderam até o mês de junho daquele ano. Contudo, apesar da importância da data, a quantidade de romeiros foi menor, em relação à Romaria anterior, cerca de 150 mil pessoas (TONOLLIER, 2002).

Na 111ª Romaria, em 1990, o Santuário de Caravaggio e seu entorno receberam uma série de melhorias (executadas pelo Governo Estadual e pela Prefeitura de Farroupilha) como:

acessos asfaltados; nova esplanada na área frontal da igreja, a qual foi pavimentada com blocos de concreto; canteiros; entre outras obras decorativas. Pode-se dizer que, nessa ocasião, o Santuário apresentava as características que são mantidas até hoje, ou seja, naquele ano o Santuário adquiriu a sua atual feição (TONOLLIER, 2002).

Na Romaria de 1991 observou-se uma redução no número de fiéis. Não mais do que 100 mil pessoas visitaram o Santuário. Tal acontecimento, que não se repetiu nos anos seguintes, é possivelmente explicado pelo fato de, naquele ano, o dia 26 ter sido durante a semana (TONOLLIER, 2002).

Em 1994, na 115ª Romaria, cerca de 150 mil romeiros compareceram ao Santuário. Nesse ano, a Romaria apresentou outra novidade: a cavalgada da fé, a qual se realiza até hoje, sendo denominada também de Romaria dos cavalarianos, representando uma forma de os tradicionalistas gaúchos homenagearem Nossa Senhora de Caravaggio. Na Romaria do ano de 1995, o número de fiéis manteve-se praticamente igual ao da edição anterior (TONOLLIER, 2002).

Em 2008, segundo dados do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, registraram-se, durante todo o ano, cerca de 1.550.000 presenças no local, sendo que no mês de maio houve, aproximadamente, 454 mil visitas ao Santuário (TECCHIO, 2009). Na Romaria de 2009, Caravaggio recebeu em torno de 380 mil fiéis (CARAVAGGIO..., 2010a).

A cada ano que passa, as Romarias se tornam maiores e mais bem organizadas. Então, como resultado de um processo que se registra ao longo de mais de um século, observa-se que no dia da Romaria (26 de maio), no sábado ou no domingo mais próximo a essa data, o distrito de Caravaggio recebe milhares de pessoas (de diversas idades, origens e condições sociais), que vêm a pé, de carro, de ônibus, de moto, de bicicleta etc., transformando o lugar em um imenso aglomerado humano (contrastando com o restante do ano, em que há visitação constante ao lugar, mas não com tão acentuado número de pessoas) (TONOLLIER, 2002).

Portanto, é possível perceber que pela grandiosidade da Romaria de 26 de maio, esta exige um intenso trabalho de planejamento e organização, pois, no decorrer de dois ou três dias, o Santuário pode receber em torno de 200 a 300 mil pessoas. Sendo assim, pelas dimensões que a Romaria apresenta, dentro ou fora do Santuário, é preciso que se tente fazer com que tudo ocorra de forma ordenada, fácil, prática e, sobretudo, rápida. A programação religiosa precisa ser impecável e pontual. Do mesmo modo, o trânsito necessita fluir da melhor maneira possível, assim como a quantidade e a qualidade dos alimentos oferecidos aos visitantes, os serviços médicos e de informação, o policiamento, a limpeza, o transporte

coletivo etc. Isso requer o envolvimento de padres, seminaristas, grupos litúrgicos, corais, policiais civis e militares, patrulheiros rodoviários, bombeiros, médicos, enfermeiros, equipes de som e de controle do estacionamento, motoristas de ônibus, cozinheiros, atendentes, garçons, garis, entre outros colaboradores (TONOLLIER, 2002).

Além da estrutura permanente do Santuário e seu entorno (a qual, como já referido anteriormente, contempla: estrada de acesso pavimentada, ampla esplanada, antiga Igreja de Nossa Senhora de Caravaggio, Torre dos sinos, Capela das velas, Capela das confissões, Sala de ex-votos, Casa paroquial, loja de objetos religiosos, telefones públicos, árvores que proporcionam sombra, bancos e mesas de madeira e de cimento, torneiras com água potável, banheiros, área para estacionamento, lanchonetes, dois restaurantes particulares, hotel, linhas de ônibus), nos dias de Romaria essa estrutura é complementada, basicamente, por: tendas que comercializam lanches e objetos religiosos, dispostas estrategicamente pela esplanada do santuário; área de estacionamento ampliada; banheiros químicos; tendas para atendimentos de casos de saúde; estruturas de segurança; dois restaurantes de propriedade do Santuário; algumas cadeiras; transporte coletivo, em diversos horários, para vários pontos de Farroupilha e para outras cidades da região; serviços de informações, dentre eles, informações turísticas; locais de venda de passagens de ônibus; entre outras estruturas e serviços. Há também um espaço reservado ao comércio popular e aos vendedores ambulantes, localizado fora da área da esplanada do Santuário (nos dias de Romaria o comércio na esplanada ocorre somente por conta da Igreja, sendo que boa parte das receitas são utilizadas para obras de conservação e melhorias no local), os quais comercializam alimentos, bebidas, roupas e vários outros objetos (TONOLLIER, 2002).

Mas, apesar do planejamento que ocorre para a realização da Romaria, há fatores que fogem ao controle dos organizadores e que podem interferir no seu desenvolvimento, como fatores climáticos, econômicos e de data (por exemplo, o dia 26 ser em um dia útil da semana).

A Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio atrai, sobretudo, romeiros que vêm pedir a proteção de Maria, adorar a Deus, encontrar-se com Jesus, participar das missas e orações, agradecer e/ou pedir graças e favores de toda ordem. Assim, a principal motivação que leva o romeiro a visitar Caravaggio é a fé, pois, acima de tudo, esse é um local de religiosidade, de oração (ZORZI, 1986).

Um destaque particular deve ser dado à 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio (tendo em conta a pesquisa realizada por Schneider no ano de 2010), que ocorreu nos dias 22, 23 e 26 de maio de 2010, atraindo, mais uma vez, uma multidão de

pessoas. Nos três dias de Romaria 330 mil fiéis visitaram Caravaggio, sendo que no dia 26 registrou-se a passagem de 200 mil romeiros pelo local (CARAVAGGIO..., 2010b).

Também, é importante ressaltar a 132ª Romaria, ocorrida nos dias 26, 28 e 29 de maio de 2011, oportunidade em que foi realizada uma pesquisa-piloto para o desenvolvimento da presente investigação. Essa edição da Romaria contou com a participação de 335 mil romeiros, tendo registrado no dia 26 a presença de 130 mil pessoas (FÉ..., 2011).

Já a 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, ocasião em que foram coletados os dados para esta pesquisa, realizou-se nos dias 26 e 27 de maio de 2012 (sábado e domingo). Nessa Romaria estiveram presentes cerca de 230 mil pessoas, sendo que, apenas no sábado (dia 26), passaram pelo Santuário aproximadamente 160 mil pessoas e 60 mil devotos acompanharam a missa campal celebrada às 10h e 30min – uma das principais missas do dia – (ROMARIA..., 2012).

Cabe ainda lembrar que, geralmente, antecedem a grande Romaria do dia 26 de maio, as Pré-romarias, que correspondem à Romaria dos Caminhoneiros, à Romaria dos Carros Antigos, à Romaria dos Ciclistas, à Cavalgada da Fé ou Romaria dos Cavalarianos, à Romaria dos Jipeiros, à Caminhada e Corrida ao Santuário, e à Romaria dos Motociclistas.

Figura 8 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: A própria autora.

Figura 9 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: A própria autora.

Figura 10 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: A própria autora.

Figura 11 – 131ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2916553.xml>

Figura 12 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/133-romaria-de-nossa-senhora-de-caravaggio-32093.html>

Figura 13 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/133-romaria-de-nossa-senhora-de-caravaggio-32093.html>

Figura 14 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://www.jornalfarroupilha.com.br/novo/edicao-imprensa-farroupilha.php?menu=imprensa>

Figura 15 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/133-romaria-de-nossa-senhora-de-caravaggio-32093.html>

Figura 16 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/fotos/133-romaria-de-nossa-senhora-de-caravaggio-32093.html>

Figura 17 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: A própria autora.

Figura 18 – 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio



Fonte: A própria autora.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Com base no entendimento de que as opções metodológicas que orientam a realização de uma pesquisa relacionam-se diretamente aos objetivos propostos, ao problema ou questão de pesquisa e ao referencial teórico elaborado, a partir do qual se definiu o objeto a ser investigado, o presente trabalho configura-se como de caráter predominantemente qualitativo. A pesquisa qualitativa, nas palavras de Flick (2009, p. 8),

[...] visa a abordar o mundo ‘lá fora’ (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes [...] [como, por exemplo,] examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material.

Essa abordagem metodológica, portanto, vai ao encontro da proposta apresentada neste trabalho, ou seja, do objetivo principal de identificar e analisar, via discurso dos sujeitos, relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS (sob a ótica do romeiro).

Além desses aspectos, esse autor acrescenta que as abordagens qualitativas buscam descrever detalhadamente a maneira com que as pessoas relacionam-se com e no mundo em que se inserem, sendo que essas abordagens “[...] representam formas de sentido, as quais podem ser reconstruídas e analisadas com diferentes métodos qualitativos que permitam ao pesquisador desenvolver modelos, tipologias, teorias [...] como formas de descrever e explicar as questões sociais (e psicológicas)” (FLICK, 2009, p. 8-9).

Flick (2009) destaca ainda que as pesquisas qualitativas possuem algumas características comuns, como o interesse por experiências, interações e documentos em contextos naturais; o não estabelecimento de um conceito bem definido do que está sendo estudado, assim como a não formulação de hipóteses para a posterior verificação; o desenvolvimento de conceitos no decorrer do processo de pesquisa, bem como de novos métodos e abordagens que se ajustem ao campo investigado; a importância atribuída aos textos e à escrita (transcrições, descrições, interpretações), o envolvimento do pesquisador no processo de pesquisa (a sua presença, as suas experiências que permitem reflexões, a sua participação como membro do campo em estudo); entre outras características.

A abordagem qualitativa, assim, é caracterizada pela flexibilidade, que possibilita a adaptação e adequação dos métodos, das teorias e das técnicas empregadas a cada tipo de

pesquisa, considerando-se que as temáticas estudadas são diversas e singulares, cada uma delas requerendo um tratamento específico. Nesse contexto, são possíveis abordagens como a fenomenológica, a etnográfica, a hermenêutica, sendo esta última aquela que, metodologicamente, se mostra pertinente no horizonte das análises pretendidas.

A hermenêutica, para Ricoeur (1983, p. 17), define-se como “[...] a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos”, sendo estes entendidos como a “efetuação do discurso”.

A hermenêutica, de acordo com Buzzi (1984, p. 125), “[...] pretende alcançar a palavra ou o sentido do que acontece, auscultando e analisando a atividade humana”, uma vez que, “A ação humana mostra-se sempre cheia de sentido [...] e carregada de valor [...]”, e, “O sentido se revela através da interpretação” (BUZZI, 1984, p. 126). Assim, as ciências hermenêuticas “[...] estudam as diversas atividades do homem” (BUZZI, 1984, p. 125), sendo a ação humana considerada como dotada de espírito, significação e valores. Contudo, para a análise dessa ação não basta, como elucida Buzzi (1984, p. 126), criar um esquema operativo, mas sim “Importa interpretar as forças que a compõem”. Na base da hermenêutica, está a busca pela designação de significações latentes que estão no cerne ou no ritmo da ação, a qual permite compreender o espírito da ação, evocando, assim, o seu pleno sentido (BUZZI, 1984).

Se a hermenêutica relaciona-se com a interpretação dos textos efetuados via discurso, interpretar, por sua vez, “[...] é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado *diante* do texto” (RICOEUR, 1983, p. 56, grifo do autor). Também, “[...] todo discurso é efetuado como evento [...] [e] compreendido como significação” (RICOEUR, 1983, p. 47). Por conseguinte, no processo que envolve a compreensão “[...] o discurso se ultrapassa, enquanto evento, na significação” (RICOEUR, 1983, p. 47), sendo que “[...] compreender é *compreender-se* diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um *si* mais amplo [...]” (RICOEUR, 1983, p. 58, grifo do autor). Então, o processo de compreensão implica a superação de uma distância, de um afastamento entre o momento e o contexto/situação em que o texto foi produzido e aquele em que o leitor o interpreta como algo estranho, incorporando seu sentido e entendimento a ele, ressignificando-o (RICOEUR, 1978). Assim, para Ricoeur (1983, p. 47) “[...] o primeiro distanciamento é o distanciamento do dizer no dito”, ou seja, da interpretação.

4.1 ABORDAGENS ANALÍTICAS

No presente trabalho, ao procurar-se dar voz ao romeiro e, via discurso, identificar e analisar relações de acolhimento na Romaria, esses processos interpretativos (hermenêuticos) apoiam-se em procedimentos da análise de conteúdo, segundo Bardin (2000), e, complementarmente, em se fazendo pertinente, da análise enunciativa, na esteira da abordagem proposta por Bakhtin (1997).

A análise de conteúdo, uma das ferramentas utilizadas para uma abordagem hermenêutica, relaciona-se ao discurso e baseia-se em um esforço de interpretação controlada e dedutiva, ou seja, vale-se da inferência, em seus aspectos objetivos e subjetivos (BARDIN, 2000). Assim, a análise de conteúdo, segundo Bardin (2000, p. 42), compreende

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Desse modo, dentre o conjunto de técnicas que a análise de conteúdo engloba, é possível evidenciar a análise léxica e a análise categorial, sendo esta posterior àquela. A primeira leva em consideração, como materiais para a análise, as unidades de vocabulário, ou seja, as palavras que possuem sentido, como os substantivos, os adjetivos, os verbos, entre outras. A segunda, por sua vez, decompõe o discurso em categorias, cujos critérios de delimitação e de escolha são norteados pela dimensão da investigação e pelos temas relacionados ao objeto de estudo, levantados a partir dos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa (BARDIN, 2000).

No caso do presente trabalho, conforme os objetivos propostos e o referencial teórico elaborado, as análises, inicialmente, são pautadas pelo que Bardin (2000, p. 96) denomina de “leitura flutuante” (a qual compreende os primeiros contatos com o material a ser analisado, obtendo, assim, as primeiras impressões e orientações sobre ele), seguida do processo de categorização, contemplando diferentes níveis de desdobramento e considerando regras, entre outras, de homogeneidade (uma dimensão de análise para cada conjunto de categorias), de pertinência (uma categoria precisa ser adequada ao material de análise, relacionar-se com o referente teórico, com os objetivos e com o objeto de investigação), de objetividade, e de produtividade (uma potencial capacidade de a categoria fornecer resultados produtivos em índices de inferência) (BARDIN, 2000).

A análise de conteúdo remete assim à definição de unidades de registro e à respectiva incidência, observadas frequência, intensidade, direção (entre polos), ordem, conforme se constituam em índices significativos para o processo de interpretação. Pelo fato de a presente pesquisa caracterizar-se por uma abordagem qualitativa, a partir da qual não se pretendem conclusões por generalização, busca-se, por meio da consideração das condições de produção textual, possibilitar maior rigor no estabelecimento da pertinência dos índices retidos.

Os dados coletados são interpretados com base na comparação dos discursos correspondentes às respostas dos sujeitos nas entrevistas, submetidos ao mesmo conjunto de categorias, tendo em conta as dimensões da hospitalidade, apontadas no referencial teórico, que poderiam caracterizar as relações/interações estudadas.

No que se refere à enunciação e ao discurso, Bakhtin (1997) concebe a língua não como um sistema de normas imutáveis e, a enunciação não como um ato individual, mas sim, propõe a dinamicidade da linguagem e a natureza social da enunciação, esta definida pela materialização da interação verbal entre os sujeitos. Sob esse prisma, para Bakhtin (1997), a compreensão de um enunciado demanda uma atitude responsiva. Sendo assim, “[...] toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 1997, p. 290). É nesse aspecto que se identifica a dinamicidade do discurso. Quanto à natureza social da enunciação, esta se relaciona ao pressuposto de que o locutor é também um respondente, tendo em conta que

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 1997, p. 291).

Conforme o Círculo de Bakhtin ocorre, no diálogo, a atuação de um complexo de forças que estabelecem condições para a forma e as significações daquilo que é dito. Dessa maneira, o enunciado não pode ser considerado algo totalmente verbal, sem ligação com o ato de sua concretização e, nem somente interação verbal, restrita à comunicação entre as pessoas por meio da fala (diálogo). Por isso, as relações serão dialógicas quando inseridas no discurso como parte integrante de todo enunciado e este, por sua vez, como parte da interação social, ou seja, das relações entre pessoas (SARTORI, 2009). Por conseguinte,

[...] há um diálogo, em sentido amplo, intrínseco e inexorável que se estabelece entre um autor e um ouvinte (ambos ativos e cambiáveis nas suas posições), e o enunciado produzido representa um momento (concluído) desse encontro, é o produto compartilhado entre os participantes da interação (SARTORI, 2009, p. 2).

Desse modo, a natureza dialógica do discurso é atribuída pela constante interrelação do enunciado com outros.

Todo enunciado possui uma face verbal e outra extraverbal, com esta integrando-se àquela. Por isso, além da expressão verbal, com elementos implícitos e explícitos, existem outras formas de expressão igualmente necessárias à interação comunicativa (RECTOR; TRINTA, 1985). Assim, o discurso envolve tanto aspectos subjetivos do falante quanto aspectos objetivos do contexto.

Com base nesse entendimento e reportando à pesquisa proposta, do discurso do sujeito acolhido (romeiro), em relação ao que acolhe na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, busca-se depreender o que foi significado como elementos constitutivos das relações de hospitalidade no contexto da Romaria.

4.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados, pelo estabelecimento de um recorte metodológico, ocorreu nos espaços compreendidos pela Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS, especificamente, na ocasião da 133ª edição da Romaria, que se realizou nos dias 26 e 27 de maio de 2012.

Na oportunidade, foi aplicado o instrumento elaborado para a coleta de dados (o instrumento encontra-se nos apêndices) o qual, por sua vez, havia passado por processo de validação, após pesquisa-piloto efetivada durante a 132ª romaria, no ano de 2011, junto a 52 entrevistados escolhidos aleatoriamente.

O instrumento final consistiu em um questionário semiestruturado, que orientou as entrevistas semipadronizadas. Em se tratando de uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo, realizaram-se 70 entrevistas¹⁵, cujos sujeitos foram selecionados aleatoriamente, procurando-se, no entanto, atentar a alguns critérios, como: não entrevistar romeiros envolvidos em ritos religiosos ou fazendo refeições, de modo a que não se sentissem importunados pelo entrevistador/pesquisador; distribuir a realização das entrevistas em diferentes horários e espaços no entorno do Santuário.

¹⁵ Por problema técnico na gravação, perderam-se duas entrevistas.

Faz-se pertinente ressaltar que, na elaboração dos quadros de organização dos dados e nas tabelas analíticas, o número que identifica os sujeitos não foi alterado em função do descarte das duas entrevistas mencionadas, observando-se assim a sequência numérica correspondente à ordem em que as entrevistas foram realizadas. Cabe destacar ainda que, em algumas situações, os sujeitos participantes estavam juntos, alternando-se em suas respostas. Para especificar esses casos, mantendo-se o indicativo da ordem da realização das entrevistas, optou-se por adotar níveis de marcadores numéricos: por exemplo, distinguindo-se os sujeitos 16 e 16.1.

Os eixos condutores das entrevistas foram: perfil do romeiro, incluindo gênero, procedência, faixa etária (15-19; 20-29; 30-39; 40-49; 50-59; 60 ou +), número de participações na Romaria, forma de locomoção; manifestações/destaques sobre acolhimento/hospitalidade na Romaria; motivações para a ida a Caravaggio; a experiência de participação no evento; destaques sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro. A inclusão dos três últimos eixos teve em conta obter maiores subsídios para a análise interpretativa das respostas sobre acolhimento/hospitalidade, considerando os supostos teóricos de referência relativos à romaria no turismo religioso.

As entrevistas, gravadas, precedidas da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em apenso), foram transcritas, constituindo assim o *corpus* da pesquisa.

5 CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DISCURSIVOS

5.1 PERFIL DO ROMEIRO

Conforme explicitado na parte referente ao percurso metodológico, o universo da pesquisa constituiu-se de 70 sujeitos, cujo perfil, de modo global pode ser visualizado na figura 19, apresentada sob a forma de quadro.

Figura 19 – Elementos caracterizadores do perfil dos sujeitos entrevistados

SUJEITOS	GÊNERO	PROCEDÊNCIA	FAIXA ETÁRIA	Nº DE PARTICIPAÇÕES	FORMA DE LOCOMOÇÃO
1	Feminino	Caxias do Sul/RS	50 – 59 anos	Mais de 10 vezes (todos os anos)	Carro
2	Feminino	Dois Irmãos/RS	20 – 29 anos	8 vezes	Ônibus
2.1	Feminino	Dois Irmãos/RS	-----	-----	Ônibus
3	Feminino	Nova Prata/RS	20 – 29 anos	Primeira vez	A pé (desde Caxias do Sul)
4 ¹⁶	-----	-----	-----	-----	-----
5 ¹⁷	-----	-----	-----	-----	-----
6	Masculino	Caxias do Sul/RS	15 – 19 anos	6 vezes	A pé
7	Feminino	Caxias do Sul/RS	50 – 59 anos	Mais de 10 vezes (quase todos os anos)	A pé
7.1	Feminino	Caxias do Sul/RS	-----	-----	A pé
8	Feminino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	7 vezes	A pé
9	Masculino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	Mais de 10 vezes (todo ano)	A pé
10	Feminino	Encantado/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes	Excursão
11	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (todos os anos)	Ônibus
12	Masculino	Caxias do Sul/RS	20 – 29 anos	Mais de 10 vezes (várias vezes)	A pé
13	Feminino	Flores da Cunha/RS	30 – 39 anos	5 vezes	Excursão

¹⁶ Entrevista descartada por problema técnico na gravação.

¹⁷ Entrevista descartada por problema técnico na gravação.

14	Feminino	Farroupilha/RS	40 – 49 anos	Mais de 10 vezes (desde criança)	Carro
15	Masculino	Caxias do Sul/RS	30 – 39 anos	Primeira vez	A pé
16	Feminino	Caxias do Sul/RS	14 anos	-----	Carro
16.1	Masculino	Caxias do Sul/RS	20 – 29 anos	2 vezes	Carro
17	Feminino	Caxias do Sul/RS	15 – 19 anos	2 vezes	-----
17.1	Masculino	Caxias do Sul/RS	-----	-----	-----
18	Masculino	Porto Alegre/RS	-----	-----	Excursão
18.1	Feminino	Porto Alegre/RS	50 – 59 anos	10 vezes	Excursão
19	Feminino	Bento Gonçalves/RS	30 – 39 anos	2 vezes	Carro
19.1	Feminino	Bento Gonçalves/RS	-----	-----	Carro
20	Masculino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	3 vezes	Ônibus
20.1	Feminino	Caxias do Sul/RS	-----	-----	Ônibus
21	Feminino	Bento Gonçalves/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (todas - toda a vida, desde criança)	Ônibus
22	Feminino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	2 vezes	Ônibus
23	Masculino	Farroupilha/RS	40 – 49 anos	Mais de 10 vezes (vinte anos – todos os anos)	A pé
24	Feminino	Bento Gonçalves/RS	50 – 59 anos	Mais de 10 vezes (várias vezes)	A pé
25	Feminino	Bento Gonçalves/RS	50 – 59 anos	Primeira vez	Ônibus
25.1	Feminino	Bento Gonçalves/RS	-----	Mais de 10 vezes (várias vezes)	Ônibus
26	Feminino	Farroupilha/RS	20 – 29 anos	Mais de 10 vezes (todos os anos)	A pé
27	Feminino	São Leopoldo/RS	-----	-----	Excursão
27.1	Feminino	São Leopoldo/RS	40 – 49 anos	Primeira vez	Excursão
28	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (todos os anos – quase sempre)	Carro
28.1	Masculino	Caxias do Sul/RS	-----	Mais de 10 vezes (mais que trinta	Carro

				anos)	
29	Masculino	São Lourenço do Sul/RS	40 – 49 anos	Primeira vez	Ônibus
30	Feminino	Caxias do Sul/RS	20 – 29 anos	Primeira vez	A pé
31	Feminino	Sapucaia do Sul/RS	40 – 49 anos	6 vezes	Excursão
31.1	Feminino	Sapucaia do Sul/RS	-----	Mais de 10 vezes (quase trinta)	Ônibus (excursão)
32	Feminino	Estância Velha/RS	60 anos ou +	Primeira vez	Excursão
33	Masculino	Roca Sales/RS	50 – 59 anos	4 vezes	Excursão
33.1	Feminino	Roca Sales/RS	50 – 59 anos	4 vezes	Excursão
34	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes	Carro
35	Masculino	Lajeado/RS	50 – 59 anos	Primeira vez	Carro
35.1	Feminino	Lajeado/RS	-----	-----	Carro
36	Feminino	Bento Gonçalves/RS	20 – 29 anos	7 vezes	A pé (desde Caxias do Sul)
36.1	Masculino	Bento Gonçalves/RS	20 – 29 anos	Mais de 10 vezes (mais de vinte)	A pé (desde Caxias do Sul)
37	Masculino	Dois Irmãos/RS	30 – 39 anos	6 vezes	Ônibus
37.1	Feminino	Dois Irmãos/RS	-----	-----	Ônibus
38	Masculino	Porto Alegre/RS	30 – 39 anos	Primeira vez	A pé (desde Caxias do Sul)
38.1	Feminino	Porto Alegre/RS	30 – 39 anos	2 vezes	A pé (desde Caxias do Sul)
39	Feminino	Caxias do Sul/RS	20 – 29 anos	5 vezes	A pé
40	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (várias – quase todos os anos)	Ônibus
41	Feminino	Vacaria/RS	30 – 39 anos	2 vezes	Excursão
41.1	Feminino	Vacaria/RS	20 – 29 anos	Mais de 10 vezes	Excursão
42	Feminino	Caxias do Sul/RS	50 – 59 anos	Mais de 10 vezes (vinte e poucos anos)	Ônibus
43	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (uns trinta anos –	Ônibus

				todos os anos)	
43.1	Feminino	Caxias do Sul/RS	-----	Mais de 10 vezes (mais do que trinta anos)	Ônibus
44	Masculino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	Mais de 10 vezes (todos os anos)	Carro
44.1	Feminino	Caxias do Sul/RS	-----	-----	Carro
45	Feminino	Caxias do Sul/RS	60 anos ou +	Mais de 10 vezes (muitos anos – toda vida)	Ônibus
46	Masculino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	10 vezes	A pé
47	Feminino	Caxias do Sul/RS	15 – 19 anos	Mais de 10 vezes (várias)	Ônibus
47.1	Feminino	Caxias do Sul/RS	15 – 19 anos	2 vezes	Ônibus
48	Feminino	Farroupilha/RS	30 – 39 anos	5 vezes	Carro
49	Feminino	Porto Alegre/RS	50 – 59 anos	2 vezes	Ônibus
49.1	Feminino	Porto Alegre/RS	60 anos ou +	Primeira vez	Ônibus
50	Feminino	Caxias do Sul/RS	40 – 49 anos	Mais de 10 vezes (todo ano quase)	Carro
50.1	Masculino	Caxias do Sul/RS	50 – 59 anos	-----	Carro

Fonte: Elaborado pela própria autora.

De acordo com a figura 19, representativa do perfil dos entrevistados, é possível dizer que, no tocante ao gênero, constata-se a predominância do sexo feminino: 51 (72,86%) contra 19 (27,14%), do sexo masculino.

No que se refere à procedência, todos eram de cidades do estado do Rio Grande do Sul e, em sua maioria, de municípios localizados na mesma região de Farroupilha (Serra Gaúcha – microrregião Uva e Vinho). Mais especificamente: Caxias do Sul (distante cerca de 19 km de Farroupilha) é o mais citado, com 33 (47,14%) representantes; seguido por Bento Gonçalves, com 8 (11,43%); Porto Alegre, com 6 (8,57%); Farroupilha e Dois Irmãos, cada um, com 4 (5,71%); São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Roca Sales, Lajeado e Vacaria foram representados, cada um, por 2 (2,86%) entrevistados. Outras cidades, como Nova Prata, Encantado, Flores da Cunha, São Lourenço do Sul e Estância Velha, tiveram, cada uma, apenas 1 (1,43%) representante.

Chama a atenção, nesse universo, o fato de os representantes de Caxias do Sul (47,14%) corresponderem à, praticamente, metade do total de entrevistados, contrapondo-se aos 5,71% de oriundos de Farroupilha. É de supor que esses números referentes a Caxias do Sul, sejam explicados tanto por sua proximidade com o Santuário, quanto por tratar-se de um sábado, feriado municipal – o que, no entanto, não se aplicaria aos provenientes de Farroupilha, onde também é feriado. Mostra-se interessante sinalizar que, em respostas colhidas na pesquisa-piloto, encontram-se menções ao fato de os moradores de Farroupilha preferirem vir em outros dias, deixando as datas festivas para romeiros de outras cidades ou regiões. Independentemente, porém, dessas supostas variáveis intervenientes, fica reiterado o significado da Romaria no município de Caxias do Sul. Já relativamente a Bento Gonçalves, mesmo apenas distante 25 km de Farroupilha, a representatividade é bastante inferior, diferindo em dois pontos percentuais da representatividade de Porto Alegre, ressaltando, porém, que ali não era feriado. Além disso, os números reforçam que esse significado ultrapassa os limites territoriais compreendidos pela serra gaúcha (microrregião Uva e Vinho), abrangendo a participação de romeiros de outras regiões do estado. Sob essa perspectiva, cabe atentar para a região da Grande Porto Alegre, cujas distâncias relativamente a Farroupilha, são próximas ou superiores às de municípios da Serra Gaúcha, cujos traços culturais, historicamente, são desenhados em contextos diversos.

Com relação à faixa etária, esta, de certa forma, não apresenta grandes variações em termos percentuais, uma vez que 11 (15,71%) sujeitos encontram-se na faixa etária entre 40 e 49 anos; outros 11 (15,71%), entre 50 e 59 anos, e mais outros 11 (15,71%), na faixa etária relativa a 60 anos ou mais. Dez sujeitos (14,29%) apresentam idade entre 20 e 29 anos; oito (11,43%), entre 30 e 39 anos; quatro (5,71%), entre 15 e 19 anos; e apenas 1 entrevistado (1,43%) possui 14 anos. Um número significativo de entrevistados (14 – 20%) não informou a faixa etária. A partir desses dados, seria possível inferir que o envolvimento com a Romaria independe da idade, pois dela participam romeiros de todas as faixas etárias, reiterando, assim, a importância conferida indistintamente à Romaria.

Numa visão global, quanto ao número de participações na Romaria, a maior parte (26 sujeitos – 37,14%) dos entrevistados já participou mais de dez vezes (a maioria sem conseguir precisar exatamente esse número) – novamente um indicativo da forte relação dos sujeitos com a Romaria. Quatorze sujeitos (20%) estiveram na Romaria de duas a cinco vezes; dez pessoas (14,29%) participaram pela primeira vez; e oito entrevistados (11,43%) afirmaram ter participado de seis a dez vezes. Doze sujeitos (17,14%) não responderam à pergunta. Quando esses dados são cruzados com aqueles concernentes às faixas etárias, exceção feita à faixa

etária dos 15 aos 19 anos, todas as demais compreendem o mesmo número de participantes pela primeira vez (2 sujeitos). No outro polo, exceção feita à faixa etária dos 30 aos 39 anos, em todas as outras se encontram romeiros que estiveram na Romaria por mais de 10 vezes. Parece óbvio que, na faixa dos de 60 anos ou mais, esse número (8 sujeitos) seja mais elevado, contrapondo-se à de 15 a 19 (1 participante). No entanto, nas faixas de 20 a 29, 40 a 49 e 50 a 59, os números são iguais ou muito próximos (4 sujeitos, 5 e 4, respectivamente). Assim mesmo, na faixa de 30 a 39, a incidência recai sobre duas a cinco participações. A distribuição do número de vezes nas faixas etárias vem enfatizar a força da Romaria acima mencionada.

No que diz respeito à forma de locomoção à Romaria, 18 sujeitos (25,71%) vieram a pé, dentre os quais, dois da região da Grande Porto Alegre – que iniciaram a caminhada em Caxias do Sul. Outros 21 sujeitos (30%) vieram de ônibus e 16 (22,86%), de carro. A locomoção organizada em “excursões” representa 18,57%, correspondentes a 13 sujeitos.

5.2 MANIFESTAÇÕES/DESTAQUES SOBRE ACOLHIMENTO/HOSPITALIDADE NA ROMARIA

Consistente com o objetivo de identificar, analisar e sintetizar interpretativamente sinalizadores discursivos do processo relacional de acolhimento na Romaria sob a perspectiva do romeiro – ou do sujeito primariamente acolhido –, consta da explicitação do percurso metodológico desenhado para este trabalho, a realização de entrevistas, no entorno do Santuário, com romeiros que ali estiveram nos dois dias da festa de Nossa Senhora de Caravaggio, no ano de 2012 (26 e 27 de maio de 2012). Por tratar-se de entrevistas semiestruturadas, essas se desenrolaram, conforme já mencionado, pautadas por eixos norteadores: manifestações/destaques sobre acolhimento/hospitalidade na Romaria; motivações para a ida a Caravaggio; a experiência de participação no evento; destaques sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro.

A abordagem hermenêutica das respostas, com os recursos da organização categorial e da análise de marcas linguístico-enunciativas, permitiu a análise do material colhido, considerando cada um dos eixos norteadores. O desenvolvimento desse processo é detalhado na sequência, iniciando com manifestações/destaques sobre acolhimento/hospitalidade na Romaria.

Foram destacados 125 fragmentos das respostas dos sujeitos pondo em foco relações de acolhimento na Romaria, conforme expressa a figura 20.

Figura 20 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos referentes a relações de acolhimento na Romaria

FRAGMENTOS/SUJEITOS
<i>Pessoas são educadas, pelo menos – (8)</i>
<i>Grandeza [...] de um povo [...] se mede pela educação – (29)</i>
<i>Pessoas bem educadas – (37)</i>
<i>Bem atendido(a)(as) – (13), (31.1), (41), (42)</i>
<i>Bem recebido(s) – (2), (8), (37.1)</i>
<i>Preocupam [...] em deixar a pessoa bem – (2)</i>
<i>Preocupante [...] pra tá auxiliando – (6)</i>
<i>Pessoas [...] bem dispostas – (3)</i>
<i>Bem acolhido – (7), (45)</i>
<i>O pessoal pelo menos tenta fazer o melhor – (7)</i>
<i>O pessoal procura fazer o melhor possível, [...] não é fácil acolher tanta gente ao mesmo tempo – (9)</i>
<i>O(s) atendimento(s) – (10), (21), (50)</i>
<i>Atendimento sorridente – (29)</i>
<i>Simpatia – (10)</i>
<i>A gente tá muito bem servido (atendido) – (10)</i>
<i>Tem bastante cuidados [...] é uma coisa que a gente vê que é de coração – (11)</i>
<i>O pessoal se dedica bastante, dá informações – (12)</i>
<i>São bastante prestativos – (12)</i>
<i>Estão dando atenção pro povo – (13)</i>
<i>Muito atenciosos eles são sempre – (39)</i>
<i>A comunidade aqui é muito acolhedora. Eles recebem a todos de braços abertos, sempre – (14)</i>
<i>Todo mundo acolhe a todos – (26)</i>
<i>As pessoas são bem... acolhedoras, pelo caminho, tudo – (18.1)</i>
<i>O pessoal, [...] a acolhida – (38.1)</i>
<i>Tudo bem, começando contigo, [...]. Tu tá acolhendo bem nós aqui [...] as irmãs ali na igreja também... a gente mandou rezar a missa e elas cantaram bem, tudo. [...]. Aquele, o Leomar, também querido, né? – (43)</i>
<i>As pessoas aqui que recebem (destaques da hospitalidade) – (48)</i>
<i>Ali na entrada, [...], o pessoal recebendo a gente e dando os folhetos da missa – (30)</i>
<i>O acolhimento por parte assim do pessoal da, [...] própria igreja daqui – (33)</i>
<i>O pessoal [...] é bem receptivo, [...]. Os moradores têm comércio e, [...], colocam faixas, tudo, saudando, recebendo os romeiros de uma forma agradável (isso influencia bastante) – (15)</i>
<i>Nos bar [...], não são muito explorador – (20)</i>

<i>A humildade, [...] a doação das pessoas (isso é grandeza de um povo) – (29)</i>
<i>Bem atenciosos (nos lanches) – (30)</i>
<i>É um carinho muito grande assim que a gente sente – (38.1)</i>
<i>As pessoas [os romeiros] [...] tão sendo bem educadas – (45)</i>
<i>Quando a gente tá andando as pessoas dão licença, [...] conversam, [...] acham que tá ótimo, [...] puxam amizade – (45)</i>
<i>Até conversando com as pessoas assim, [...], os romeiros (destaques sobre a hospitalidade) – (48)</i>
<i>O povo aqui da comunidade de Caravaggio é maravilhoso – (14)</i>
<i>O pessoal aqui, o pessoal (comunidade/romeiro) que eu tive contato, que eu conversei dentro da igreja também, é incrível, [...], bem típico do que a gente está celebrando – (15)</i>
<i>Bem tranquilo – (13)</i>
<i>Todo aquele povo daqui entra naquele espírito de, de receber bem, as pessoas que vêm de fora – (10)</i>
<i>A gente vê que é de coração – (11)</i>
<i>É um lugar que a gente se sente bem, porque é ao ar livre, assim, árvores, natureza. Deixa a gente mais tranquilo – (47)</i>
<i>É bom o lugar, [...] calmo – (47.1)</i>
<i>Aquela paz que, [...] todo mundo precisa – (21)</i>
<i>Bem aconchegante – (23)</i>
<i>Muito bonito – (25), (33)</i>
<i>Estrutura assim, como banheiros [...] bem equipados – (3)</i>
<i>Os banheiros estão sendo bem... – (13)</i>
<i>Infraestrutura dos banheiros – (25.1)</i>
<i>Banheiros, tá limpo – (27.1)</i>
<i>Os banheiros, têm bastante – (31.1)</i>
<i>Banheiro, tudo direitinho – (35)</i>
<i>Igreja, bem pintada, [...] bem arrumada – (50)</i>
<i>Assim, e essa natureza (apontando o jardim), tudo bem cuidado – (3)</i>
<i>Eles pensam em tudo. Lá onde vendem passagens lá, é tudo bem organizado – (25.1)</i>
<i>Bem estruturado o trânsito – (35)</i>
<i>Bastante informação – (36.1)</i>
<i>Sempre quando a gente precisa alguma coisa tem, tem tudo perto – (36.1)</i>
<i>Segurança – (3), (23), (25.1), (49), (49.1)</i>
<i>Bastante lugar [...] para comer, pra lanchar – (25)</i>
<i>Organização quanto à alimentação [...] a alimentação melhorou bastante – (7)</i>
<i>Alimentação também (é muito bom) – (49)</i>

<i>Pra tudo que é lado que a gente vai tem alguma coisa que se alimentar – (49.1)</i>
<i>Na rodoviária [...] tem a Pastoral da [...] Acolhida – (11)</i>
<i>Aqui também tem tudo. [...]. Até pra quem vem a pé (cuidados) – (11)</i>
<i>A cada dia que passa são mais organizados [...] bem mais organizados – (12)</i>
<i>Está bem organizado. Cada vez mais. [...] algumas coisas faltam ainda, [...], mas está bem, está ótimo – (23)</i>
<i>Bem organizado – (19), (24), (27.1)</i>
<i>Tava organizado, na chegada também – (19.1)</i>
<i>Toda a organização... muito bom mesmo – (21)</i>
<i>A organização... (ênfatizando) – (25.1)</i>
<i>Tudo bem organizado – (35)</i>
<i>Muito bem organizado – (31)</i>
<i>Tudo organizado – (33.1)</i>
<i>Muita organização – (40)</i>
<i>Tudo bem... bem organizado – (41)</i>
<i>Bem organizado (tá até bem organizado mesmo) – (44)</i>
<i>Organizado [...] tudo tá bem – (44.1)</i>
<i>A organização, tudo bem. É difícil manter tudo organizado [...] quando tem bastante gente – (50)</i>
<i>Só o estacionamento que é beeem longe – (19)</i>
<i>A gente não tem queixa. [...]. Tudo de bom. Uma vez era, era mais danado. Agora hoje não – (28)</i>
<i>Tudo bem... sinalizado [no percurso] – (38.1)</i>
<i>Além desse gramado, tudo tão bem cuidado – (47)</i>
<i>O apoio aos, [...] romeiros que vêm a pé – (25.1)</i>
<i>Tanto na área da saúde como segurança, [...] bombeiros, tudo – (25)</i>
<i>O que [...] tem que ter assim, tem ambulância... Tem uma porção de coisas – (34)</i>
<i>O percurso, [...], tem todo o apoio – (38.1)</i>
<i>Até o pessoal que a gente percorre durante, água, [...] bombeiros, de resgate, [...], polícia – (39)</i>
<i>Sempre tem carro de, [...] urgência, [...] se não se sentir bem no caminho – (42)</i>
<i>Toda a estrutura que [...] dão pra gente [...]. Na caminhada, [...] tem ambulância, tem [...] os postos [...] que dão auxílio – (49.1)</i>
<i>[Possibilidade de] Almoçar – (43.1)</i>
<i>[Possibilidade de] Fazer compras – (43.1)</i>
<i>Bem limpinho [...] tudo é bem limpo – (44)</i>
<i>Limpo – (44.1)</i>
<i>A gente pode sentar com a família também e conversar – (47)</i>
<i>Já teve ruim. Já teve muito ruim [o acolhimento]. Hoje [...] não sei como é que tá porque eu não vou ir de ônibus – (7)</i>
<i>A fé deles (dos romeiros) – (16)</i>

<i>A fé do pessoal aqui, vir a pé daquela distância ali – (16.1)</i>
<i>A gente vem, ouve uma missa, [...], vai embora, sempre tranquilo – (20)</i>
<i>A presença mesmo das pessoas, [...]. O grande número de fiéis – (25.1)</i>
<i>Bastante gente jovem – (25)</i>
<i>[Destacaria desse acolhimento] A igreja, o santuário – (28)</i>
<i>Boas orientações, os padres, [...], eles sempre te dão [...], uma boa palavra [...] em tudo – (28)</i>
<i>As missas (múltiplos horários de missa – diferente do Padre Reus¹⁸) – (31)</i>
<i>Missas toda hora – (44.1)</i>
<i>As missas tão bonitas (preparam umas missas bonitas) – (33.1)</i>
<i>Cada missa tem um coral diferente – (33.1)</i>
<i>Os padres, a missa – (43)</i>
<i>A missa – (43.1)</i>
<i>Uma coisa boa que todo mundo tá fazendo por fé mesmo – (11)</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Tendo em conta o suposto de que a emoção, expressão dos afetos, age sobre o processo de significação e amplificação dos fenômenos sob forma de blocos mnemônicos, uma vez entendido que a memória se organiza em unidades, ligando com lógica e coerência relatos mentais e linguísticos a partir de uma significação precedente (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012), um aspecto que de imediato chama a atenção no conjunto de fragmentos é que 83 deles (66,4%) relacionam-se a expressões correspondentes a uma síntese avaliativa do acolhimento na Romaria, ou seja, a um juízo de valor (os demais 42 fragmentos não aparecem diretamente relacionados a expressões-síntese). Segundo Perazzolo, Santos e Pereira (2012), as emoções estabelecem as cores que tonalizam todas as outras funções mentais, particularmente as do pensamento e da memória, interferindo no valor positivo ou negativo conferido às experiências.

Quanto mais forte for a emoção, maior será o impacto sobre a representação mental construída sobre a experiência, maior será o sentimento de prazer ou desprazer que a tonalizará, maior será a intensidade dos comportamentos que levarão a aproximar ou evitar experiências similares futuras, maior será a intensidade das lembranças que organizarão o sistema mnemônico em relação ao momento vivido (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012, s.p., tradução nossa).

¹⁸ O Santuário Sagrado Coração de Jesus – Padre Reus, localizado no município de São Leopoldo, abriga o túmulo do padre João Batista Reus e recebe visitas de romeiros e devotos (estimativa de 1500 pessoas a cada fim de semana) que, em sua maioria, vêm orar e agradecer por graças concedidas pelo sacerdote que morreu com fama de santidade (Fonte: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br>).

Na seleção e organização do discurso estaria, pois, a representação enunciativa da aglutinação de significações atribuídas à experiência de acolhimento dos romeiros.

Nesse sentido, veja-se a tabela 1, a qual apresenta o número de incidências dessas expressões-síntese e o respectivo percentual em relação ao total de incidências.

Tabela 1 – Incidência de expressões-síntese primeiramente enunciadas presentes nas respostas dos sujeitos em relação ao acolhimento na Romaria e respectivos percentuais em relação ao total de incidências

EXPRESSÕES	SUJEITOS	Nº DE INCIDÊNCIAS	%
muito bom(a)/bem boa/gostei muito	(8), (10), (11), (16), (18.1), (19), (19.1), (20), (24), (26), (31), (36.1), (38.1), (40), (48)	15	35,71
é boa/é bom	(2), (9), (17), (22), (28), (37), (42), (44), (45)	9	21,43
ótima/excelente/máximo	(13), (23), (35), (35.1), (46)	5	11,91
legal/gostei/gosto	(6), (27.1), (30), (49), (50)	5	11,91
muito bom, muito bom(a)	(25.1), (32)	2	4,76
tudo ok/tudo bem	(1), (43)	2	4,76
bem bacana/bem legal	(3)	1	2,38
(Nossa!) muito bom <u>mesmo</u>	(21)	1	2,38
maravilhoso, maravilhoso	(29)	1	2,38
bom, muito bom	(34)	1	2,38
TOTAL		42	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Observa-se que essas expressões-síntese possuem, em sua totalidade, uma valência positiva, manifesta em diferentes graus, marcados por elementos discursivos, como advérbios de intensidade: **bem** (“bem bacana/bem legal”; “bem boa”); **muito** (“gostei muito”; “muito bom(a)”). Pode-se perceber também que o grau de positividade vem reforçado por meio da repetição de expressões e do emprego de termos enfáticos como **mesmo** (vejam-se as verbalizações: “(Nossa!) muito bom mesmo”; “muito bom, muito bom(a)”; “maravilhoso, maravilhoso”), ou ainda por meio de processo de correção discursiva, caso da expressão “bom, muito bom”, quando o sujeito corrige/ajusta sua resposta.

Os mesmos dados constantes da tabela 1 permitem agrupar os graus de positividade em quatro grandes níveis, conforme dá conta a tabela 2 que segue.

Tabela 2 – Níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas e respectivos percentuais em relação ao total de incidências

NÍVEIS	EXPRESSÕES	SUJEITOS	Nº DE INCIDÊNCIAS	%
SATISFATÓRIO	legal/gostei/gosto	(6), (27.1), (30), (49), (50)	5	11,91
	Subtotal	-----	5	11,91
BOM	é boa/é bom	(2), (9), (17), (22), (28), (37), (42), (44), (45)	9	21,43
	tudo ok/tudo bem	(1), (43)	2	4,76
	Subtotal	-----	11	26,19
MUITO BOM	muito bom(a)/bem boa/gostei muito	(8), (10), (11), (16), (18.1), (19), (19.1), (20), (24), (26), (31), (36.1), (38.1), (40), (48)	15	35,71
	bem bacana/bem legal	(3)	1	2,38
	bom, muito bom	(34)	1	2,38
	Subtotal	-----	17	40,47
ÓTIMO/ EXCELENTE	ótima/excelente/máximo	(13), (23), (35), (35.1), (46)	5	11,91
	muito bom, muito bom(a)	(25.1), (32)	2	4,76
	(Nossa!) muito bom <u>mesmo</u>	(21)	1	2,38
	maravilhoso, maravilhoso	(29)	1	2,38
	Subtotal	-----	9	21,43
TOTAL	-----	-----	42	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Em linhas gerais, poder-se-ia dizer que, em relação ao acolhimento na Romaria, as expressões-síntese que melhor o definiriam, de acordo com os entrevistados, encontram-se no nível MUITO BOM, diversamente do nível SATISFATÓRIO, que apresenta o menor percentual. Somados os níveis SATISFATÓRIO e BOM, não são atingidos os percentuais do nível MUITO BOM, o que denota um alto grau de avaliação positiva. A valência positiva faz-se ainda mais significativa quando se consideram os percentuais que apontam para a excelência do acolhimento. Em assim sendo, emoções fortemente marcadas pelo grau de positividade estariam impactando a representação mental construída sobre as experiências ali vividas.

Na continuidade da organização dos dados, em vista das análises interpretativas pretendidas, encontram-se a seguir elencados fragmentos nodais das respostas dos sujeitos, a partir dos quais foram construídas quatro grandes categorias que permitem agrupá-los, segundo aspectos comuns identificados entre eles – o que se pode observar na figura 21, sob a forma de quadro.

Figura 21 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos relativas ao acolhimento na Romaria agrupados em categorias

CATEGORIAS	FRAGMENTOS/SUJEITOS
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	<i>Pessoas são educadas, pelo menos – (8)</i> <i>Grandeza [...] de um povo [...] se mede pela educação – (29)</i> <i>Pessoas bem educadas – (37)</i>
	<i>Bem atendido(a)(as) – (13), (31.1), (41), (42)</i>
	<i>Bem recebido(s) – (2), (8), (37.1)</i>
	<i>Preocupam [...] em deixar a pessoa bem – (2)</i>
	<i>Preocupante [...] pra tá auxiliando – (6)</i>
	<i>Pessoas [...] bem dispostas – (3)</i>
	<i>Bem acolhido – (7), (45)</i>
	<i>O pessoal pelo menos tenta fazer o melhor – (7)</i> <i>O pessoal procura fazer o melhor possível, [...] não é fácil acolher tanta gente ao mesmo tempo – (9)</i>
	<i>O(s) atendimento(s) – (10), (21), (50)</i>
	<i>Atendimento sorridente – (29)</i>
	<i>Simpatia – (10)</i>
	<i>A gente tá muito bem servido (atendido) – (10)</i>
	<i>Tem bastante cuidados [...] é uma coisa que a gente vê que é de coração – (11)</i>
	<i>O pessoal se dedica bastante, dá informações – (12)</i>
	<i>São bastante prestativos – (12)</i>
	<i>Estão dando atenção pro povo – (13)</i> <i>Muito atenciosos eles são sempre – (39)</i>
	<i>A comunidade aqui é muito acolhedora. Eles recebem a todos de braços abertos, sempre – (14)</i> <i>Todo mundo acolhe a todos – (26)</i>
	<i>As pessoas são bem... acolhedoras, pelo caminho, tudo – (18.1)</i> <i>O pessoal, [...] a acolhida – (38.1)</i> <i>Tudo bem, começando contigo, [...]. Tu tá acolhendo bem nós aqui [...] as irmãs ali na igreja também... a gente mandou rezar a missa e elas cantaram bem, tudo. [...]. Aquele, o Leomar, também querido, né? – (43)</i> <i>As pessoas aqui que recebem (destaques da hospitalidade) – (48)</i> <i>Ali na entrada, [...], o pessoal recebendo a gente e dando os</i>

	<p><i>folhetos da missa – (30)</i></p> <p><i>O acolhimento por parte assim do pessoal da, [...] própria igreja daqui – (33)</i></p> <p><i>O pessoal [...] é bem receptivo, [...]. Os moradores têm comércio e, [...], colocam faixas, tudo, saudando, recebendo os romeiros de uma forma agradável (isso influencia bastante) – (15)</i></p> <p><i>Nos bar [...], não são muito explorador – (20)</i></p> <p><i>A humildade, [...], a doação das pessoas (isso é grandeza de um povo) – (29)</i></p> <p><i>Bem atenciosos (nos lanches) – (30)</i></p> <p><i>É um carinho muito grande assim que a gente sente – (38.1)</i></p> <p><i>As pessoas [os romeiros] [...] tão sendo bem educadas – (45)</i></p> <p><i>Quando a gente tá andando as pessoas dão licença, [...] conversam, [...] acham que tá ótimo, [...] puxam amizade – (45)</i></p> <p><i>Até conversando com as pessoas assim, [...], os romeiros (destaques sobre a hospitalidade) – (48)</i></p>
<p>IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS</p>	<p><i>O povo aqui da comunidade de Caravaggio é maravilhoso – (14)</i></p> <p><i>O pessoal aqui, o pessoal (comunidade/romeiro) que eu tive contato, que eu conversei dentro da igreja também, é incrível, [...], bem típico do que a gente está celebrando – (15)</i></p> <p><i>Bem tranquilo – (13)</i></p> <p><i>Todo aquele povo daqui entra naquele espírito de, de receber bem, as pessoas que vêm de fora – (10)</i></p> <p><i>A gente vê que é de coração – (11)</i></p> <p><i>É um lugar que a gente se sente bem, porque é ao ar livre, assim, árvores, natureza. Deixa a gente mais tranquilo – (47)</i></p> <p><i>É bom o lugar, [...] calmo – (47.1)</i></p> <p><i>Aquela paz que, [...] todo mundo precisa – (21)</i></p> <p><i>Bem aconchegante – (23)</i></p> <p><i>Muito bonito – (25), (33)</i></p>
<p>PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA</p>	<p><i>Estrutura assim, como banheiros [...] bem equipados – (3)</i></p> <p><i>Os banheiros estão sendo bem... – (13)</i></p> <p><i>Infraestrutura dos banheiros – (25.1)</i></p> <p><i>Banheiros, tá limpo – (27.1)</i></p> <p><i>Os banheiros, tem bastante – (31.1)</i></p> <p><i>Banheiro, tudo direitinho – (35)</i></p> <p><i>Igreja, bem pintada, [...] bem arrumada – (50)</i></p> <p><i>Assim, e essa natureza (apontando o jardim), tudo bem cuidado – (3)</i></p> <p><i>Eles pensam em tudo. Lá onde vendem passagens lá, é tudo bem organizado – (25.1)</i></p> <p><i>Bem estruturado o trânsito – (35)</i></p> <p><i>Bastante informação – (36.1)</i></p> <p><i>Sempre quando a gente precisa alguma coisa tem, tem tudo perto – (36.1)</i></p>

<i>Segurança – (3), (23), (25.1), (49), (49.1)</i>
<i>Bastante lugar [...] para comer, pra lanchar – (25)</i>
<i>Organização quanto à alimentação [...] a alimentação melhorou bastante – (7)</i>
<i>Alimentação também (é muito bom) – (49)</i>
<i>Pra tudo que é lado que a gente vai tem alguma coisa que se alimentar – (49.1)</i>
<i>Na rodoviária [...] tem a Pastoral da [...] Acolhida – (11)</i>
<i>Aqui também tem tudo. [...]. Até pra quem vem a pé (cuidados) – (11)</i>
<i>A cada dia que passa são mais organizados [...] bem mais organizados – (12)</i>
<i>Está bem organizado. Cada vez mais. [...] algumas coisas faltam ainda, [...], mas está bem, está ótimo – (23)</i>
<i>Bem organizado – (19), (24), (27.1)</i>
<i>Tava organizado, na chegada, também – (19.1)</i>
<i>Toda a organização... muito bom mesmo – (21)</i>
<i>A organização... (ênfatisando) – (25.1)</i>
<i>Tudo bem organizado – (35)</i>
<i>Muito bem organizado – (31)</i>
<i>Tudo organizado – (33.1)</i>
<i>Muita organização – (40)</i>
<i>Tudo bem... bem organizado – (41)</i>
<i>Bem organizado (tá até bem organizado mesmo) – (44)</i>
<i>Organizado [...] tudo tá bem – (44.1)</i>
<i>A organização, tudo bem. É difícil manter tudo organizado [...] quando tem bastante gente – (50)</i>
<i>Só o estacionamento que é beeem longe – (19)</i>
<i>A gente não tem queixa. [...]. Tudo de bom. Uma vez era, era mais danado. Agora hoje não – (28)</i>
<i>Tudo bem... sinalizado [no percurso] – (38.1)</i>
<i>Além desse gramado, tudo tão bem cuidado – (47)</i>
<i>O apoio aos, [...] romeiros que vêm a pé – (25.1)</i>
<i>Tanto na área da saúde como segurança, [...] bombeiros, tudo – (25)</i>
<i>O que [...] tem que ter assim, tem ambulância... Tem uma porção de coisas – (34)</i>
<i>O percurso, [...], tem todo o apoio – (38.1)</i>
<i>Até o pessoal que a gente percorre durante, água, [...] bombeiros, de resgate, [...], polícia – (39)</i>
<i>Sempre tem carro de, [...] urgência, [...] se não se sentir bem no caminho – (42)</i>
<i>Toda a estrutura que [...] dão pra gente [...]. Na caminhada, [...] tem ambulância, tem [...] os postos [...] que dão auxílio – (49.1)</i>
<i>[Possibilidade de] Almoçar – (43.1)</i>
<i>[Possibilidade de] Fazer compras – (43.1)</i>
<i>Bem limpinho [...] tudo é bem limpo – (44)</i>

	<i>Limpo</i> – (44.1)
	<i>A gente pode sentar com a família também e conversar</i> – (47)
	<i>Já teve ruim. Já teve muito ruim [o acolhimento]. Hoje [...] não sei como é que tá porque eu não vou ir de ônibus</i> – (7)
ASPECTOS RELIGIOSOS	<i>A fé deles (dos romeiros)</i> – (16)
	<i>A fé do pessoal aqui, vir a pé daquela distância ali</i> – (16.1)
	<i>A gente vem, ouve uma missa, [...], vai embora, sempre tranquilo</i> – (20)
	<i>A presença mesmo das pessoas, [...]. O grande número de fiéis</i> – (25.1)
	<i>Bastante gente jovem</i> – (25)
	<i>[Destacaria desse acolhimento] A igreja, o santuário</i> – (28)
	<i>Boas orientações, os padres, [...], eles sempre te dão [...], uma boa palavra [...] em tudo</i> – (28)
	<i>As missas (múltiplos horários de missa – diferente do Padre Reus)</i> – (31)
	<i>Missa toda hora</i> – (44.1)
	<i>As missas tão bonitas (preparam umas missas bonitas)</i> – (33.1)
	<i>Cada missa tem um coral diferente</i> – (33.1)
<i>Os padres, a missa</i> – (43)	
<i>A missa</i> – (43.1)	
<i>Uma coisa boa que todo mundo tá fazendo por fé mesmo</i> – (11)	

Fonte: Elaborado pela própria autora.

No que se refere ao número de fragmentos e respectivos percentuais em relação a cada categoria elencada, a tabela a seguir retrata, sinteticamente, essa representatividade.

Tabela 3 – Representatividade em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos agrupados em categorias

CATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS	%
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	44	35,2
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	11	8,8
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	56	44,8
ASPECTOS RELIGIOSOS	14	11,2
TOTAL	125	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Nota-se que o maior número de verbalizações registra-se na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA, o que permitiria inferir que, para a maioria dos

entrevistados, o acolhimento na Romaria estaria relacionado a aspectos estruturais e de organização. Na outra ponta, encontra-se a categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS, com o menor número de verbalizações. Já a categoria ASPECTOS RELIGIOSOS, que apresenta uma incidência de verbalizações inferior às concernentes ao PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e às RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS, ocupa a terceira posição, o que, a princípio, denota uma menor aproximação entre o acolhimento e o universo religioso, mesmo em se tratando de uma romaria.

Refinando um pouco mais a análise de aspectos comuns entre os fragmentos, constituem-se subcategorias como desdobramentos das quatro grandes categorias inicialmente construídas, constantes das figuras 22, 23, 24 e 25.

Figura 22 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS e respectivas subcategorias

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	FRAGMENTOS/SUJEITOS
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	<i>Pessoas são educadas, pelo menos – (8)</i> <i>Grandeza [...] de um povo [...] se mede pela educação – (29)</i> <i>Pessoas bem educadas – (37)</i> <i>As pessoas [os romeiros] [...] tão sendo bem educadas – (45)</i>
	Atendimento	<i>Bem atendido(a)(as) – (13), (31.1), (41), (42)</i> <i>O(s) atendimento(s) – (10), (21), (50)</i> <i>Atendimento sorridente – (29)</i> <i>Nos bar [...], não são muito explorador – (20)</i> <i>A gente tá muito bem servido (atendido) – (10)</i>
	Disposição receptiva	<i>Simpatia – (10)</i> <i>Tem bastante cuidados [...] é uma coisa que a gente vê que é de coração – (11)</i> <i>O pessoal se dedica bastante, dá informações – (12)</i> <i>São bastante prestativos – (12)</i> <i>Estão dando atenção pro povo – (13)</i> <i>A comunidade aqui é muito acolhedora. Eles recebem a todos de braços abertos, sempre – (14)</i> <i>Muito atenciosos eles são sempre – (39)</i> <i>Ali na entrada, [...], o pessoal recebendo a gente e dando os folhetos da missa – (30)</i> <i>O pessoal, [...] a acolhida – (38.1)</i> <i>Pessoas [...] bem dispostas – (3)</i> <i>Todo mundo acolhe a todos – (26)</i> <i>As pessoas são bem... acolhedoras, pelo caminho, tudo – (18.1)</i> <i>É um carinho muito grande assim que a gente sente – (38.1)</i>

	<p><i>Tudo bem, começando contigo, [...]. Tu tá acolhendo bem nós aqui [...] as irmãs ali na igreja também... a gente mandou rezar a missa e elas cantaram bem, tudo. [...]. Aquele, o Leomar, também querido, né? – (43)</i></p> <p><i>As pessoas aqui que recebem (destaques da hospitalidade) – (48)</i></p> <p><i>Bem recebido(s) – (2), (8), (37.1)</i></p> <p><i>Preocupante [...] pra tá auxiliando – (6)</i></p> <p><i>Bem acolhido – (7), (45)</i></p> <p><i>O pessoal procura fazer o melhor possível, [...] não é fácil acolher tanta gente ao mesmo tempo – (9)</i></p> <p><i>O pessoal pelo menos tenta fazer o melhor – (7)</i></p> <p><i>O acolhimento por parte assim do pessoal da, [...] própria igreja daqui – (33)</i></p> <p><i>Bem atenciosos (nos lanches) – (30)</i></p> <p><i>A humildade, [...], a doação das pessoas (isso é grandeza de um povo) – (29)</i></p> <p><i>Quando a gente tá andando as pessoas dão licença, [...] conversam, [...] acham que tá ótimo, [...] puxam amizade – (45)</i></p> <p><i>Até conversando com as pessoas assim, [...], os romeiros (destaques sobre a hospitalidade) – (48)</i></p> <p><i>Preocupam [...] em deixar a pessoa bem – (2)</i></p> <p><i>O pessoal [...] é bem receptivo, [...]. Os moradores têm comércio e, [...], colocam faixas, tudo, saudando, recebendo os romeiros de uma forma agradável (isso influencia bastante) – (15)</i></p>
--	---

Fonte: Elaborado pela própria autora.

No que diz respeito à categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS (que compreende as subcategorias EDUCAÇÃO, ATENDIMENTO e DISPOSIÇÃO RECEPTIVA), pode-se dizer que os fragmentos, em sua maioria, apontam para três âmbitos que abrangem a recepção interpessoal, quer seja, o acolhimento por parte dos representantes da igreja, por parte dos atendentes do comércio (restaurantes e vendas em geral) e, entre os romeiros/participantes da Romaria. É importante destacar que grande parte das verbalizações refere-se às relações sócio-humanas enfatizando o acolhimento por parte daqueles que recebem, não contemplando o acolhido/romeiro também como um dos envolvidos na efetivação das relações de acolhimento. Ou seja, a maioria das respostas aponta para o desejo do romeiro em ser bem atendido/recebido/acolhido, um acolhimento centrado no polo do acolhedor, como é possível identificar nos seguintes fragmentos: “Atendimento sorridente”, “A gente tá muito bem Servido (atendido)”, “O pessoal se dedica bastante”, “São bastante prestativos”, “Estão dando atenção pro povo”, “Muito atenciosos eles são sempre”, “As pessoas são bem... acolhedoras, pelo caminho, tudo”, “O acolhimento por parte assim do pessoal da, [...] própria igreja daqui”, “Bem atenciosos (nos lanches)”, “O pessoal [...] é bem receptivo”, citando apenas algumas

ocorrências. Em alguns casos, os entrevistados fazem menção às relações entre os romeiros, como, por exemplo: “As pessoas [os romeiros] [...] tão sendo bem educadas”, “Quando a gente tá andando, as pessoas dão licença, [...] conversam, [...] acham que tá ótimo, [...] puxam amizade”, “Até conversando com as pessoas assim, [...], os romeiros”. Notem-se os sujeitos dos fragmentos oracionais e os verbos correspondentes expressos em terceira pessoa, o que, discursivamente, vincula o acolhimento ao “outro”.

Dentre os tópicos focalizados nessa categoria, há ainda alguns que merecem destaque, como: a educação, a simpatia, a humildade, a doação e a disposição das pessoas “Pessoas são educadas, pelo menos” (expressando que o mínimo que se pode oferecer é a educação), “Simpatia”, “Pessoas [...] bem dispostas”, “A humildade, [...], a doação das pessoas”; o ser bem atendido/recebido/acolhido “Bem atendido(a)(as)”, “Bem recebido(s)” (expressões que estariam relacionadas ao acolhimento – focalizando o polo do acolhedor – na Romaria); o acolhimento incondicional, por parte da comunidade “A comunidade aqui é muito acolhedora. Eles recebem a todos de braços abertos, sempre”, “Muito atenciosos eles são sempre”; a dedicação, preocupação e boa vontade por parte dos que acolhem “O pessoal se dedica bastante, dá informações”, “São bastante prestativos”, “Preocupam em deixar a pessoa bem”. Identifica-se, ainda, a percepção de melhorias em relação à educação dos romeiros e à interlocução amigável dos romeiros entre eles (mencionadas pelos sujeitos 45 e 48 na subcategoria DISPOSIÇÃO RECEPTIVA).

Em termos numéricos, a representatividade dos fragmentos destacados nas subcategorias, em relação à categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS, pode ser melhor observada por meio da tabela que segue.

Tabela 4 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS	%
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	4	9,09
	Atendimento	10	22,73
	Disposição receptiva	30	68,18
TOTAL	-----	44	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Nessa tabela é possível perceber que a subcategoria que abarca o maior número de fragmentos é DISPOSIÇÃO RECEPTIVA, sendo esta disposição, em grande parte das verbalizações, considerada sob o polo do acolhedor.

Na sequência, apresenta-se, por meio da figura 23, a categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS, e sua respectiva subcategoria, com os fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos nela contemplados.

Figura 23 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS e respectiva subcategoria

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FRAGMENTOS/SUJEITOS
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	<p><i>O povo aqui da comunidade de Caravaggio é maravilhoso – (14)</i></p> <p><i>Bem tranquilo – (13)</i></p> <p><i>É bom o lugar, [...] calmo – (47.1)</i></p> <p><i>O pessoal aqui, o pessoal (comunidade/romeiro) que eu tive contato, que eu conversei dentro da igreja também, é incrível, [...], bem típico do que a gente está celebrando – (15)</i></p> <p><i>Todo aquele povo daqui entra naquele espírito de, de receber bem, as pessoas que vêm de fora – (10)</i></p> <p><i>A gente vê que é de coração – (11)</i></p> <p><i>É um lugar que a gente se sente bem, porque é ao ar livre, assim, árvores, natureza. Deixa a gente mais tranquilo – (47)</i></p> <p><i>Muito bonito – (25), (33)</i></p> <p><i>Bem aconchegante – (23)</i></p> <p><i>Aquela paz que, [...] todo mundo precisa – (21)</i></p>

Fonte: Elaborado pela própria autora.

No que tange à categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS (que engloba a subcategoria CLIMA CONTEXTUAL – aspectos vinculados à vivência e experiência, que somente podem ser percebidos no local), os tópicos ali elencados apontam para marcas da experiência vivida (em relação às pessoas, ao povo/comunidade ou, ao lugar), conforme sinalizam os adjetivos **tranquilo**, **calmo**, **aconchegante**, **bonito**, ou ainda o advérbio **bem** modificando a forma verbal **se sente**. Tais expressões vêm agregadas aos advérbios enfáticos **bem** e **muito**: “Bem tranquilo”, “É bom o lugar, [...] calmo”, “Bem aconchegante”, “Muito bonito”, “É um lugar que a gente se sente bem, porque é ao ar livre, assim, árvores, natureza. Deixa a gente mais tranquilo”, para mencionar algumas ocorrências. Por outro lado, é possível identificar adjetivações ou substantivações que expressam impressões gerais relacionadas ao povo local e aos romeiros, as quais parecem encerrar uma analogia com características implícitas próprias

ao clima religioso ou do evento em si: **maravilhoso, incrível, paz**. Vejam-se os fragmentos: “O povo aqui da comunidade de Caravaggio é maravilhoso”, “O pessoal aqui, o pessoal (comunidade/romeiro) que eu tive contato, que eu conversei dentro da igreja também, é incrível, [...], bem típico do que a gente está celebrando” (encontro, espiritualidade, cumplicidade, alegria...), “Todo aquele povo daqui entra naquele espírito de, de receber bem, as pessoas que vêm de fora”, “A gente vê que é de coração”, “Aquela paz que, [...] todo mundo precisa”, entre outras verbalizações.

A continuidade do estudo recai sobre as subcategorias correspondentes à categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA.

Figura 24 – Fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos agrupados na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e respectivas subcategorias

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	FRAGMENTOS/SUJEITOS
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Estrutura física	<i>Estrutura assim, como banheiros [...] bem equipados – (3)</i> <i>Os banheiros estão sendo bem... – (13)</i> <i>Infraestrutura dos banheiros – (25.1)</i> <i>Banheiros, tá limpo – (27.1)</i> <i>Os banheiros, tem bastante – (31.1)</i> <i>Banheiro, tudo direitinho – (35)</i> <i>Igreja, bem pintada, [...] bem arrumada – (50)</i>
	Estrutura de apoio	<i>Segurança – (3), (23), (25.1), (49), (49.1)</i> <i>Na rodoviária [...] tem a Pastoral da [...] Acolhida – (11)</i> <i>Aqui também tem tudo. [...]. Até pra quem vem a pé (cuidados) – (11)</i> <i>O apoio aos, [...] romeiros que vêm a pé – (25.1)</i> <i>Tanto na área da saúde como segurança, [...] bombeiros, tudo – (25)</i> <i>Até o pessoal que a gente percorre durante, água, [...] bombeiros, de resgate, [...], polícia – (39)</i> <i>O que [...] tem que ter assim, tem ambulância... Tem uma porção de coisas – (34)</i> <i>O percurso, [...], tem todo o apoio – (38.1)</i> <i>Sempre tem carro de, [...] urgência, [...] se não se sentir bem no caminho – (42)</i> <i>Toda a estrutura que [...] dão pra gente [...]. Na caminhada, [...] tem ambulância, tem [...] os postos [...] que dão auxílio – (49.1)</i>
	Organização espacial	<i>Tudo bem... sinalizado [no percurso] – (38.1)</i> <i>Assim, e essa natureza (apontando o jardim), tudo bem cuidado – (3)</i>

		<p><i>Eles pensam em tudo. Lá onde vendem passagens lá, é tudo bem organizado – (25.1)</i></p> <p><i>Bem estruturado o trânsito – (35)</i></p> <p><i>Só o estacionamento que é beeem longe – (19)</i></p> <p><i>Além desse gramado, tudo tão bem cuidado – (47)</i></p> <p><i>A gente pode sentar com a família também e conversar – (47)</i></p>	
	Organização geral	<p><i>Bem organizado – (19), (24), (27.1)</i></p> <p><i>Tava organizado, na chegada, também – (19.1)</i></p> <p><i>Toda a organização... muito bom mesmo – (21)</i></p> <p><i>A organização... (ênfatizando) – (25.1)</i></p> <p><i>Tudo bem organizado – (35)</i></p> <p><i>Muito bem organizado – (31)</i></p> <p><i>Tudo organizado – (33.1)</i></p> <p><i>Muita organização – (40)</i></p> <p><i>Tudo bem... bem organizado – (41)</i></p> <p><i>Bem organizado (tá até bem organizado mesmo) – (44)</i></p> <p><i>Organizado [...] tudo tá bem – (44.1)</i></p> <p><i>A organização, tudo bem. É difícil manter tudo organizado [...] quando tem bastante gente – (50)</i></p> <p><i>Está bem organizado. Cada vez mais. [...] algumas coisas faltam ainda, [...], mas está bem, está ótimo – (23)</i></p> <p><i>A cada dia que passa são mais organizados [...] bem mais organizados – (12)</i></p> <p><i>A gente não tem queixa. [...]. Tudo de bom. Uma vez era, era mais danado. Agora hoje não – (28)</i></p>	
	Serviços	Informação	<i>Bastante informação – (36.1)</i>
		Alimentação	<p><i>Organização quanto à alimentação [...] a alimentação melhorou bastante – (7)</i></p> <p><i>Alimentação também (é muito bom) – (49)</i></p> <p><i>Pra tudo que é lado que a gente vai tem alguma coisa que se alimentar – (49.1)</i></p> <p><i>Bastante lugar [...] para comer, pra lanchar – (25)</i></p> <p><i>[Possibilidade de] Almoçar – (43.1)</i></p>
		Vendas em geral	<p><i>[Possibilidade de] Fazer compras – (43.1)</i></p> <p><i>Sempre quando a gente precisa alguma coisa tem, tem tudo perto – (36.1)</i></p>
		Transporte	<i>Já teve ruim. Já teve muito ruim [o acolhimento]. Hoje [...] não sei como é que tá porque eu não vou ir de ônibus – (7)</i>

		Limpeza	<i>Bem limpinho [...] tudo é bem limpo – (44)</i> <i>Limpo – (44.1)</i>
--	--	---------	--

Fonte: Elaborado pela própria autora.

De acordo com a figura 24, as verbalizações dos sujeitos, em linhas gerais, apontam para elementos/tópicos como: banheiros, igreja, segurança, saúde, sinalização, natureza (jardim/gramado), venda de passagens, trânsito, estacionamento, organização, informação, alimentação, vendas em geral, transporte (ônibus) e limpeza.

A maioria das verbalizações apresenta uma avaliação positiva em relação aos tópicos vinculados ao planejamento e à organização socioadministrativa da Romaria. Ainda, pelo número de fragmentos inseridos nessa categoria, é possível inferir a importância atribuída, pelos entrevistados, aos aspectos relacionados à estrutura, organização e aos serviços para a consecução do acolhimento na Romaria.

Detalhando um pouco mais os fragmentos elencados nas subcategorias, na ESTRUTURA FÍSICA identifica-se a satisfação dos entrevistados com relação à estrutura dos banheiros e da igreja, uma vez que a maioria deles os menciona de forma positiva, como, por exemplo: “Estrutura assim, como banheiros [...] bem equipados”, “Banheiros, tá limpo”, “Os banheiros, tem bastante”, “Banheiro, tudo direitinho”, “Igreja, bem pintada, [...] bem arrumada”.

Na subcategoria ESTRUTURA DE APOIO, o grande destaque foi atribuído ao apoio fornecido ao longo do caminho que os romeiros percorrem a pé, como é possível identificar nas seguintes verbalizações: “Aqui também tem tudo. [...]. Até pra quem vem a pé (cuidados)”, “O apoio aos, [...] romeiros que vêm a pé”, “Até o pessoal que a gente percorre durante, água, [...] bombeiros, de resgate, [...], polícia”, “O percurso, [...], tem todo o apoio”, “Sempre tem carro de, [...] urgência, [...] se não se sentir bem no caminho”, “Toda a estrutura que [...] dão pra gente [...]. Na caminhada, [...] tem ambulância, tem [...] os postos [...] que dão auxílio”.

Ainda sobre a ESTRUTURA DE APOIO, muitos entrevistados fizeram menção à estrutura fornecida tanto no entorno do santuário quanto em outros espaços compreendidos pela Romaria (como a rodoviária, por exemplo), destacando, principalmente, aspectos como segurança e saúde, como é o caso das verbalizações “Segurança”, “Na rodoviária [...] tem a Pastoral da [...] Acolhida”, “Tanto na área da saúde como segurança, [...] bombeiros, tudo”, “O que [...] tem que ter assim, tem ambulância... Tem uma porção de coisas”. Pode-se notar, assim, que o acolhimento não se restringe apenas ao local, propriamente dito, da realização da

Romaria. Ele envolve diversos aspectos que se estendem à mobilização da própria cidade e de outros municípios da região (principalmente Caxias do Sul).

No que se refere à subcategoria ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, as citações são direcionadas à organização dos espaços compreendidos pela Romaria, como a sinalização (“Tudo bem... sinalizado [no percurso]”), a natureza (jardim/gramado) (“Assim, e essa natureza [apontando o jardim], tudo bem cuidado”, “Além desse gramado, tudo tão bem cuidado”), o local de venda de passagens (“Eles pensam em tudo. Lá onde vendem passagens lá, é tudo bem organizado”), o estacionamento (“Só o estacionamento que é beem longe” – nesse caso, uma avaliação negativa e uma ressalva sobre a localização do estacionamento, pois esse mesmo sujeito (19) menciona, como se pode observar na subcategoria ORGANIZAÇÃO GERAL, que tudo está “Bem organizado”), os locais para sentar (bancos) (“A gente pode sentar com a família também e conversar”). Embora sejam relativamente poucas as verbalizações a esse respeito, elas dão conta de aspectos relacionados à organização espacial, que, para os sujeitos, seriam relevantes ao acolhimento, como: a sinalização do percurso; o cuidado com a natureza, que propiciaria um ambiente acolhedor para aqueles que desejam relaxar, refletir, isso aliado à espiritualidade e religiosidade que a Romaria suscitaria; a organização da venda das passagens, o que permitiria uma maior rapidez no atendimento, fazendo com que as pessoas não precisem enfrentar filas e aguardar por muito tempo; a disponibilização de locais para sentar e descansar, considerando o grande número de romeiros que vêm a pé para a Romaria; a localização do estacionamento, que talvez precise ser repensada.

A subcategoria ORGANIZAÇÃO GERAL inclui os fragmentos das verbalizações dos sujeitos relativas à organização da Romaria proferidas de uma maneira mais generalizada, como nos casos em que os entrevistados mencionam: “Bem organizado”, “Toda a organização... muito bom mesmo”, “A organização... (ênfatisando)”, “Tudo bem organizado”, “Muito bem organizado”, “Tudo organizado”, “Muita organização”, “Tudo bem... bem organizado”, “Organizado [...] tudo tá bem”, “A organização, tudo bem”.

Chama atenção o fragmento “Tava organizado, na chegada também”, que não especifica quais aspectos da chegada estariam organizados. Porém, o termo **também** no mesmo fragmento remete à ideia de superação de expectativa (no discurso estaria implícito enunciado como “A chegada, normalmente, é tumultuada”). Caso semelhante poderia ser identificado na verbalização: “Bem organizado (tá até bem organizado mesmo)”. O termo **até** expressa a superação do grau de organização. Ainda, dois entrevistados perceberam melhorias em relação à organização geral, como se observa nos fragmentos: “Está bem organizado. Cada vez mais. [...] algumas coisas faltam ainda, [...], mas está bem, está ótimo”, “A cada dia

que passa são mais organizados [...] bem mais organizados”. Nesses casos, embora o primeiro sujeito ressalte a evolução na organização, ele ressalva que ainda há o que melhorar. Já o segundo sujeito, ao empregar, em sua fala, o termo **bem**, aponta uma melhora significativa na organização.

Nessa mesma perspectiva de percepção de melhorias em relação à organização geral, um dos entrevistados refere que “A gente não tem queixa. [...]. Tudo de bom. Uma vez era, era mais danado. Agora hoje não”. Em direção contrária, um dos sujeitos menciona que está “Bem organizado”, mas ressalva, na subcategoria ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, que “Só o estacionamento que é beem longe”, assinalando que ainda há o que melhorar, especialmente, em relação à localização do estacionamento. De toda forma, no cômputo global, as ressalvas apresentadas em relação à organização geral não diminuem ou anulam a positividade das verbalizações referentes a esse aspecto; apenas a relativizam.

A subcategoria SERVIÇOS engloba fragmentos relacionados aos tópicos INFORMAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, VENDAS EM GERAL, TRANSPORTE e LIMPEZA. No que se refere à INFORMAÇÃO, registra-se a verbalização positiva de um dos entrevistados em relação à quantidade de informações fornecidas/disponibilizadas aos romeiros: “Bastante informação”. O destaque dos serviços, no entanto, é atribuído à ALIMENTAÇÃO, que abarca o maior número de fragmentos, todos apresentando uma avaliação positiva, em especial ressaltando a organização e a quantidade de oferta desse serviço: “Alimentação também (é muito bom)”, “Pra tudo que é lado que a gente vai tem alguma coisa que se alimentar”, “Bastante lugar [...] pra comer, pra lanche”, “[Possibilidade de] almoçar”. Faz-se interessante notar que um dos entrevistados apontou a percepção de melhorias em relação aos serviços de alimentação, conforme consta do seguinte fragmento: “Organização quanto à alimentação [...] a alimentação melhorou bastante”. A respeito das VENDAS EM GERAL os fragmentos indicam a “[Possibilidade de] Fazer compras” durante a Romaria, bem como a disponibilidade e facilidade de e acesso a itens/produtos necessários, consonante com a afirmação: “Sempre quando a gente precisa alguma coisa tem, tem tudo perto”.

Quanto ao tópico TRANSPORTE, a verbalização ali inserida ressalta uma identificação do acolhimento com o serviço de ônibus, na medida em que a resposta dada refere-se à pergunta “O que você tem a dizer sobre o acolhimento, à hospitalidade aqui na Romaria?”. Contrapondo-se os fragmentos “Já teve ruim. Já teve muito ruim [o acolhimento]. Hoje [...] não sei como é que tá porque eu não vou ir de ônibus” aos termos adverbiais **já** e **hoje**, parece aí estar conotada, ao mesmo tempo, uma ideia de melhoria (já foi pior) e que essa melhoria se estende ao serviço de ônibus (mesmo sem utilizá-lo).

No tocante à LIMPEZA, os fragmentos destacados apresentam avaliação positiva, como em “Bem limpinho [...] tudo é bem limpo” e “Limpo”. Além da ênfase conferida pelo duplo emprego do termo **bem**, que viria a reforçar a aproximação do acolhimento à característica da limpeza do local, a utilização do sufixo diminutivo (“limpinho”) de certo modo tonaliza esse acolhimento com uma marca de afetividade ou de “carinho” de quem acolhe.

A categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e suas respectivas subcategorias são representadas, em termos numéricos e percentuais (em relação à categoria), pela tabela 5 a seguir.

Tabela 5 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS	%	
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Estrutura física	7	12,5	
	Estrutura de apoio	14	25	
	Organização espacial	7	12,5	
	Organização geral	17	30,36	
	Serviços	Informação	1	1,78
		Alimentação	5	8,94
		Vendas em geral	2	3,57
		Transporte	1	1,78
		Limpeza	2	3,57
TOTAL	-----	56	100	

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Por meio da tabela 5, é possível visualizar, com maior clareza, que a subcategoria ORGANIZAÇÃO GERAL agrupa o maior número de fragmentos das verbalizações dos entrevistados, ou seja, a maioria dos sujeitos (30,36%) que relacionaram o acolhimento a aspectos vinculados ao planejamento e à organização socioadministrativa da Romaria o fizeram mencionando a organização de forma generalizada, não ressaltando elementos específicos. Em seguida, encontra-se a subcategoria ESTRUTURA DE APOIO, elencando o segundo maior grupo de fragmentos (25%). A subcategoria SERVIÇOS está na terceira posição (19,64% dos fragmentos), sendo que, dos tópicos por ela englobados, a ALIMENTAÇÃO apresenta maior destaque. Em síntese, as subcategorias atinentes ao planejamento e à organização socioadministrativa da Romaria têm como foco a segurança e cuidado com a

saúde dos romeiros no percurso (estrutura de apoio); os banheiros disponibilizados (estrutura física local) e a alimentação (serviços). Não se verificam predominâncias quando se referem à organização espacial.

Na sequência, a categoria ASPECTOS RELIGIOSOS, suas respectivas subcategorias e correspondentes fragmentos são ilustrados por meio da figura 25.

Figura 25 – Fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS e respectivas subcategorias

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	FRAGMENTOS/SUJEITOS
ASPECTOS RELIGIOSOS	Templo	<i>[Destacaria desse acolhimento] A igreja, o santuário – (28)</i>
	Contingente de fiéis	<i>Bastante gente jovem – (25) A presença mesmo das pessoas, [...]. O grande número de fiéis – (25.1)</i>
	Palavra dos representantes da Igreja	<i>Boas orientações, os padres, [...], eles sempre te dão [...], uma boa palavra [...] em tudo – (28)</i>
	Ritos	<i>A gente vem, ouve uma missa, [...], vai embora, sempre tranquilo – (20) As missas (múltiplos horários de missa - diferente do Padre Reus) – (31) Missa toda hora – (44.1) As missas tão bonitas (preparam umas missas bonitas) – (33.1) Cada missa tem um coral diferente – (33.1) Os padres, a missa – (43) A missa – (43.1)</i>
	Demonstrações de fé	<i>A fé deles (dos romeiros) – (16) A fé do pessoal aqui, vir a pé daquela distância ali – (16.1) Uma coisa boa que todo mundo tá fazendo por fé mesmo – (11)</i>

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS (que contempla as subcategorias TEMPLO, CONTINGENTE DE FIÉIS, PALAVRA DOS REPRESENTANTES DA IGREJA, RITOS e DEMONSTRAÇÕES DE FÉ), inserem-se as verbalizações que vinculam o acolhimento na Romaria a elementos de cunho religioso, englobando tópicos como igreja, santuário, fiéis, padres, missas, fé, entre outros.

A subcategoria que apresentou maior destaque diz respeito aos RITOS, uma vez que diversas verbalizações sinalizam as missas e os múltiplos horários em que estas são realizadas (em vários horários se oferece a possibilidade de participação nas missas, sem a necessidade

de aguardar por muito tempo), como aspectos relevantes do acolhimento na Romaria, conforme é possível identificar por meio dos seguintes fragmentos: “A gente vem, ouve uma missa, [...], vai embora, sempre tranquilo”, “As missas (múltiplos horários de missa – diferente do Padre Reus)”, “Missa toda hora”, “Os padres, a missa”, “A missa”. Ainda, a esse respeito, caberia destacar duas verbalizações: “As missas tão bonitas (preparam umas missas bonitas)”, “Cada missa tem um coral diferente”. Ambos os fragmentos remetem para a percepção, por parte dos entrevistados, da preocupação dos acolhedores em relação à preparação das missas.

No que se refere à subcategoria DEMONSTRAÇÕES DE FÉ, é importante assinalar que a maioria das verbalizações é relativa à fé dos romeiros: “A fé deles”, “A fé do pessoal aqui, vir a pé daquela distância ali” (nesse caso, associa-se ainda a fé à grande distância que é percorrida pelos romeiros que vêm a pé).

A representatividade, em números e percentuais, dessas subcategorias, em relação à categoria ASPECTOS RELIGIOSOS, é expressa por meio da tabela 6, apresentada na sequência.

Tabela 6 – Representatividade expressa em números e percentuais dos fragmentos nodais das verbalizações agrupados na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS e respectivas subcategorias, em relação ao número de fragmentos da categoria

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS	%
ASPECTOS RELIGIOSOS	Templo	1	7,14
	Contingente de fiéis	2	14,29
	Palavra dos representantes da igreja	1	7,14
	Ritos	7	50
	Demonstrações de fé	3	21,43
TOTAL	-----	14	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Tendo presente a figura 25 e, nela, a subcategoria TEMPLO, a alusão à igreja e ao santuário não permite precisar a que esses termos estariam remetendo: se a aspectos meramente construtivos (exteriores/interiores), estéticos, se à organização espacial ou aos próprios ritos (missa, diversidade de horários, diferente corais), se a um clima de religiosidade (fé, contingente de pessoas), ou ainda, se a relações sócio-humanas entre fiéis ou entre esses e representantes da Igreja. Porém, observando os demais fragmentos, poder-se-ia atribuir a essa subcategoria, num efeito metonímico, a característica de síntese dos aspectos apontados na categoria. Esse conjunto, o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e tudo que ele envolve,

é que acolheria. E, se for esse o entendimento, o percentual de 7,14 assumiria o caráter de totalidade (100%), englobando os demais percentuais.

Tendo sido apresentadas, descritas e analisadas cada uma das categorias e respectivas subcategorias criadas para agrupar os aspectos comuns identificados nos fragmentos das verbalizações dos sujeitos, propõe-se, sob uma outra ótica, a observação conjunta dessas categorias e subcategorias por meio da tabela 7 e da figura 26, que, desta feita, as considera, em termos numéricos e percentuais em relação ao número total de fragmentos selecionados sobre acolhimento (125 fragmentos) e à respectiva ordenação em termos de incidências.

Tabela 7 – Representatividade expressa em números e percentuais do total dos fragmentos das verbalizações agrupados em categorias e subcategorias, em relação ao número total dos fragmentos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS	%	
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	4	3,2	
	Atendimento	10	8	
	Disposição receptiva	30	24	
	Subtotal	44	35,2	
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	11	8,8	
	Subtotal	11	8,8	
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIADMINISTRATIVA	Estrutura física	7	5,6	
	Estrutura de apoio	14	11,2	
	Organização espacial	7	5,6	
	Organização geral	17	13,6	
	Serviços	Informação	1	0,8
		Alimentação	5	4
		Vendas em geral	2	1,6
		Transporte	1	0,8
		Limpeza	2	1,6
Subtotal	56	44,8		
ASPECTOS RELIGIOSOS	Templo	1	0,8	
	Contingente de fiéis	2	1,6	
	Palavra dos representantes da igreja	1	0,8	
	Ritos (missa)	7	5,6	
	Demonstrações de fé	3	2,4	
	Subtotal	14	11,2	
-----	TOTAL	125	100	

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Figura 26 – Ordenação das subcategorias em relação ao total de fragmentos de verbalizações

SUBCATEGORIAS	%
1. Disposição receptiva	24,0
2. Organização geral	13,6
3. Estrutura de apoio	11,2
4. Clima contextual	8,8
5. Atendimento	8,0
6. Estrutura física	5,6
7. Organização espacial	5,6
8. Ritos	5,6
9. Serviços de alimentação	4,0
10. Educação	3,2
11. Demonstrações de fé	2,4
12. Serviços de vendas em geral	1,6
13. Serviços de limpeza	1,6
14. Contingente de fiéis	1,6
15. Serviços de informação	0,8
16. Serviços de transporte	0,8
17. Templo	0,8
18. Palavra dos representantes da Igreja	0,8
Total	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Considerando, em ordem decrescente, os números e percentuais relativos à representatividade das cinco primeiras subcategorias em relação ao total de 125 fragmentos, segundo a tabela 7 e a figura 26, tem-se a seguinte sequência: DISPOSIÇÃO RECEPTIVA (RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS), como a que engloba o maior número de fragmentos (30 ocorrências – 24%), acentuando o bem receber/atender/acolher na Romaria – por parte dos acolhedores – já destacado anteriormente; ORGANIZAÇÃO GERAL (PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA), com 17 verbalizações (13,6%); ESTRUTURA DE APOIO (PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA), com 14 fragmentos (11,2%); CLIMA CONTEXTUAL (IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS), com 11 fragmentos (8,8%) e ATENDIMENTO (RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS), com 10 fragmentos (8,0%).

Atentando-se para essa ordenação, inversamente à representatividade identificada das subcategorias em seu conjunto em relação ao número total de fragmentos (1º: PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA; 2º: RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS), essas quando examinadas isoladamente, põem em primeiro plano as relações sócio-humanas (32%, somando-se as subcategorias DISPOSIÇÃO RECEPTIVA – 24% e ATENDIMENTO – 8%) e, na sequência, o planejamento e a organização socioadministrativa, compreendendo um percentual de 24,8 correspondente à soma dos percentuais 13,6 e 11,2 relativos às subcategorias ORGANIZAÇÃO GERAL e ESTRUTURA DE APOIO, respectivamente. A subcategoria CLIMA CONTEXTUAL estaria assim vinculada à presença das outras quatro, ou seja, na ótica do sujeito primariamente acolhido, o acolhimento estaria associado ao cuidado com oromeiro no que diz respeito à preparação da Romaria (ORGANIZAÇÃO GERAL e ESTRUTURA DE APOIO) e, sobretudo, às relações sócio-humanas efetivadas durante o evento (DISPOSIÇÃO RECEPTIVA e ATENDIMENTO), do que derivaria a constituição do clima contextual propício para essas relações.

Um elemento interessante a destacar seriam as subcategorias que se encontram na categoria ASPECTOS RELIGIOSOS, as quais apresentam, no total, o percentual de 11,2 (TEMPLO e PALAVRAS DOS REPRESENTANTES DA IGREJA, cada uma com 0,8%; CONTINGENTE DE FIEIS, com 1,6% dos fragmentos; DEMONSTRAÇÕES DE FÉ, com 2,4%, e RITOS, com 5,6%). Esses percentuais, contrapostos aos 65,6% relativos somente às cinco primeiras subcategorias ordenadas de modo decrescente, estariam sinalizando uma tímida associação do acolhimento na Romaria ao universo religioso em si.

A título de complementação, caberia agora relacionar as categorias construídas e suas correspondentes subcategorias aos níveis de positividade (SATISFATÓRIO, BOM, MUITO BOM, ÓTIMO/EXCELENTE) inicialmente identificados na organização e análise dos dados. A associação das categorias aos níveis, conforme os números de fragmentos registrados em cada nível, pode ser observada por meio da Tabela 8.

A tabela 8 ressalta a predominância do nível MUITO BOM em três das categorias, incluindo aquelas sobre as quais incide o maior número de fragmentos (RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS e PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA). Reiterando a inferência anterior, estaria justificado o nível ÓTIMO/EXCELENTE para as IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS marcadas pelo clima contextual.

Tabela 8 – Representatividade em números e percentuais de cada categoria em relação aos níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas

CATEGORIAS	NÍVEIS	Nº DE FRAGMENTOS	%
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Satisfatório	4	12,12
	Bom	9	27,27
	Muito bom	14	42,43
	Ótimo/excelente	6	18,18
	Subtotal	33	100
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Satisfatório	0	0
	Bom	0	0
	Muito bom	2	40
	Ótimo/excelente	3	60
	Subtotal	5	100
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Satisfatório	6	16,22
	Bom	4	10,81
	Muito bom	15	40,54
	Ótimo/excelente	12	32,43
	Subtotal	37	100
ASPECTOS RELIGIOSOS	Satisfatório	0	0
	Bom	3	37,5
	Muito bom	4	50
	Ótimo/excelente	1	12,5
	Subtotal	8	100
-----	TOTAL	83	-----

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Referentemente às subcategorias, as relações com os níveis de positividade das expressões-síntese estão figuradas na tabela 9.

Também no que tange às subcategorias, confirma-se a predominância dos níveis MUITO BOM (9 incidências) e ÓTIMO/EXCELENTE (5 incidências), havendo casos em que ambos se equivalem. O nível SATISFATÓRIO como predominante aparece apenas para os serviços de alimentação.

Focalizando agora as cinco primeiras subcategorias na ordenação de modo decrescente (DISPOSIÇÃO RECEPTIVA, ORGANIZAÇÃO GERAL, ESTRUTURA DE APOIO, CLIMA CONTEXTUAL e ATENDIMENTO), são os níveis MUITO BOM e ÓTIMO que se evidenciam (25 e 15 incidências, respectivamente).

Tabela 9 – Representatividade em números e percentuais de cada subcategoria em relação aos níveis de positividade das expressões-síntese avaliativas

(continua)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	NÍVEIS	Nº DE FRAGMENTOS	%
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	Satisfatório	0	0
		Bom	2	50
		Muito bom	1	25
		Ótimo/excelente	1	25
		Subtotal	4	100
	Atendimento	Satisfatório	1	12,5
		Bom	1	12,5
		Muito bom	3	37,5
		Ótimo/excelente	3	37,5
		Subtotal	8	100
	Disposição receptiva	Satisfatório	3	14,29
		Bom	6	28,57
		Muito bom	10	47,62
		Ótimo/excelente	2	9,52
		Subtotal	21	100
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0
		Muito bom	2	40
		Ótimo/excelente	3	60
		Subtotal	5	100
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Estrutura física	Satisfatório	2	33,33
		Bom	0	0
		Muito bom	1	16,67
		Ótimo/excelente	3	50
		Subtotal	6	100
	Estrutura de apoio	Satisfatório	1	10
		Bom	1	10
		Muito bom	5	50
		Ótimo/excelente	3	30
		Subtotal	10	100
	Organização espacial	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0
		Muito bom	2	50
		Ótimo/excelente	2	50

		Subtotal	4	100
	Organização geral	Satisfatório	2	15,38
		Bom	2	15,38
		Muito bom	5	38,47
		Ótimo/excelente	4	30,77
		Subtotal	13	100
Serviços	Informação	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0
		Muito bom	1	100
		Ótimo/excelente	0	0
		Subtotal	1	100
	Alimentação	Satisfatório	1	100
		Bom	0	0
		Muito bom	0	0
		Ótimo/excelente	0	0
		Subtotal	1	100
	Vendas em geral	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0
		Muito bom	1	100
		Ótimo/excelente	0	0
		Subtotal	1	100
	Transporte	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0
		Muito bom	0	0
		Ótimo/excelente	0	0
		Subtotal	0	0
Limpeza	Satisfatório	0	0	
	Bom	1	100	
	Muito bom	0	0	
	Ótimo/excelente	0	0	
	Subtotal	1	100	
ASPECTOS RELIGIOSOS	Templo	Satisfatório	0	0
		Bom	1	100
		Muito bom	0	0
		Ótimo/excelente	0	0
		Subtotal	1	100
	Contingente de fiéis	Satisfatório	0	0
		Bom	0	0

		Muito bom	0	0	
		Ótimo/excelente	1	100	
		Subtotal	1	100	
	Palavra dos representantes da igreja	Satisfatório	0	0	
		Bom	1	100	
		Muito bom	0	0	
		Ótimo/excelente	0	0	
		Subtotal	1	100	
	Ritos	Satisfatório	0	0	
		Bom	1	33,33	
		Muito bom	2	66,67	
		Ótimo/excelente	0	0	
		Subtotal	3	100	
	Demonstrações de fé	Satisfatório	0	0	
		Bom	0	0	
		Muito bom	2	100	
		Ótimo/excelente	0	0	
		Subtotal	2	100	
	-----	-----	TOTAL	83	----

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Sob um outro olhar, numa perspectiva global, a representatividade de cada nível (abrangendo, em cada um, o conjunto das diferentes categorias e subcategorias) vem ratificar a ênfase aos elevados graus de positividade. É o que a tabela 10 permite observar.

Tabela 10 – Representatividade em números e percentuais de cada nível de positividade conforme a respectiva abrangência de categorias e subcategorias correspondentes

(continua)

NÍVEIS	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº DE FRAGMENTOS	%
SATISFATÓRIO	RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	0	0
		Atendimento	1	10
		Disposição receptiva	3	30
		Subtotal	4	40
	IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	0	0
		Subtotal	0	0
	PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO	Estrutura física	2	20
		Estrutura de apoio	1	10

	SOCIOADMINISTRATIVA	Organização espacial	0	0	
		Organização geral	2	20	
		Serviços	Informação	0	0
			Alimentação	1	10
			Vendas em geral	0	0
			Transporte	0	0
			Limpeza	0	0
		Subtotal	6	60	
	ASPECTOS RELIGIOSOS	Elementos arquitetônicos	0	0	
		Contingente de fiéis	0	0	
		Palavra dos representantes da igreja	0	0	
		Ritos	0	0	
		Demonstrações de fé	0	0	
		Subtotal	0	0	
	-----	TOTAL	10	100	
	BOM	RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	2	12,5
			Atendimento	1	6,25
			Disposição receptiva	6	37,5
			Subtotal	9	56,25
		IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	0	0
Subtotal			0	0	
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA		Estrutura física	0	0	
		Estrutura de apoio	1	6,25	
		Organização espacial	0	0	
		Organização geral	2	12,5	
		Serviços	Informação	0	0
			Alimentação	0	0
			Vendas em geral	0	0
			Transporte	0	0
Limpeza			1	6,25	
Subtotal		4	25		
ASPECTOS RELIGIOSOS		Elementos arquitetônicos	1	6,25	
		Contingente de fiéis	0	0	
		Palavra dos	1	6,25	

		representantes da igreja			
		Ritos	1	6,25	
		Demonstrações de fé	0	0	
		Subtotal	3	18,75	
	-----	TOTAL	16	100	
MUITO BOM	RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	1	2,86	
		Atendimento	3	8,57	
		Disposição receptiva	10	28,57	
		Subtotal	14	40	
	IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	2	5,71	
		Subtotal	2	5,71	
	PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Estrutura	Estrutura física	1	2,86
			Estrutura de apoio	5	14,29
			Organização espacial	2	5,71
			Organização geral	5	14,29
		Serviços	Informação	1	2,86
			Alimentação	0	0
			Vendas em geral	1	2,86
			Transporte	0	0
			Limpeza	0	0
		Subtotal	15	42,87	
	ASPECTOS RELIGIOSOS	Elementos arquitetônicos	0	0	
		Contingente de fiéis	0	0	
		Palavra dos representantes da igreja	0	0	
		Ritos	2	5,71	
		Demonstrações de fé	2	5,71	
		Subtotal	4	11,42	
-----	TOTAL	35	100		
ÓTIMO/EXCELENTE	RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	1	4,54	
		Atendimento	3	13,64	
		Disposição receptiva	2	9,09	
		Subtotal	6	27,27	
	IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	3	13,64	
		Subtotal	3	13,64	
	PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO	Estrutura física	3	13,64	
Estrutura de apoio		3	13,64		

	SOCIOADMINISTRATIVA	Organização espacial	2	9,09	
		Organização geral	4	18,18	
		Serviços	Informação	0	0
			Alimentação	0	0
			Vendas em geral	0	0
			Transporte	0	0
			Limpeza	0	0
	Subtotal	12	54,55		
	ASPECTOS RELIGIOSOS	Elementos arquitetônicos	0	0	
		Contingente de fiéis	1	4,54	
		Palavra dos representantes da igreja	0	0	
		Ritos	0	0	
		Demonstrações de fé	0	0	
Subtotal		1	4,54		
-----	TOTAL	22	100		

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Em suma, constata-se uma consonância entre as categorias e as subcategorias mais apontadas pelos entrevistados quando questionados sobre o acolhimento na Romaria e os níveis de positividade que as expressões avaliativas encerram representando discursiva e sinteticamente as experiências ali vivenciadas.

Na direção de finalizar a organização e análise dos dados no que concerne ao acolhimento na Romaria sob a ótica do romeiro, faz-se pertinente resgatar os 42 fragmentos não diretamente relacionados a expressões-síntese avaliativas no sentido de examinar, ainda que de modo mais genérico, graus de positividade passíveis de serem discursivamente inferidos. Para tanto, apresenta-se a tabela 11.

Por meio dessa tabela pode-se identificar que, na sua grande maioria (cerca de 83%), os fragmentos situam-se entre os níveis BOM e ÓTIMO/EXCELENTE, o que se depreende de diferentes elementos discursivos, entre outros: qualificações positivas, na maior parte das vezes enfatizadas por advérbios (“Muito atenciosos eles são sempre”, “Tudo tão bem cuidado”, “A cada dia que passa, são mais organizados [...] bem mais organizados”, “Missas tão bonitas” ...); o grau elevado de positividade da própria adjetivação (“Pessoal incrível”, “Povo maravilhoso” ...); referências à quantidade (“Bastante banheiros”; “Bastante lugar pra

comer, para lanchar” ...); termos globalizadores (“toda a estrutura que dão pra gente”, “tudo bem sinalizado”, “tudo tá bem” ...).

Os outros 17%, mesmo sem a presença de marcas enfáticas, não são tonalizados negativamente. Inclusive chama a atenção as referências à alimentação, antes inserida apenas no nível SATISFATÓRIO e, aqui, compreendendo também os níveis MUITO BOM e BOM (“Pra tudo que é lado que a gente vai, tem alguma coisa que se alimentar”).

Tabela 11 – Representatividade em números e percentuais dos fragmentos diretamente relacionados e não diretamente relacionados às expressões-síntese avaliativas do acolhimento na Romaria em relação às subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Nº DE FRAGMENTOS DIRETAMENTE RELACIONADOS	%	Nº DE FRAGMENTOS NÃO DIRETAMENTE RELACIONADOS	%	
RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS	Educação	4	12,12	0	0	
	Atendimento	8	24,24	2	18,18	
	Disposição receptiva	21	63,64	9	81,82	
	Subtotal	33	100	11	100	
IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS	Clima contextual	5	100	6	100	
	Subtotal	5	100	6	100	
PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA	Estrutura física	6	16,22	1	5,26	
	Estrutura de apoio	10	27,03	4	21,06	
	Organização espacial	4	10,81	3	15,78	
	Organização geral	13	35,14	4	21,06	
	Serviços	Informação	1	2,70	0	0
		Alimentação	1	2,70	4	21,06
		Vendas em geral	1	2,70	1	5,26
		Transporte	0	0	1	5,26
Limpeza		1	2,70	1	5,26	
Subtotal	37	100	19	100		
ASPECTOS RELIGIOSOS	Templo	1	12,5	0	0	
	Contingente de fiéis	1	12,5	1	16,67	
	Palavra dos representantes da igreja	1	12,5	0	0	
	Ritos	3	37,5	4	66,66	
	Demonstrações de fé	2	25	1	16,67	
	Subtotal	8	100	6	100	
-----	TOTAL	83	-----	42	-----	

Fonte: Elaborado pela própria autora.

5.3 MOTIVAÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA

Em se tratando da motivação para a participação na Romaria, de uma maneira geral, em sua maioria, os entrevistados colocaram em foco aspectos atinentes à própria religião católica, dando destaque ao universo da fé (e aos elementos a ele relacionados) e à ambiência decorrente desse contexto. Esses aspectos vinculados à motivação para a participação na Romaria podem ser melhor visualizados por meio da tabela que segue.

Tabela 12 – Tópicos de fragmentos indicativos de motivações dos sujeitos para participação na Romaria e sua representatividade numérica e percentual no conjunto de fragmentos relativos ao contexto da fé

(continua)

TÓPICOS	FRAGMENTOS/SUJEITOS	Nº DE FRAGMENTOS	%
FÉ (em si): agente mobilizador	<i>A fé</i> – (1), (2), (11), (19), (36), (44) <i>A fé mesmo</i> – (3), (39) <i>A fé, que me envolveram</i> – (8) <i>A fé, em princípio, acima de tudo</i> – (15) <i>Muita fé</i> – (28)	11	11,58
	Subtotal	11	11,58
FÉ: objeto de busca	<i>A gente sempre busca a fé</i> – (7) <i>A fé [...] enfim, tudo o que eu preciso</i> – (21) <i>Uma confirmação de fé</i> – (25.1), (29)	4	4,21
	Subtotal	4	4,21
FÉ: em foco direcional	<i>Nossa Senhora</i> – (9), (10), (16), (24), (29), (38.1), (49) <i>Nossa Senhora de Caravaggio pelos milagres que ela faz</i> – (26) <i>Nossa Senhora que nos leva a seu Filho</i> – (14) <i>Mãe Maria</i> – (40) <i>Santa</i> – (22), (23), (37), (41), (41.1), (48), (50)	17	17,89
	<i>Pra homenagear a nossa Santa</i> – (16) <i>Fazer uma homenagem</i> – (49)	2	2,11
	<i>Agradecer</i> – (6), (36), (44.1) <i>Agradecer as graças</i> – (11), (28), (31), (31.1), (43), (43.1) <i>(Mais) agradecimentos</i> – (12), (44) <i>Agradecendo muito</i> – (21) <i>Agradecer a Santa [...] por tudo que a gente conquistou</i> – (23) <i>Agradecer a Santa [...] por tudo o que ela tem ajudado todo esse tempo</i> – (47) <i>Agradecer um pedido</i> – (25) <i>Agradecer tudo, as coisas que a gente consegue</i> – (36.1)	17	17,89

	<i>Agradecer tudo que eu recebo durante o ano – (45)</i>		
	<i>Fiz uma promessa [...] estou bem – (9)</i> <i>Tu faz uma promessa, próximo ano vou pra lá – (33.1)</i> <i>Se a Santa me ajudasse [...] eu trouxe um monte de vela e acendi aqui – (22)</i> <i>Vim pagar promessa – (47)</i>	4	4,21
	<i>Pedir – (43), (44.1)</i> <i>Pedindo também – (21)</i> <i>A gente pede pra ela, sempre dar saúde – (23)</i> <i>Pedir pros outros [...] pedir pra ela [...] que ela me dê saúde – (31.1)</i> <i>Os pedidos – (31)</i> <i>Pedir saúde, proteção, tudo junto – (33.1)</i> <i>Eu vim buscar saúde [...] eu ando muito doente – (34)</i> <i>Pra trazer mais saúde, mais paz, mais harmonia, mais... pra minha família toda – (35)</i> <i>Pedir pela saúde – (41.1)</i> <i>Pedir graças, pedir a saúde – (43.1)</i> <i>Só venho pedir umas bênção – (46)</i> <i>Força, tudo que eu preciso – (21)</i> <i>Levar coisas boas pra minha casa – (45)</i>	14	14,74
	Subtotal	54	56,84
ESTADO DE ESPÍRITO: objeto de busca	<i>Prazer de vim aqui, tá aqui – (20)</i> <i>É bom vir aqui também – (22)</i> <i>Me sinto bem [...]. É um lugar bom de vir aqui. A gente se sente assim contente – (43.1)</i> <i>Dá uma alegria vir pra cá, a gente se sente bem [...] fico contente de vir aqui – (43)</i> <i>É um lugar bom, me sinto feliz – (24)</i> <i>A gente se sente bem/melhor – (28)</i> <i>A gente se sente bem aqui [...] alegria, felicidade, tudo, tudo de bom assim – (37)</i> <i>Esse espírito todo que envolve a gente – (10)</i> <i>Me sinto melhor [...] de espírito – (46)</i> <i>É uma sensação enorme diante do meu coração. Parece que mexe comigo [...]. Parece que me sinto mais feliz [...] mais realizado – (35)</i> <i>É uma renovação também. Uma paz – (29)</i> <i>É um momento de reencontro com a paz, com Deus – (38.1)</i> <i>É um jeito de..., é um momento nosso [...], que a gente tira pra pensar [...] pra rever as nossas atitudes – (39)</i> <i>É um momento de alegria, de satisfação. Traz aquela paz na gente – (50)</i> <i>Ter esperança de dias melhores – (3), (44)</i>	16	16,84
	Subtotal	16	16,84

RELIGIÃO (em si): agente mobilizador	<i>Sou católica – (42)</i>	2	2,11
	<i>A gente é muito católico – (45)</i>		
	<i>É pra rezar – (16.1), (17.1), (25), (43)</i>	6	6,31
	<i>Um dia pra orações – (33.1), (33)</i>		
	<i>É um dia especial [...] pra se dedicar [...] pra missa – (33)</i>	2	2,11
	<i>A gente vem aqui e escuta uma missa – (20)</i>		
	Subtotal	10	10,53
	TOTAL	95	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

A tabela 12 apresenta os cinco tópicos construídos para agrupar os 95 fragmentos (e respectivos sujeitos), relativos ao contexto da fé, correspondentes à motivação para a Romaria. Detalhando um pouco esses tópicos, o primeiro deles corresponde à FÉ, EM SI, COMO AGENTE MOBILIZADOR, ou seja, a mobilização para a Romaria ocorreria pela própria fé. Contudo, não se identifica, para esse tópico, uma explicitação ou complementação enunciativa da palavra “fé”, uma vez que os entrevistados mencionaram como motivação para a participação da Romaria “A fé”, “A fé mesmo”, “A fé, que me envolveram”, “A fé, em princípio, acima de tudo”, “Muita fé”. Mas, embora a palavra “fé” apareça sem complementação enunciativa, o contexto da Romaria permitiria inferir desdobramentos, que posteriormente serão explicitados, como a fé em Nossa Senhora de Caravaggio (que levaria à homenagem, ao agradecimento, ao pedido, ao cumprimento de promessa), ou ainda, a fé como objeto de busca.

No segundo tópico elencado, a FÉ é enunciada COMO OBJETO DE BUSCA estando a mobilização para a Romaria centrada nessa busca, como é possível depreender dos seguintes fragmentos: “A gente sempre busca a fé”, “A fé [...] enfim, tudo o que eu preciso”, “Uma confirmação de fé”.

Na sequência, tem-se a FÉ EM FOCO DIRECIONAL, ou seja, nesse caso, a mobilização do romeiro envolve explicitamente Nossa Senhora de Caravaggio, que representa a direção (o foco) da sua fé (a motivação para a Romaria abrange a fé em Nossa Senhora), como é possível observar nas seguintes verbalizações: “Nossa Senhora”, “Nossa Senhora de Caravaggio pelos milagres que ela faz”, “Nossa Senhora que nos leva a seu Filho”, “Mãe Maria”, “Santa”. Além disso, nesse tópico, os fragmentos apontam aquilo que marca a relação do sujeito com a Nossa Senhora, como homenagem, agradecimento, pedido e cumprimento de promessa (elementos presentes na mobilização do romeiro): “Pra homenagear a nossa Santa”, “Agradecer as graças”, “Agradecer a Santa [...] por tudo que a gente conquistou”, “Agradecer

tudo que eu recebo durante o ano”, “Fiz uma promessa [...] estou bem”, “Vim pagar promessa”, “A gente pede pra ela, sempre dar saúde”, “Pedir saúde, proteção, tudo junto”, “Pra trazer mais saúde, mais paz, mais harmonia, mais... pra minha família toda”, “Pedir graças, pedir a saúde”, “Levar coisas boas pra minha casa”, citando apenas algumas ocorrências.

No tópico ESTADO DE ESPÍRITO, este se apresenta como objeto de busca pelo romeiro, sendo um dos aspectos motivadores da participação na Romaria. Desse modo, ao mencionarem a motivação para participar da Romaria, alguns entrevistados assinalaram, ainda que indiretamente, a busca pela vivência de um estado de espírito (proporcionado pela ambiência de fé, religiosidade, espiritualidade da Romaria), sendo que, nessa busca, é possível identificar uma mescla entre o objeto/razão (porque), a finalidade (para) e a consequência/efeito dessa busca. Esses aspectos puderam ser depreendidos de fragmentos como: “**Prazer** de vim aqui, tá aqui”, “Me **sinto bem** [...]. É um lugar bom de vir aqui, a gente **se sente assim contente**”, “**Dá uma alegria** vir pra cá [...] fico contente de vir aqui”, “É um lugar bom, me sinto feliz”, “A gente **se sente bem/melhor**”, “Esse espírito todo que envolve a gente”, “Me sinto melhor [...] de espírito”, “**Ter esperança** de dias melhores”, “É uma **renovação** também”, “É um momento de **reencontro com a paz**, com Deus”, “É um jeito de..., é um momento nosso [...], que **a gente tira pra pensar** [...] pra **rever as nossas atitudes**”, entre outros exemplos.

No que se refere ao tópico RELIGIÃO, EM SI, COMO AGENTE MOBILIZADOR para a participação na Romaria, os fragmentos ali agrupados correspondem a elementos ligados à religião católica, porém, sem apresentar uma explicitação enunciativa a esse respeito. Ainda, as verbalizações vinculam a motivação para a Romaria a uma vivência religiosa e àquilo que está afeto a essa vivência, como reza, oração, missa, entre outros aspectos. Os seguintes fragmentos exemplificam essas observações: “Sou católica”, “É pra rezar”, “Um dia pra orações”, “É um dia especial [...] pra se dedicar [...] pra missa”, mencionando algumas ocorrências.

Focalizando esses tópicos, em termos numéricos e percentuais, é possível dizer que FÉ: EM FOCO DIRECIONAL é o que apresenta o maior conjunto de fragmentos, englobando pouco mais da metade (56,84%) do total das verbalizações. Além disso, esse tópico pode ser dividido em outros cinco subtópicos, quer sejam: FÉ EM NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO (motivação que levaria aos demais quatro subtópicos), HOMENAGEM, AGRADECIMENTO, CUMPRIMENTO DE PROMESSA e PEDIDO. Desses cinco subtópicos, FÉ EM NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO e AGRADECIMENTO se sobressaem pelo número de fragmentos que, quando

somados, atingem mais da metade (35,78%) do total do tópico (56,84%). Outro subtópico que se destaca pela quantidade de verbalizações é o referente a PEDIDO (14,74%).

O tópico com a segunda maior representatividade corresponde ao ESTADO DE ESPÍRITO: OBJETO DE BUSCA, com 16,84% do total dos fragmentos. Em contrapartida, o tópico de menor representatividade (4,21%) refere-se à FÉ de modo geral, colocada explicitamente como OBJETO DE BUSCA.

Cabe ressaltar um outro grupo de fragmentos, relacionados a um contexto diferente do contexto da fé, que pôde ser identificado no conjunto das verbalizações referentes à motivação para a Romaria. Esses fragmentos estão dispostos na figura 27 (em forma de quadro) que segue.

Figura 27 – Fragmentos das verbalizações dos sujeitos relativos a motivações para participação na Romaria abrangendo contexto diferente do contexto da fé

FRAGMENTOS	SUJEITOS
<i>Conhecer, um passeio, (pra rezar, um pouco)</i>	(27.1)
<i>Na verdade eu não sou devota [...] mais para conhecer</i>	(30)
<i>Pra conhecer</i>	(32)
<i>É uma ocasião assim pra gente participar juntos de alguma coisa; é um bom exercício</i>	(18.1)
<i>(Agradecer pelas coisas). Mais pra fazer companhia mesmo</i>	(17)
<i>Mais pelo turismo religioso (pela fé) pela cultura italiana também [...] pela religião</i>	(13)

Fonte: Elaborado pela própria autora.

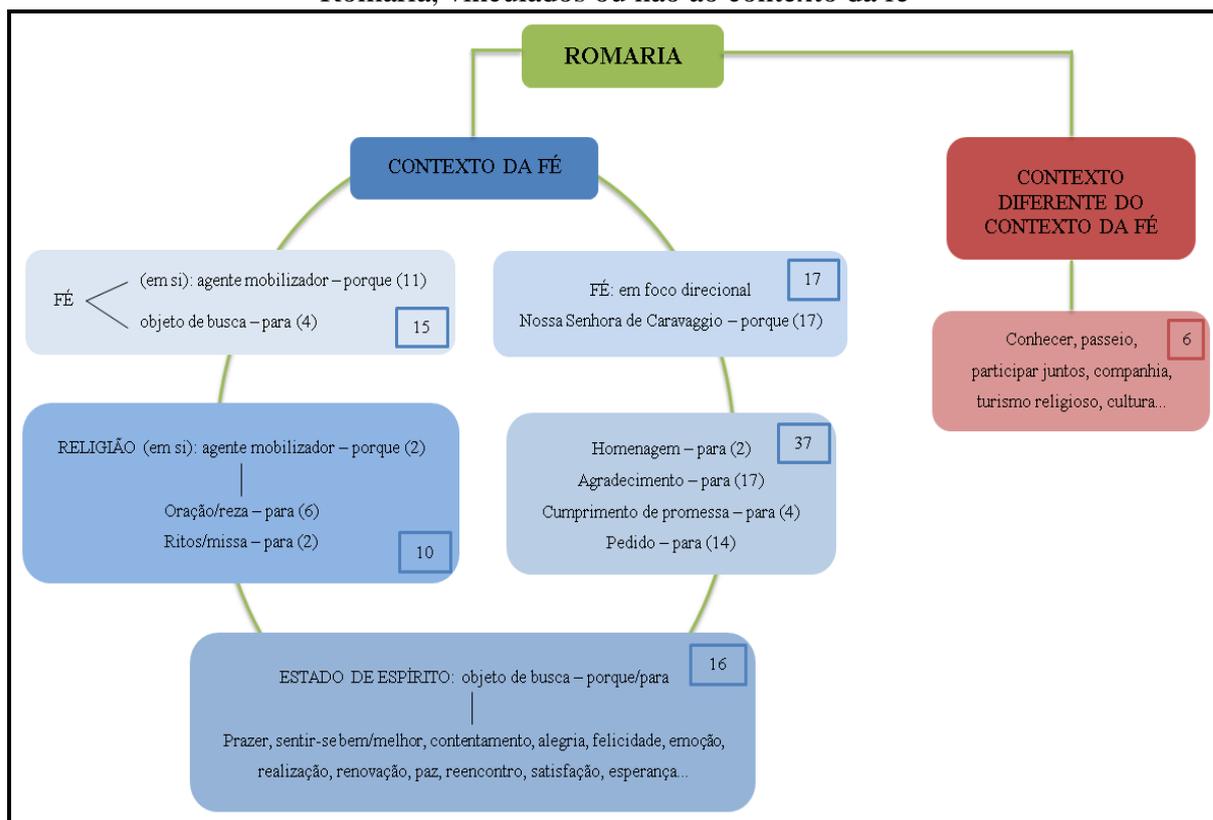
Por meio desse quadro, percebem-se elementos relacionados à motivação para a participação na Romaria, que abrangem um contexto que não o da fé, ainda que, em alguns casos, se identifiquem elementos vinculados à religião (dispostos entre parênteses), porém de forma não predominante, apenas como um complemento da enunciação. Portanto, as verbalizações que ali se encontram possuem uma característica diferente daquelas que se relacionam ao contexto da fé. Nesses casos, conhecer, convivência social, exercício físico, por exemplo, seriam as razões/finalidades predominantes da participação na Romaria. Eventuais menções a um elemento de ordem religiosa que se mesclam às verbalizações não se instituem como foco enunciativo.

Em comparação à quantidade de fragmentos ligados ao contexto da fé, as verbalizações elencadas nesse conjunto representam um número inferior (6 fragmentos em

contraposição a 95) e apontam para aspectos como: conhecer, passear, participar juntos, fazer exercício, fazer companhia, fazer turismo religioso, entre outros.

Em forma de síntese, a figura a seguir ilustra os elementos presentes na motivação para a participação na Romaria, mencionados pelos entrevistados.

Figura 28 – Diagrama ilustrativo dos aspectos relacionados à motivação para a participação na Romaria, vinculados ou não ao contexto da fé



Fonte: Elaborado pela própria autora.

A partir dos dados discursivos e do diagrama apresentados, tem-se que a mobilização dos romeiros prende-se, predominantemente, ao universo da fé (esta como agente ou objeto de busca, com ou sem complementação enunciativa), centralizado na relação romeiro-Nossa Senhora de Caravaggio (cujá devoção o leva a homenageá-la, a agradecer-lhe, fazer-lhe pedidos, cumprir promessa), marcando fortemente a religiosidade ali presente, assim como elementos de uma espiritualidade vivenciada ou buscada no evento. No outro polo, o percentual significativamente menor (5,90% em relação ao total de 101 verbalizações) das referências a um contexto diverso ao da fé (conhecer, passear, participar juntos, fazer companhia, fazer turismo religioso, conhecer a cultura) denotam a pouca representatividade desses elementos na motivação para participar da Romaria.

5.4 EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NA ROMARIA

Na sequência às manifestações sobre as motivações que os teriam mobilizado a participar da Romaria, as respostas de 62 entrevistados quando perguntados como estava sendo essa sua experiência voltaram-se para cinco tópicos em torno dos quais foram agrupados os 82 fragmentos de verbalizações. São eles: ASPECTOS RELIGIOSOS, ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL, ESTADO FÍSICO, ORGANIZAÇÃO e OUTROS. A distribuição desses fragmentos nos referidos tópicos pode ser visualizada na figura 29.

Figura 29 – Fragmentos discursivos referentes à experiência dos sujeitos na Romaria, agrupados em tópicos

Sujeito	Síntese avaliativa	Aspectos religiosos	Estado emocional/ espiritual	Estado físico	Organização	Outros
1	<i>Boa</i>				<i>Bem tranquilo, bem organizado</i>	
2						<i>Não sei explicar</i>
2.1	<i>Boa</i>	<i>De graças alcançadas</i>				
3	<i>Bem bacana, bem legal</i>		<i>Traz uma paz de espírito muito boa. Tu sente assim a igualdade perto/entre as pessoas que vêm em busca de alguma coisa.</i>			
6			<i>Agitada. Um pouco estranha (é a primeira vez que venho sozinho).</i>			
7	<i>Bom, ótimo, bem</i>			<i>Veio tudo tranquilo, a gente conseguiu chegar aqui são e salvo, até não estamos muito cansados</i>	<i>(mas) não sei como é que tá a organização dos ônibus ali, mas... Está bem organizado</i>	
7.1					<i>Até que tá bem organizado</i>	
8	<i>Muito bom</i>	<i>A gente veio bem, viemos rezando</i>		<i>Tudo tranquilo, não aconteceu nada, ninguém passando mal</i>		
9	<i>Estou gostando</i>	<i>Ver tanta gente que também tem fé</i>	<i>Emocionado de vir até aqui</i>			
10	<i>Uma vivência</i>	<i>A gente está com o espírito preparado. É</i>	<i>O povo emocionado. Um dia</i>			

		<i>um dia de agradecimento, de pedir graças, tudo (vi muitos jovens).</i>	<i>espiritual, faz bem à alma.</i>			
11	<i>Muito boa</i>		<i>Faz bem pra gente</i>		<i>Só não gostei lá na confusão da igreja, bem mal organizado [...] mas, senão está tudo... Tá tudo dentro do previsto. Com tanta gente não dá pra ser tudo...</i>	
12	<i>Bem proveitosa</i>			<i>A gente não cansou tanto, veio tranquilo</i>	<i>Está bem tranquilo assim, não tem muitas pessoas</i>	<i>O dia com sol foi bom também</i>
13	<i>Bem tranquilo, bem legal</i>	<i>Mudou a missa, o jeito de ser rezada</i>			<i>Montaram essas tendas aqui, bem organizado. Bom também que eles colocaram os camelôs lá embaixo. Tem uma estrutura bem boa esse ano.</i>	
14		<i>Parece que cada ano a Romaria se renova. É como se todos os anos N. Sra. chamasse cada um de um jeito diferente. Nunca é igual ao ano anterior.</i>				
15	<i>Ótima. Inexplicável. É muito especial.</i>	<i>Só quem tem fé, quem sente mesmo o que representa estar aqui hoje. É um sonho de muitos anos, é uma bênção, é uma graça. Não é simplesmente acompanhar uma romaria, vir num santuário. É alguma coisa maior. Representa muito estar num lugar sagrado pra nós.</i>				

16	Muito boa	A gente vem todo ano	A gente sai daqui com um alívio muito grande			
17	Boa em todas as coisas					
18				Cansativa, fisicamente cansativa, mas é um bom passeio		
18.1						Não sei
19	Tranquilo				Pensei que ia ter mais gente, nesse sentido de estar organizado	
20	Boa, boa				Bem organizadinho tá agora. Tem bastante ônibus ali. (Apesar da fila) é rápido, eles tão controlando.	
20.1					A fila dos ônibus, pra pegar os ônibus, tá horrível.	
21	Magnífica, não tem... Tudo muito lindo.	Como hoje o dia é especial com a N. Sra., hoje então parece que tu tá mais perto; parece que ela tá mais presente ainda do que todos os outros dias.	E com alegria mesmo			
22	Está bom					Vários sentidos, (não pode citar nenhum especial)
23	Ótima, excelente, estou gostando	A gente vê muitas pessoas que vêm também com essa devoção	A gente veio com tranquilidade, paz			
24	Muito boa	Nunca tinha vindo no dia da Romaria, mas gostei, tem muita gente. Gostei da participação, da experiência, da celebração.				
25.1	Muito bom				Uma boa estrutura. Tem muito apoio.	

					<i>Tem pontos de apoio, isso é muito importante pra quem vem a pé. Cada vez eles estão melhorando.</i>	
26	<i>Ótima</i>	<i>Venho na verdade pela fé. É uma coisa que eu gosto, enfim, pagar uma promessa.</i>				
27			<i>A paz</i>			
27.1	<i>Estou gostando por enquanto</i>	<i>Hoje em dia a gente tá tão descrente, daí resolvi rezar um pouco</i>				
28	<i>Eu acho bom, tudo de bom</i>	<i>Tu te anima vendo outra gente que pede o mesmo motivo. Força. Se toda essa gente vai, é porque a N. Sra. tá fazendo alguma coisa. Dá impressão que tu tem uma solução [...] mesmo que não venha no mesmo dia.</i>	<i>Tu te sente bem e resolvido vindo ali, satisfeita</i>		<i>É bem organizado</i>	
29	<i>Muito boa</i>				<i>Lugar agradável. Uma estrutura muito bem montada, muita organização aqui: gastronomia, banheiros, espaço, sistema de som, segurança maravilhosa, o pessoal da Brigada integrado com a comunidade; os escoteiros, o exército. Isso aqui é um espetáculo.</i>	<i>Pessoas pacíficas. Lindo dia.</i>
30		<i>Mas eu vi, bastante gente vem, então tu percebe o tanto de pessoas que é devota</i>		<i>Por enquanto a gente tá cansado, bastante cansado</i>		

31		<i>Quando a gente vem aqui pra fazer os pedidos e recebe a graça, a gente agradece a ela, então a gente tá sempre renovada [...] purificada</i>				
31.1	<i>Hoje tá maravilhoso</i>	<i>Aqui é o lugar de pedir e agradecer</i>			<i>É que nosso ônibus fica bem longe, mas...</i>	
32	<i>Muito boa. Tudo muito lindo, muito bonito.</i>					
33		<i>A gente percebe que ainda tem bastante gente que pratica a religião. Uma cidade bastante devota ainda.</i>				
33.1		<i>A gente percebe que ainda tem bastante gente que pratica a religião.</i>				
34	<i>Muito linda, muito bacana.</i>	<i>Os jovens, eles vêm mais pra caminhar, mas as pessoas mais velhas vêm buscar graças da Santa</i>				
35	<i>Eu achei maravilhoso</i>	<i>Nunca tinha visto na minha vida isso aí. É uma missa diferente, uma coisa assim mais profunda no coração.</i>	<i>Emocionado</i>			
35.1			<i>Emocionado. Emociona a vida de cada um que vem aqui.</i>			
36					<i>Deu tudo certo na caminhada. Tava bem organizado, muito...</i>	
36.1	<i>Boa</i>					
37	<i>Bem legal</i>					
37.1			<i>Passa uma paz, uma tranquilidade</i>			
38.1	<i>Muito boa</i>	<i>Estou vindo</i>		<i>E cada vez e</i>		

		<i>para agradecer uma graça. Cada vez a gente vem com mais pessoas, consegue trazer, envolver mais pessoas, fazendo com que elas acreditem também.</i>		<i>esse ano, eu senti que o percurso até é menor, vim bem mais tranquilo</i>		
39		<i>O movimento muito fraco, não sei se é porque não é bem o dia da Romaria</i>		<i>Esse ano foi bem mais cansativo do que o ano passado, mais puxado</i>	<i>Mas, em questão de infraestrutura, tá sempre muito boa, a gente é bem atendido. Os preços não são tão caros. Tá na média.</i>	
40	<i>Ótima</i>	<i>Pela família, pela união da família, só posso agradecer, só rezo pela família, pela saúde, pela paz</i>				
41	<i>Tá bom</i>					<i>O clima ajudou bastante. Está bem agradável. Está calmo.</i>
41.1						<i>O tempo ajudou bastante</i>
42	<i>Tranquila</i>		<i>Tô bem tranquila assim, me sentindo super bem</i>			
43		<i>Gostei do Bispo do Mato Grosso. Gostei de ouvir ele falar.</i>				
44	<i>Boa. Hoje tá bem bom.</i>				<i>A gente não enfrentou fila hoje, tá meio sem. E também não me importaria, porque nos outros anos eu vinha com bastante gente e, igual, a pé é sempre bom.</i>	
45	<i>Muito bom. Tá ótimo.</i>				<i>Bem limpo, bem organizado em tudo. Bastante policial, coisa assim, pra cuidar da gente.</i>	

46	<i>Boa, muito boa</i>	<i>Boa assim pra mim, pra minha família, que eu rezo, venho aqui rezar pra minha família</i>	<i>Sair do estresse; pensar um pouco na vida também.</i>	<i>Tô meio cansado, mas...</i>		
47	<i>Está bem bom</i>	<i>A gente escutou a missa tudo. Eu vim agradecer só, mas eu pedi proteção pra ela. Tem que agradecer e desejar o melhor para os outros também.</i>				
47.1	<i>É boa</i>					
48	<i>Tá sendo boa. Não tem nenhuma restrição.</i>		<i>Traz paz pra gente, pra seguir o resto do ano</i>			
49	<i>Sempre é boa, muito bom.</i>	<i>...Como na parte espiritual. É um ambiente propício pras questões espirituais também.</i>			<i>Tanto na parte da infraestrutura... Tem tudo que a gente precisa.</i>	
49.1	<i>É muito bom. É muito bonito aqui.</i>				<i>Nós sentadas nesse banco, dá vontade de ficar aqui, de não voltar pra Porto Alegre</i>	
50	<i>Muito boa. Cada vez tá melhor.</i>	<i>Cada vez tem mais gente. Ontem tinha bastante, em vez hoje não tem... Hoje tá menos. Parece que ajuda a gente pra ter mais fé em alguma coisa. Promessa eu nunca fiz, mas parece que a gente vem com alguma coisa de sensação cumprida, de alguma coisa alcançada. Mas promessa não faço.</i>	<i>Transmite uma sensação de bem-estar. Traz um bem-estar na alma. Por dentro, por fora.</i>	<i>Traz um bem-estar fisicamente.</i>		
50.1		<i>...Tá bem calmo hoje</i>				

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Como é possível observar, em diferentes ocorrências, fragmentos atrelados a mais de um tópico aparecem relacionados a um único sujeito, o que denota estar a experiência sendo marcada simultaneamente por elementos de diferentes ordens. No entanto, a considerar a incidência de fragmentos concernentes a cada tópico e, percentualmente, sua representatividade em relação ao total de fragmentos, conforme tabela 13, as marcas da experiência de participação na Romaria discursivamente indicadas, numa visão global, podem ser assim caracterizadas:

Tabela 13 – Representatividade percentual dos fragmentos discursivos referentes à experiência de participação dos sujeitos na Romaria, agrupados em tópicos, em relação ao total de fragmentos

TÓPICOS	Aspectos religiosos	Estado emocional/ espiritual	Estado físico	Organização	Outros	TOTAL
Nº DE FRAGMENTOS	30	17	9	19	7	82
%	36,58	20,73	10,98	23,17	8,54	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Os aspectos religiosos correspondem a 36,58% dos fragmentos elencados, o que, novamente, a exemplo da motivação, reitera a significativa marca da relação de religiosidade na experiência do romeiro: “Parece que cada ano a Romaria se renova. É como se todos os anos Nossa Senhora chamasse cada um de um jeito diferente. Nunca é igual ao ano anterior”; “Venho na verdade pela fé. É uma coisa que eu gosto, enfim, pagar uma promessa”; “Aqui é o lugar de pedir e agradecer”; “Estou vindo para agradecer uma graça. Cada vez a gente vem com mais pessoas, consegue trazer, envolver mais pessoas, fazendo com que elas acreditem também”; “Boa assim pra mim, pra minha família, que eu rezo, venho aqui rezar pra minha família”; “A gente escutou a missa tudo. Eu vim agradecer só, mas eu pedi proteção pra ela. Tem que agradecer e desejar o melhor para os outros também”; citando apenas alguns exemplos.

Mostra-se igualmente interessante chamar a atenção para o fato de que muitos entrevistados, ao se referirem à sua experiência na Romaria, mencionaram o contingente de fiéis, quer manifestando certa surpresa, quer como um elemento de fortalecimento de fé (o

conjunto fortalecendo o individual). Isso se depreende, entre outros, de fragmentos como: “Ver tanta gente que também tem fé”; “A gente vê muitas pessoas que vêm também com essa devoção”; “Tu te anima vendo outra gente que pede o mesmo motivo. Força. Se toda essa gente vai, é porque a N. Sra. Tá fazendo alguma coisa. Dá impressão que tu tem uma solução [...] mesmo que não venha no mesmo dia”; “Mas eu vi, bastante gente vem, então tu percebe o tanto de pessoas que é devota”; “A gente percebe que ainda tem bastante gente que pratica a religião. Uma cidade bastante devota ainda”; “Cada vez tem mais gente”.

De outra parte, 20,73% dos fragmentos de respostas podem ser agrupados em torno do tópico ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL, configurando maior representatividade ainda às marcas de religiosidade, próprias ao contexto de fé em que estão inseridos (redimensionando a maior o percentual anterior) com repercussões nas emoções e na vivência de espiritualidade dos romeiros. Nesse sentido, são trazidos às verbalizações aspectos como: paz de espírito, igualdade entre as pessoas, emoção, alívio, alegria, tranquilidade, satisfação, sentir-se bem/bem-estar, reflexão (pensar na vida), entre outros. Tais aspectos são encontrados em fragmentos como: “Traz uma paz de espírito muito boa. Tu sente assim a igualdade perto/entre as pessoas que vêm em busca de alguma coisa”; “Emocionado de vir até aqui”; “Faz bem pra gente”; “A gente sai daqui com um alívio muito grande”; “E com alegria mesmo”; “A gente veio com tranquilidade, paz”; “Tu te sente bem e resolvido vindo ali, satisfeita”; “Passa uma paz, uma tranquilidade”; “Sair do estresse; pensar um pouco na vida também”; “Traz paz pra gente, pra seguir o resto do ano”; “Transmite uma sensação de bem-estar. Traz um bem-estar na alma. Por dentro, por fora”. Nessas verbalizações nota-se o destaque que é atribuído à paz, à tranquilidade e ao bem-estar.

Paralelamente, porém, elementos de outra ordem, somados, englobam 42,69% dos fragmentos, compreendendo os tópicos ORGANIZAÇÃO (23,17%), ESTADO FÍSICO (10,98%) e OUTROS (8,54%), repercutindo de diferentes formas, mas de modo importante. Relativamente à organização, esta foi predominantemente mencionada de forma positiva, tanto de uma maneira mais genérica, como pontuada em alguns aspectos (ônibus, contingente de pessoas, tendas, camelôs, estrutura, pontos de apoio, gastronomia, segurança, infraestrutura, preços, limpeza, cuidados...). Como exemplos seriam os fragmentos: “Bem tranquilo, bem organizado”; “Está bem tranquilo assim, não tem muitas pessoas”; “Uma boa estrutura. Tem muito apoio. Tem pontos de apoio, isso é muito importante pra quem vem a pé. Cada vez eles estão melhorando”; “É bem organizado”; “Deu tudo certo na caminhada. Tava bem organizado, muito...”; “Mas, em questão de infraestrutura, tá sempre muito boa, a gente é bem

atendido. Os preços não tão tão caros. Tá na média”; “Bem limpo, bem organizado em tudo. Bastante policial, coisa assim, pra cuidar da gente”.

Ainda em relação à organização, em alguns fragmentos identifica-se mesmo uma superação de expectativa, a que remete, discursivamente, a preposição “até” no fragmento “**Até que** tá bem organizado”. Por outro lado, a experiência vem marcada pela constatação de melhorias na organização do evento: “Tem uma estrutura bem boa **esse ano**”; “Bem organizadinho, tá **agora**”; “A gente não enfrentou fila **hoje**”. Destacam-se também os casos em que, mesmo indicando aspectos negativos, os entrevistados parecem relevá-los, o que se observa nas seguintes verbalizações: “**Só não gostei** lá na confusão da igreja, bem mal organizado [...] mas, **senão** está tudo... Tá tudo dentro do previsto. **Com tanta gente não dá pra ser tudo...**”; “Bem organizadinho tá, **agora**. Tem bastante ônibus ali. (**Apesar da fila**) **é rápido**, eles tão controlando”; “É que nosso ônibus fica bem longe, **mas..**”; “A gente não enfrentou fila hoje, tá meio sem... e **também não me importaria**, porque nos outros anos eu vinha com bastante gente e, igual, a pé é sempre bom”. A exceção, contudo, ocorre no fragmento “A fila dos ônibus, pra pegar os ônibus, tá horrível”, em que o sujeito apenas aponta o aspecto negativo.

Ressalte-se também que referências exclusivas a aspectos organizacionais (sem que o sujeito mencione outros aspectos) são em número de 10, portanto, 12,10% dos fragmentos, ratificando a importância dessa dimensão a marcar a experiência de participação na Romaria, particularmente quando contraposta aos aspectos religiosos da mesma forma citados unicamente, os quais somam 15 referências, correspondentes a 18,29% (uma diferença de 6,1 pontos percentuais).

De igual forma, o percurso ao Santuário no que diz respeito ao exercício físico requerido na realização da caminhada, aparece em 9 dos 62 fragmentos, instituindo-se como elemento marcante da experiência: “Veio tudo tranquilo, a gente conseguiu chegar aqui são e salvo, até não estamos muito cansados”; “A gente não cansou tanto, veio tranquilo”; “Cansativa, fisicamente cansativa, mas é um bom passeio”; “Por enquanto a gente tá cansado, bastante cansado”; “E cada vez e esse ano, eu senti que o percurso até é menor, vim bem mais tranquilo”; “Traz um bem-estar fisicamente”; citando alguns exemplos.

Verificam-se ainda alguns fragmentos que foram vinculados ao tópico OUTROS, e que somam 8% do número total. Eles compreendem aspectos predominantemente relacionados ao clima, ou abarcam relatos não caracterizadores da experiência (“Não sei explicar” é um exemplo deste último caso): “O dia com sol foi bom também”; “Pessoas pacíficas. Lindo dia”; “O clima ajudou bastante. Está bem agradável. Está calmo”. As menções ao clima talvez se

justifiquem pelo fato de boa parte dos romeiros virem a pé, ou então, pela Romaria abarcar, em sua maioria, espaços ao ar livre. Sendo assim, o clima interferiria na experiência dos romeiros, pois um clima frio e/ou chuvoso poderia repercutir de uma maneira não tão positiva.

Em síntese, de acordo com os entrevistados, embora haja predominância de alguns tópicos sobre outros, como é o caso dos ASPECTOS RELIGIOSOS, que apresentam o maior número de fragmentos (repetindo-se assim o encontrado quando o foco eram as motivações dos romeiros), poder-se-ia dizer que os aspectos religiosos, o estado emocional/espiritual, o estado físico, a organização do evento e outros aspectos mesclam-se para compor a experiência na Romaria, estabelecendo-se uma inter-relação. Um indicativo disso está na mescla de fragmentos que pode ser constatada na figura 29, em que, a título ilustrativo, menções à organização aparecem 5 vezes ao lado de referências a aspectos religiosos, 2 vezes ao lado de referências a aspectos emocionais/espirituais; menções a aspectos religiosos aparecem 4 vezes ao lado de referências a estado físico, 9 vezes ao lado de referências a aspectos emocionais/espirituais.

De toda forma, a marca dessa experiência para o romeiro apresenta-se tonalizada por uma valência predominantemente positiva. Atentando-se para a figura 29, é possível identificar que a maioria dos sujeitos (43) apresenta uma síntese avaliativa positiva sobre a experiência na Romaria, como é o caso dos seguintes exemplos: “Boa”; “Bem bacana, bem legal”; “Muito boa”; “Ótima. Inexplicável. É muito especial”; “Magnífica, não tem, tudo muito lindo”; “Ótima, excelente, estou gostando”; “Eu achei maravilhoso”; “Está bem bom”; “Sempre é boa, muito bom”; “Muito boa. Cada vez tá melhor”. Lembrando que tais expressões avaliativas iniciando a verbalização tendem, discursiva e sinteticamente, a encerrar lembranças que ficaram marcadas na memória, poder-se-ia dizer que, em uma visão geral, a experiência de participação na Romaria apresenta um grau elevado de positividade.

5.5 DESTAQUES SOBRE A ROMARIA A UM EVENTUAL FUTURO ROMEIRO

Dando continuidade ao estudo, após a abordagem da experiência de participação na Romaria, o foco agora se refere àquilo que os entrevistados diriam sobre a Romaria a uma pessoa que ainda não tivesse vindo a Caravaggio nesse dia. A figura 30, a seguir apresentada, retoma verbalizações dos sujeitos, para cuja abordagem se construiu inicialmente o enunciado: *A Romaria é um momento/evento (em que) (se)...*

Figura 30 – Verbalizações dos sujeitos acerca do que diriam sobre a Romaria a um eventual futuroromeiro e respectiva reescritura como complemento ao enunciado *A Romaria é um momento/evento (em que) (se)...*

Sujeito	Verbalizações	A Romaria é um momento/evento (em que) (se)...
1	<i>Se ela busca fé, aqui com certeza ela encontra</i>	...encontra a fé buscada.
2	<i>Venha, só isso</i>	
3	<i>Pra vir porque vale a pena. Se tu acredita em Deus, tem que vir, porque é um lugar muito lindo. Tu vê a fé entre as pessoas.</i>	...vê a fé das pessoas quando se acredita em Deus.
6	<i>Pra vir conhecê-la. Porque é um momento de agradecimento que todos têm que ter, crendo ou não crendo.</i>	...pode agradecer, independentemente de credo.
7	<i>Deve vir quem tem fé. Vir para bagunçar não adianta.</i>	...deve vir se tiver fé.
7.1	<i>Acho que vale a pena</i>	
8	<i>Venham, tenham fé, rezem, peçam, agradeçam. Porque eu acredito na fé, na fé das pessoas. Tendo fé a gente consegue alcançar.</i>	...pode pedir, rezar, agradecer e alcançar tendo fé.
9	<i>Deveria vir pra também sentir a força que tem a Nossa Senhora do Caravaggio</i>	...sente a força de Nossa Senhora.
10	<i>Venha sentir o que é o espírito da fé e da oração</i>	...sente o espírito de fé e de oração.
11	<i>Emociona, é muito bom a gente vir. É um momento muito bom pra gente.</i>	...vivencia uma emoção.
12	<i>Deve vir conhecer. Vale a pena. Sente uma tranquilidade, uma paz muito boa aqui... Nossa Senhora de Caravaggio é muito forte, então... a gente consegue sentir...</i>	...sente a força de Nossa Senhora; tranquilidade, paz.
13	<i>É interessante. Acaba sendo encantador pelo jeito que é, porque tem uma mistura de fé... acaba sendo uma experiência ótima, por conhecer o lugar... pelo entrosamento com as pessoas, por solidariedade, porque, hoje todo mundo se respeita, cumprimenta, é bom</i>	...mistura de fé e experiência, conhecimento, entrosamento, solidariedade, respeito.
14	<i>Elas não sabem o que estão perdendo. Nossa Senhora sempre chama de um jeito diferente, porque ela quer atrair as pessoas pro filho dela. Ela leva as pessoas que vêm aqui em direção ao filho</i>	...é levado por Nossa Senhora a seu filho.

	<i>dela e para o filho dela. Então é sempre diferente.</i>	
15	<i>Me encantou e a demonstração de fé foi bem maior do que eu esperava [...] o que eu vejo nas pessoas, é uma coisa que mexe muito com a gente, que faz buscar outros valores e repensar sobre a gente mesmo. Porque é uma fé, [...], as pessoas choram se dispõem a uma caminhada, e é todas as faixas etárias, estão dispostas a todo sacrifício, [...] ver essa diversidade de idades, de raças, de pessoas acompanhando e as tantas variedades, os tipos de fé, cada um tendo o seu motivo. Realmente mexe bastante, não esperava que fosse tão grande assim.</i>	...vê demonstração de fé; ...é levado a buscar outros valores e repensar sobre si; ...vê emoção, disposição ao sacrifício; ...vê diversidade de idades, raças e motivações.
16	<i>Que viesse porque é muito bom. Uma experiência que não tem...</i>	
17	<i>Vale a pena vir. Quem acredita.</i>	...a que vale a pena vir se tiver fé.
18.1	<i>Vamos, vamos à romaria!</i>	
19	<i>Pra vir. Pela renovação. Pelo conforto que traz de estar aqui.</i>	...renova (a fé), se encontra conforto (espiritual).
20	<i>A pessoa que vem vai vir sempre. Não vai deixar de vir aqui... O pessoal se reúne aqui [...]. Não saía lá de Caxias todo mundo junto. [...]. Estragaram com a romaria (das motos).</i>	...a que se volta sempre.
20.1	<i>Nós deixamos. Nós vinha sempre de moto. Agora não tem mais o das motos. Tem, mas todo mundo se encontra aqui...</i>	
21	<i>Que viesse mesmo, porque faz muuuuito bem. Sai daqui com muita paz no coração, pra enfrentar, nosso dia a dia. Com mais força.</i>	...encontra paz, força.
22	<i>Que está perdendo... A gente não consegue deixar de vir... Está perdendo tempo. É muito bom vir aqui.</i>	...a que se volta sempre.
23	<i>Com certeza, que venha pra ter fé, com fé, com esperança. Tenho certeza que ela vai estar sempre do nosso lado, pra ajudar, para o que mais precisarem.</i>	...encontra fé, esperança, ajuda.
24	<i>Que é bom estar aqui. Que é bom vir pra Caravaggio. Ótimo.</i>	
25.1	<i>Aconselharia a fazer. Claro que</i>	...a que se vem se tiver fé;

	<i>depende da fé, mas se a pessoa tem por cristão e acredita... é muito bom, é uma renovação, porque a gente se sente... cada vez com mais fé. Vê tantos exemplos de milagres, tantas pessoas que... Primeiro de tudo a pessoa tem que ter fé. Senão não consegue.</i>	...renova a fé; ...veem exemplos de milagres.
26	<i>Pra ela aproveitar todos os momentos bons que tem aqui</i>	
27.1	<i>É um lugar ideal pra quem tá precisando rezar. É um lugar ideal pra quem tá se sentindo sozinho.</i>	...reza; ...não se está só.
28	<i>Como eu me sinto, eu acharia que ela deveria se sentir também.</i>	
29	<i>Jesus faz bem. Faça o mesmo que eu fiz. Vá que é bom.</i>	
30	<i>Vale a pena. Porque a hora que tu tá chegando, que tu vê, nossa, consegui chegar aqui, e entrar ali dentro da igreja e ver tudo que tá ali dentro, vale a pena. É uma coisa bem boa. Pra dar uma pensada. Eu gostei.</i>	...pode pensar.
31	<i>Só ela pra vim ver mesmo como é bom, só pra ti ver, pra ti sentir. Tu tem que vim pra ver, pra pessoa sentir, porque a gente falando nem todos sentem a mesma emoção.</i>	...sentem emoções únicas.
32	<i>Teria que vir, pra ver, que é muito bom, muito lindo tudo</i>	
33	<i>Se a pessoa não é muito devoto de religião, que ela viesse, que ela muda muito o conceito dela, porque... se a pessoa chegar aqui, ela vê realmente que não é uma coisa de turismo, é realmente uma coisa praticamente... de orações e... pedidos, graças</i>	...pode mudar conceitos de religião; ...não se vem fazer turismo; ...reza, pede.
34	<i>Venha buscar uma graça, porque eu sempre alcancei. Desde nova. Sempre fui atendida. Foram todas alcançadas.</i>	...buscam graças.
35	<i>Que sempre viesse para acompanhar essa missa aqui. Essa caminhada de, romaria. Todo ano, se pudesse vir, podia vir. Eu recomendaria sempre chegar nesse dia de pentecostes, nessa missa tão... É uma missa assim que não dá nem pra</i>	...pode assistir a uma missa especial.

	<i>explicar direito.</i>	
35.1	<i>...Hoje é um dia santo, um dia de pentecostes</i>	
36	<i>E também porque com certeza ela deve ser muito, muito devota... Tem muita gente que vem aqui. Então as pessoas devem acreditar. Alguma coisa de bom tem que ter.</i>	...deve ser devoto.
36.1	<i>Que venha porque a gente se sente muito bem. Mentalmente... Tudo.</i>	...sente bem.
37	<i>Que venha, que vale a pena, é um lugar que... Ela não iria se arrepender se viesse. Geralmente quando vem uma vez vai voltar, com certeza. A pessoa que vem vai sentir, vê todo pessoal de tudo quanto é lugar. A fé, e todos que vêm pela fé, pela santa. E geralmente, a pessoa que vem uma vez, ela faz uma promessa e vê que dá certo e volta de novo.</i>	...a que se volta sempre; ...encontram os que têm fé na Santa, que foram atendidos.
37.1	<i>A fé</i>	
38.1	<i>Para que ela venha conhecer, que ela possa se abrir pro conhecimento... que ela possa se abrir pra graça... É uma experiência única. Não tem como comparar, dizer que foi, que é tão bom quanto qualquer coisa.</i>	...que vale conhecer; ...vive uma experiência única de abertura para o conhecimento e para a graça.
39	<i>Que vale muito a pena vir a pé, tem que vir pra ver a fé mesmo do pessoal, como o pessoal se dispõe, se juntam grupos. É uma coisa assim que em outra cidade tu não vê uma demonstração de fé assim. Porque se não tem fé não vem nem a pé. Não tem o porquê, sair a pé de casa cinco, seis horas da manhã e vim.</i>	...vê a fé manifesta nos que vêm a pé.
40	<i>Não sabe o que tá perdendo. Não sei explicar, mas tendo fé é tudo, pra família assim, porque se tu não acompanha com muita fé, ensinar pros mais jovens, é difícil, é difícil, eles vão num caminho ruim. Então, a Nossa Senhora ajuda, ajuda bastante de... ser sempre unidos em família.</i>	...pode, pela fé, fortalecer a união da família, encaminhar bem os jovens.
41.1	<i>Que venha, que é muito bom, a experiência de vir</i>	
42	<i>Aconselharia a vir, porque recebe uma graça, faz uma penitência</i>	...recebe graça, faz penitência.

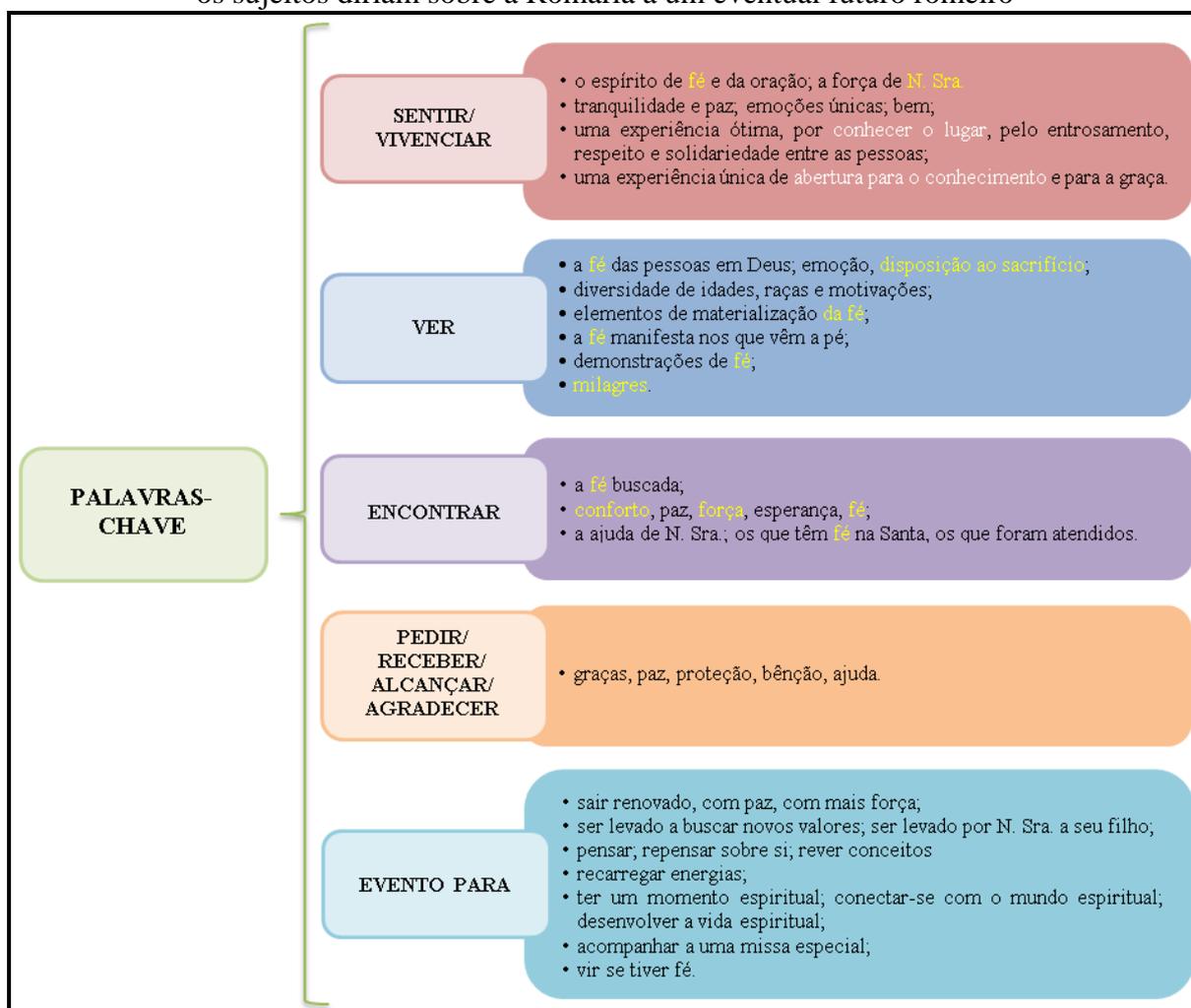
43	<i>Que todas as pessoas venham, que se sentem bem... Um lugar bonito. Só não gostei duma coisa [do restaurante que agora serve em buffet, o lugar é apertado, a comida não tava legal]. O outro ano não vou mais ali.</i>	...sente bem.
44	<i>Aconselharia a vir, pra... desenvolver uma vida espiritual, um elo familiar, a fé. Eu venho pra isso também. Pedir paz, proteção no trabalho, que eu trabalho de segurança...</i>	...desenvolve a vida espiritual; ...pede paz, proteção.
45	<i>Ela tá perdendo bastante. Porque aqui a gente recebe bênção, é maravilhoso, tu sai daqui limpo, chega em casa, é outra pessoa.</i>	...recebe bênção; ...de que se sai limpo, renovado (outro).
46	<i>Se ela pudesse vir todas as vezes que tivesse, é a coisa mais boa que tem</i>	
47	<i>Fica difícil, porque nem todos são da igreja católica. Mas, se acredita mesmo em santos, que venha, porque ela ajuda sim. Ela ajuda sim todos que precisam.</i>	...vem se tiver fé, for católico.
47.1	<i>E é bom assistir à missa.</i>	...pode assistir à missa.
48	<i>Pra vir, porque é importante pra gente ter um momento espiritual, assim, um momento de oração. Pelo menos uma vez no ano. Onde se reúne bastante pessoa, pra orar.</i>	...pode ter um momento espiritual; ...reúne para rezar.
49	<i>É uma ótima, uma ótima maneira de recarregar as energias, rever conceitos... essas coisas assim. Uma maneira boa de se conectar, com o mundo espiritual...Com todo mundo...</i>	...recarregam energias; ...conecta com o mundo espiritual.
49.1	<i>Eu tô conhecendo pela primeira vez hoje. Tô encantada. Aquela sala cheia daquelas fotos, aquilo me emocionou tanto. De ver aquele, aquela... sabe, tu olha pra cima é foto pra tudo que é lado... de pessoas que já receberam e já retribuíram com o seu depoimento... Parece que a gente participa um pouco desse mundo aqui... Dessa natureza, tão bonita.</i>	...pode ver ou se emocionar com elementos de materialização da fé.
50	<i>Ela nem sabe o que tá perdendo. [Falaria isso] pra ver se a gente tenta... trazer alguma coisa de bom. Porque tem gente que fala, fala de Nossa Senhora de</i>	...que não se pode perder.

	<i>Caravaggio, mas nunca vem... Nunca. Não vem de carro, nem a pé. Quem vem uma vez, sempre tem vontade de vir. Enquanto puder, que tiver as pernas que trouxeram. Dá pra vim.</i>	
--	--	--

Fonte: Elaborado pela própria autora.

De modo geral, poder-se-ia agrupar os fragmentos caracterizadores do momento/evento, em torno de algumas palavras-chave, como exemplificado na sequência.

Figura 31 – Palavras-chave em torno das quais se agrupam os fragmentos indicativos do que os sujeitos diriam sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Ao destacar para alguém que nunca participou da Romaria o que marcaria sua vinda a Caravaggio, constata-se uma significativa priorização da experiência religiosa, quer no tocante à fé, aos ritos católicos, às formas de relação do romeiro com Nossa Senhora, quer no que tange à perspectiva de vivência de reflexões, emoções e de um novo estado espiritual –

que ali poderia sentir, ver, encontrar. Ter fé é até mesmo mencionado como condição para dispor-se a participar, assim como o entendimento de que na Romaria “não se vem fazer turismo”.

Em seu discurso, os sujeitos projetam para o outro (eventual futuro romeiro) elementos constitutivos da sua fé, de sua própria experiência, o que denotam diferentes elementos enunciativos. Esses se evidenciam no emprego frequente de “a gente”, expressão substitutiva de “nós” (“Nossa Senhora de Caravaggio é muito forte, então a gente consegue sentir...”; “...é uma renovação, porque a gente se sente...”; “Porque aqui a gente recebe bênção”; “É importante pra gente ter um momento espiritual”); na presença do pronome de primeira pessoa (“Eu venho pra isso também”; “Como eu me sinto, eu acharia que ela deveria se sentir também”; “Pra dar uma pensada: eu gostei”); em explicações apoiadas na ideia de possível transferência automática de uma vivência de fé (“Venha buscar uma graça, porque eu sempre alcancei”; “Deveria vir para também sentir a força que tem...”; “...porque recebe uma graça”; “...porque eu acredito na fé”); em justificativas centradas em elementos de cunho emocional (“Teria que vir pra ver, que é muito bom, é muito lindo”; “Tu sai daqui limpo, chega em casa é outra pessoa”; “Se ela pudesse vir todas as vezes que tivesse, é a coisa mais boa que tem”; “Emociona, é muito bom a gente vir aqui”).

Chama também a atenção a alternância das pessoas do discurso. Considerando a solicitação sobre o que diria a respeito da Romaria a alguém que ainda não tivesse dela participado, poder-se-iam normalmente encontrar respostas do tipo: “Eu diria que...” ou “Eu diria para que...”, nas quais estão marcadas a primeira pessoa (o entrevistado), seu afastamento discursivo da terceira pessoa (eventual futuro participante) e a segunda pessoa (o interlocutor). É o que se verifica, por exemplo, em (Eu diria que) “Se ela busca fé, com certeza ela encontra”; “Elas não sabem o que estão perdendo”; “que (ela) deve vir conhecer...”; “que (ela) viesse mesmo...”; “Se a pessoa não é muito devota da religião, que ela viesse, que ela muda muito o conceito”. No entanto, recorrentemente, no interior da resposta, há um deslizamento da terceira para a segunda pessoa, estabelecendo-se o discurso direto entre entrevistado (eu) e o eventual futuro romeiro. Observe-se a sequência: “Só **ela** pra vim ver mesmo como é bom, só pra **ti** ver, pra **ti** sentir. **Tu** tem que vim pra ver, pra **pessoa** sentir, porque **a gente** falando nem todos sentem a mesma emoção”. Mais uma vez, percebem-se, no discurso, sinalizadores enunciativos de projeção/transferência da experiência religiosa/emocional, a qual se acentua no emprego da forma injuntiva “Tu tem que”. Exemplo similar encontra-se na sequência: “Venham! **Tenham** fé, **rezem**, **peçam**, **agradeçam**, porque **eu** acredito na fé... Tendo fé **a gente** consegue alcançar”.

Um outro conjunto de verbalizações parece, numa abordagem preliminar, estar tonalizada por aspectos não predominantemente ou exclusivamente religiosos. Nesse sentido, caberia retomar o seguinte discurso de um dos sujeitos: “É interessante. Acaba sendo encantador pelo jeito que é, porque tem uma mistura de fé... acaba sendo uma experiência ótima, por conhecer o lugar... pelo entrosamento com as pessoas, por solidariedade, porque, hoje todo mundo se respeita, cumprimenta”. De imediato chamam a atenção algumas marcas enunciativas, a começar pela passagem do adjetivo “interessante” (cujo sentido, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0, remete ao que é bom, àquilo que é digno de atenção, que é intrigante; curioso – HOUAISS, 2009), para o adjetivo “encantador” (no mesmo dicionário explicitado como o que atrai, arrebatava, seduz; que causa prazer, deleite), intermediada pela forma verbal “acaba sendo”. A razão dessa passagem estaria na junção (“mistura”) da fé a elementos como a experiência do conhecimento do lugar associada a relações sócio-humanas (entrosamento com as pessoas, solidariedade e respeito entre todos).

De outra parte, encontram-se também respostas dos entrevistados, as quais encerram em sua maioria recomendações, sugestões, incentivo ou aconselhamento para participação na Romaria, sem, contudo, enunciar uma complementação significativa. Entre elas podem ser mencionadas: “Vamos, vamos à Romaria”; “Venha, só isso”; “Acho que vale a pena”; “Pra ela aproveitar todos os momentos bons que tem aqui”; “A pessoa que vem, vai vir sempre. Não vai deixar de vir aqui”; “Um lugar bonito”; “Teria que vir, pra ver, que é muito bom, muito lindo tudo”.

Na direção de ainda buscar uma melhor compreensão das verbalizações ora em análise, mostra-se oportuno visualizá-las global e conjuntamente àquelas relativas à motivação para participação na Romaria e relativas à experiência ali vivenciada, anteriormente examinadas. É o que se intenta com a figura 32.

Figura 32 – Quadro geral dos fragmentos discursivos relativos aos eixos temáticos MOTIVAÇÃO, EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO e DESTAQUES A EVENTUAIS FUTUROS ROMEIROS, agrupados em torno dos tópicos analíticos ASPECTOS RELIGIOSOS, ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL, ESTADO FÍSICO, ORGANIZAÇÃO e OUTROS

Sujeito	Síntese avaliativa	Aspectos religiosos	Estado emocional/espiritual	Estado físico	Organização	Outros
1	Boa	<i>A fé</i> <i>Se ela busca fé, aqui com certeza ela encontra</i>			<i>Bem tranquilo, bem organizado</i>	
2		<i>A fé</i>				<i>Não sei explicar</i> <i>Venha, só isso</i>
2.1	Boa	<i>De graças alcançadas</i>				
3	<i>Bem bacana, bem legal</i>	<i>A fé mesmo</i> <i>Pra vir porque vale a pena. Se tu acredita em Deus, tem que vir, porque é um lugar muito lindo. Tu vê a fé entre as pessoas.</i>	<i>Ter esperança de dias melhores</i> <i>Traz uma paz de espírito muito boa. Tu sente assim a igualdade perto/entre as pessoas que vêm em busca de alguma coisa.</i>			
6		<i>Agradecer</i> <i>Pra vir conhecê-la. Porque é um momento de agradecimento que todos têm que ter, crendo ou não crendo.</i>	<i>Agitada. Um pouco estranha (é a primeira vez que venho sozinho).</i>			
7	<i>Bom, ótimo, bem</i>	<i>A gente sempre busca a fé</i> <i>Deve vir quem tem fé. Vir para bagunçar não adianta.</i>		<i>Veio tudo tranquilo, a gente conseguiu chegar aqui são e salvo, até não estamos muito cansados</i>	<i>(mas) não sei como é que tá a organização dos ônibus ali, mas... Está bem organizado.</i>	
7.1					<i>Até que tá bem organizado</i>	<i>Acho que vale a pena</i>
8	<i>Muito bom</i>	<i>A fé que me envolveram</i> <i>A gente veio bem, viemos rezando</i> <i>Venham, tenham fé, rezem, peçam, agradeçam. Porque eu acredito na fé, na fé das pessoas. Tendo fé a</i>		<i>Tudo tranquilo, não aconteceu nada, ninguém passando mal</i>		

		<i>gente consegue alcançar.</i>				
9	Estou gostando	<i>Fé em Nossa Senhora</i> <i>Fiz uma promessa [...] estou bem</i> <i>Ver tanta gente que também tem fé</i> <i>Deveria vir pra também sentir a força que tem a Nossa Senhora do Caravaggio</i>	<i>Emocionado de vir até aqui</i>			
10	Uma vivência	<i>Fé em Nossa Senhora</i> <i>A gente está com o espírito preparado. É um dia de agradecimento, de pedir graças, tudo (vi muitos jovens).</i> <i>Venha sentir o que é o espírito da fé e da oração</i>	<i>Esse espírito todo que envolve a gente</i> <i>O povo emocionado. Um dia espiritual, faz bem à alma.</i>			
11	Muito boa	<i>A fé</i> <i>Agradecer as graças</i>	<i>Faz bem pra gente.</i> <i>Emociona, é muito bom a gente vir. É um momento muito bom pra gente.</i>		<i>Só não gostei lá na confusão da igreja, bem mal organizado [...] mas, senão está tudo... Tá tudo dentro do previsto. Com tanta gente não dá pra ser tudo...</i>	
12	Bem proveitosa	<i>(Mais) agradecimentos</i> <i>...Nossa Senhora de Caravaggio é muito forte, então... a gente consegue sentir...</i>	<i>Deve vir conhecer. Vale a pena. Sente uma tranquilidade, uma paz muito boa aqui...</i>	<i>A gente não cansou tanto, veio tranquilo</i>	<i>Está bem tranquilo assim, não tem muitas pessoas</i>	<i>O dia com sol foi bom também</i>
13	Bem tranquilo, bem legal	<i>Mudou a missa, o jeito de ser rezada</i> <i>É interessante. Acaba sendo encantador pelo jeito que é, porque tem uma mistura de fé...</i>			<i>Montaram essas tendas aqui, bem organizado; bom também que eles colocaram os camelôs lá embaixo. Tem uma estrutura bem boa esse ano.</i>	<i>Mais pelo turismo religioso, (pela fé), pela cultura italiana também [...] pela religião</i> <i>...acaba sendo uma experiência ótima, por conhecer o lugar... pelo entrosamento com as pessoas, por solidariedade, porque, hoje todo mundo se respeita,</i>

						<i>cumprimenta, é bom</i>
14		<p><i>Fé em Nossa Senhora que nos leva a seu filho</i></p> <p><i>Parece que cada ano a Romaria se renova. É como se todos os anos N. Sra. chamasse cada um de um jeito diferente. Nunca é igual ao ano anterior.</i></p> <p><i>Elas não sabem o que estão perdendo. Nossa Senhora sempre chama de um jeito diferente, porque ela quer atrair as pessoas pro filho dela. Ela leva as pessoas que vêm aqui em direção ao filho dela e para o filho dela. Então é sempre diferente.</i></p>				
15	<p><i>Ótima. Inexplicável. É muito especial.</i></p>	<p><i>A fé, em princípio, acima de tudo</i></p> <p><i>Só quem tem fé, quem sente mesmo o que representa estar aqui hoje. É um sonho de muitos anos, é uma bênção, é uma graça. Não é simplesmente acompanhar uma romaria, vir num santuário. É alguma coisa maior. Representa muito estar num lugar sagrado pra nós.</i></p> <p><i>Me encantou e a demonstração de fé foi bem maior do que eu esperava [...] o que eu vejo nas pessoas, é uma coisa que mexe muito com a gente, que faz buscar outros valores e repensar sobre a gente mesmo. Porque é uma fé, [...], as pessoas choram se dispõem a uma caminhada, e é todas as faixas etárias, estão dispostas a todo sacrifício, [...] ver essa diversidade de idades, de raças, de pessoas acompanhando e as tantas variedades, os tipos de fé, cada um tendo o seu motivo. Realmente mexe bastante, não esperava que fosse tão grande assim.</i></p>				

16	Muito boa	<i>Fé em Nossa Senhora Pra homenagear a nossa Santa A gente vem todo ano</i>	<i>A gente sai daqui com um alívio muito grande Que viesse porque é muito bom. Uma experiência que não tem...</i>			
16.1		<i>É pra rezar</i>				
17	<i>Boa em todas as coisas</i>	<i>Vale a pena vir. Quem acredita.</i>				<i>(Agradecer pelas coisas). Mais pra fazer companhia mesmo.</i>
17.1		<i>É pra rezar</i>				
18				<i>Cansativa, fisicamente cansativa, mas é um bom passeio</i>		
18.1						<i>É uma ocasião assim pra gente participar juntos de alguma coisa. É um bom exercício. Não sei Vamos, vamos à romaria!</i>
19	<i>Tranquilo</i>	<i>A fé Pra vir. Pela renovação.</i>	<i>Pelo conforto que traz de estar aqui</i>		<i>Pensei que ia ter mais gente, nesse sentido de estar organizado</i>	
20	<i>Boa, boa</i>	<i>A gente vem aqui e escuta uma missa</i>	<i>Prazer de vim aqui, tá aqui</i>		<i>Bem organizadinho tá agora. Tem bastante ônibus ali. (Apesar da fila) é rápido, eles tão controlando. ...O pessoal se reúne aqui [...]. Não saía lá de Caxias todo mundo junto. [...]. Estragaram com a romaria (das motos).</i>	<i>A pessoa que vem vai vir sempre. Não vai deixar de vir aqui...</i>
20.1					<i>A fila dos ônibus, pra pegar os ônibus, tá horrível Nós deixamos. Nós vinha sempre de moto. Agora não tem mais o das</i>	

					<i>moto. Tem, mas todo mundo se encontra aqui...</i>	
21	<i>Magnífica, não tem, tudo muito lindo</i>	<i>A fé [...] enfim, tudo o que eu preciso</i> <i>Agradecendo muito</i> <i>Pedindo também</i> <i>Força, tudo que eu preciso</i> <i>Como hoje o dia é especial com a N. Sra., hoje então parece que tu tá mais perto; parece que ela tá mais presente ainda do que todos os outros dias.</i>	<i>E com alegria mesmo</i> <i>Que viesse mesmo, porque faz muuuuito bem. Sai daqui com muita paz no coração, pra enfrentar, nosso dia a dia. Com mais força.</i>			
22	<i>Está bom</i>	<i>Fé na Santa</i> <i>Se a Santa me ajudasse [...] eu trouxe um monte de vela e acendi aqui</i>	<i>É bom vir aqui também</i> <i>Que está perdendo... A gente não consegue deixar de vir... Está perdendo tempo. É muito bom vir aqui.</i>			<i>Vários sentidos (não pode citar nenhum especial)</i>
23	<i>Ótima, excelente, estou gostando</i>	<i>Fé na Santa</i> <i>Agradecer a Santa [...] por tudo que a gente conquistou</i> <i>A gente pede pra ela, sempre dar saúde</i> <i>A gente vê muitas pessoas que vêm também com essa devoção</i> <i>Com certeza, que venha pra ter fé, com fé, com esperança. Tenho certeza que ela vai estar sempre do nosso lado, pra ajudar, para o que mais precisarem.</i>	<i>A gente veio com tranquilidade, paz</i>			
24	<i>Muito boa</i>	<i>Fé em Nossa Senhora</i> <i>Nunca tinha vindo no dia da Romaria, mas gostei, tem muita gente. Gostei da participação, da experiência, da celebração.</i>	<i>É um lugar bom, me sinto feliz</i> <i>Que é bom estar aqui. Que é bom vir pra Caravaggio. Ótimo.</i>			
25		<i>Agradecer um pedido</i>				

		<i>É pra rezar</i>				
25.1	Muito bom	<p><i>Uma confirmação de fé</i></p> <p><i>Aconselharia a fazer. Claro que depende da fé, mas se a pessoa tem por cristão e acredita... é muito bom, é uma renovação, porque a gente se sente... cada vez com mais fé. Vê tantos exemplos de milagres, tantas pessoas que... Primeiro de tudo a pessoa tem que ter fé. Senão não consegue.</i></p>			<p><i>Uma boa estrutura. Tem muito apoio. Tem pontos de apoio, isso é muito importante pra quem vem a pé. Cada vez eles estão melhorando.</i></p>	
26	Ótima	<p><i>Fé em Nossa Senhora de Caravaggio pelos milagres que ela faz</i></p> <p><i>Venho na verdade pela fé. É uma coisa que eu gosto, enfim, pagar uma promessa.</i></p>				<p><i>Pra ela aproveitar todos os momentos bons que tem aqui</i></p>
27			A paz			
27.1	Estou gostando por enquanto	<p><i>Hoje em dia a gente tá tão descrente, daí resolvi rezar um pouco</i></p> <p><i>É um lugar ideal pra quem tá precisando rezar</i></p>	<p><i>É um lugar ideal pra quem tá se sentindo sozinho</i></p>			<p><i>Conhecer, um passeio (pra rezar, um pouco)</i></p>
28	Eu acho bom, tudo de bom	<p><i>Muita fé</i></p> <p><i>Agradecer as graças</i></p> <p><i>Tu te anima vendo outra gente que pede o mesmo motivo. Força. Se toda essa gente vai, é porque a N. Sra. tá fazendo alguma coisa. Dá impressão que tu tem uma solução [...] mesmo que não venha no mesmo dia.</i></p>	<p><i>A gente se sente bem/melhor</i></p> <p><i>Tu te sente bem e resolvido vindo ali, satisfeita</i></p> <p><i>Como eu me sinto, eu acharia que ela deveria se sentir também</i></p>		<p><i>É bem organizado</i></p>	
29	Muito boa	<p><i>Uma confirmação de fé</i></p> <p><i>Fé em Nossa Senhora</i></p> <p><i>Jesus faz bem. Faça o mesmo que</i></p>	<p><i>É uma renovação também. Uma paz.</i></p>		<p><i>Lugar agradável. Uma estrutura muito bem montada, muita organização aqui: gastronomia, banheiros, espaço, sistema de som, segurança maravilhosa, o pessoal</i></p>	<p><i>Pessoas pacíficas. Lindo dia.</i></p>

		<i>eu fiz. Vá que é bom.</i>			<i>da Brigada integrado com a comunidade; os escoteiros, o exército. Isso aqui é um espetáculo.</i>	
30		<i>Mas eu vi, bastante gente vem, então tu percebe o tanto de pessoas que é devota</i>	<i>Vale a pena. Porque a hora que tu tá chegando, que tu vê, nossa, consegui chegar aqui, e entrar ali dentro da igreja e ver tudo que tá ali dentro, vale a pena. É uma coisa bem boa. Pra dar uma pensada. Eu gostei.</i>	<i>Por enquanto a gente tá cansado, bastante cansado</i>		<i>Na verdade eu não sou devota [...] mais pra conhecer</i>
31		<i>Agradecer as graças</i> <i>Os pedidos</i> <i>Quando a gente vem aqui pra fazer os pedidos e recebe a graça, a gente agradece a ela, então a gente tá sempre renovada [...] purificada</i>	<i>Só ela pra vim ver mesmo como é bom, só pra ti ver, pra ti sentir. Tu tem que vim pra ver, pra pessoa sentir, porque a gente falando nem todos sentem a mesma emoção.</i>			
31.1	<i>Hoje tá maravilhoso</i>	<i>Agradecer as graças</i> <i>Pedir pros outros [...] pedir pra ela [...] que ela me dê saúde</i> <i>Aqui é o lugar de pedir e agradecer</i>			<i>É que nosso ônibus fica bem longe, mas...</i>	
32	<i>Muito boa. Tudo muito lindo, muito bonito.</i>		<i>Teria que vir, pra ver, que é muito bom, muito lindo tudo</i>			<i>Pra conhecer</i>
33		<i>Um dia pra orações</i> <i>É um dia especial [...] pra se dedicar [...] pra missa</i> <i>A gente percebe que ainda tem bastante gente que pratica a religião. Uma cidade bastante devota ainda.</i> <i>Se a pessoa não é muito devoto de religião, que ela viesse, que ela muda muito o conceito dela, porque... se a pessoa chegar aqui, ela vê realmente que não é uma coisa de turismo, é realmente uma coisa praticamente... de orações e...</i>				

		<i>pedidos, graças</i>				
33.1		<p><i>Tu faz uma promessa, próximo ano vou pra lá</i></p> <p><i>Pedir saúde, proteção, tudo junto</i></p> <p><i>Um dia pra orações</i></p> <p><i>A gente percebe que ainda tem bastante gente que pratica a religião</i></p>				
34	Muito linda, muito bacana	<p><i>Eu vim buscar saúde [...] eu ando muito doente</i></p> <p><i>Os jovens, eles vêm mais pra caminhar, mas as pessoas mais velhas vêm buscar graças da Santa</i></p> <p><i>Venha buscar uma graça, porque eu sempre alcancei. Desde nova. Sempre fui atendida. Foram todas alcançadas.</i></p>				
35	Eu achei maravilhoso	<p><i>Pra trazer mais saúde, mais paz, mais harmonia, mais... pra minha família toda</i></p> <p><i>Nunca tinha visto na minha vida isso aí. É uma missa diferente, uma coisa assim mais profunda no coração.</i></p> <p><i>Que sempre viesse para acompanhar essa missa aqui. Essa caminhada de, romaria. Todo ano, se pudesse vir, podia vir. Eu recomendaria sempre chegar nesse dia de pentecostes, nessa missa tão... É uma missa assim que não dá nem pra explicar direito.</i></p>	<p><i>É uma sensação enorme diante do meu coração. Parece que mexe comigo [...]. Parece que me sinto mais feliz [...] mais realizado.</i></p> <p><i>Emocionado</i></p>			
35.1		<i>...Hoje é um dia santo, um dia de pentecostes</i>	<i>Emocionado. Emociona a vida de cada um que vem aqui.</i>			
36		<p><i>A fé</i></p> <p><i>Agradecer</i></p>			<i>Deu tudo certo na caminhada. Tava bem organizado, muito...</i>	

		<i>E também porque com certeza ela deve ser muito, muito devota... Tem muita gente que vem aqui. Então as pessoas devem acreditar. Alguma coisa de bom tem que ter.</i>				
36.1	Boa	<i>Agradecer tudo, as coisas que a gente consegue</i>	<i>Que venha porque a gente se sente muito bem. Mentalmente... Tudo.</i>			
37	Bem legal	<i>Fé na Santa</i> <i>Que venha, que vale a pena, é um lugar que... Ela não iria se arrepender se viesse. Geralmente quando vem uma vez vai voltar, com certeza. A pessoa que vem vai sentir, vê todo pessoal de tudo quanto é lugar. A fé, e todos que vêm pela fé, pela santa. E geralmente, a pessoa que vem uma vez, ela faz uma promessa e vê que dá certo e volta de novo.</i>	<i>A gente se sente bem aqui [...] alegria, felicidade, tudo, tudo de bom assim</i>			
37.1		<i>A fé</i>	<i>Passa uma paz, uma tranquilidade</i>			
38.1	Muito boa	<i>Fé em Nossa Senhora</i> <i>Estou vindo para agradecer uma graça. Cada vez a gente vem com mais pessoas, consegue trazer, envolver mais pessoas, fazendo com que elas acreditem também.</i> <i>...que ela possa se abrir pra graça</i>	<i>É um momento de reencontro com a paz, com Deus</i> <i>... É uma experiência única. Não tem como comparar, dizer que foi, que é tão bom quanto qualquer coisa.</i>	<i>E cada vez e esse ano, eu senti que o percurso até é menor, vim bem mais tranquilo</i>		<i>Para que ela venha conhecer, que ela possa se abrir pro conhecimento...</i>
39		<i>A fé mesmo</i> <i>O movimento muito fraco, não sei se é porque não é bem o dia da Romaria</i> <i>Que vale muito a pena vir a pé, tem que vir pra ver a fé mesmo do pessoal, como o pessoal se dispõe, se juntam grupos. É uma coisa assim que em outra cidade tu não vê uma demonstração de fé assim. Porque se não tem fé não vem nem a pé. Não tem o porquê, sair a pé</i>	<i>É um jeito de... é um momento nosso [...] que a gente tira pra pensar [...] pra rever as nossas atitudes</i>	<i>Esse ano foi bem mais cansativo do que o ano passado, mais puxado</i>	<i>Mas, em questão de infraestrutura, tá sempre muito boa, a gente é bem atendido. Os preços não tão tão caros. Tá na média.</i>	

		<i>de casa cinco, seis horas da manhã e vim.</i>				
40	Ótima	<i>Fé na Mãe Maria</i> <i>Pela família, pela união da família, só posso agradecer, só rezo pela família, pela saúde, pela paz</i> <i>Não sabe o que tá perdendo. Não sei explicar, mas tendo fé é tudo, pra família assim, porque se tu não acompanha com muita fé, ensinar pros mais jovens, é difícil, é difícil, eles vão num caminho ruim. Então, a Nossa Senhora ajuda, ajuda bastante de... ser sempre unidos em família.</i>				
41	Tá bom	<i>Fé na Santa</i>				<i>O clima ajudou bastante. Está bem agradável. Está calmo.</i>
41.1		<i>Fé na Santa</i> <i>Pedir pela saúde</i>	<i>Que venha, que é muito bom, a experiência de vir</i>			<i>O tempo ajudou bastante</i>
42	Tranquila	<i>Sou católica</i> <i>Aconselharia a vir, porque recebe uma graça, faz uma penitência</i>	<i>Tô bem tranquila assim, me sentindo super bem</i>			
43		<i>Agradecer as graças</i> <i>Pedir</i> <i>É pra rezar</i> <i>Gostei do Bispo do Mato Grosso. Gostei de ouvir ele falar.</i>	<i>Dá uma alegria vir pra cá, a gente se sente bem... fico contente de vir aqui</i> <i>Que todas as pessoas venham, que se sentem bem</i>		<i>Só não gostei duma coisa [do restaurante que agora serve em buffet, o lugar é apertado, a comida não tava legal]. O outro ano não vou mais ali.</i>	<i>...Um lugar bonito.</i>
43.1		<i>Agradecer as graças</i> <i>Pedir graças, pedir a saúde</i>	<i>Me sinto bem [...] É um lugar bom de vir aqui. A gente se sente assim contente.</i>			
44	Boa. Hoje tá bem bom.	<i>A fé</i>	<i>Ter esperança de dias melhores</i>		<i>A gente não enfrentou fila hoje, tá meio sem. E também não me importaria, porque nos outros anos</i>	

		<p><i>(Mais) agradecimentos</i></p> <p><i>Aconselharia a vir, pra... desenvolver uma vida espiritual, um elo familiar, a fé. Eu venho pra isso também. Pedir paz, proteção no trabalho, que eu trabalho de segurança...</i></p>			<p><i>eu vinha com bastante gente e, igual, a pé é sempre bom.</i></p>	
44.1		<p><i>Agradecer</i></p> <p><i>Pedir</i></p>				
45	<p><i>Muito bom. Tá ótimo.</i></p>	<p><i>Agradecer tudo que eu recebo durante o ano</i></p> <p><i>Levar coisas boas pra minha casa</i></p> <p><i>A gente é muito católico</i></p> <p><i>Ela tá perdendo bastante. Porque aqui a gente recebe bênção, é maravilhoso, tu sai daqui limpo, chega em casa, é outra pessoa.</i></p>			<p><i>Bem limpo, bem organizado em tudo. Bastante policial, coisa assim, pra cuidar da gente.</i></p>	
46	<p><i>Boa, muito boa</i></p>	<p><i>Só venho pedir umas bênção</i></p> <p><i>Boa assim pra mim, pra minha família, que eu rezo, venho aqui rezar pra minha família</i></p>	<p><i>Me sinto melhor [...] de espírito</i></p> <p><i>Sair do estresse; pensar um pouco na vida também.</i></p> <p><i>Se ela pudesse vir todas as vezes que tivesse, é a coisa mais boa que tem</i></p>	<p><i>Tô meio cansado, mas...</i></p>		
47	<p><i>Está bem bom</i></p>	<p><i>Agradecer a Santa [...] por tudo o que ela tem ajudado todo esse tempo</i></p> <p><i>Vim pagar promessa</i></p> <p><i>A gente escutou a missa tudo. Eu vim agradecer só, mas eu pedi proteção pra ela. Tem que agradecer e desejar o melhor para os outros também.</i></p> <p><i>Fica difícil, porque nem todos são da igreja católica. Mas, se acredita mesmo em santos, que venha, porque ela ajuda sim. Ela ajuda</i></p>				

		<i>sim todos que precisam.</i>				
47.1	É boa	<i>E é bom assistir à missa.</i>				
48	<i>Tá sendo boa. Não tem nenhuma restrição.</i>	<i>Fé na Santa</i> <i>Pra vir, porque é importante pra gente ter um momento espiritual, assim, um momento de oração. Pelo menos uma vez no ano. Onde se reúne bastante pessoa, pra orar.</i>	<i>Traz paz pra gente, pra seguir o resto do ano</i>			
49	<i>Sempre é boa, muito bom</i>	<i>Fé em Nossa Senhora</i> <i>Fazer uma homenagem</i> <i>...Como na parte espiritual. É um ambiente propício pras questões espirituais também.</i>	<i>É uma ótima, uma ótima maneira de recarregar as energias, rever conceitos..., essas coisas assim. Uma maneira boa de se conectar, com o mundo espiritual... Com todo mundo...</i>		<i>Tanto na parte da infraestrutura... Tem tudo que a gente precisa.</i>	
49.1	<i>É muito bom. É muito bonito aqui.</i>		<i>Eu tô conhecendo pela primeira vez hoje. Tô encantada. Aquela sala cheia daquelas fotos, aquilo me emocionou tanto. De ver aquele, aquela... sabe, tu olha pra cima é foto pra tudo que é lado... de pessoas que já receberam e já retribuíram com o seu depoimento. ...Parece que a gente participa um pouco desse mundo aqui... Dessa natureza, tão bonita.</i>		<i>Nós sentadas nesse banco, dá vontade de ficar aqui, de não voltar pra Porto Alegre</i>	
50	<i>Muito boa. Cada vez tá melhor.</i>	<i>Fé na Santa</i> <i>Cada vez tem mais gente. Ontem tinha bastante, em vez hoje não tem... Hoje tá menos. Parece que ajuda a gente pra ter mais fé em alguma coisa.</i> <i>Promessa eu nunca fiz, mas parece que a gente vem com alguma coisa de sensação cumprida, de alguma coisa alcançada. Mas promessa não faço.</i> <i>Ela nem sabe o que tá perdendo. [Falaria isso] pra ver se a gente tenta... trazer alguma coisa de bom.</i>	<i>É um momento de alegria, de satisfação. Traz aquela paz na gente.</i> <i>Transmite uma sensação de bem-estar</i> <i>Traz um bem-estar na alma. Por dentro, por fora.</i>	<i>Traz um bem-estar fisicamente</i>		

		<i>Porque tem gente que fala, fala de Nossa Senhora de Caravaggio, mas nunca vem... Nunca. Não vem de carro, nem a pé. Quem vem uma vez, sempre tem vontade de vir. Enquanto puder, que tiver as pernas que trouxeram. Dá pra vim.</i>				
50.1		<i>...Tá bem calmo hoje</i>				

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Legenda



MOTIVAÇÃO



EXPERIÊNCIA



DESTAQUES A EVENTUAIS FUTUROS ROMEIROS

Ainda que se faça uma leitura não exaustiva da figura 32, face aos objetivos e limitações deste trabalho, é possível observar uma coerência nas respostas concernentes aos três eixos temáticos, no que tange aos tópicos que delas emergiram e em torno dos quais foram agrupadas. Veja-se a tabela 14 elaborada a partir da figura 32.

Tabela 14 – Representatividade percentual dos fragmentos discursivos relativos aos eixos temáticos agrupados em torno dos tópicos analíticos, em relação ao total de fragmentos correspondentes a cada eixo temático e ao total de fragmentos

EIXOS TEMÁTICOS	ASPECTOS RELIGIOSOS		ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL		ESTADO FÍSICO		ORGANIZAÇÃO		OUTROS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Motivação	79	78,22	16	15,84	-	-	-	-	6	5,94	101	100
Experiência	30	36,58	17	20,73	9	10,98	19	23,17	7	8,54	82	100
Destaques a eventuais futuros romeiros	34	53,12	19	29,69	-	-	3	4,69	8	12,50	64	100
TOTAL	143	57,90	52	21,05	9	3,64	22	8,91	21	8,50	247	100

Fonte: Elaborado pela própria autora.

A tabela 14, mais uma vez, confirma, no conjunto de respostas, a predominância dos ASPECTOS RELIGIOSOS como fator mobilizador do romeiro, o qual se estende aos demais eixos temáticos. Considerando que as menções ao ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL e aquelas que fazem alusão ao ESTADO FÍSICO aparecem particularmente associadas à EXPERIÊNCIA religiosa, essa ganha em significado, sendo redimensionada a maior a respectiva representatividade percentual. Nessa mesma direção, podem ser entendidas as menções ao tópico ORGANIZAÇÃO, na medida em que essa se instaura como um elemento contributivo à EXPERIÊNCIA religiosa vivida ou almejada – o que, por outro lado, não se aplicaria ao eixo temático MOTIVAÇÃO, não sendo a organização naturalmente elemento responsável pela mobilização do romeiro.

Uma observação especial merece o tópico OUTROS relativamente aos sujeitos que situam sua motivação num contexto diverso ao da fé, conforme já anteriormente comentado. Esses entrevistados, ainda que, em algum momento, façam uma alusão a algum elemento relacionado à religião, esse é apenas tangenciado (vejam-se referências na motivação a fazer turismo religioso, conhecer a cultura, fazer um passeio, para conhecer, fazer exercício, participar juntos), como o é igualmente nas verbalizações sobre experiência na Romaria e sobre o que diria a um eventual futuro romeiro.

Sob essa perspectiva e a título ilustrativo vale retomar verbalização do sujeito 13 (de cuja motivação consta “Mais pelo turismo religioso, pela cultura italiana, também... pela religião”), ao responder o que diria sobre a Romaria: “É interessante. Acaba sendo encantador pelo jeito que é, porque tem uma mistura de fé... acaba sendo uma experiência ótima, por conhecer o lugar... pelo entrosamento com as pessoas, por solidariedade, porque, hoje todo mundo se respeita, cumprimenta”. De imediato chamam a atenção algumas marcas enunciativas, a começar pelo redimensionamento do adjetivo “interessante” (cujo sentido, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0, remete ao que é bom, àquilo que é digno de atenção, que é intrigante; curioso – HOUAISS, 2009), pelo adjetivo “encantador” (no mesmo dicionário explicitado como o que atrai, arrebatá, seduz; que causa prazer, deleite), intermediado pela forma verbal “acaba sendo”. A razão desse redimensionamento estaria ligada à experiência do **conhecimento do lugar** (em que a fé está presente e se manifesta) associada à vivência ali de relações sócio-humanas (entrosamento com as pessoas, solidariedade e respeito entre todos).

Ressalte-se igualmente a mobilização pelo conhecer, a que se refere o sujeito 30, por exemplo, o qual expressa sua experiência de “descoberta” e a reproduz no convite a eventual futuro romeiro: mesmo não sendo devota, o contingente de devotos (e sua fé) com que se depara leva-a a “dar uma pensada”, afirmando “que vale a pena (ir à Romaria)”. Semelhante reprodução de “descoberta” em seu convite o faz o sujeito 49.1, o qual está conhecendo a Romaria: “Eu tô conhecendo pela primeira vez hoje. Tô encantada. Aquela sala cheia daquelas fotos, aquilo me emocionou tanto. De ver aquele, aquela... sabe, tu olha pra cima é foto pra tudo que é lado... de pessoas que já receberam e já retribuíram com o seu depoimento... Parece que a gente participa um pouco desse mundo aqui... Dessa natureza, tão bonita”.

6 A VOZ DOS ROMEIROS: UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA

Até o presente momento, a voz dos romeiros foi “ouvida” em fragmentos. Portanto, cabe agora encaminhar para uma reconfiguração dessa voz, no sentido de sintetizá-la interpretativamente, sendo importante, para isso, visitar alguns supostos teóricos já elencados em item anterior, como aqueles que remetem, por exemplo, a motivos que determinaram os deslocamentos do homem ao longo da história, cujas bases estão assentadas na sociogênese e na psicogênese humanas e estão vinculados, sob a ótica factual, entre outros aspectos, à busca de melhores condições de vida e morada, à participação em atividades esportivas, a práticas de negócios, a contatos políticos, culturais (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2010). Com os deslocamentos, passaram a instaurar-se relações entre diferentes protagonistas envolvidos, delas emergindo relações de acolhimento. Os deslocamentos vieram, assim, desde o início da civilização, atrelados a “[...] gestos de recepção e hospitalidade” (DIAS, 2002, p. 98) e, conseqüentemente, à hospedagem, com o surgimento de hospedarias fossem elas à beira de caminhos, povoados, portos ou cidades.

Além desses aspectos, viu-se que a hospitalidade sempre apresentou um vínculo muito forte com a religião, aparecendo, “[...] com frequência, associada a questões religiosas, sobretudo no cristianismo [...]” (WADA, 2003, p. 63), e ao acolhimento de monges, neófitos e peregrinos, pelos mosteiros, os quais, “[...] até hoje, cultuam as regras originais da hospitalidade” – esta, que “[...] ainda é o princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas” (CAMARGO, 2002, p. 5-6). Para acolhê-los, eram disponibilizadas, inicialmente, as dependências internas da estrutura monástica e posteriormente locais construídos nos arredores (DIAS, 1999).

Ainda sob o prisma histórico, consideradas mudanças de cunho econômico, social e cultural que marcaram a evolução da sociedade ao longo do tempo, a hospitalidade, em sua concepção e prática, foi assumindo outras configurações, as quais, numa visão global, estudiosos têm resumido em duas grandes vertentes: uma, como troca comercial; outra, como dádiva. A primeira vincula-se à perspectiva americana da *hospitality management*, cobrindo uma ampla indústria de serviços, calcada no contrato e na troca estabelecida por agências, hotéis, transportadoras, que oferecem pernoite e/ou bebida e/ou alimento e/ou transporte numa base comercial (CHON; SPARROWE, 2003). A segunda, ligada à escola francesa, relaciona a

hospitalidade ao dar-receber-retribuir (dádiva), na ótica de Marcel Mauss¹⁹, priorizando a perspectiva do humano (MAUSS, 2003).

E é nessa perspectiva que aqui se resgata o aporte teórico ao estudo da hospitalidade trazido por Perazzolo, Santos e Pereira (2013a), operacionalmente tomado como principal referente para pautar a síntese interpretativa apresentada na sequência. Lembre-se que as autoras propõem que, na base da hospitalidade/acolhimento estaria a disposição de acolher o outro na sua singularidade, de respeitá-lo, de conhecê-lo, sem imposições *a priori*, de forma incondicional, isso em função de que, em impondo seu espaço, suas normas, sua cultura, o acolhedor estaria acolhendo apenas a si mesmo, na direção de seu próprio prazer. Sob esse enfoque, o acolhimento passa a ser entendido como fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido. O acolhimento, então, é compreendido como fenômeno relacional e não como um comportamento ou um simples ato humano, ou seja, não seria somente o ato de acolher supondo um único vértice do processo; não seria também a expressão do desejo de um ou de outro sujeito situado em qualquer um dos polos da interação, tampouco apenas o produto da relação direta que estabelecem.

Afirmam as autoras que, distanciando-se progressivamente de demandas autocentradas e de verdades *a priori* – desejos e convicções prévias –, a hospitalidade ou acolhimento consiste num fenômeno complexo e ativo que se dá em uma área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente numa perspectiva subjetiva do desejo, estando os polos da relação voltados um para o outro e abertos a novos saberes.

É sob esse ponto de vista que Perazzolo, Santos e Pereira (2013a) ressaltam que, para a ocorrência do fenômeno do acolhimento, é preciso que se estabeleça uma troca entre os sujeitos envolvidos nessa interação, ou seja, ambos os sujeitos têm que se ajustar dinamicamente na interação de suas necessidades. O acolhimento passa então a ser compreendido como processo em que, num ciclo interativo, um sujeito acolhe o conteúdo comunicado pelo outro, dá-lhe significação, transforma-o e devolve-o sob forma de novo conteúdo, o qual, dessa vez, será o outro a transformar (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012).

Voltando agora, novamente, o olhar sobre o conjunto de figuras nas quais estão organizados e analisados os fragmentos discursivos das respostas às entrevistas sobre relações

¹⁹ As bases da concepção de dádiva se encontram na obra **Sociologia e Antropologia**: o ensaio sobre a dádiva, datada originalmente de 1950 (versão em Língua Portuguesa).

de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio sob a ótica do romeiro (figuras 20 a 26 e tabelas 1 a 11), as categorias e subcategorias construídas, bem como marcas linguístico-enunciativas identificadas/destacadas sinalizam, sinteticamente, para uma relação em que o romeiro, desde sua posição de acolhido, entende o acolhimento como aquilo que o acolhedor **pode/deve** lhe oferecer para que **seus** desejos sejam acolhidos (no caso, o de vivenciar a experiência religiosa a que ele se propôs). Dito de outra forma: ele se situa como **objeto** do acolhimento e não como **sujeito** de acolhimento nessa relação. Vislumbra-se aí uma aproximação com o conceito de hospitalidade cujo foco recai sobre o bem receber e sobre as ações que isso implica para o polo do acolhedor – foco esse para o qual, via de regra, convergem abordagens do fenômeno.

Nesse sentido, poder-se-ia remeter aos tópicos em que foram categorizados os fragmentos nodais das verbalizações dos sujeitos, particularmente PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA (com suas subcategorias ESTRUTURA FÍSICA, ESTRUTURA DE APOIO, ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, ORGANIZAÇÃO GERAL e SERVIÇOS) e RELAÇÕES SÓCIO-HUMANAS (com suas subcategorias EDUCAÇÃO, ATENDIMENTO e DISPOSIÇÃO RECEPTIVA), as quais abrangeram o maior número de fragmentos, indicando que a maioria dos entrevistados associa a hospitalidade na Romaria a aspectos estruturais, organizacionais e interacionais. Com menor representatividade, encontram-se os ASPECTOS RELIGIOSOS e as IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS.

Quando se observam, por exemplo, fragmentos como “Bem atendido”, “Têm bastante cuidado”, “Muito atenciosos eles são sempre”, “Pessoas bem educadas”, “Pessoas bem dispostas”, “A gente tá muito bem servido”, “O pessoal se dedica bastante, dá informações”, ou “Toda organização, muito bom mesmo”, “O apoio aos romeiros que vêm a pé”, “Na rodoviária tem a Pastoral da Acolhida”, “Toda estrutura que dão pra gente”, “Eles pensam em tudo”, “Bem estruturado o trânsito”, “Organização quanto à alimentação”, “Sempre quando a gente precisa alguma coisa, tem tudo perto”, tanto os sujeitos que recebem quanto os aspectos estruturais e organizacionais parecem instituir-se como “elementos-função”, ali concorrendo favoravelmente para a consecução de uma experiência religiosa. A alusão a tais elementos sinaliza como o acolhido, numa visão autocentrada, espera que o acolhedor seja com relação a ele, assim como o que o acolhedor deve prever, implementar e assegurar para prover as condições necessárias ao atendimento de seus desejos.

É sob esse ângulo que também poderiam ser sublinhadas as verbalizações, as quais, conforme mencionado na análise, indicam percepção de melhorias, tal como se verifica em “Está bem organizado cada vez mais”, “A cada dia que passa são mais organizados, bem mais organizados”, ou ainda para elementos que superaram as suas expectativas: “Tava organizado

na chegada, também”, “Tá até bem organizado mesmo”. Nos fragmentos estaria subjacente a voz dos sujeitos: *Estão pensando mais e melhor naquilo de que necessitamos*.

O acolhimento nas verbalizações se apresenta assim por diferentes falas, sejam elas estruturais, organizacionais ou psicoafetivas, reforçando a compreensão de que as relações de hospitalidade ali não prescindem dos espaços em que elas se verificam. Os espaços instauram uma “linguagem” que vem ratificar a consecução do acolhimento na forma como almejado pelo romeiro.

Essas falas encerram ainda o elevado grau de positividade com que, em conformidade com as análises anteriormente realizadas, a maioria dos sujeitos expressa a síntese avaliativa da hospitalidade na Romaria, nela marcando a representação mental construída sobre as experiências ali vividas. Como visto, é significativa a incidência de expressões-síntese que apontam para um nível muito bom, ou mesmo, para a excelência do acolhimento almejado e recebido. Ressalte-se igualmente que não se identificam maiores discrepâncias referentemente a essa valência positiva quando considerados os dados gerais caracterizadores do perfil dos sujeitos (gênero, faixa etária, procedência, número de participações na Romaria, forma de locomoção).

Numa primeira inferência no que diz respeito ao Corpo Coletivo Acolhedor (termo cunhado por Santos, Perazzolo e Pereira, 2012) em que se institui a Romaria, as relações de hospitalidade, sob a ótica do romeiro, incidiriam, portanto, sobre os vértices ORGANISMO GESTOR e SERVIÇOS, respectivamente, aquele afeto à administração e disponibilização dos recursos para manutenção e desenvolvimento do corpo social e aquele em que se dá a rede de trocas com o acolhido, em seus diferentes âmbitos: as mãos do Corpo. Em se tratando, porém, de um modelo concebido sistemicamente, aí estariam imbricamentos com o vértice CAPITAL CULTURAL, aquele que diz respeito ao conjunto de valores, saberes e respectivos mecanismos de transmissão, bem como ao processo de produção e socialização dos conhecimentos apropriados pelas comunidades, vértice que abrangeria a Romaria como evento religioso culturalmente instituído e respectivas implicações nas motivações dos romeiros. Tais relações serão oportunamente retomadas.

De outra parte, nas situações em que isso não se verifica, as respostas, exceção feita àquelas poucas verbalizações que assumem um teor crítico (“O estacionamento que é beem longe”, “Não gostei lá na confusão da Igreja, bem mal organizado” – verbalização esta compreendida nas respostas sobre a experiência de participação na Romaria), elas traduzem um processo de relativização por parte dos sujeitos, cujas verbalizações dão a entender a realização de um movimento na direção do outro, ou mesmo, uma disposição para

compreender eventuais dificuldades do acolhedor em concretizar o que dele idealmente seria esperado no “cumprimento de suas funções”. É o que se torna possível depreender de fragmentos como: “O pessoal pelo menos tenta fazer o melhor”; “O pessoal procura fazer o melhor possível”; “Não é fácil acolher tanta gente ao mesmo tempo”; “É difícil manter tudo organizado quando tem bastante gente”.

Entretanto, não obstante esse movimento na direção de entender o outro, o acolhido se mantém em seu lugar, na sua posição de acolhido. Não há referências de como esse se vê num processo dinâmico de mútuo acolhimento (o outro é sempre uma “expectativa para mim”). Não se infere a abertura a novos saberes numa efetiva relação de acolhimento. Expressões como “Pessoas bem educadas”, “(Eles) estão dando atenção pro povo”, “Todo mundo acolhe a todos”, “O pessoal é bem receptivo”, em sua referência a grupos sociais, às pessoas em geral, são indiciadores ratificantes da vaguidade ou opacidade do objeto das falas (eles/elas), as quais poderiam ser caracterizadas como verbalizações de “impressões”.

Uma tentativa de melhor compreender esse processo poderia ser buscado no conjunto de repostas dos entrevistados sobre suas motivações para participar da Romaria ao Santuário, sobre os destaques dados ao falar sobre sua experiência de participação e sobre aqueles que fariam ao falar acerca do evento religioso a um eventual futuro romeiro (figuras 27 a 32 e tabelas 12 a 14).

Nos três casos, verifica-se uma convergência explícita e implícita para uma experiência profunda de religiosidade e espiritualidade buscada e/ou vivenciada e/ou renovada, centralizada no universo da fé, esta como agente mobilizador, como objeto de busca ou em foco direcional, quando, particularmente, se expressa numa relação próxima do romeiro com Nossa Senhora de Caravaggio, “[...] mãe cheia de misericórdia”, “[...] esperança e advogada [...]”, “[...] mãe poderosa [...], intercessora infalível [...], celestial, cuidadosa e amorosa a quem se pode recorrer de imediato e com confiança” (BRUSTOLIN, 2004, p. 92). Assim a peregrinação representa o encontro com Maria, Mãe de Jesus, a quem o peregrino venera, devota e manifesta seus sentimentos, recorrendo a ela como sua companheira de peregrinação (CNBB, 2009). Vejam-se estas verbalizações: “Nossa Senhora de Caravaggio é muito forte, então a gente consegue sentir”; “Parece que cada ano a Romaria se renova, é como se todos os anos Nossa Senhora chamasse cada um de um jeito diferente, nunca é igual ao ano anterior”; “Como hoje o dia é especial com a Nossa Senhora, hoje então parece que tu tá mais perto”; “Tenho certeza que ela vai estar sempre do nosso lado pra ajudar”. É essa devoção que os leva a homenageá-la, a agradecer-lhe, fazer-lhe pedidos, cumprir promessa.

Como afirma João Paulo II, “Os santuários marianos são como que a casa da Mãe, etapas de paragem e de repouso no longo caminho que leva a Cristo [...]” (CNBB, 2009, p. 148).

Converge ao mesmo tempo para a imersão nesse universo um estado de espírito que se busca/configura numa mescla entre objeto/razão (porque), finalidade (para) e consequência/efeito, presente em fragmentos relativos à motivação, experiência e aos destaques sobre a Romaria a eventual futuro romeiro: “Dá uma alegria vir para cá”, “É um lugar bom, me sinto feliz”, “Esse espírito todo que envolve a gente”; “Traz uma paz de espírito muito boa”, “Transmite uma sensação de bem-estar”; “Emociona, é muito bom a gente vir”, “Pelo conforto que traz estar aqui”, “É uma ótima maneira de recarregar as energias”, “Uma maneira boa de se conectar com o mundo espiritual”.

Interessante faz-se notar que o estar/sentir nesse universo remete, de certa forma, a uma relação de acolhimento na experiência religiosa, o que se poderia inferir de fragmentos que, nas respostas sobre hospitalidade na Romaria, estão incluídos na categoria IMPRESSÕES SOCIOCOGNITIVAS, em sua subcategoria CLIMA CONTEXTUAL: “É um lugar que a gente se sente bem”, “(Lugar) bem tranquilo”, “(Lugar) bem aconchegante”, “(Lugar que traz) aquela paz que todo mundo precisa”. Delineia-se aí uma aproximação entre relações de hospitalidade e motivação para a experiência de participar/vivenciar dessa/essa prática religiosa.

Confluem também para redimensionar a maior a criação desse clima contextual ou de uma atmosfera emocional/espiritual, outros elementos que se poderiam dizer “externos” que são apropriados pelos sujeitos, como: contingente de participantes, condição climática e elementos naturais (“Ver tanta gente que também tem fé”, “A gente vê muitas pessoas que vêm também com essa devoção”, “Tu te anima vendo outra gente que pede o mesmo motivo”; “O dia com sol foi bom também”, “O clima ajudou bastante, está bem agradável”; “É um lugar que a gente se sente bem, porque é ao ar livre, assim, árvores, natureza...”). A exemplo dos elementos inseridos na categoria PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO SOCIOADMINISTRATIVA, estes também se instituiriam como “elementos-função” para a consecução da experiência religiosa e espiritual almejada pelos romeiros.

Um outro ponto a ressaltar concerne a ASPECTOS RELIGIOSOS, os quais, dentre os tópicos analíticos dos diferentes eixos temáticos (MOTIVAÇÃO, EXPERIÊNCIA, DESTAQUES A EVENTUAIS FUTUROS ROMEIROS) compreende os percentuais mais elevados (figura 32), corroborando estarem os sujeitos centrados no universo da fé e na experiência religiosa e espiritual. Já no tocante à hospitalidade na Romaria, os aspectos religiosos não são mencionados com a mesma frequência, sendo marcados apenas traços específicos de ritos e

demonstrações de fé, talvez porque os aspectos religiosos sejam inerentes à prática da Romaria e ao desejo dos romeiros.

Observa-se desse modo uma congruência das respostas nos diferentes eixos temáticos, na medida em que concorrem para colocar em evidência o foco principal da motivação e da experiência do romeiro, que é o de realizar um movimento para dentro de si, de interiorização na e com a sua fé, buscando-a, fortalecendo-a e nela se fortalecendo, renovando-a e nela se renovando, “re”conhecendo-a e nela se “re”conhecendo (“A gente sempre busca a fé”, “É uma renovação também”, “É um momento de reencontro com Deus”, “Quando a gente vem aqui... a gente agradece a Ela, então a gente tá sempre renovada... purificada”, “(Eu diria) pra vir pela renovação”, “É muito bom, é uma renovação, porque a gente se sente... cada vez com mais fé”, “Parece que ajuda a gente pra ter mais fé... parece que a gente vem com alguma coisa de sensação cumprida, de alguma coisa alcançada”, “Porque aqui a gente recebe bênção, é maravilhoso, tu sai daqui limpo, chega em casa, é outra pessoa”, “É uma coisa que mexe muito com a gente, que faz... repensar sobre a gente mesmo”).

Esse movimento na direção de si, de interiorização seria também o que permitiria compreender, relativamente ao acolhimento, a ausência de sinalizadores discursivos de uma relação recíproca entre os dois polos envolvidos (acolhedor e acolhido), com uma abertura a novos saberes, pela disposição de “ouvir um ao outro”, “perguntar um ao outro”, “mudar um com o outro”. Não se identifica um diálogo que encena um “eu” e um “tu” e que se transforma num discurso aumentado, no qual as “[...] duas vozes se fundem uma na outra em um ‘nós’” (BESSONE, 2011, p. 1275). Sob uma outra perspectiva, o voltar-se a si próprio estaria, até certo ponto, expresso naquelas que seriam as falas dos sujeitos a eventuais futuros romeiros (figura 30), nas quais se sobrepõem ao afastamento discursivo da terceira pessoa, as marcas da primeira pessoa, o que, conforme já mencionado, seriam sinalizadores enunciativos de projeção/transferência da experiência religiosa/espiritual na qual estão imersos. *Venha viver/sentir o mesmo que estou vivendo/sentindo* seria a voz subjacente dos entrevistados.

No entanto, esta síntese interpretativa não poderia prescindir de voltar atenção aos sujeitos cujas verbalizações sobre suas motivações recaem preponderantemente sobre um contexto diferente do universo da fé, ainda que representem um pequeno percentual no conjunto dos respondentes (figura 28). Quando eventual menção a um elemento de ordem religiosa se mescla às verbalizações, ela não se institui como foco enunciativo.

Contrapondo essas motivações ao que os sujeitos revelam sobre sua experiência de participação na Romaria e aos destaques que fariam a eventuais futuros romeiros, distinguem-se dois grandes conjuntos de verbalizações: aquelas que explicitamente não denotam e as que

denotam novos saberes ali adquiridos (figura 32). No primeiro caso, encontram-se aqueles cujo deslocamento, por exemplo, teve em sua origem um mero exercitar físico, um fazer companhia, fazer um passeio ou uma simples referência a conhecer. Nas respectivas verbalizações não são expressas aprendizagens transformadoras: “Boa em todas as coisas / vale a pena vir, quem acredita”; “Não sei / Vamos, vamos à Romaria”; “Estou gostando por enquanto / é um lugar ideal pra quem tá precisando rezar, pra quem tá se sentindo sozinho”; “Muito boa, tudo muito lindo, muito bonito / teria que vir pra ver que é muito bom, muito lindo tudo”.

No segundo caso, se situam aqueles cujo deslocamento foi motivado “pelo turismo religioso”, “mais pra conhecer” (sujeito que se diz não devoto). Novos saberes a que deram lugar as respectivas motivações estão discursivamente sinalizados nas verbalizações: “Mas eu vi, bastante gente vem, então, tu percebe o tanto de pessoas que é devota / Entrar ali dentro da igreja e ver tudo que tá ali dentro, vale a pena... pra dar uma pensada”; “Mudou a missa, o jeito de ser rezada / é interessante, acaba sendo encantador pelo jeito que é, porque tem uma mistura de fé, acaba sendo uma experiência ótima por conhecer o lugar, pelo entrosamento com as pessoas... porque hoje todo mundo se respeita, cumprimenta”.

Em ambas as situações, fica bem marcado que vivenciar uma experiência de religiosidade, de espiritualidade, de interiorização não consiste no elemento mobilizador desses sujeitos. Poder-se-ia então denominá-los ou caracterizá-los de romeiros? Ou ainda, conforme referido por um dos sujeitos, poder-se-ia falar em turismo religioso?

O que se verifica com base na revisão da literatura realizada para desencadear o percurso reflexivo desta pesquisa e a partir de aportes teóricos encontrados ao longo do desenvolvimento do trabalho, é que a denominação do turismo como religioso encerra várias discussões, que surgem na tentativa de compreender sua identidade, suas motivações, entre outros aspectos que o envolvem. Sob esse enfoque, o turismo religioso, assim como o próprio turismo, apresenta-se como um fenômeno múltiplo, de caráter complexo, abrangendo diferentes significados, podendo ser analisado e compreendido por meio de abordagens diversas. É possível afirmar, pois, que não existe consenso entre os estudiosos sobre o conceito de turismo religioso. No entanto, na sua maioria, estabelecem algum tipo de vínculo com as peregrinações em seu sentido original, visto que a viagem religiosa, como já recorrentemente assinalado, esteve presente ao longo da história da humanidade e em todas as religiões, tendo em sua essência motivação e destinação religiosos, a prática da penitência ou de pedidos de ajuda e agradecimento. Em assim sendo, tendo em conta esse processo histórico das peregrinações, seria possível denominar esse fenômeno milenar de “turismo religioso”?

Ou, recuperando questionamento de Abumanssur (2003, p. 54), “Como é possível olhar para essa deambulação religiosa e penitencial, e entendê-la como um fenômeno turístico?”.

Uma resposta a essa pergunta, quem a dá é Oliveira (2004) ao afirmar que o turismo religioso tem origem no exercício contemporâneo da peregrinação, em razão do que um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que esse atualiza a prática da peregrinação adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico. Na mesma direção, Calvelli (2006) sugere que o turismo religioso poderia corresponder, na atualidade, a uma nova forma religiosa de vivenciar o sagrado. Em síntese, nessa abordagem, o conceito de turismo religioso assenta-se nas novas feições assumidas pelas peregrinações, face às novas condições de estrutura oferecidas ao peregrino e por ele utilizadas, aliando-se o aspecto profano ao religioso.

Numa outra perspectiva, que se poderia dizer mais abrangente, mesclando diferentes motivações e práticas, há que se fazer novamente referência ao conceito proposto pela Conferência Mundial de Roma, de 1960, segundo o qual o turismo religioso é visto como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Nessas viagens estariam incluídas desde peregrinações aos locais sagrados, festas religiosas celebradas periodicamente, até espetáculos e representações teatrais de cunho religioso, ou mesmo congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (RIBEIRO, 2003). Entendimento semelhante encontra-se em Dias e Silveira (2003), para quem o turismo religioso envolve o deslocamento por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de caráter religioso, assim compreendendo romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.

Particularmente focalizando concepções presentes em publicações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB/Pastoral do Turismo ou por elas pautadas, o turismo religioso é considerado um segmento do turismo, este entendido como **viagem** a lazer ou negócios, em busca de oportunidades de estudo, para conhecimento, cultura ou, até mesmo, manifestação de fé (CHIQUIM, s.d.). Como observa o estudioso, o que identifica esse segmento é o deslocamento por motivos religiosos ou para participação em eventos de significado religioso, tendo como **motivação fundamental** a fé. A adjetivação “religioso”, segundo ele, envolve uma amplitude espiritual e metafísica, de sorte que se trata de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade e, por essa razão, as peregrinações e romarias aos lugares sagrados em momentos sagrados podem ser chamadas de turismo religioso. Entretanto, também alerta para a possibilidade de o turismo religioso assumir um caráter multifuncional referentemente a duas dimensões possíveis do aspecto motivacional:

aquela que dá lugar ao visitante (turista) peregrino puro, cuja motivação é unicamente religiosa e sua jornada, unifuncional (motivado por sua fé, ele vai ao encontro do local sagrado para cumprir um voto, pagar uma promessa, ou, apenas, manifestar sua adesão a uma determinada fé, movido por uma mística – o que independe da crença religiosa); e aquela que daria lugar ao visitante denominado simplesmente de “turista”, ao ser ampliado o leque de motivações na jornada (jornada multifuncional). Poder-se-ia aqui falar em um peregrino-turista ou em um peregrino com momentos de turista, momentos esses obtidos com ou sem auxílio/promoção de organizadores, dedicados, por exemplo, a visitas culturais e ao repouso.

Lembre-se, porém, que Krieger (2007) parece estender, pautado pelo conceito de turismo acima referido (centrado na viagem com diferentes motivações), o espectro conceitual de turismo religioso, ao mencionar que, na atualidade, além da meta de peregrinação de cristãos, os santuários, as catedrais, os mosteiros e os antigos caminhos de peregrinação tornaram-se, igualmente, o destino de um grande número de turistas, o que levaria à sua afirmação de que peregrinos e turistas apresentam posições e atitudes distintas.

Sob a perspectiva desses dois autores, ao que tudo indica, a pergunta antes formulada relativa à propriedade de caracterizar como romeiros aqueles sujeitos cuja mobilização em participar da Romaria a Caravaggio não tinha origem na vivência de uma experiência de religiosidade, poderia apontar para dois caminhos de resposta. Se a fé for tomada como motivação essencial e primordial do turismo religioso – o que caracterizaria o romeiro e o peregrino –, esses sujeitos não estariam inseridos no turismo religioso. Por outro lado, eles poderiam ser considerados turistas religiosos mesmo participando da Romaria a Caravaggio e não sendo motivados primariamente por aspectos/elementos ligados à religiosidade.

Todavia, independentemente do aspecto conceitual nessa abordagem do turismo religioso, a Igreja Católica, pragmaticamente, vê uma possibilidade de trânsito das posições de turista para peregrino/romeiro, nos âmbitos conceituais a que estaria circunscrito esse segmento do turismo. Tal possibilidade está alicerçada na acolhida àqueles que se dirigem aos lugares sagrados. Vem nesse sentido o texto da CNBB (2009, p. 236), segundo o qual, conforme já trazido ao referencial teórico, a Pastoral do Turismo trabalha para que, nos caminhos percorridos por aqueles que buscam admirar e conhecer as belezas da natureza, as obras artísticas do passado, bem como a vida e a cultura de outras sociedades, “[...] ressoe a Boa Nova e o convite para que todos procurem se encontrar com a Beleza que não passa e com a Vida que nunca termina”. É um suposto da Pastoral que, na medida em que for oferecido um acolhimento adequado aos visitantes, eles poderão vivenciar uma experiência de fé. Eis onde emergiria o turista-peregrino. Reforçando esse entendimento, caberia também

voltar tanto a Nadais (2010) para quem esses sujeitos podem, ao longo da viagem, assumir comportamentos intermediários ou até mesmo trocar de posições – podendo o turista religioso apresentar comportamentos e assumir práticas que correspondem tanto ao turismo quanto à religião –, como também voltar a Steil e Carneiro (2008), os quais consideram que tanto a experiência turística como a religiosa podem imbricar-se em um mesmo contexto.

Desse modo, a acolhida em lugares de sentido especificamente religioso requer muita atenção, devendo ser adaptada a esses visitantes (turistas), sem que haja qualquer exclusão ou marginalização. No caso dos lugares religiosos que possuem valor artístico ou histórico (catedrais, mosteiros, igrejas), a acolhida, além de proporcionar informação histórica ou artística, precisa manifestar a identidade e a finalidade religiosa do lugar, ou seja, nos lugares sagrados que possuem patrimônios religiosos e culturais, é importante que estes sejam colocados à disposição dos turistas e visitantes, sempre, contudo, buscando propiciar um ambiente de respeito, religiosidade e espiritualidade (CNBB, 2009).

Por outro lado, uma acolhida especial, preferentemente associada a uma preparação, deve também ser pensada e efetivada para os peregrinos, com vistas a potencializar sua experiência de fé e minimizar circunstâncias que possam vir a esvaziá-la, transformando-se o peregrino em turista, diluindo-se, dessa forma, sua raiz peregrina (KRIEGER, 2007).

Ainda na busca de resposta às perguntas formuladas, seria oportuno recuperar outras perspectivas teóricas sob as quais o turismo religioso poderia ser diferenciado da peregrinação ou da romaria, sendo aquele caracterizado pela externalidade do olhar e estas, pela internalidade da imersão no sagrado, sem que nisso interfira o critério da utilização da estrutura turística. Como destaca Steil (2003), o turismo, ao ser adjetivado como religioso, se caracterizaria por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento possa ser considerado como turístico, e, nesse caso, sua prática não se confundiria com aquelas da peregrinação e/ou da romaria. Em certa medida, aqui também poderia ser referido Pastor (2009), em cuja definição de turismo religioso encontra-se a busca de conhecimento de diversos enclaves da manifestação religiosa, aproximando-se de uma forma de turismo cultural, enquanto que a peregrinação se define como viagem de caráter religioso, na qual a motivação prioritária são os rituais e o culto. “No caso do turismo religioso, a orientação cultural se dirige até as manifestações externas da religiosidade e pode não ter uma vinculação subjetiva com o fato religioso” – ressalta o autor (2009, p. 140, tradução nossa).

De igual modo, numa aproximação a esse ponto de vista concernente a tais práticas, poderia fazer-se novamente menção a Perazzolo, Santos e Pereira (2013a; 2013b), de cujo conceito de turismo, de base psicossociológica, se deprenderia o conceito de turismo

religioso. Destacou-se anteriormente que, para as autoras, todo movimento da vida psíquica na direção do externo ao si próprio seria uma forma de turismo. Nessa acepção, calcada no conceito de pulsão epistemofílica freudiano, o turismo seria motivado pelo impulso/vontade de conhecer, na sua forma mais intrínseca de busca do novo, do prazer em outro lugar, onde o objeto original não pode ser identificado. Assim, nas práticas turísticas, o conhecimento, produto derivado da pulsão de conhecer, seria resultante da interação entre sujeitos que se transformam na alternância de papéis entre acolhedor e acolhido. Ou seja, pela via do acolhimento potencializada pela interação, é que a experiência turística pode tornar-se fonte de saber. Dito de outra forma, o processo de conhecer seria particularmente potencializado pelas relações estabelecidas no acolhimento, portanto, a hospitalidade seria um eixo fundante do turismo.

Sob esse ângulo, o turismo religioso também encerraria, na relação empírica, a busca pelo conhecer, pelo novo, na externalidade do olhar, potencializada por relações genuínas de acolhimento (troca de posições entre acolhedor e acolhido) geradoras de novos saberes, e o elemento religioso se instituiria como **objeto** desse conhecer: um local religioso ou considerado sagrado, eventos/práticas religiosos, uma religião, manifestações/obras artístico-cultural-religiosas, entre outras possibilidades.

A partir desse olhar, os sujeitos que geraram as perguntas (cuja motivação não estava primariamente na vivência de uma experiência de religiosidade/espiritualidade), poderiam ser considerados turistas religiosos, uma vez que abertos a novos saberes, com o olhar voltado à externalidade, diferentemente do identificado em relação aos demais entrevistados, voltados à internalidade – o que não impediria que algum elemento ou alguma situação no evento (incluindo relações de acolhimento) pudessem despertá-los para uma experiência de outra ordem, como a de religiosidade/espiritualidade.

Tendo presente a relação que as autoras estabelecem entre turismo e hospitalidade, essa resposta se faz consistente com análises precedentes sobre relações de hospitalidade na Romaria, quando, a partir de sinalizadores discursivos, se identificou, por parte dos romeiros, um movimento na direção de si, não marcado por uma disposição de “ouvir um ao outro”, “perguntar um ao outro”, de “mudar um com o outro”.

Em síntese, conforme se pôde constatar, a partir do percurso interpretativo realizado, no qual se direcionou o foco analítico sobre conceitos de hospitalidade/acolhimento, turismo e turismo religioso, e sobre possíveis relações entre eles no quadro da Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, confirmou-se a coexistência de diferentes concepções e, conseqüentemente, a falta de uma fala consensual. Nisso não se verifica qualquer traço

negativo, ao contrário, a ciência se institui e se fortalece no plural, na diversidade e complementaridade de olhares. No entanto, os procedimentos metodológicos encaminham a que se definam operacionalmente referentes conceituais para balizar análises e interpretações, o que, neste trabalho, em função do objeto e objetivos da pesquisa, se buscou principalmente, de um lado, nas proposições teóricas de Perazzolo, Santos e Pereira e, de outro, nos princípios orientadores da CNBB no que tange ao turismo/turismo religioso e às Pastorais do Turismo e das Peregrinações.

Ainda que sob leituras distintas, em ambas as abordagens estaria presente a condição itinerante do *homo viator*, na sua permanente inquietude, que o faz estar sempre “a caminho”, ou seja, que o torna um viandante que tem sede de novos horizontes, nos termos da CNBB.

Nesse sentido, encontram-se as lentes científicas de Perazzolo, Santos e Pereira (2013a; 2013b), as quais, segundo visto, entendem o turismo como expressão humana da busca pelo conhecer, aprender (como um fenômeno primariamente impulsionado pela pulsão epistemofílica). Ao pensar, pois, o lugar do homem no fenômeno turístico, se partiria dessa sua motivação intrínseca, que antecede o fazer, que determina escolhas e que está assentada no processo que aciona todos os demais comportamentos humanos. E, como reiteradamente já assinalado, seria considerada uma forma de turismo todo movimento da vida psíquica na direção do externo ao si próprio, na direção do outro, portanto, um movimento, um “caminhar” na direção de novos horizontes, de novas aprendizagens, movimento esse marcado pela externalidade. No/pelo turismo, o sujeito se constrói empiricamente, aprende e se transforma. E nesse contexto, no qual os sujeitos envolvidos interagem distanciando-se de demandas autocentradas, o acolhimento pode potencializar a experiência turística como fonte de saber. E, por corolário, essa mesma concepção aplicar-se-ia ao turismo religioso diferenciando-o da peregrinação ou da romaria.

De outra parte, está a linha de pensamento, segundo a qual o ser humano é portador de uma abertura que faz romper barreiras e ultrapassar limites, impulsionando-o a um caminho de permanente busca do transcendente. “Só existem religiões, porque o ser humano é portador dessa dimensão transcendental, que lhe permite experimentar/encontrar o infinito, o qual, no cristianismo, se denomina Deus” (BETTEGA, 2013, s.p.). A peregrinação é então vivida como celebração desse encontro, como celebração da fé, e o santuário, torna-se por excelência “a tenda do encontro” (CNBB, 2009). Em assim sendo, em cada peregrinação – e também em cada romaria – está a vivência de um ato religioso de imersão no sagrado, de espiritualidade, englobando movimentos físicos, espirituais e temporais voltados para a

interiorização, remetendo ao tempo sagrado ou litúrgico, circular, reatualizado (ELIADE, 1992).

Entendido, pois, como uma categoria espiritual, esse caminhar, que rompe a inércia habitual, faz-se forma de a pessoa avançar, encontrar o divino e consigo mesma (BRUSTOLIN, 2007), possibilitando (re)conhecer-se, (re)descobrir-se por meio da reflexão, da meditação, da oração e do silêncio. Desse modo, a viagem se torna não só “[...] um movimento do corpo, mas também um itinerário da alma” (CNBB, 2009, p. 124).

Independentemente, portanto, de percursos teóricos que envolvam o universo conceitual de turismo religioso, turista e peregrino/romeiro se encontram no que é profundo no humano: sua condição de não se bastar a si próprio.

7 NA DIREÇÃO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que se intenta ir na direção de considerações finais, cabe voltar ao início da caminhada, quando se delineou o percurso que seria traçado no sentido de trazer a voz do romeiro em relação à hospitalidade na Romaria de Caravaggio, bem como propiciar uma reflexão sobre a denominação de turismo religioso à romaria; mais ainda, quando se perspectivou eventual possibilidade de o trabalho vir a aportar novos subsídios para realizar uma releitura do projeto desenvolvido pela autora, em 2010.

Findo o percurso, os relatos, as análises e interpretações realizadas permitem identificar a consecução dos objetivos propostos, bem como algumas contribuições de cunho científico e social que dele se poderia derivar.

Primeiramente, ao amplo leque conceitual envolvendo espiritualidade, religiosidade, turismo, turismo religioso, hospitalidade, peregrinações, romarias para o qual já apontavam os estudos que têm sido desenvolvidos, veio somar-se um novo olhar sob as lentes de um marco teórico de base psicossociológica, o qual remeteu a outras possibilidades interpretativas das relações de hospitalidade em romarias. A par disso, o trabalho, ao alicerçar-se nas entrevistas efetivadas, trouxe evidências empíricas, metodologicamente construídas, ao processo argumentativo, indo além de uma racionalidade elaborada apenas em âmbito conceitual.

Foi também a partir dos dados analisados e convertidos em evidências empíricas que se propôs uma compreensão de turismo religioso no qual não estariam incluídas as romarias e peregrinações quando essas não fossem objeto do conhecer, configurado na sua externalidade. Não se veja aí qualquer postura de rigidez conceitual, em tendo como pressuposto que os conhecimentos científicos produzidos são apenas verdades provisórias. É sabido que o termo “turismo” encontra-se associado a diferentes adjetivações que lhe são atribuídas, o que leva a delimitações/segmentações no respectivo universo conceitual, essas passando a compreender características definidoras específicas. Na medida em que o termo “turismo” corresponde ao núcleo da expressão, encerrando sua carga substantiva, a definição que lhe for dada repercutirá, no jogo de sentidos que a linguagem promove, na qualificação expressa pelo adjetivo. Isso implica que, conforme o entendimento de turismo, o turismo religioso assume configurações conceituais diferentes. A proposição aqui construída para turismo religioso deve, pois, ser considerada somente em relação ao conceito de turismo que, nesta pesquisa, principalmente balizou as reflexões.

Veja-se que o Ministério do Turismo, por exemplo, ao definir segmentação turística, nos termos dos Marcos Conceituais integrantes dos Cadernos e Manuais de Segmentação²⁰, define segmentação como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado, sendo os segmentos estabelecidos a partir de elementos de identidade da oferta e também de características e variáveis da demanda – critérios aplicados, dentre os segmentos, ao Turismo religioso, este, por sua vez, inserido no segmento Turismo cultural²¹. Porém, o próprio Ministério, ao adotar a segmentação como estratégia, ressalta, ainda de acordo com o documento, que essa compreensão está fundamentada no conceito de turismo estabelecido pela Organização Mundial de Turismo – OMT, adotado oficialmente pelo Brasil²² – âmbito conceitual que estaria subjacente ao segmento Turismo religioso. Essas relações entre núcleo e adjetivo se verificaram igualmente nas diferentes abordagens de estudiosos do tema, constantes da revisão de literatura.

Por outro lado, ainda referentemente a possibilidades de contribuição desta investigação para eventual releitura do projeto desenvolvido em 2010, quando se deu voz aos promotores/organizadores da Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e a alguns prestadores de serviços localizados no entorno do Santuário, pode-se dizer, em linhas gerais, que se identificou uma consonância entre os dados obtidos em ambas as pesquisas.

Sob a ótica dos acolhedores, a hospitalidade se encerra no atender bem, visando propiciar ao romeiro (sujeito primariamente acolhido), da melhor forma possível, o “bem-estar” e o “sentir-se bem”, o que, em suas manifestações, é marcado, de um lado, pela consciência, sobretudo, das limitações de estrutura e, conseqüentemente, pela necessária busca de melhorias; de outro, pela atenuação de eventuais dificuldades, contando com a compreensão do romeiro imerso em sua experiência religiosa.

A hospitalidade é expressa no sentido de oferecer aquilo de que o acolhido supostamente necessitaria, ou seja, condições **tidas como favoráveis** à vivência plena da experiência religiosa e ao fortalecimento do “eu religioso”. As melhorias vêm no sentido de potencializar esse acolhimento. Assim, a disposição do acolhedor para acolher consistiria no acolhimento das demandas do acolhido, as quais pressupõe. Nas respostas, não se identificou referência à busca de conhecimento da voz do romeiro, ao qual, inclusive, são feitas menções

²⁰ Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/publicacoes/cadernos_publicacoes/14manuais.html>. Acesso em 13 jul. 2013.

²¹ Turismo Cultural: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em 13 jul. 2013.

²² “Atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”.

sempre de forma despersonalizada. Não há manifestações de busca de aprender **com** o outro (o romeiro), o que remete a uma perspectiva autocentrada de acolhimento.

Por sua vez, quando examinadas as respostas dos romeiros (acolhidos), às quais se fez alusão nas análises precedentes, seu entendimento de acolhimento está centrado no polo do acolhedor: ele espera que lhe sejam proporcionadas as condições que lhe permitam vivenciar a experiência de religiosidade e espiritualidade pretendida, incluídas melhorias em diferentes âmbitos. É pela priorização da dimensão religiosa que são relevados eventuais problemas que possam ocorrer, no entanto, isso não altera o que almeja receber.

Revisitando, pois, a pesquisa de 2010 e articulando-a com o presente estudo, pode-se depreender haver, na Romaria, um acolhimento tácito, de comunicação prévia, em que acolhedor e acolhido esperam sejam mantidas, na sua essência, as formas de receber e ser recebido. Há entre eles uma troca reiterativa: nem um, nem outro trazem perguntas. O acolhimento tem uma função “sustentadora”, não de mudança. A isso, contudo, não se pode atribuir qualquer conotação negativa. Esse “silêncio relacional” estaria expressando mútuo respeito num contexto de primazia da dimensão religiosa.

Portanto, o Corpo Coletivo que acolhe o romeiro e que se reinstaura a cada ano mantém-se na sua essência, porque esta repousa no religioso. Eventuais modificações promovidas afetas aos vértices ORGANISMO GESTOR e SERVIÇOS são de tal ordem, que não alteram, na essência, a cultura religiosa ali instalada, constitutiva do terceiro vértice do Corpo Coletivo.

Todavia, ao mesmo tempo em que se destacam contribuições, há também que se trazer restrições ou limitações do trabalho. Dentre outras passíveis de serem identificadas, de imediato cumpre assinalar que, por contingências próprias ao desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado, restaram lacunas decorrentes de não terem sido ampliados e/ou aprofundados estudos que têm como objeto outras romarias, tais como, no Brasil, Aparecida do Norte, Bom Jesus da Lapa, Juazeiro do Norte, Nossa Senhora de Nazaré, Divino Pai Eterno; ou, no exterior, Fátima, Lourdes, Guadalupe. Isso não permitiu a realização de estudos comparativos que poderiam trazer novos horizontes e desdobramentos interpretativos às relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio e em outras romarias, às peregrinações e ao turismo religioso.

Porém, apesar desses recortes temporais e espaciais, bem como da incompletude bibliográfica, as incursões conceituais e pragmáticas realizadas ao longo do processo de investigação já permitiram que se pusessem a dialogar diferentes perspectivas teóricas, de que não podem prescindir aqueles a quem cabe pensar o planejamento, a organização e a

implementação de ações ligadas ao turismo religioso, ou particularmente, a peregrinações e romarias, quando se almeja aprimorar as dimensões pessoal, institucional e coletiva. E sob esse prisma, aqui já é possível encontrar alguns subsídios para esse fim, sem que, com isso, se exclua a pertinência de dar continuidade ao estudo.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: _____. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Turismo).
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2000.
- ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 7, p. 131-145, 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/6Solange.pdf>>. Acesso em 06 set. 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: <http://www.4shared.com/file/131261767/5c23af6a/LIVRO_BAKHTIN_Estetica_Criacao_Verbal.html>. Acesso em: 17 fev. 2012.
- BALBINOT, Gustavo. Espiritualidade X Religião. **Ruah**, Porto Alegre, n. 55, p. 18, 2011. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/pastoral/ruah/pdf/ruah201101.pdf#page=18>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Traduzido por: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARTOLI, Jean. **Espiritualidade na dissociedade supercapitalista: impasses e alternativa**. 2008. 293 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorado em Ciências da Religião, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7075>. Acesso em: 26 Jan. 2012.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- BESSONE, M. Do eu ao nós. In: MONTANDON, Alain (Dir.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Tradução de M. Bagno e L. Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2011.
- BETTEGA, Jaime João. **A experiência da espiritualidade e sua relação com o desempenho dos trabalhadores em uma indústria metalúrgica do segmento eletroeletrônico**. 2009, 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2009. Disponível em: <https://ucsvirtual.ucs.br/teposgraduacao/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=291>. Acesso em 29 out. 2011.
- _____. **Espiritualidade e transcendência**. Caxias do Sul: [s.ed.], 2013. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <jaime@ofmcaps.org.br> em 04 jun. 2013.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Maria, símbolo do cuidado de Deus**: aparição de Nossa Senhora em Caravaggio. São Paulo: Paulinas, 2004 (Coleção arte e mensagem).

_____. Santuário: caminhos de contemplação da beleza de Deus. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 231-239, 2007. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2704/2055>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

BUENO, Marielys Siqueira. Introdução. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; _____ (Orgs.). **Hospitalidade**: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**: o ser, o conhecimento, a linguagem. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. A “**Santiago de Compostela**” brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo caminho da fé. 2006, 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2006. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/teses/santiago_compostela_brasileira.pdf>. Acesso em 26 set. 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade**: Reflexões e Perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI JR., Oswaldo. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 20, p. 225-247, 2003. Disponível em:

<<http://www.uazuay.edu.ec/bibliotecas/cibercultura/Religiao%20Patrimonio%20Historico%20E%20Turismo%20Semana%20Santa%20em%20Tiradentes.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

CARAVAGGIO deve atrair 380 mil romeiros. **O Farroupilha**, Farroupilha, 21 maio 2010a.

CARAVAGGIO atraiu 330 mil. **O Farroupilha**, Farroupilha, 28 maio 2010b.

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 6, n. 6, 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/viewArticle/2267>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

CHIQUIM, Carlos Alberto. Turismo religioso sustentável. **Guia Turismo religioso**. Curitiba: Instituto Gaudium de Proteção a Vida, s.d.

CHON, Kye-Sung; SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade**: Conceitos e Aplicações. Tradução de Ana Beatriz de Miranda e Silva Ferreira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/7774/5519>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Pastoral do Turismo**: desafios e perspectivas. Brasília: Edições CNBB, 2009.

COHEN, Erik. Who is a tourist?: a conceptual clarification. **The Sociological Review**, v. 22, n. 4, 1974.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. O vivido, o recorrente e o construído: tramas de significação em contexto de romarias. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 11, 2011, Salvador. **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: [s.ed.], 2011, p. 1-13. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308348952_ARQUIVO_ArtigoCompleto-CONLABGT17-MariaPaulaJacintoCordeiro.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2012.

CRISPIM, Lizete de Oliveira. Evento religioso e lazer: vivência acadêmica na peregrinação de Madre Paulina. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 14, 2002, Santa Cruz do Sul/RS. **Anais do 14º Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Santa Cruz do Sul/RS: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2002. Disponível em: <http://www.redcreacion.org/documentos/enare14/Mt_ppp03.html>. Acesso em: 09 jan. 2012.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade**: Reflexões e Perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

DA CÁS, Lauro Edson. **Aspecto lírico-religioso das canções marianas: um estudo sobre as metáforas e metonímias que representam Maria**. 2009, 159 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2009. Disponível em: <http://tede.ucs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=286>. Acesso em: 06 jan. 2012.

DADOS socioeconômicos do município de Farroupilha. **O Farroupilha**, Farroupilha, 20 set. 2009.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. Traduzido por: Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. A Abordagem Científica em Hospitalidade. In: _____; BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). **Hospitalidade**: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DIAS, Andréa Theodoro Toci. **Comparando albergues públicos e filantrópicos**: apresentação de uma escala de avaliação objetiva dessas instituições. 1999, 70f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Mestrado em Saúde Pública, 1999. Disponível em: <<http://portalteses.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/diasattm/capa.pdf>>. Acesso em: 24. Abr. 2013.

DIAS, Celia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: _____. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José da. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003.

DUARTE, Ana Helena da S. Delfino. Romarias: experiência de fé e circularidade cultural. In: Encontro Regional de História, 20, 2010, Franca, **Anais do XX Encontro Regional de História**. Franca: [s.ed.], 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ana%20Helena%20da%20S.%20Delfino%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Traduzido por: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Coleção Tópicos). Tradução de: Les formes elementares de la vie religieuse.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Traduzido por: Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989. Tradução de: The Quest.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Traduzido por: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução de Le sacré et le profane.

_____. **Tratado de história das religiões**. Traduzido por: Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Tradução de: Traité d'histoire des religions.

FÉ reuniu 335 mil. **O Farroupilha**, Farroupilha, 03 jun. 2011.

FERNANDES, Rubem César. **Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Traduzido por: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009 (Coleção Pesquisa qualitativa).

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005 (Coleção ABC do Turismo).

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007 (Coleção ABC do Turismo).

GIDRA, Gilberto; DIAS, Celia Maria de Moraes. Hospitalidade: da simplicidade à complexidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Org.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GOTMAN, Anne. **Le sens de l'hospitalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. **Cidades**. [s.l.], 2010. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

ISAIA, Artur Cesar. O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 3, p. 95-105, 2009. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%206.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2011.

KRIEGER, Dom Murilo S. R. **Pastoral do Turismo**: um desafio para a Igreja. Florianópolis: [s.ed.], 2007. Documento pessoal. Mensagem recebida por <dom.murilo@arquifln.org.br> em 28 dez. 2011.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LOPES, José Rogério; SILVA, Adimilson Renato da. Santuário de Caravaggio e a modernização de espaços sacralizados: notas etnográficas de uma romaria na serra gaúcha. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 105-132, Jul./Dic., 2012. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/28452/24622>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

LUCENA FILHO, Severino Alves. Turismo religioso popular: um cenário folkcomunicação. In: Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 6, 2003, São João da Barra, **Anais da VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação**. São João da Barra: [s.ed.], 2003. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/02/CTA1_-_Severino_Alves.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2010.

MANOEL, Ivan Ap. História, religião e religiosidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 1, p. 18-33, 2008. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20Ivan%20Ap.%20Manoel.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2011.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENSAGEM do Vaticano - Jornada Mundial do Turismo 2011. **Notícias Canção Nova**, [s.l.], 06 jun. 2011. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=282506>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

NADAIS, Catarina Duarte Fontoura. **O turismo e os territórios da espiritualidade**: os caminhos de Santiago em Portugal. 2010, 106 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Lazer, Patrimônio e Desenvolvimento, 2010. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15370/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mesrado_Catarina%20Nadais.pdf>. Acesso em 12 jul. 2011.

NOLAN, M. L.; NOLAN, S. **Christian pilgrimage in modern western Europe**. Chapel Hill: The University of North Caroline Press, 1989.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Turismo, monumentalidade e gestação: escalas e dimensões da visitação religiosa contemporânea. In: ABUMANSSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Turismo).

_____. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004 (Coleção ABC do Turismo).

_____. Turismo religioso: uma breve apresentação. **Jornal O Lince**, Aparecida, fev. 2008. Disponível em:

<http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornalolince_edicao14.pdf>. Acesso em 06 set. 2011.

OMT, Organização Mundial do Turismo. **Spain to host World Tourism Day 2012 under the theme Tourism and Sustainable Energy**, Madrid, 08 mar. 2012. Disponível em: <<http://media.unwto.org/en/press-release/2012-03-08/spain-host-world-tourism-day-2012-under-theme-tourism-and-sustainable-energ>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PASTOR, Vicente Elías. Turismo religioso. In: _____. **Otras formas de turismo**. México: Trillas, 2009.

PAULA, Nilma Morcerf de. Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PERAZZOLO, Olga Araújo; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PEREIRA, Siloe. Meios de hospedagem no contexto do turismo: considerações sobre o acolhimento e a formação profissional. In: Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul, 6, 2010, Caxias do Sul/RS. **Anais do VI Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul**: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt08/arquivos/08/Meios%20de%20Hospedagem%20no%20Contexto%20do%20Turismo%20Consideracoes%20sobre%20o.pdf>. Acesso em: 12 maio 2011.

_____. L'émotion et la signification de l'expérience touristique. In: Rendez-vous Champlain – Rencontres Franco-Québécoises de Recherche, 2012, Bruxelas, **Anais Rendez-vous Champlain 2012**. Bruxelas: [s.ed.], 2012 (no prelo).

_____. Dimensión relacional de la acogida. **Estudios y perspectivas em turismo**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, jan., 2013, p. 138-153. Disponível em: <<http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V22/N01/v22n1a08.doc.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

_____. O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. **Revista de turismo y patrimônio cultural - Pasos**, La Laguna, v. 11, n. 1, jan., 2013, p. 45-55. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/11113/PS0113_04.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2013.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio R. **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RIBEIRO, Heloisa. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaio de hermenêutica. Traduzido por: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. **Interpretação e ideologias**. Traduzido por: Hilton Japiassu. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983

ROBERTO, Gelson Luís. Espiritualidade X Religião. **Ruah**, Porto Alegre, n. 55, p. 18, 2011. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/pastoral/ruah/pdf/ruah201101.pdf#page=18>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

ROMARIA registra público de 230 mil. **O Farroupilha**, Farroupilha, 01 jun. 2012.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 45-74, 1995. Disponível em: <http://www.nepec.com.br/rev_espcul_1.htm>. Acesso em: 15 ago. 2011.

SALGUEIRO, Jennifer Braathen; GOLDIM, José Roberto. As múltiplas interfaces da bioética com a religião e a espiritualidade. In: GOLDIM, José Roberto (Org.). **Bioética e espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SANSOLO, Davis Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Org.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PERAZZOLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. **Revista brasileira de pesquisa em turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan.-abr., 2012, p. 3-15. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/ojs/index.php/rbtur/article/view/484/503>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 7, p. 147-164, 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/7Adriano.pdf>>. Acesso em 06 set. 2011.

SARTORI, Adriane T. **Anotações sobre Bakhtin**. [s.l.]: [s.ed.], 2009.

SCHNEIDER, Mônica. **Hospitalidade e Religiosidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS**. Bento Gonçalves: UCS, 2010. Relatório de Estágio.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Turismo religioso popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. **Revista de Antropología Experimental**, Espanha,

n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2004/sena2004.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

SMITH, Valene. **Anfitriões e convidados: antropologia del turismo**. Madrid: Endymion, 1989 (Turismo y Sociedad).

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003 (Coleção Turismo).

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28/1, p. 105-124, 2008. Disponível em: <<http://www.iser.org.br/religioesociedade/public.html>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

TECCHIO, Fernando Bonamigo. **Diagnóstico do turismo municipal: Farroupilha**. Farroupilha, 2009. Disponível em: <http://www.farroupilha.rs.gov.br/arquivos/diagnostico_turismo_municipal.pdf> Acesso em: 18 ago. 2010

TONOLLIER, Vitor. **Por uma graça alcançada: a história de Nossa Senhora de Caravaggio**. Farroupilha: Jornal O Farroupilha, 2002.

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 4, n.8, p. 31-48, 2006. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/28717_3802.PDF>. Acesso em: 09 jan. 2012.

VILHENA, Maria Ângela. O peregrinar: caminhada para a vida. In: ABUMANSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003 (Coleção Turismo).

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ZENEVICZ, Leoni Terezinha. **A dimensão espiritual no processo de viver envelhecendo**. 2009, 193 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica do Instituto de Geriatria e Gerontologia, 2009. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2348>. Acesso em: 05 jan. 2012.

ZORZI, Dom Benedito. **Nossa Senhora de Caravaggio no Brasil**. Caxias do Sul: Paulinas, 1986.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA



INSTRUMENTO DE PESQUISA

Eixos norteadores da entrevista

1) Perfil do romeiro

- Gênero: F () M ()
- Procedência
Cidade: _____
Estado: _____
- Faixa etária
 - 15 – 19 ()
 - 20 – 29 ()
 - 30 – 39 ()
 - 40 – 49 ()
 - 50 – 59 ()
 - 60 ou + ()
- Número de participações na Romaria de Caravaggio
- Forma de locomoção

2) Motivações para vir a Caravaggio

3) Experiência de participação na Romaria (o que representa estar na/participar da Romaria)

4) Destaques sobre a Romaria a um eventual futuro romeiro

5) Manifestações/destaques sobre acolhimento/hospitalidade na Romaria

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa *Hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS: a ótica do romeiro*, realizada pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, Mônica Schneider²³.

Fui esclarecido de que a pesquisa tem como justificativa a importância de aprofundar estudos sobre a hospitalidade no turismo, com vistas a subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras em âmbito público, privado e religioso, ou seja, por parte das instâncias acolhedoras. Assim, esta investigação tem como objetivo identificar e analisar relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, sob a ótica do romeiro.

Fica garantido que minha participação nas atividades não implicará riscos ou desconfortos pessoais e que terei a liberdade de interromper minha participação a qualquer tempo.

Estou ciente de que minha colaboração na pesquisa não resultará em qualquer ganho ou benefício pessoal e que os resultados poderão constar em textos científicos, **ficando garantido, no entanto, sigilo absoluto de dados que possam identificar a mim e aos demais participantes**. Foi-me assegurado que gravações das entrevistas, após a utilização dos dados necessários, serão destruídas.

Fui esclarecido ainda de que, em havendo dúvidas, a qualquer tempo, poderei consultar o pesquisador responsável pelo projeto.

O presente Termo será assinado em duas vias de igual teor e forma, ficando uma delas em meu poder.

Local

Data

Assinatura

²³ E-mail: mschnei1@ucs.br. Telefone: 3218-2621.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/FUCS): Bloco A, sala 302. Telefone: 3218-2100, ramal: 2289.